VIXI LIBER ET MORIAR
FAIRE SANS DIRE
Ruth and McKew
Parr
Their book
Lo que nos importa
Hostis Victus est.
SANS DIEU RIEN

DA ASIA
DE
DIOGO DE COUTO
DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM
NA CONQUISTA, E DESCUBRIMENTO
DAS TERRAS, E MARES DO ORIENTE.

DECADA DECIMA.
PARTE PRIMEIRA.

LISBOA
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
ANNO M.DCC.LXXXVIII.
Com licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o
Exame, e Censura dos Livros, e Privilegio Real.

DA ASIA
DE
DIOGO DE COUTO

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM NA CONQUISTA, E DESCUBRIMENTO DAS TERRAS, E MARES DO ORIENTE.

DECADA DECIMA.

PARTE PRIMEIRA.

LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO M.DCC.LXXXVIII.

Com licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros, e Privilegio Real.

INDICE
DOS CAPITULOS, QUE SE CONTEM NESTA PARTE PRIMEIRA
DA DECADA X.

LIVRO I.

CAP. I. *De como por morte do Viso-Rey D. Luiz de Ataíde succedeo na Governança da India Fernão Telles: e das cousas em que provêo primeiro que entrasse no inverno.* Pag. 1.

CAP. II. *De como o Idalxá foi morto por hum pagem, e lhe succedeo no Reyno seu sobrinho Abralemo: e da liga que o Melique, e Cutubixa fizeram contra elle: e dos Embaixadores que mandáram ao Governador Fernão Telles.* 8.

CAP. III. *Dos navios que o Governador mandou á Costa do Masulipatão esperar humas náos de inimigos que lá estavam: e da Armada que ordenava pera o Malavar: e de como chegou huma fusta de Ormuz com huns papeis, que ElRey D. Filippe mandava, de como ficava jurado por Rey de Portugal: e do que o Governador mais fez.* 14.

CAP. IV. *De como ElRey D. Filippe ſoi jurado por Rey na Cidade de Goa.* 22.

CAP. V. *Em que ſe contém hum Alvará dos Governadores, por que mandão, que ainda que as Patentes, Alvarás, e Provisões dos Cargos, e Officios que derem, não vão aſſignados por mais que por tres delles, valhão tão inteiramente, como ſe o foram por todos ſinco: e huma Carta de ElRey noſſo Senhor, em que dá poder ao Conde de Atouguia D. Luiz de Ataíde, Viſo-Rey da India, e o faz ſeu Procurador, e de ſeu filho o Sereniſſimo Principe D. Diogo, pera em nome de ambos poder receber, e acceitar omenagem, e vaſſallagem dos Capitães, Vereadores, Fidalgos, Soldados, e mais Eſtados que houver na India.* 27.

CAP. VI. *Em que ſe contém a Sentença que os Governadores deram naquella declaração, a quem pertence a herança dos Reynos de Portugal.* 32.

CAP. VII. *Do grande patrimonio que ElRey Filippe herdou em todo eſte Oriente, com todos os Reynos de Portugal: e do eſtado em que neſte tempo eſtavam as couſas da India.* 42.

CAP. VIII. *De como o Governador Fernão Telles deſpedio Mattheus Pires com Procuração baſtante pera todas as Fortale-*

zas

zas do Norte, pera jurar por todas El-Rey D. Filippe: e do aviso que mandou a ElRey por terra, que levou Jeronymo de Lima: e de como Mathias de Albuquerque foi após huns Paraos, que tomou em Carapatão. 54.

CAP. IX. *De como ElRey D. Filippe elegeo D. Francisco Mascarenhas por Viso-Rey da India: e do contrato que fez das náos da Carreira: e do que aconteceo a Francisco Mascarenhas na viagem até chegar a Goa.* 61.

CAP. X. *Do que aconteceo na jornada a Gonsalo Vaz de Camões, e Antonio Pereira Pinto: e da grande briga que tiveram com huma náo do Rey de Pegú, e com huma Armada sua: e de como morreo aquelle Rey, e lhe succedeo seu filho, e soltou os Portuguezes que estavam cativos, e de outras cousas.* 74.

CAP. XI. *Do que neste tempo aconteceo nos estreitos de Méca, e da Persia: e de como tres Galés de Rumes foram á nossa Povoação de Mascate, e a assoláram, roubáram, e destruíram: e do que fizeram os Portuguezes que nella estavam.* 84.

CAP. XII. *Do que mais fizeram os Turcos até se recolherem, e do que aconteceo aos moradores de Mascate: e das novas que fo-*

foram a Ormuz : e de como D. Gonſalo de Menezes mandou huma Armada em buſca dos Turcos. 93.

CAP. XIII. *De como eſta Armada foi á coſta dos Nautaques : e da deſtruição que fez por toda ella : e de como em Ormuz juráram por Rey a ElRey D. Filippe : e da viagem que fizeram por terra as peſſoas que mandáram, aſſim o Governador Fernão Telles, como o Conde D. Franciſco Maſcarenhas Viſo-Rey.* 99.

CAP. XIV. *Do que aconteceo ao Governador Fernão Telles até ſe embarcar pera o Reyno : e de como ſe fechou a caſa em que eſtam os retratos dos Viſo-Reys com o ſeu : e do que ſobre iſſo ſe nota.* 106.

CAP. XV. *De todos os Viſo-Reys, e Governadores, que governáram a India, e que eſtam neſte caſo, com o tempo que cada hum governou.* 110.

CAP. XVI. *De todas as Armadas que os Reys de Portugal mandáram á India, até que ElRey D. Filippe ſuccedeo neſtes.* 116.

LIVRO II.

CAP. I. *De como a náo do Reyno chegou a Malaca, e D. João da Gama jurou a ElRey D. Filippe por Rey : e como*

mo

mo D. Francisco Mascarenhas mandou por Capitão Mór de Malavar a Mathias de Albuquerque: e da Armada dos Aventureiros que o Viso-Rey ordenou, de que fez Capitão Mór D. Simão da Silveira; e por falecer antes de se embarcar, foi eleito em seu lugar Diogo Lopes Coutinho. 149.

CAP. II. *Do que aconteceo á Armada de Mathias de Albuquerque no Malavar.* 157.

CAP. III. *Do que mais aconteceo este verão a Mathias de Albuquerque: e de como destruio as Rainhas da Serra, e de Olala.* 162.

CAP. IV. *Do que aconteceo á Armada dos Aventureiros em Surrate com huma náo de Caliche Mahamed: e de como os Mogores salteáram alguns soldados nossos: e de como Diogo Lopes Coutinho lhe queimou a Aldeia dos Abexins, e de outras cousas.* 169.

CAP. V. *De como o Conde D. Francisco Mascarenhas mandou seu sobrinho D. Jeronymo com huma Armada ao Estreito: e do aviso que mandou á Costa de Melinde, e Moçambique por haver novas de Galés: e do que aconteceo á Armada dos Aventureiros em Surrate: e de como os Mogores foram sobre Damão.* 180.

CAP.

CAP. VI. *De como os Mogores entráram pelas terras de Damão: do damno que fizeram: e do que fez o Conde Viso-Rey D. Francisco Mascarenhas em lhe dando as novas do cerco.* 187.

CAP. VII. *De como D. Gileanes Mascarenhas chegou a Damão: e do que os Mogores fizeram pelas Tanadarias: e da vista que deram á Cidade: e da escaramuça que os nossos tiveram com elles.* 193.

CAP. VIII. *Do que mais aconteceo em Damão: e das grandes differenças que houve entre o Capitão da Cidade, e dos Aventureiros: e de como os Mogores tratavam de pazes: e de como o Viso-Rey mandou Gutierre de Monroy a invernar a Dio, e do que lhe succedeo.* 200.

CAP. IX. *Das cousas que o Viso-Rey proveo, e dos Capitães que despachou pera fóra: e do que aconteceo o resto do verão a Mathias de Albuquerque até se recolher.* 209.

CAP. X. *Do que aconteceo a Fernão Boto Machado na viagem até Moçambique, e a D. Jeronymo Mascarenhas no Estreito de Méca até chegar a Ormuz: e de como foi contra os Nequilins, e do que com elles aconteceo.* 214.

CAP. XI. *De como os Capitães de ElRey de*

de Lara tomáram a Fortaleza de Xamel, e outras que o Rey de Ormuz tinha no Magostão. 219.

CAP. XII. *De como os nossos foram caminhando pera Xamel: e do que lhes aconteceo até chegarem lá: e do sitio daquella terra, e Fortaleza.* 225.

CAP. XIII. *De como se passou a artilheria á outra banda com muito risco: e de como começáram a bater o Xarabando: e de como o ganháram por assalto.* 233.

CAP. XIV. *De como D. Francisco foi avisado que o filho de ElRey de Lara vinha soccorrer os seus: e de como os nossos se fortificáram: e do ardil que os Amadizes usáram com os Larís, porque se entregáram a partido: e da grande crueza que os Amadizes com elles usáram.* 241.

CAP. XV. *Das cousas que succedêram em Damão, acabante o cerco: e de como os nossos foram contra o Rey de Sarzeta, e lhe queimáram a sua Cidade, e destruíram suas terras.* 248.

LIVRO III.

CAP. I. *De como o Turco mandou prover a Fortaleza que tinha nos Estados da Persia: e de como Oxá se confederou com Semechombel Gorgiano contra*

tra

tra os Turcos: e da batalha que com elles teve, em que os desbaratou. 260.

CAP. II. *De como Roque de Mello chegou a Malaca: e de como huma grande Armada do Achem foi ſobre aquella Fortaleza: e da bateria que deo ás náos que eſtavam no Porto.* 271.

CAP. III. *De como os Turcos, que hiam na Armada do Achem, ordenáram humas balſas de fogo pera queimarem as náos: e de como Nuno Monteiro, que andava no eſtreito em huma Galeaça, foi ſoccorrer a Malaca: e da aſpera batalha que teve com a Armada do Achem: e de como por deſaſtre tomou fogo, e ſe abrazou, e queimou.* 277.

CAP. IV. *De como Fernão de Miranda foi a Surrate eſperar as náos de Meca, e tomou huma Cidade de Balala: e do grande motim que houve em toda a Armada contra o Capitão Mór.* 287.

CAP. V. *De huma náo do Hecbar, que foi reprezada em Goga, a que acudio Fernão de Miranda: e de como o Viſo-Rey a mandou largar: e do caſtigo que deo Fernão de Miranda aos moradores do Caſtelete.* 300.

CAP. VI. *Das couſas que neſte anno acontecêram em Maluco: de como o Governador das Manilhas eſcreveo a Diogo de Azam-*

Azambuja, Capitão de Tidore: e de como estava jurado em Portugal ElRey D. Filippe, e de outras cousas. 307.

CAP. VII. *De como Diogo de Azambuja mandou pedir soccorro ao Governador de Manilha, por lhe faltar o de Malaca: e de como lho mandou por D. João Ronquilho: e das cousas que succedêram até chegar D. Alvaro de Castro, que faleceo.* 313.

CAP. VIII. *Das Armadas que o Viso-Rey D. Francisco Mascarenhas ordenou: e das náos que este anno de 582. partíram do Reyno: e do que lhe succedeo na viagem.* 321.

CAP. IX. *Das cousas que o Viso-Rey mais proveo: e de como Mathias de Albuquerque foi ao Malavar, e Guterre de Monroi a Cananor: e de como D. Miguel da Gama se foi pera o Reyno na sua náo Reliquias.* 328.

CAP. X. *Do que aconteceo a Fernão de Miranda na Costa do Norte: e de como D. Jeronymo Mascarenhas chegou a Goa, e o Conde seu Tio o tornou a mandar embarcar pera irem castigar o Colle.* 335.

CAP. XI. *De como o Capitão de Baçaim com D. Jeronymo, e Fernão de Miranda foram contra o Colle: e do que lhe a-*

con-

conteceo até chegarem á sua Cidade, e a queimáram, e destruírão. 342.

CAP. XII. *De como os nossos se foram recolhendo: e dos recontros que tiveram com os inimigos: e dos casos que nelle succedêram.* 348.

CAP. XIII. *Da desastrada perdição de D. João da Gama, vindo de Malaca: e de como se salvou no batel: e do que passou até chegar a Cochim.* 355.

CAP. XIV. *De outra náo que se perdeo vindo da China junto de Jor: e dos recados que passáram entre o Capitão de Malaca, e aquelle Rey sobre a fazenda, que elle roubou della.* 362.

CAP. XV. *Do que aconteceo a D. Gileanes Mascarenhas no Malavar todo o resto do verão: e do que aconteceo a André Furtado de Mendoça no rio de Cunhale com humas Galeotas de Mouros.* 371.

CAP. XVI. *Da antiguidade da Cidade de Barcelor na Costa Canará: e de como os moradores della tratáram de tomar a nossa Fortaleza, e por traição, o que não houve effeito por chegar a ella D. Gileanes Mascarenhas: e de como elle destruio as Aldeias de Assenola, e Cuculí nas terras de Salsete.* 379.

CAP. XVII. *Dos tratos que mais tiveram os Chatins de Barcelor pera lhes entrega-*

garem a Fortaleza, os quaes foram descubertos: e de como o Viso-Rey mandou André Furtado a soccorrella: e das cousas em que mais proveo o Viso-Rey. 385.

LIVRO IV.

CAP. I. *Das cousas que este anno de 583. em que andamos succedêram em Persia: e de como Oxá foi contra seu filho Abax Mirza, que estava no Coboraçone por induzimento de Mirza Salmas Georgiano.* 392.

CAP. II. *De como sabendo o Turco da ida do Xá ao Coboraçone, mandou proseguir na empreza da Persia: e das cousas que nella succedêram.* 402.

CAP. III. *De como os moradores das Aldeias de Cuculí, e Salsete matáram o Padre Rodolfo Aquaviva, e outros quatro Companheiros, e a razão porque.* 410.

CAP. IV. *Do que mais aconteceo em Barcelor: e da guerra que André Furtado fez aos Chatins: e dos navios que o Conde em Agosto despedio pera o Malavar: e de como D. Jeronymo Mascarenhas partio pera Malaca com huma Armada.* 517.

CAP. V. *Da Armada que este anno de 583. partio do Reyno, na qual ElRey proveo*

o Arcebiſpado da India : e do novo contrato que ſe fez das náos com Manoel Caldeira : e de como D. Gileanes Maſcarenhas foi por Capitão Mór ao Malavar : e do que aconteceo a André Furtado até elle chegar. 422.

CAP. VI. *De como Soltão Almodafar Rey de Cambaya, que o Mogor trazia prezo, fugio, e tornou a conquiſtar aquelle Reyno : e de como o Conde D. Franciſco mandou Fernão de Miranda com huma Armada á enſeada de Cambaya, e do que lhe ſuccedeo.* 428.

CAP. VII. *Das alterações que houve no Reyno de Idalxá : e de como alguns Capitães tratáram de metter Coſucham de poſſe daquelle Reyno : e do que ſobre iſto fez o Conde D. Franciſco Maſcarenhas : e de como partio pera o Norte : e do que ſuccedeo a Fernão de Miranda.* 433.

CAP. VIII. *Do que fez o Mogor, tanto que ſoube das couſas de Cambaya : e de como huma náo ſua, que vinha da India, foi ter a Goga : e de como Balthazar de Siqueira partio de Dio com alguns navios pera a reprezar, e do que paſſou.* 441.

CAP. IX. *De como Mizarchão chegou a Cambaya : e dos recontros que teve com a gente de ElRey até chegar o Hecbar : e*

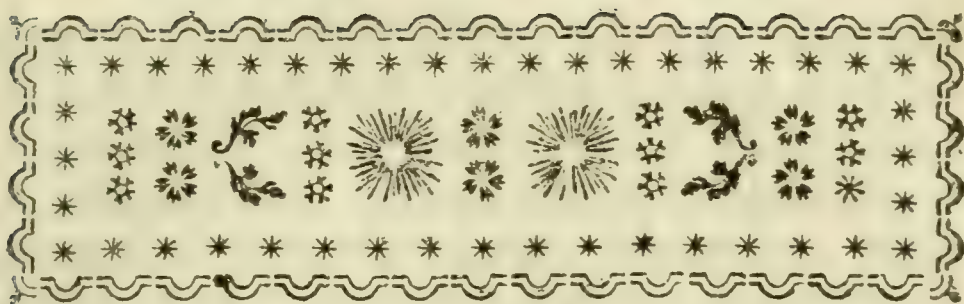
e de como ElRey Amodafar lhe largou o Reyno, e se recolheo: e do que fez o Conde D. Francisco no Norte: e de como os Malavares matáram D. João de Castro: e da morte de D. Gonsalo de Menezes. 448.

CAP. X. *Das cousas que acontecêram em Goa, estando o Viso-Rey no Norte: e de como Cufochão foi levado por engano ao Balagate, onde lhe tiráram os olhos: e do que succedeo ao Viso-Rey até chegar a Goa.* 454.

CAP. XI. *De como Pedro Lopes de Sousa trouxe a Goa Cid Ali, e Bebi Acilá: e do que passáram em Goa: e do que aconteceo a D. Gileanes Mascarenhas no Malavar: e das pazes que fez com o Comorím.* 460.

CAP. XII. *Do que succedeo a D. Jeronymo Mascarenhas em toda a viagem até se tornar pera a India: e do que lhe aconteceo em Ceilão: e dos assaltos que João Correa de Brito mandou dar em terras do Rajú.* 466.

CAP. XIII. *De como ElRey de Cochim desistio do direito que tinha na Alfandega, e o traspassou a ElRey de Portugal: e dos alvoroços que houve naquella Cidade sobre este negocio.* 472.

LI-

DECADA DECIMA
Da Hiſtoria da India.

LIVRO I.

CAPITULO I.

De como por morte do Viſo-Rey D. Luiz de Ataíde ſuccedeo na Governança da India Fernão Telles: e das couſas em que provêo primeiro que entraſſe no inverno.

FALECIDO o Viſo-Rey D. Luiz de Ataíde, como no fim da nona Decada fica dito, foi aberto ſeu Teſtamento, em que ſe mandava enterrar na Igreja dos Reys Magos, na cova em que eſtavam os oſſos de ſeu Irmão D. João de Ataíde. Eſta morte do Viſo-Rey parece que eſ-

eſtava já por elle profetizada havia menos de hum anno; porque falecendo Antonio Botelho ſeu Primo com Irmão, mandando-ſe enterrar naquella cova, fazendo-lho a ſaber, reſpondeo que a tinha guardado pera ſi; porque muitas vezes por hum certo juizo Divino vem a acontecer o que hum homem facilmente diz, ſem cuidar que o póde vir a ſer. Foi o corpo do Viſo-Rey veſtido no habito de S. Franciſco, e por ſima o da Cavallaria de noſſo Senhor Jeſu Chriſto, e acompanhado do Cabido, Ordens, Irmandade da Miſericordia, e de todos os Fidalgos, Cavalleiros, e Officiaes da Fazenda, e Juſtiça, e foi levado á Igreja dos Reys Magos, em cuja Capella foi depoſitado. E logo o Biſpo de Malaca D. João Ribeiro Gayo, que ſervia de Preſidente da Relação por ordem do Viſo-Rey, em cuja mão eſtavam as ſucceſsões da Governança da India, poſto em ſima dos degráos do Altar, e o Secretario Manoel Botelho Cabral, tirou da manga hum maço das ſucceſsões, que o anno atrás paſſado tinham mandado os Governadores, e Defenſores do Reyno, com huma Inſtrucção, em que mandavam, que ſe não uſaſſe das que tinha mandado o Cardeal Rey por reſpeitos que pera iſſo tiveram; e aberto o maço, achárão-lhe nelle ſinco Proviſões

com

com titulos de 1.ª 2.ª 3.ª 4.ª e 5.ª; e tomando a primeira, a entregou ao Secretario, que a amoſtrou no ar ao povo, porque viſſem que eſtava cerrada com o ſello das Armas Reaes, que foi examinada pelo Capitão da Cidade, e pelo Ouvidor Geral, e a acháram inteira, limpa, e ſem vicio, nem ſuſpeita de ſer aberta, nem falſificada; e viſto bem tudo, a tomáram ao Secretario, que em alta voz leo o ſobſcrito de fóra, que aſſim dizia, « Pelos Governado-
» res, e Defenſores do Reyno, e Senhorios
» de Portugal, eſta primeira ſucceſsão da
» Governança da India feita a 26. de Mar-
» ço de 1580. ſe abrirá, ſendo caſo, que
» Deos não permitta, que faleça D. Luiz
» de Ataíde, Conde de Atouguia, Viſo-
» Rey da India » e aſſignados ao pé todos os ſinco Governadores. Abrindo-ſe a ſucceſsão, a foi o Secretario lendo em alta voz, cujo theor era o ordinario neſtes Eſtados, e nella ſe achou Fernão Telles. E dizem que Ruy Pires de Tavora, que eſtava nos degráos por detrás do Secretario, pondo os olhos na Proviſão, por muito que o Secretario trabalhou pela encubrir com a borda debaixo que virou ſobre ella, vio nomeado Fernão Telles, de quem era muito amigo; e ſahindo-ſe de alli, entrou em huma cella, onde elle eſtava re-

colhido, com D. Pedro de Menezes, que muitos haviam que ſuccederia naquelle lugar; e o Conde D. Luiz aſſim o dava a entender, porque nunca em quanto ſe achou mal o quiz deſpachar pera ir entrar na Capitanía de Dio. Chegado Ruy Pires a Fernão Telles, o levou nos braços, dando-lhe os parabens, que elle recebeo ſem alteração alguma. Após elle logo chegou o tropel dos Fidalgos, de quem com grande alvoroço foi levado nos ares, porque por ſuas partes, e qualidades era muito amado, e bemquiſto de todos. O Biſpo, e o Secretario, depois de lida a Provisão, foram a elle, e lha notificáram; e elle a acceitou, e ſe foi pera a Capella maior, onde eſtava o corpo do Conde D. Luiz; e o Capitão D. Triſtão de Menezes, aſſentado em huma cadeira, e o Governador poſto de joelhos diante delle, lhe deo em ſuas mãos em nome de ElRey a omenagem do Eſtado da India pela fórma acoſtumada nelle.

Acabado iſto, o Licenciado André Fernandes, que ſervia de Chanceller do Eſtado, lhe deo juramento ſobre hum Miſſal de cumprir com as obrigações daquelle cargo pela ordem acoſtumada, que o Secretario lhe hia lendo; e acabado eſte auto, que foi aos 10. dias do mez de Março

de

de 1581. enterrado o corpo do Conde, recolheo-se o Governador pera dentro, com bem differente sentimento dos parentes, amigos, e criados de hum, e outro, porque huns choravam a perda do Viso-Rey, outros festejavam a nova succesão do Governador; e assim quasi que estavam repartidos, todos os que presentes estavam, nestes dous actos de tristeza, e alegria, cousa que geralmente acontece em todas as do mundo, em que ha tanta differença, que as mesmas que dam prazer a hum, o fazem perder a outros; porque as mais altas, e maiores felicidades da terra não succedem senão por outras maiores perdas, e adversidades alheias.

Recolhido o Governador, pedírão-lhe os Vereadores de mercê que se detivesse alguns dias, em quanto lhe preparavam seu recebimento; e porque o verão se hia acabando, e tinha muitas cousas em que prover, lhe concedeo só tres, em que despachou muitos negocios, e deo o cargo de Chanceller ao Licenciado Francisco de Frias, escusando o Bispo de Malaca do trabalho da Relação, pedindo-lhe se embarcasse pera a sua Prelazia, que havia dias estava sem elle, como elle logo fez. O Governador foi escrevendo pera Malaca, e Maluco, mandando dar pressa ao Ga-

Galeão, que havia de levar os provimentos pera esta Fortaleza, de que era Capitão Fernão Ortis de Tavora. Passados os tres dias, partio o Governador dos Reys Magos em huma fermosa Galé, acompanhado de muitos navios, outros embandeirados, e enramados, e cheios de muitos instrumentos de prazer, e alegria; e assim foi entrando pelo rio assima com grandes salvas de artilheria, assim do mar, como da terra, e desembarcou no caes da Fortaleza, que estava com muitos arcos, e ramos, e com tanto concurso de gente que o hiam ver, que não cabiam na porta da Cidade, e o esperáram os Vereadores, e em nome da Cidade se lhe fez huma boa ordenada falla, em que lhe davam os parabens de sua succesão; e após ella lhe deo o Vereador mais velho o juramento de guardar seus fóros, privilegios, e liberdades; e tomando-o debaixo do Pallio, foi levado á Sé acompanhado do Cabido, que o esperou da porta da Cidade pera dentro; e depois de dar graças a Deos nosso Senhor, se recolheo pera seus aposentos; e a primeira cousa que fez foi despachar D. Pedro de Menezes pera a Capitanía de Dio, de que era provído, e lhe deo huma Galé pera levar sua mulher, porque era casado com D. Luiza Coutinha, filha de

Ma-

Manoel Coutinho, hum Fidalgo honrado, que morreo indo pera Portugal a requerer, e lhe deo muito liberal despacho, por ser hum Fidalgo velho na India, e muitos serviços, e merecimentos, e muito respeitado de todos os Viso-Reys por sua authoridade, saber, e conselho.

Este Fidalgo partio já em Abril; e chegando a Chaul, por achar ameaços de inverno, e não querer arriscar a Galé no golfo de Dio, a tornou a mandar pera Goa, e se mudou a dous, ou tres navios ligeiros, em que passou áquella Fortaleza. O Governador deo tambem grande aviamento a outras cousas, e mandou embarcar pera Maluco muitas roupas, dinheiro, munições, e outros provimentos que o Conde D. Luiz tinha já pera Japão, de que era Capitão D. João de Almeida, irmão do Contador Mór, que a comprou á Cidade de Malaca, por lhe ter ElRey feito mercê della pera sua fortificação, que quiz que precedesse a todas por ser pera bem commum, e defensão daquella Cidade; e assim escreveo logo o Governador em succedendo a todas as Fortalezas Norte, e Sul, fazendo-lhes a saber de sua succesão, e despedio Lourenço Dias de Moraes por Veador da Fazenda pera as Fortalezas do Norte: e com isto se recolhêram as Armadas

das, que andavam fóra, e o Governador fez mercês aos Capitães, e soldados della, com o que se cerrou o inverno.

CAPITULO II.

De como o Idalxá foi morto por hum Pagem, e lhe succedeo no Reyno seu sobrinho Abralemo: e da liga que o Melique, e Cutubixa fizeram contra elle: e dos Embaixadores que mandáram ao Governador Fernão Telles.

POr seguirmos a ordem que levamos desde o principio das nossas Decadas, que contámos as cousas alheias no inverno, em que não ha que fazer com as nossas, guardámos estas pera este lugar, porque succedêram pouco antes que faleceo o Conde D. Luiz de Ataíde, porque foi assim necessario pera as contarmos todas juntas; pelo que se ha de saber, que sendo Rey em Visa por Alja Idalxá, que foi o que poz aquelle soberbo cerco á Cidade de Goa, sendo a primeira vez Viso-Rey da India o mesmo D. Luiz de Ataíde, como temos já tratado na nossa oitava Decada, em que se póde ver.

Este Rey como era torpe, çujo, e infame, e pera suas torpezas tomava quasi

por

por força os filhos a ſeus Capitães, ſuccedeo eſte anno paſſado de 1580. tomar hum de dezoito annos pera vinte, mancebo de brio, e de animo valeroſo, que vendo que ElRey o queria affrontar, e çujar, valendo-ſe de huma adaga que levava, remettendo com elle, o matou, e ſe acolheo tão preſtes, que quando ouvíram os gritos, já elle eſtava poſto em ſalvo. Viveo eſte maldito Rey ſincoenta e tantos annos, e deſtes reinou vinte e tres, e dous mezes; e acudindo os Capitães, e Regedores do Reyno, por não haver Principe Herdeiro, alevantáram por Rey hum dos dous ſobrinhos do morto, o chamado Abralemo, filho ſegundo do Xthamas, hum dos dous irmãos, que elle matou, como na ſetima Decada fica dito no Cap. I.

Era eſte Rey Abralemo moço de dez annos, e quaſi forçoſamente tomou a tutoria, e governo de todo o Reyno hum Capitão chamado Camalcham, caſta Abexim, homem muito poderoſo, e de grande prudencia, e conſelho; e pelas partes que tinha, fez ſubir aquelle moço na Cadeira do Reyno, ſendo o outro irmão mais velho, e a quem de direito (ſe entre Mouros o houvera) lhe pertencia.

Eſte Camalcham a primeira couſa que fez em alevantando o moço por Rey, foi pren-

prender o irmão, e mandallo metter na fortaleza de .... com grandes guardas, donde depois sahio, sendo Viso-Rey Mathias de Albuquerque, sobre que se levantáram grandes guerras naquelle Reyno, como na undecima Decada diremos, se Deos nos der vida, e aos Reys favor pera os escrevermos. O Governo deste homem foi muito invejado de todos os Capitães, principalmente de Quisbalcham, filho de outro Quisbalcham, que já fora Regedor daquelle Reyno em tempo de Alja Idalxá mais de quinze annos; e tendo estes praticas sobre este negocio com alguns Capitães, ajuntáram suas gentes; e primeiro que fossem sentidos, entráram pela Cidade de Visa, por onde estava a Corte, e dando de supito nos Paços, matáram Camalcham; e o Quisbalcham lançou mão do Rey, e do Governo, em que esteve só quatro mezes. Neste tempo os Abexins, que sam todos de guarda de ElRey, e de tanta confiança como Genizaros do Turco, ou como os Mamelucos, com os antigos Soldões do Egypto, soffrendo aquillo mal, fizeram tres Cabeças a tres grandes Capitães chamados o Calascham, Armiocham, Diluruacham, e foram contra a Cidade de Visapur; e não ousando o Quisbalcham a esperallos, fugio pera a Corte de Melique, e os Abexins

lan-

lançáram mão do Rey, e ficáram aquelles tres Capitães governando tudo.

Mas como o mando repartido por muitos causa sempre inveja, e odio, não soffrendo Diluruacham, hum dos tres Regedores, companhia no Governo, lá teve modo com que prendeo os dous em huma Fortaleza, e elle ficou só com todo o poder, no que o ajudáram quatro filhos que tinha já homens, grandes cavalleiros, e muito poderosos; e pera se mais segurar em sua tyrannia, repartio os filhos pelas mais partes do Reyno, e principaes forças, pera que de nenhuma parte se pudesse temer, ficando o Reyno só, debaixo de sua chave, sem eleição daquelle Rey, porque elle mandava, e dispunha em tudo como queria. Os dous Capitães Abexins, que elle tinha prezos, escandalizados daquelle negocio, lá tiveram maneira com que mandáram algumas pessoas de confiança a tratar com o Conde D. Luiz de Ataíde alguns negocios, quando o acháram já muito mal; e todavia ainda os ouvio, e elles lhe pedíram da parte dos Abexins que lhes désse Cusuchão filho de Mialé pera o metterem no Reyno, e que não queriam mais que deixallo elle passar da outra banda, porque logo lhe acudirião todos os Capitães, porque andavam escandalizados;

e

e juntamente com isto solicitáram tambem o Jamaluco, e o Cutubixa, pera que entrassem nesta liga. Os enviados que mandou a estes Reys tal manha tiveram com elles, que os indignáram contra o tyranno, e promettêram de favorecerem o Mialé, e de o ajudarem a metter no Reyno; e pera significarem isto ao Conde D. Luiz, lhe mandáram seus Embaixadores pera saberem delle o modo que queria ter naquelle negocio. O Viso-Rey ouvio os primeiros enviados; e como estava enfermo, não só lhe não deo orelha áquelle negocio, mas mandou segurar o Cusuchão na Torre de Menagem, porque se não fosse de Goa, por convir assim ao Estado da India; e poucos dias depois do Governador Fernão Telles succeder no governo, chegáram os Embaixadores daquelles Reys, e do Melique, chamado Logeadigar Mahamede, e o do Cobixa Coge Gilão Mali, e antes de entrarem em Goa, teve o Governador aviso, e mandou preparar seu recebimento, que se lhe fez com grande magestade; e sabendo que vinham sobre cousas de Cusuchão, o mandou tirar da Torre da Menagem, e poz em sua casa por honra daquelles dous Reys, e ouvio os Embaixadores que da parte de seus Reys lhe pedíram que lhe désse Cusuchão, filho de Ma-

lu-

luchão pera o metterem de posse do Reyno de Visapor, Via de Chaul, promettendo partidos muito honrados pera o Estado.

O Governador Fernão Telles poz aquelle negocio em Conselho dos Capitães velhos, e por todos se assentou que não convinha dar-se Cufuchão, porque era hum penhor que o Estado tinha da paz, e socego do Balagate, e com que sempre tinham enfreado o Idalxá; e que quando houvesse de ser metter-se em seu Reyno, que era mais credito do Estado ser por ordem dos Viso-Reys, que governassem a India, que não por outra alguma pesquiza, assim fariam os partidos muito á honra, e proveito. Com esta resolução respondeo o Governador aos Embaixadores, dando-lhes desculpas muito licitas de lhes não entregar o Cufucham, e mandou ter com aquelles Reys grandes satisfações, e cumprimentos, com o que os Embaixadores se tornáram mui satisfeitos: assim ficaráõ as cousas do Balagate até nós tornarmos a ellas.

CA-

CAPITULO III.

Dos navios que o Governador mandou á Cesta do Masulipatão esperar humas náos de inimigos que lá estavam: e da Armada que ordenava pera o Malavar: e de como chegou huma fusta de Ormuz com huns papeis, que ElRey D. Filippe mandava, de como ficava jurado por Rey de Portugal: e do que o Governador mais fez.

POr cartas que o Governador teve no inverno do Capitão de S. Thomé, foi avisado de como em Masulipatão estavam duas náos de Achem carregando ferro, pelouros, e outros petrechos de guerra, que devia ajuntar pera ir contra Malaca; e outra de ElRey de Pegú, a qual era tão poderosa, como qualquer de Portugal, e tão rica que só de direitos foi avaliada em cento e sincoenta mil cruzados. O Governador pareceo-lhe obrigação mandar acudir áquillo, e armar sobre aquellas náos, assim porque o Achem não passasse lá, como por haver ás mãos a de Pegú, por se satisfazer da affronta que lá se fez ao Capitão, que foi fazer aquellas viagens, que aquelle prendeo com todos os Portuguezes: sobre o que o Viso-Rey D. Luiz de Ataí-

Ataíde, aquelle verão antes que falecesse, lhe tinha mandado por Embaixador a Fernão de Lima, que ainda lá estava, sem ser respondido, como na nona Decada fica dito; e tambem porque tomando aquella náo, que era tão rica, podia remediar, e enriquecer o Estado: pelo que com muita brevidade mandou preparar quatro navios, em que entravam duas Galeotas de Camelotas, e elegeo pera esta jornada Gonçalo Vaz de Camões; e tanta pressa se deo á Armada, que ao primeiro de Agosto se apartou do caes: e por andar a barra ainda muito soberba, assentou-se que sahisse por Goa a Velha, pera onde foi esperar conjunção pera se fazerem á véla. Os Capitães dos outros navios eram Antonio Pereira Pinto, Alvaro Colaço, e Francisco Serrão: deo o Governador por regimento ao Capitão Mór, que se fosse lançar sobre o porto de Masulipatão a esperar aquellas náos, e que tomando a de Pegú, voltasse com ella pera Goa; e que Antonio Pereira Pinto com os outros tres navios atravessasse o Reyno de Pegú, e fizesse por aquella costa toda a guerra que pudesse pela prizão dos Portuguezes; e a Antonio Pereira Pinto deo huma Provisão, pera em ausencia de Gonçalo Vaz de Camões ficar sendo Capitão Mór, com os mesmos poderes, e regimento.

Esta

Esta Armada esteve em Goa Velha dezoito dias, sem o tempo lhe dar lugar pera poder sahir pera fóra, commettendo-a elles cada dia duas vezes. No cabo delles huma manhã, que deo jazigo, sahio o Capitão Mór a barra, e com elle o navio de Francisco Serrão, e na maré da tarde sahíram os outros dous, e foram seguindo seu caminho. Gonçalo Vaz de Camões, por achar o vento travessão, e muito rijo, se recolheo antes de noite aos Ilheos de Angediva; e Antonio Pereira Pinto, e Alvaro Colaço foram correndo com pouca véla: e por se não atreverem a tomar Angediva, por passarem já de noite, foram correndo de longo, fazendo Antonio Pereira sinal ao passar com huma bombardada, pera que soubesse que hia passando. O Capitão Mór ao outro dia se sahio das Ilhas, e foi seguindo sua derrota, onde os deixaremos pera seu tempo, porque he necessario continuarmos com outras cousas. Partida esta Armada, ficou-se o Governador negociando, porque bem entendeo o que lhe havia de vir a succeder; e todavia não se descuidou a despachar, e negociar alguns navios pera mandar diante ao Malavar, em quanto não fosse o Capitão Mór, que havia de ser, posto que desejou poupar o dinheiro que achou no thesouro

por

por morte do Viſo-Rey pera o entregar ao que vieſſe, pera o achar pera as deſpezas do Eſtado, por não pedir logo empreſtado, com elle poderia fazer as Armadas que quizeſſe, e nomear os Capitães Móres, no que ſe não perdia tempo, porque a muito tardar poderiam chegar as náos até vinte de Setembro; mas deſta opinião o tiráram alguns amigos, affirmando-lhe que mais eſtimaria o Viſo-Rey que vieſſe achar as Armadas feitas, que dinheiro no theſouro, porque ſeria trabalho de que o tiraria; e que tambem poderiam chegar as náos tão tarde, que primeiro ſe encheſſe o mar de corſarios, ao que era neceſſario acudir, e prover na guarda da cafila, que havia de ir á Coſta de Malavar a buſcar os provimentos pera a Cidade, e a defender que ſe não encheſſem delles os Malavares, porque eſta era a mór guerra que ſe lhes podia fazer; e parecendo iſto bem ao Governador, mandou dar preſſa ao concerto das náos, e elegeo por Capitão Mór de Malavar a Mathias de Albuquerque, e lhe nomeou doze galés, e dezeſeis fuſtas, começando elle a correr com muita preſſa com o aviamento dellas.

Andando o Governador neſta occupação, ao primeiro de Setembro chegou huma fuſta de Ormuz, que o Capitão daquel-

la Fortaleza D. Gonçalo de Menezes mandava com huns papeis, que ElRey D. Filippe lhe enviou por terra pera os elle encaminhar ao Viſo-Rey. Cauſou eſte navio grande alvoroço no povo; porque como as couſas do Reyno ficavam por determinar, eſtavam todos eſperando pelas náos pera ſaberem a reſolução dellas.

O Capitão do navio, que ſe chamava Lourenço Marques, deſembarcou já de noite, e foi ter com o Governador, e lhe deo as cartas de D. Gonçalo com todos os papeis que do Reyno vieram, e o Governador os abrio, e achou nelles huma Sentença, que os Juizes, e Governadores de Portugal deram por ElRey D. Filippe, em que ſe determinavam pertencer-lhe o Reyno de Portugal por neto de ElRey D. Manoel.

Com ella vinha auto ſolemne, por que ſe moſtrava ficar jurado por Rey em todo o Reyno; e aſſim vinha mais huma carta ſua pera o Viſo-Rey D. Luiz de Ataíde, e outras pera os Eſtados Eccleſiaſtico, e Secular: humas dirigidas ao Arcebiſpo, que ſe entregáram ao Cabido por elle ſer falecido; e outra pera os Vereadores da Cidade de Goa, em que com palavras de Principe Chriſtão juſtificava ſua cauſa, e dava conta de ſua ſucceſsão, e lhes pedia, e ro-

ga-

gava, que assim o houvessem por bem, por quanto elle, como Rey natural, e Pai de todos, estava determinado ao reger, e governar, e a lhes guardar todos os fóros, privilegios, e liberdades, que lhes tinham concedido; de que tambem vinha o trasflado, que eram muitos, e grandes, que por serem as Chronicas do Reyno o seu proprio lugar, os não pomos aqui.

Vinham tambem duas Cartas da Cidade de Lisboa, huma pera a de Goa, e outra pera o Viso-Rey, em que lhe dava conta em como ElRey D. Filippe fora julgado por Rey de Portugal, e que por tal ficava jurado em todo o Reyno, encommendando-lhe muito que logo o fizessem assim, como delles confiava, pois entendiam todos quanto ganhavam em ter por Rey hum tão Catholico, e tão Poderoso Principe.

Esta Carta vinha assignada por Manoel Telles Barreto Ferreira de Sá dos Oculos, e Damião de Aguiar, que então eram Vereadores, e por todos os mais Officiaes da Camera.

Vinha assim mais entre os papeis huma procuração de ElRey pera o Viso-Rey D. Luiz de Ataíde, ou pera quem em seu lugar estivesse, com poderes bastantes pera em seu nome tomar posse da India, e com

virtude de sobestabelecer outros Procuradores pera as mais Cidades, e Fortalezas della.

Vistos todos estes papeis, e cartas pelo Governador, dizem que mandára chamar os Licenciados Gonçalo Lourenço de Carvalho, e Francisco de Frias, e lhes mostrára tudo, e pedíra conselho sobre o que faria, e com elles assentou de jurar logo ElRey D. Filippe, e fazer-lhe a omenagem da India; porque como elle a tinha dado aos Governadores, e Defensores do Reyno, em que conforme aos estilos delle prometteo de não entregar a India, senão a elles, e a seu certo recado, que claramente lhe diziam, que jurando ElRey D. Filippe por Rey de Portugal, dando-lhe a omenagem daquelle Estado, o haviam por desobrigado a lhe obedecer; e logo resoluto o Governador nisto, ao outro dia fez chamamento de todos os Prelados, Vereadores, Fidalgos, Capitães, e Officiaes da Justiça, e Fazenda. Presentes todos, mandou ler os papeis pelo Secretario; e acabando de se lerem, se alevantou, e disse a todos, que fossem dar graças a Deos nosso Senhor por tamanha mercé, e que se fizessem todos prestes pera o dia seguinte jurarem a ElRey D. Filippe: e assim cavalgou logo, e se foi á Sé. Desta novidade ficáram

to-

todos muito ſobreſaltados, e triſtes, lembrando-lhes novamente aquella deſaſtrada perdição de todo Portugal, e de hum Rey pedido a Deos com tantas lagrimas, romarias, procisſões, e eſmolas, acabar tão miſeravelmente com hum tamanho exercito, em que quaſi todos os homens da India perdêram pais, irmãos, parentes, e amigos, e que naquelle Rey moço ſe acabára a ſucceſsão dos Reys naturaes; e como os mais daquelles Fidalgos em ſua mocidade ſe creárão com elle, que cada dia lhes fazia mercês, e honras, lembrando-lhes que os Reys de Portugal ſempre tratárão ſeus vaſſallos como filhos; e que agora, poſto que ElRey D. Filippe era havido por muito Catholico, e humano Principe, todavia primeiro que lhes vieſſe a ſaber os nomes, paſſariam muitos tempos: e que forçado havia de haver novo modo de procedimento, porque ſempre mudanças de Reynos trazem grandes novidades. Todas eſtas couſas lhes davam muitos cuidados, não deixando com tudo de proſeguirem naquella ſua antiga lealdade, em que os Portuguezes ſempre foram extremados de todas as nações do mundo. O Governador, depois de dar graças a Deos, recolheo-ſe pera ſe fazer preſtes pera o outro dia celebrar aquelle auto.

CA-

CAPITULO IV.

De como ElRey D. Filippe foi jurado por Rey na Cidade de Goa.

REcolhidos todos dalli, não deixáram alguns, fegundo nos differam, de mandar dizer ao Governador, que as náos do Reyno não poderiam tardar muito, e que não hia contra fua obrigação efperar por ellas, pera que com as novas certas da vida, e faude de ElRey, celebrar aquelle auto com maior folemnidade: que aquillo eram papeis, que vinham por terra defamarrados, que bom feria efperarem pelos que haviam de vir nas náos, pois aquelle negocio não padecia perigo na tardança; e que todo fe faria depois mais a ferviço de ElRey, e com mais gofto, e apparato. O Governador como era prudente, e precatado, não quiz dilatar nada daquella execução; porque pofto que aos Fidalgos pareceffe aquillo bem, não faltariam outros alguns que lhe eftranhaffem qualquer detença que naquelle cafo fizeffe, de que lhe fariam grandes culpas; porque como eftava fabido crear-fe em fua mocidade com o Prior do Crato, e feu pai, e parentes ferem da obrigação do Infante D. Luiz feu Pai, qualquer dilação naquelle negocio

lhe

lhe poderia fazer muito nojo, ao menos com os que lhes não parecessem bem suas cousas, como os que costumam a desdenhar de tudo. E como elle queria mostrar a limpeza, e fidelidade de seu appellido, quiz que se visse que nem obrigações particulares de creação, e amizade, nem outros alguns respeitos eram bastantes pera o mudarem daquella sua antiga lealdade, nem pôr-lhe por isso culpas, que nelle haviam de ser mais estranhadas que em todo outro Fidalgo, que naquelle lugar estivera; e assim viveo sempre neste Estado tão puro, e precatado nestas materias, que nunca nelle quiz acceitar cartas do Prior do Crato, quando tratava de sua pertenção, e se queria justificar com todos os Fidalgos: em fim, que assim pelas razões que assima dissemos, como por ganhar por mão ao Viso-Rey que viesse, tratou de ter feito tudo: e assim ao outro dia pela manhã, que foram tres de Setembro, se ajuntáram na Sé de Goa todos os tres Estados, o Cabido em nome do Ecclesiastico, por estar a Sé vagante por morte do Arcebispo D. Henrique de Tavora, e os Prelados de todas as Religiões; o Capitão da Cidade, os Fidalgos, e Capitães, Vereadores, Juizes, Mestres, Cidadãos, Cavalleiros, Ouvidor Geral, Chanceller, Desembargadores,

res, e muita parte do povo. O Governador posto na Capella, mandou dizer a todos que hontem, que foram dous dias do mez, lhe fizeram a saber como o muito alto, e Catholico Rey D. Filippe fora declarado por Rey de Portugal, por Sentença dos Governadores, e Defensores do Reyno, que logo alli foi lida pelo Secretario com huma Provisão de ElRey, em que mandava, que, conforme ao direito dos Governadores, este Estado o jurasse por Rey, o que todos por todas suas livres vontades tinham acceitado com muito contentamento, e promettido de assim o jurarem por Rey, e Senhor, pelo que eram alli untos pera isso; e logo mandou a D. Tristão de Menezes, Capitão da Cidade, que tomasse nas mãos a bandeira das Armas Reaes de Portugal, o que elle fez, e se poz á mão direita do Governador, que logo se assentou de joelhos diante de hum Altar, que pera isso estava preparado com hum Missal aberto, e hum Crucifixo em sima, em que elle poz as mãos, e o Secretario lhe foi lendo a fórma do juramento, que elle foi dizendo em alta voz, na fórma seguinte:

» Eu Fernão Telles de Menezes, Capi-
» tão General, e Governador deste Estado
» da India, recebo por meu verdadeiro
» Rey,

» Rey, e Senhor natural ao muito Poderoso Rey Catholico D. Filippe nosso Senhor; e juro nestes santos Evangelhos, em que tenho postas as mãos, de conhecer por meu verdadeiro Rey, e Senhor natural, e de obedecer, e cumprir inteiramente seus mandados, e de guardar, e defender as Fortalezas que me forem entregues, e de cumprir inteiramente a omenagem que dellas tenho dado, e o juramento que tenho feito, como se o dera, e fizera ao dito Senhor Rey D. Filippe. E por fim de seus dias juro nestes santos Evangelhos de ter, e conhecer por meu verdadeiro Rey, e Senhor natural a seu filho primogenito D. Diogo, e a todos os seus successores. »

Acabado este juramento, mandou o Governador ler a Procuração de ElRey, em que o fazia seu Procurador bastante pera em seu nome tomar o juramento das Cidades, e Villas do Estado, e das mais pessoas dos tres Estados Ecclesiastico, Nobreza, e do Povo, por cuja virtude o Padre Deão Braz Dias, Cabeça do Cabido, em nome do Estado Ecclesiastico se poz de joelhos diante do Governador, e com as mãos em hum Missal fez o mesmo juramento; e depois em nome de toda a Nobreza o fez D. Tristão de Menezes,

Ca-

Capitão da Cidade, e os Fidalgos velhos, que alli se acháram, e derradeiros os Vereadores da Cidade em nome de todo o Povo.

Acabados os juramentos, alevantou o Capitão a bandeira Real no ar, e disse muito alto: *Real, Real, pelo muito Catholico Rey D. Filippe de Portugal nosso Senhor*, após o que se tocáram logo muitos instrumentos, e repicáram todos os sinos com mostras de geral alegria. De alli se sahio o Governador acompanhado daquelle concurso todo, elle a cavallo, e diante o Capitão com a bandeira Real, e foi correndo as ruas publicas, acclamando ElRey D. Filippe por Rey de Portugal, com muitas trombetas, e charamelas, que tocavam todas as vezes que o Capitão acabava de acclamar por Rey.

Acabado este acto, recolhêram-se á Sé, onde tornáram a pôr a bandeira a huma ilharga do Altar mór, e o Governador se foi pera seus aposentos. Dalli a alguns dias se jogáram canas, e corrêram touros o mais louçã, e custosamente que a brevidade do tempo deo lugar. De tudo isto fez o Secretario seus autos, assignados pelo Governador, e pelos tres Estados.

CA-

CAPITULO V.

Em que ſe contém hum Alvará dos Governadores, por que mandão, que ainda que as Patentes, Alvarás, e Provisões dos Cargos, e Officios que derem, não vão aſſignados por mais que por tres delles, valhão tão inteiramente, como ſe o foram por todos ſinco: e huma Carta de ElRey noſſo Senhor, em que dá poder ao Conde de Atouguia D. Luiz de Ataíde, Viſo-Rey da India, e o faz ſeu Procurador, e de ſeu filho o Sereniſſimo Principe D. Diogo, pera em nome de ambos poder receber, e acceitar omenagem, e vaſſallagem dos Capitães, Vereadores, Fidalgos, Soldados, e mais Eſtados que houver na India.

NÓs os Governadores, e Defenſores deſtes Reynos, e ſenhorios de Portugal, &c. Fazemos ſaber a vós Viſo-Rey, e Governador nas partes da India, e ao Veador da Fazenda em elles, e ao Ouvidor Geral, Deſembargadores, e quaeſquer outras juſtiças das ditas partes, a que eſte for apreſentado, que por quanto algumas Patentes, e outras Provisões, que paſſamos de Cargos, Officios, e outras couſas pera as ditas partes, vam aſſignadas por tres de

nós

nós sómente, e podia nisso haver alguma dúvida, havemos por bem, e mandamos, que posto que não vam assignadas por mais que de tres, se cumprão, e guardem inteiramente, como se foram assignadas por todos sinco, por quanto no Regimento que ElRey D. Henrique nosso Senhor que Deos tem nos deixou, declarou que as Provisões da qualidade das taes possam passar com tres sinaes sómente; e para se saber como assim o havemos por bem, mandámos passar este, que se cumprirá inteiramente, como nelle se contém, o qual será registado nos livros da Fazenda das ditas partes, e da Relação dellas, e valerá como Carta, feita, assignada, e passada pela Chancellaria, e posto que por ella não seja passada, sem embargo das Ordenações que o contrario dispõem. Gaspar de Seixas o fez em Almeirim a 25. de Março de 1580. O Arcebispo de Lisboa. D. João Mascarenhas. Francisco de Sá. D. João Tello. Diogo Lopes de Sousa.

Traslado da Carta de Sua Magestade.

DOm Filippe, por graça de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves, d'aquém, e d'além mar, em Africa Senhor de Guiné, e da Conquista, Navegação, Commercio

cio de Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, &c. Faço saber aos que esta minha Carta de bastante poder virem, que pela muita, e mui justa confiança que tenho de D. Luiz de Ataíde, Conde de Atouguia, do meu Conselho de Estado, e Viso-Rey nas partes da India; e confiado outro sim que os Capitães Móres, Governadores, Vereadores, e Officiaes das Camaras, Fidalgos, Cavalleiros, Soldados, e mais Póvos das Cidades, e Fortalezas das ditas partes, sabendo (como devem ter sabido) que por falecimento do Senhor Rey D. Henrique meu Tio, que Deos tem, me pertenceo justa, e legitimamente a succesão, e senhorio dos ditos Reynos, e senhorios desta Coroa de Portugal (como tambem lhes constará pelo Alvará, e Decreto, que os Governadores do dito Reyno sobre isto passarem) cumprindo com aquillo a que tão justamente estam obrigados: lembrando-se da sua, e da antiga lealdade de seus antepassados, me receberáõ, declararáõ pacificamente por seu verdadeiro Rey, e Senhor natural de todos os ditos Reynos, e senhorios, como Deos foi servido que o seja, e ao Serenissimo Principe D. Diogo, meu mui caro, e mui amado filho primogenito, por Rey, e meu successor delles por fim de meus dias, e a todos os mais

meus

meus deſcendentes, e ſucceſſores: dou poder ao dito Conde Viſo-Rey, e o faço meu baſtante Procurador, com poder de ſobeſtabelecer de ſeus ſobſtabelecidos, em meu nome os poſſa receber por meus bons, e leaes Vaſſallos, e do dito Sereniſſimo Principe meu filho por fim de meus dias, e de todos os mais meus deſcendentes, e ſucceſſores, como dito he, e receber delles omenagem, e juramento de fidelidade, e lealdade, e fazer todos os mais autos que em tal caſo ſe requerem, e coſtumam fazer, com todas ſuas intendencias, e dependencias, poſto que ſejam tres, e de tal qualidade que requeirão mais expreſſa declaração, eſpecialmente pera poder prometter ás ditas Cidades, e Fortalezas, Capitães, e Officiaes da Governança, Fidalgos, Cavalleiros, ſoldados, e mais gente dellas ſobre minha fé, ou palavra Real, que lhes guardarei, e mandarei guardar todos, e quaeſquer privilegios que tiverem dos Senhores Reys meus predeceſſores de glorioſa memoria, uſos, e coſtumes, aſſim, e tão inteiramente, como por elles lhes foram concedidos, e guardados, que ſe lhes cumpriráõ reſpectivamente, como por elles lhe foram concedidos, e guardados, que ſe lhes cumpriráõ reſpectivamente, no que a cada hum tocar, todas as graças, mercês, e li-

ber-

berdades, e franquezas, que nas Cortes de Almeirim, por minha parte propoz, e offereceo o Duque de Offuna meu Primo para todos os naturaes dos ditos Reynos, e fenhorios, de que com efta fe lhe enviará o traslado fobfcrito, e affignado por Nuno Alvares Pereira, meu Secretario dos ditos Eftados da India, e fellado com o fello de minhas Armas Reaes da dita Coroa de Portugal; e prometto de haver por bem, firme, e valiofo defte dia pera todo o fempre, em meu nome, e do dito Sereniffimo Principe meu filho, e de todos os mais fuccéffores della pelo dito Conde Vifo-Rey, e cada hum de feus fobftabelecidos, feito, e concedido pela maneira que dito he. Em verdade defte poder, e pera firmeza de tudo, lhe mandei paffar efta Carta por mim affignada, e fellada com o dito fello. Dada na Cidade de Badajóz a fete de Novembro de mil quinhentos e oitenta annos. ElRey. Eu Nuno Alvares Pereira, Secretario de S. Mageftade Catholica, a fiz efcrever por feu mandado. Pereira.

CA-

CAPITULO VI.

Em que se contém a Sentença que os Governadores deram naquella declaração, a quem pertence a herança dos Reynos de Portugal.

OS Governadores, e Defensores destes Reynos, e Senhorios de Portugal. Fazemos saber aos que este Alvará virem, que ElRey D. Henrique nosso Senhor, que Deos tem, poucos dias depois que succedeo na Coroa dos ditos Reynos, vendo-se muito enfermo, e sem herdeiros descendentes, por não estar certo a quem pertencia a succesão delles por seu falecimento, nos elegeo por Governadores, pera que falecendo elle antes de haver Principe legitimamente jurado, governassemos os ditos Reynos, em quanto assim os não houvesse. E porque não houvesse depois de seus dias quem puzesse dúvida em nos dar a obediencia, nos declarou em sua vida por Governadores na Cidade de Lisboa pera usarmos do dito cargo depois de seu falecimento, como dito he. E porque o dito Senhor viveo alguns mezes depois, e sempre procedeo no conhecimento da causa da succesão pera averiguar a quem pertencia, e hum dos pertendentes era D. Antonio, filho não legiti-

timo do Infante D. Luiz, que Deos tem, dizendo que o dito Senhor fora casado com sua mãi, e que era legitimo, e como tal havia de preceder a todos os pertendentes; e depois de ser ouvido sobre o caso ordinariamente, e sua prova, recebido foi pelo dito Senhor Rey D. Henrique com muitos Juizes Ecclesiasticos, e Seculares por sentença declarado por não legitimo, e foram algumas das suas testemunhas prezas por falsas, e induzidoras de outras testemunhas pera o mesmo effeito; e pelo que neste caso fez, e por outras desobediencias que commetteo contra o dito Senhor Rey, foi por sentença desnaturado do Reyno, e condemnado que nunca mais nelle entrasse sob pena de caso maior, e foi-lhe sua fazenda que tinha da Coroa confiscada; e que todos os naturaes do Reyno que o favorecessem, ou acompanhassem, ou lhe dessem favor, ou ajuda, direita, ou indireitamente, em qualquer parte que estivesse, incorressem nas mesmas penas; e depois de determinado o dito incidente, precedendo o dito Senhor na causa principal da succesção, entendendo a justiça que ElRey Catholico D. Filippe seu sobrinho tinha ácerca da succesção da Coroa destes Reynos, pelo muito amor que sempre teve á Senhora D. Catharina sua so-

sobrinha (hum dos pertendentes) mandou dizer á dita Senhora o que entendia ácerca da dita succesão, declarando-lhe como antes de dar Sentença queria tratar de concertos entre ella, e S. Magestade, e assim haver algumas mercês, e privilegios; e sendo as Cortes juntas, que pera isso mandou convocar, mandou dizer em Juntas publicas aos Tres Estados do Reyno pelo Bispo de Leiria D. Antonio Pinheiro, que estava muito perto de dar a Sentença pelo dito Senhor Rey Catholico seu sobrinho, e que antes disso seria bem que se accommodassem com meios justos, e honestos. E tendo consentido nisso, e beijando-lhe por isso a mão os Estados Ecclesiastico, e da Nobreza, e tendo-lhe remettido a elle os assentos dos ditos meios, e condições, vendo o dito D. Antonio que o dito Senhor Rey estava tão chegado ao fim de seus dias, que por sua enfermidade se esperava por horas seu falecimento (e a fim de se levantar com o Reyno, como depois fez) por si, e por seus sequazes induzio alguns dos Procuradores dos Póvos, pera que movessem, como movêram, dúvidas, e requerimentos impertinentes pera dilatar a resolução, como de feito dilatárão alguns dias, nos quaes nosso Senhor foi servido de levar o dito Senhor

Rey

Rey pera si, ficando nós no dito governo pela maneira que estava assentado, e obedecidos dos bons, e leaes Portuguezes, seguindo o estilo, e exemplo dos seus antepassados, com toda a paz, e tranquillidade; porém o dito D. Antonio estando condemnado, e desnaturado, como dito he, sem nossa licença, e authoridade se veio metter na Villa de Santarem, acompanhado de muita gente sediciosa, e rebelde, induzindo os Procuradores das Cortes a rebelliões, e desobediencias, encaminhadas todas ao alevantarem por Rey: pelo que nos foi necessario pera quietação da patria despedir Cortes sem resolução alguma do que tanto importava, por quanto tambem por Direito ficavam quebradas, e dissolutas com o falecimento do dito Senhor Rey, que as mandou ajuntar. E posto que nos constava da tenção do dito Senhor Rey D. Filippe, nos foi muitas vezes mandado requerer, conforme a ella, e á notoriedade de sua justiça, que o jurassemos por Rey natural destes Reynos, e Senhorios, offerecendo-nos por sua Real clemencia, e benignidade privilegios, honras, e mercês em grande utilidade á Republica Portugueza, como entendia que o dito Senhor Rey seu Tio desejava: sem embargo de tudo, nós receando haver tu-

multos, e grandes desordens por parte do dito D. Antonio, e dos rebeldes, e desleaes que o seguiam, o não fizemos; e sendo-nos com grande instancia por muitas vezes protestado por parte de S. Magestade, que o fizessemos, como eramos obrigados, senão que entraria com exercito a tomar posse dos ditos Reynos, como de Direito Divino, e Humano entendia que o podia fazer, querendo nós proceder nisso com a quietação que convinha aos ditos Reynos, e a toda a Christandade, mandámos outra vez ajuntar Cortes, as quaes o dito D. Antonio novamente começou de perturbar, induzindo, e solicitando alguns dos Procuradores dellas a seguir sua parcialidade, e ao levantarem por Rey, sendo nós, por causa das enfermidades da Villa de Almeirim, e por outros respeitos, mudados á Villa de Setuval pera nella fazermos as ditas Cortes, e darmos ordem á quietação pública, com declarar o dito Senhor Rey Catholico por legitimo successor da Coroa dos ditos Reynos, com honestos, e proveitosos meios de concerto pera o bem commum, seguindo nisso a tenção do dito Senhor Rey D. Henrique. Tendo o dito D. Antonio entendido esta nossa determinação, e que tinha por muito certo que todos os Estados consentiriam

nel-

nella, como já em vida do dito Senhor Rey tinham consentido os ditos dous Estados Ecclesiastico, e da Nobreza, e muita parte do Estado no povo, na Villa de Santarem aos dezanove dias do mez de Junho passado com alguma gente sediciosa, e rebelde, convocando, e alvoroçando grande parte da gente popular com grandes tumultos, quebrando as portas da Camara da dita Villa, tirou a bandeira Real que nella estava, e pelas ruas se fez appellidar por Rey contra vontade do Alcaide Mór, que não pode fazer a resistencia que convinha pelo tomar desapercebido, e contra vontade dos Officiaes da Camara, que entendendo aquella injusta rebellião, e alevantamento, se ausentárão, por se não acharem presentes a ella, e dahi se foi a Lisboa; e achando-a despejada da gente Nobre por causa da peste, fez alevantar alguma gente do povo, e proacclamar-se Rey, mettendo-se na Casa Real com grandes tumultos, e extorsões, contra vontade, e com grande perturbação de todos os Officiaes da Camara, de que os mais se ausentáram, e vieram fugindo a nós á dita Villa de Setuval, e todos os mais bons, e leaes, que não ousáram de lho contradizer, nem de resistir á furia dos sediciosos, e rebeldes que o seguiam contra o juramen-

mento que tinham feito de obediencia, e lealdade ao Governo, e Regimento delle. E sendo-lhes notorio não pertencer ao dito D. Antonio a succesão dos ditos Reynos, e não ser legitimo, e ser condemnado, e desnaturado por desleal, e rebelde a seu Rey, e Senhor, como dito he; e seguindo todos os seus sequazes sua contumacia, deslealdade, e rebellião em tanto desserviço de Deos, e perturbação, e desquietação do Reyno, e de toda a Republica Christã, vieram sobre nós na dita Villa de Setuval, onde estavamos, assim pera nos matarem, como a outras muitas pessoas illustres do Conselho de Estado, e outras que pertendiam a paz, e quietação pública, do qual insulto, e traição escapámos com muito perigo. E ora postos em nossa liberdade, declaramos ao dito D. Antonio por inimigo da patria, e desleal, e rebelde contra seu Rey, e Senhor natural, e a todos os que o seguem, ou tomão, ou tomarem sua voz; e os havemos por condemnados em todas as penas estabelecidas por Direito, e pelas Leis ordenadas, e costumes destes Reynos, e Senhorios de Portugal, em que incorrem os taes rebeldes, e desleaes, e mandamos que se executem nelles com todo o rigor de justiça, e se cumpra assim mesmo, e execute em

suas

ſuas peſſoas , e fazendas a ſentença que o dito Senhor Rey D. Henrique pronunciou contra elle dito D. Antonio , e ſeus ſequazes ; e damos authoridade aos vaſſallos de quaeſquer peſſoas que agora ſeguem , e ao diante ſeguirem , que poſſam por ſi ſó tomar a voz de ElRey , e ficar realengos , e izentos de ſeus ſenhorios , e juriſdicçōes ; e conformando-nos outro ſim com a tençāo que o dito Senhor Rey D. Henrique ácerca da ſucceſsāo , e com o recado que mandou á Junta das Cortes pelo Biſpo de Leiria : e por aſſim o entendermos por Letrados com quem communicámos eſta materia de ſucceſsāo , declaramos ao dito Senhor Rey Catholico D. Filippe por noſſo Rey , e Senhor natural , havendo outro ſim reſpeito ás muitas graças , e mercês , privilegios , liberdades , e franquezas que S. Mageſtade ha concedido a eſtes Reynos : e aſſim o notificamos a todos os Duques , Marquezes , Condes , Prelados , Regedor da Juſtiça da Caſa da Supplicaçāo , e Governador da Caſa do Civel , e Deſembargadores das ditas Caſas , Alcaides Móres , Corregedores , Juizes , Vereadores , Procuradores , Miſteres , Alcaides dos Caſtellos , e Fortalezas , Fidalgos , Cavalleiros , Eſcudeiros , Officiaes , e Homens de bem , de qualquer qualidade , e condiçāo que

ſe-

sejam, de todas as Cidades, Villas, e lugares de todos os ditos Reynos, e Senhorios; e mandamos a todos em geral, e a cada hum em especial, sob cargo de juramento de fidelidade, que recebêram, e sob pena de caso maior, que hajam ao dito Senhor D. Filippe por Rey, e Senhor natural nosso, de todos os ditos Reynos, e Senhorios da Coroa de Portugal, como de Direito o he, e lhe pertence, e por tal o obedeçam, e lhe entreguem todas as Fortalezas, e Castellos de todas as Cidades, Villas, e Lugares, obedecendo a elle, e a seus mandados no alto, e no baixo, como de seu verdadeiro Rey, e Senhor natural que he, e o jurem por tal, fazendo-lhe o juramento, e omenagem devido, segundo o costume dos ditos Reynos: e havemos, e declaramos por traidores, e desleaes todos os que o contrario fizerem desde o dia que á sua noticia vier esta nossa declaração, e que incorram em todas as penas estabelecidas por Direito, em que os taes incorrem; e pera este effeito alevantamos, e havemos por levantados quaesquer juramentos, e omenagens que pelo dito Senhor Rey D. Henrique, ou por nós, ou por nosso mandado sejam tomados, e recebidos de quaesquer pessoas, e os transferimos, e traspassamos em favor de

de S. Mageſtade Catholica, como ſe por elle, e por ſeu mandado lhe foram tomados. E pera certeza de tudo, mandamos paſſar eſte Alvará, por nós aſſignado, e valerá como Carta, e não paſſará pela Chancellaria, ſem embargo das Ordenações do ſegundo Livro Titulo vinte, que o contrario diſpõem. E no caſo que pera tudo o ſobredito haver cumprido effeito, as havemos aqui por expreſſas, e declaradas: e mandamos que tudo ſe cumpra, e guarde, como ſe neſte contém, ſem embargo de quaeſquer Leis, e Ordenanças, ou coſtumes que em contrario haja, porque todas as havemos por derogadas, viſta a qualidade do caſo, e do tempo, e ſem embargo da Ordenação do ſegundo Livro Titulo quarenta e nove, que diz que ſe não entenda derogada Ordenação alguma, ſe della, e da ſubſtancia della ſe não fizer expreſſa menção. Eu Chriſtovão Velho, Eſcrivão da Camara deſta Villa de Caſtro-Marim, ſobſcrevi o Alvará aſſima, eſcrito por mandado dos Senhores Governadores, e em ſua preſença, hoje dezeſete de Julho de mil quinhentos e oitenta annos. D. João Maſcarenhas. Franciſco de Sá. Diogo Lopes de Souſa. Chriſtovão Velho.

CA-

CAPITULO VII.

Do grande patrimonio que ElRey Filippe herdou em todo eſte Oriente, com todos os Reynos de Portugal: e do eſtado em que neſte tempo eſtavam as couſas da India.

JA que temos jurado ElRey D. Filippe por Rey, ſerá bem que moſtremos o grande patrimonio que em todo eſte Oriente herdou com os Reynos de Portugal, e o eſtado em que as couſas da India eſtavam poſtas, que nas noſſas Decadas atrás temos dado largamente conta de todas; mas pois entramos com Rey novo, daremos nova relação dellas, e faremos huma breve deſcripção de todo eſte Oriente: pelo que ſe ha ſaber, que eſta muito grande, e muito rica Provincia, a que communmente chamamos India, deixando a divisão que della todos os Geografos fazem, pois por ora pertendemos ſó moſtrar o que dizemos, a dividiremos em ſinco partes, conformando-nos aſſim com o meſmo titulo que della os meſmos Reys de Portugal em ſeu novo deſcubrimento tomáram, como com as notabiliſſimas diviſas com que a natureza ſeparou humas das outras; e aſſim a primeira ſerá a Ethiopia, ſe-

ſegunda Arabia, terceira Perſia, quarta India, e a quinta a faremos daquella grande multidão de Ilhas, filhas daquelle Indico Oceano, que todas juntas podem conſtituir huma tamanha, ou maior parte, que qualquer das outras, em que os Reys de Portugal ganhárão, e conquiſtárão muitos ricos Reynos, e Senhorios, como logo ſe verão.

Comecemos logo pois com a primeira parte, que he a Ethiopia, que por encurtarmos, faremos do cabo das correntes até á boca do ſino Arabico, que em ſi contém tanto numero de cafres barbariſſimos, e idólatras, como na nona Decada ſe poderá ver, poſto que o mais do maritimo, e todas as Ilhas adjacentes ás ſuas coſtas ſejam povoadas de Mouros, e Mozardis, que por ſeguirem a Zaide, neto de Dóce, filho d'Ale, caſado com Oxa, filha de Maſamede, e terem algumas opiniões contra o Alcorão, havendo os Arabios por hereticos, os perſeguírão de feição, que lançados da terra, foram povoar eſtas partes, miſturando-ſe por caſamentos com os cafres naturaes d' antre quem naſcêram huns miſtiços, a quem chamão Badius, que habitam o certão de toda aquella coſta deſde Melinde até o Cabo de Guardafú, gentes crueis, e ferozes, que ſe mantêm de roubos, e ladroices.

Aſ-

Assim que tornando a esta parte que hiamos dizendo, nella possuem os Reys de Portugal as Fortalezas de Çofala no Reyno de Quetive, e no de Monomotapa os dous Fortes de S. Marçal no Senna, e o de Sant-Iago em Teti, mais de cento e sincoenta leguas pelo grande rio de Cuama assima: assim de huma, como da outra parte ha muitos Reys vassallos, que Francisco Barreto sujeitou á Coroa de Portugal, como na nona Decada dizemos na descripção de toda esta cafraria com o commercio de todas as minas do Monomotapa, Malucas, Bunca, Butua, e todas as mais: correndo a costa adiante, possuem a Fortaleza de Moçambique com todos os Reys da costa de Melinde, Guiloo, Mombaça, onde já tem Fortaleza, a Mopate, Atodo, Sio, Calife, Osa Brava com todas as Ilhas adjacentes: aquella costa, que todos pagão pareas, e obedecem como vassallos, tudo isto se comprehende debaixo do titulo da Ethiopia, que se divide da segunda parte, que he Arabia, pelo famoso sino Arabico, ou mar Roxo, como vulgarmente lhe chamam.

Esta segunda parte da Arabia (a que os Mouros dizem Aymam) semeou a natureza daquella multidão de Mouros Arabios já differentes em seita dos Mosaides

atrás, por ſeguirem a Bubal, a Oumar, e a Othoman, que elles hão por verdadeiros Califes. Em eſta parte eſtá aquella abominavel caſa de Mafamede com tanto opprobrio, e affronta da Religião Chriſtã, e toda hoje he ſubmettida ao Imperio Otomano, e nella ganháraim os Reys de Portugal muita parte, e ainda hoje poſſuem os poſtos do Coriate, Calaiate com a nova Fortaleza de Maſcate, e mais Xeques vizinhos de Soar, Coifação, e Çofala com o celebrado Reyno, e Ilha de Baharem, muito famoſa pelas perolas excellentes, e finas que nella ha, e com mais de vinte leguas de coſta, em que eſtam as Cidades de Laſa, e Catifa governadas por Xeques debaixo da juriſdicção do Capitão de Ormuz.

Eſta ſegunda parte ſe divide da Perſia, que he a terceira, por outra baliza não menos notavel, que he o ſino Perſico, a que commummente chamamos eſtreito de Baçorá: tambem neſta terceira parte a natureza prantou outro genero de Mouros differentes em creança, e ritos dos Arabios, por ſeguirem a Ali, neto de Mafamede, que elle por ſua morte deixou nomeado no Califado, ſobre que huns, e outros tem de contínuo grandiſſimas guerras, por haver a Abudas, a Oumar, e a Othomar por ſciſmaticos.

Neſ-

Nesta terceira parte, a que commummente chamamos da Persia, sendo na verdade da Provincia .... como temos já em outras partes dito, possuem os Reys de Portugal o muito formoso rio Indo. E porque esta parte he tamanha, a dividiremos em duas com a divisão dos Geografos, que he dentro, e fóra do Ganges; e começando pela parte de dentro do Ganges, he tudo o que jaz do mesmo rio, indo até á boca do celebrado Ganges, que se estende por huma, e outra costa mais de quinhentas e sincoenta leguas, que he toda povoada de dous generos de gentes, bem differentes em ritos, leis, e costumes: huns Mouros, a que chamão Soneis, que de trezentos annos a esta parte se senhoreárão de todo este Industão; os outros naturaes, gentios, idólatras, tambem muito differentes em Religião. Nesta parte dentro do Ganges tem os Reys de Portugal a mór parte de seu patrimonio, ganhado, e sustentado com o sangue de muitos Martyres; e começaremos da fermosa Cidade de Dio, de quem podemos dizer, que em Fortaleza, e magestade póde competir com todas as da Europa; que quando os Portuguezes entrárão em a India, era cabeça do potente Reyno de Cambaia; e quasi opposta a ella está a muito forte, e

fer-

fermosa Cidade de Damão, como portas que fecham toda aquella enseada, com as Tanadarias, e Fortalezas de sua jurisdicção, que passa de vinte e quatro leguas, povoadas de fertilissimas, e abundantissimas aldeas, cujos foros rendem ao Estado muito. Vai adiante deste rio Agaçaim até o de Bombaim, que serão oito leguas, a famosa Cidade de Baçaim com as Tanadarias, e Fortalezas de sua jurisdicção, que são Assari, Manorá, Agaçaim até Bandorá, Taná, Curanjá, com a espantosa Ilha de Salsete, que pelos soberbos, e raros Pagodes que nella ha, se mostra que foi já cabeça de todos estes Reynos: até aqui chegáram os limites do antigo Reyno de Cambaia. He esta Cidade de Baçaim das melhores, e mais bem povoadas de todas as da India, por haver nella muitos, e principaes Fidalgos com rendas, e aldeas muito grossas de que se sustentam: vai logo abaixo a rica, e fermosa Cidade de Chaul, celebrada hoje pelo grande, e espantoso cerco, como o que o Issamaluco lhe poz, com setenta mil combatentes, sendo rasa, sem muros, cavas, nem baluartes, senão defendida do Capitão Mór D. Francisco Mascarenhas, que depois foi Viso-Rey dos Estados da India, como nesta Decada se verá ao diante, que foi

hum

hum insigne Capitão, e com os peitos dos valerosos Portuguezes, que sempre o foram de suas Cidades: mais adiante possuem os Reys de Portugal aquella muito fresca, e muito rica Ilha de Goa, cabeça de todo este Estado, cuja antiguidade se não acha em alguma outra escritura; mas acha-se que foi sempre tão continuada, e estimada dos estrangeiros, que andava entre elles por adagio: Vamo-nos recrear ás frescas sombras de Goa, e a gostar a doçura do seu bethele; e assim lhe chamáram por excellencia Geomonti, que he o seu verdadeiro nome, que em sua lingua quer dizer terra prospera; e pela continuação do nome vieram os naturaes por abbreviar a lhe chamar *Goe*, tirando-lhe o *monti*; e vindo-lhe nós a mudar a letra *e*, lhe chamamos *Goa*, nome por que he conhecida em todo o Oriente: os naturaes lhe chamam Frisvari, que quer dizer trinta Aldeas, por outras tantas que tem, que todas são já povoadas de Christãos, repartidos por dez, ou doze Freguezias, que ha por fóra da Ilha, não fallando na Cidade, em que ha mais de sessenta mil Christãos. Esta Ilha com as terras firmes de Salsete, e Bardez, que são da Coroa de Portugal, rendem muito; e discorrendo pera baixo até ao Cabo Çamorim na costa do Camaram,

ram, eſtão as Fortalezas de Onor, Barcelor, Mangalor, e adiante no Malavar Cananor, Cranganor, Ceilão; e como cabeça de todas a fermoſa Cidade de Cochim, feira, e amparo das náos de Portugal, e de todas as partes do Oriente; que ainda que não he grande em renda, todavia he ſumptuoſa em mageſtade de Templos, e edificios.

E voltando-ſe o cabo, vai toda a coſta das peſcarias, em que os Padres da Companhia tem trazido ao canal da Igreja Catholica mais de ſeſſenta mil almas, tiradas, e arrancadas daquellas trévas, e abominações, em que o demonio tantas centenas de annos trouxe cegas, e eſcondidas; e paſſando adiante, eſtam as Cidades de Negapatão, e S. Thomé com algumas outras povoações ricas, e portos; que ainda que não são patrimoniaes dos Reys de Portugal, são povoados de ſeus vaſſallos com Capitães ſeus, regidos, e governados pelas Leis de ſeus Reynos: por toda eſta coſta tem os Padres Menores trabalhado muito bem na propagação da Lei Evangelica, com grande exemplo, e caridade.

Eſta parte de dentro do Ganges vai fenecer naquelle tão famoſo, e celebrado rio, em que começa a outra parte do Gan-

ges pera fóra, e vai fenecer no grande Reyno de Cambaia, onde a natureza com outra notabilissima divisa, que he o rio Micon, que na lingua dos naturaes quer dizer Capitão das aguas, separou a India daquella famosa, e muito grande região, a que Ptholemeu chama Cinarú Regio. Esta parte da India fóra do Ganges he povoada de outros Gentios, peiores, e mais nefandos em torpeza de ritos, e costumes, e nella possuem os Reys de Portugal a muito celebrada, e nomeada Cidade de Malaca, throno, e cabeça de todo o Reyno Maluco, escala principal de todas as partes Orientaes de dentro, e fóra do Ganges, e famosa pelos dous grandes, e crueis inimigos que de ambas as partes tem, Rajale Rey de Zor, e o Achem, senhor de toda a Ilha Çamatra, com os quaes continuamente tem grandes, e importunas guerras, e dos quaes tem alcançado grandes, e famosas vitorias por mar, e por terra, como pelo decurso de todas as nossas Decadas se verá.

Aqui acabamos a quarta parte da nossa divisão, que he a India, e começaremos a quinta, que he a que fazemos de todas as Ilhas, filhas de todo o Oceano Oriental, que por si podem constituir hum arrazoado Imperio; e começaremos das tan-

tas

tas mil Ilhas de Maldivas, cujo Rey he Christão, vassallo obediente, e que reside na Cidade de Cochim com sua mulher, e casa; a celebrada Ilha de Ceilão, onde está a Fortaleza de Columbo com os Reynos de Janapatão (que he vassallo) e da Cota, e Candea, de que os Reys de Portugal são verdadeiros Senhores pelas perfilhações, e doações que delle lhe fizeram ElRey D. João da Cota, e D. Filippe de Candea, com a Ilha, e Fortaleza de Manar, com toda a pescaria do aljofar, que rende hum bom quinhão: e passando de aqui a Nascente, vai o senhorio de todo aquelle Archipelago de Maluco, de cujas Ilhas, que são muitas, das principaes que pertencem ao Reyno de Ternate, he El-Rey de Portugal direito, e verdadeiro Rey, conforme ao novo titulo que delle tem tomado: tem as Ilhas, e Fortalezas de Amboino em a grande região da China: tem tambem a Ilha de Macáo, em que está fundada a melhor, e a mais prospera columna que os Portuguezes tem em todo o Oriente, e que já está feita Bispado.

E na costa de Japão tem as Ilhas de Solor, e outras, em que os Padres da Ordem dos Prégadores tem colhido tal fruto da semente Evangelica, que por todas semeárão, que pela misericordia de Deos

ha paſſante de ſeſſenta mil Chriſtãos, entre os quaes foram alguns Reys, e Senhores Principaes: eſte he o patrimonio que ElRey D. Filippe herdou, e dos Reynos de Portugal, dado, e confirmado aos Reys ſeus Predeceſſores em perpétua doação pelos Pontifices Martinho V. Eugenio IV., Nicoláo V., e Xiſto IV. com muito grandes, e liberaes privilegios, que ſe verão nas meſmas Bullas Apoſtolicas, que devem eſtar nos Tombos do Reyno; e não houveram pera bem de faltar na India, onde he ſeu proprio lugar, onde não ha nada, como ſe eſte não fora hum Eſtado pera ſe eſtimarem muito ſuas antiguidades, que não ſe acharám mais que nas noſſas Decadas cavadas com puro trabalho meu, e ſem nenhum dos Viſo-Reys, e Capitães, em quem nunca achámos favor pera nada, ao menos pera o negocio da Torre do Tombo, que ElRey D. Filippe mandou logo fundar na India, onde ſe não tem lançado o que elle manda por ſuas inſtrucções, e os reſpeitos elles os ſaberão; mas todavia he falta, e muito grande pera a Eſcritura, e ainda pera o bom governo do meſmo Eſtado. E tornando ao noſſo fio, quando ElRey D. Filippe foi jurado por Rey neſtes Eſtados, era Governador da India Fernão Telles, e a Sé Vacante, por haver pou-

co

co antes falecido o Arcebiſpo D. Henrique, como dizemos; Capitão da Cidade de Goa D. Triſtão de Menezes; de Çofala, e Moçambique D. Pedro de Caſtro; de Ormuz D. Gonçalo de Menezes; de Dio D. Pedro de Menezes; de Damão Martim Affonſo de Mello; de Baçaim D. Manoel de Almada; de Chaul D. Fernando de Caſtro; de Cananor Jorge Toſcano; de Cochim D. Jorge Baroche; de Columbo em Ceilão Manoel de Souſa Coutinho; de Malaca D. João da Gama; de Tidore em Maluco D. Diogo de Azambuja; e todos eſtavam com os olhos poſtos no Reyno eſperando o fim de ſuas couſas, porque da quietação delle dependia o remedio de todo eſte Eſtado.

CA-

CAPITULO VIII.

De como o Governador Fernão Telles desfpedio Mattheus Pires com Procuração baſtante pera todas as Fortalezas do Norte, pera jurar por todas ElRey D. Filippe: e do aviſo que mandou a ElRey por terra, que levou Jeronymo de Lima: e de como Mathias de Albuquerque foi apôs huns Paraos, que tomou em Carapatão.

FEitos todos os autos, e entrega da India, entendeo o Governador em mandar ás Fortalezas do Norte, e Sul fazer as meſmas diligencias, e aviſar por terra ElRey D. Filippe de como ficava obedecido por Rey, ſem inconveniente algum; porque como não havia de faltar no Reyno quem lhe diſſeſſe a natureza dos homens da India, e pela ſua izenção lhe haviam de fazer o caſo duvidoſo, quiz ſer certificado do pouco alvoroço que cauſou aquella novidade, porque não metteſſe naquelle negocio outro maior cabedal, o que tudo quiz ter feito primeiro que chegaſſem as náos do Reyno, em que eſtava certo virlhe ſucceſſor, por lhe ſer ganhado por mão, e a elle ſó ficar devendo ElRey tamanho ſerviço; e com muita brevidade deſ-

despedio Mattheus Pires, que fora Secretario de Estado da India, com os traslados de todos os papeis, e cartas que vieram por terra, e o sobestabeleceo por Procurador pera ir a Baçaim, Chaul, Damão, e Dio fazer jurar ElRey D. Filippe por Rey de Portugal; e escreveo a todos aquelles Capitães, que logo se fizesse aquelle acto, e lhe mandassem instrumentos pera mandar ao Reyno; e por não gastarmos outro Capitulo nisto, todos tomáram a succefsão de ElRey D. Filippe no Reyno de Portugal muito bem, e deram suas menagens, e fizeram juramentos com a mór solemnidade que pode ser. No mesmo tempo despedio o Governador outro navio pera as Fortalezas do Sul com procuração a pessoas de authoridade em todas ellas pera se fazer o mesmo, como fizeram sem contradicção alguma. E porque estava huma náo pera partir pera Malaca, lhe fez dar pressa, e mandou todos os traslados na sentença, papeis, e procuração a D. João da Gama, Capitão daquella Fortaleza, pera fazer a mesma ceremonia, e os papeis entregou a Pascoal Machado, que hia pera servir os cargos de Feitor, e Alcaide Mór da mesma Fortaleza.

Despedidas estas embarcações todas, tratou de mandar recado por terra a El-
Rey

Rey D. Filippe, como lhe elle encommendava muito na carta que escrevia ao Viso-Rey D. Luiz de Ataíde, e lhe mandou que assim por terra, como por mar o avisasse logo de tudo o que passasse, e elegeo pera esta jornada Jeronymo de Lima, soldado prático nas cousas da India, e lhe deo cartas pera ElRey, e hum instrumento de como ficava obedecido pacificamente, e o mandou embarcar em huma fusta pera Ormuz pera de lá ir pela via de Baçorá, encommendando aquelle negocio muito por cartas a D. Gonsalo de Menezes, a quem mandou outra via de levar hum Judeo natural daquella Cidade; e além desta mandou hum Veneziano, e ordenou despedir hum Veneziano por via de Sués, e lhe deo cartas em cifras, e o mandou em hum Catur, de que era Capitão Diogo Nunes Pedroso, bem antigo naquelles estreitos, e lhe deo por regimento que fosse tomar Caxem, e entregasse o Veneziano áquelle Rey, a quem escreveo, e encommendou muito, que désse ordem com que dalli passasse a Sués pera dalli ir a Alexandria. Este homem havia de ir em trages de Mouro com algumas mercadorias, e da viagem de ambos adiante daremos razão.

Partidos estes navios, que foram aos 16 dias

dias do mez de Setembro, deram recado ao Governador, que pela barra de Goa paſſáram quatro paráos de Malavares pera a banda do Norte ás prezas; e porque ſenão acudiſſe logo, podiam fazer muito damno nos navios dos Mercadores Portuguezes, que das Fortalezas do Norte naquelle tempo vem pera Goa a buſcar as náos do Reyno, de que já eram chegados alguns, mandou chamar Mathias de Albuquerque, e foi-ſe pôr no caes, e mandou tomar os navios dos Mercadores, que eram vindos do Norte, por eſtarem mais preſtes, com muitos marinheiros, e mantimentos, e mandou a Mathias de Albuquerque que logo ſe embarcaſſe nelles, e foſſe apôs aquelles navios até os enſacar. Os Fidalgos, e Cavalleiros como ſouberam que o Governador eſtava no caes, acudíram a elle, e os primeiros que chegáram tomáram os navios que achâram, entulhando-ſe logo de muito boa ſoldadeſca, que lhe acudio com ſuas armas já ao rebate. Mathias de Albuquerque deo-ſe tanta preſſa, que no eſpaço de ſeis horas ſe embarcou; porque aſſim elle, como os mais Capitães, que o haviam de ſeguir, das embarcações mandáram tomar o pão, e outro mantimento que pelas praças ſe achou, com as camizas com que andavam, e ſuas armas ſe affaſtá-

ram

ram do caes, onde o Governador esteve sempre até os despedir: hiam nesta jornada dez navios, de que eram Capitães D. Gileanes Mascarenhas, André Furtado de Mendoça, Antonio de Azevedo, Cosme de Lafetar, João Rodrigues Coutinho, Gonsalo Tavares, D. Manoel de Menezes, D. Jeronymo de Azevedo, e outros que não lembrão; e fazendo-se á véla, foram tomando falla por todos os portos por onde passavam; e dos negros de huma Almadia que acháram, a quem o Capitão Mór mandou dar dez cruzados, porque lhe fallassem verdade, soube estarem os paráos em Carapatão; e apressando-se, chegáram áquelle rio já de noite; e entrando dentro, souberam que era verdade o que lhe disseram. Os paráos estavam na povoação, que he mais de quatro leguas pelo rio assima; e tomando o remo na mão, e postos em armas, foram caminhando pera sima com a enchente da maré, porque determinou o Capitão Mór ir tomar os paráos aonde estivessem, sem ter nenhuns cumprimentos com o Tanadar da terra, e toda a noite foram remando, e no quarto d'alva chegáram perto delles. André Furtado, Antonio de Azevedo, D. Manoel de Menezes, que hiam diante, por levarem melhores navios, chegáram aos paráos, e sem fazerem deten-

tença, lhe puzeram logo as proas, e lhe lançáram dentro huma ſurriada de panelas de polvora: os Mouros em ſentindo fogo, logo ſe lançáram ao mar, e ſe ſalváram em terra, ficando os navios deſpejados; e ferrando André Furtado de huma galeota, e Antonio de Azevedo de outra, que eram as que acháram, deram-lhe cabo, e as affaſtáram pera fóra, e D. Manoel de Menezes rendeo, e levou comſigo os outros dous, que eram calemutes. Todos eſtavam com todo o ſeu recheio; e iſto não pode ſer tão depreſſa, que primeiro não acudiſſem muitos da terra ás eſpingardadas aos noſſos.

O Capitão Mór ao eſtrondo da arcabuzaria apreſſou-ſe tudo o que pode, e chegou aos navios a tempo que já traziam os paráos á véla, e vinha amanhecendo; e porque não havia já que fazer, ſe tornou pera a boca do rio, onde gaſtou todo aquelle dia, e ao outro ſe fez á véla pera Goa, levando os navios á toa os Capitães que os tomáram. E ſendo tanto ávante como os Ilheos queimados, houveram viſta de huma náo, que no velame lhe pareceo do Reyno; e indo a ella, ſouberam ſer a náo Caranja, de que era Capitão João de Mello da Armada de D. Franciſco Maſcarenhas, que vinha por Viſo-Rey da In-

India, de quem não davam novas, porque não tomáram Moçambique, onde podia ser que elle se detivesse, e que não poderia tardar muito; e sabendo as novas todas do Reyno, largando a náo, e dando ás vélas, chegáram de noite á barra de Goa, havendo oito dias que della tinham partido. Mathias de Albuquerque fez surgir a Armada fóra, e tomou huma Almadia, e metteo-se nella, sem dar conta a ninguem; e chegando a Pangim, tomou hum Balão do Tanadar, em que foi ter a Goa, onde o Governador estava; e entrando com elle, lhe deo conta do que era passado em sua viagem, e das novas do Reyno, que elle tinha já sabido por Jeronymo da Silva, Mestre da carreira da India, que tinha mandado á costa em hum navio ligeiro a esperar as náos, que aquelle anno haviam de vir do Reyno; e depois de praticarem em algumas cousas, lhe pedio o Governador se tornasse pera a Armada, e que ao outro dia entrasse, porque lhe queria fazer recebimento, o que elle fez. E ao outro dia foi entrando com os navios dos corsarios, ainda que alguns Capitães se adiantáram sem esperarem por elle. O Governador o recebeo muito bem, e fez mercê em nome de ElRey dos navios inimigos com todo o seu recheio aos Capitães que os tomáram.

E

E no meſmo dia mandou deſpejar as caſas de Santos, que foram de Antonio Peſſoa, e mandou paſſar o ſeu fato pera ellas, por ter a Fortaleza deſpejada pera quando o Viſo-Rey chegaſſe. Ao outro dia ſurgio a náo Caranja na barra, e apôs ella a náo Salvador, de que era Capitão Pedro Lopes de Souſa, que vinha deſpachado com a Capitanía de Malaca, que tambem não dava novas do Viſo-Rey.

CAPITULO IX.

De como ElRey D. Filippe elegeo D. Franciſco Maſcarenhas por Viſo-Rey da India: e do contrato que fez das náos da Carreira: e do que aconteceo a Franciſco Maſcarenhas na viagem até chegar a Goa.

DEsbaratada a batalha de Alcantara, e deſapparecido o Prior do Crato do Reyno, paſſou-ſe ElRey D. Filippe a Elvas, aonde acudíram os Grandes do Reyno, e os Procuradores das Cidades a lhe darem a omenagem, e ao jurarem por Rey de Portugal, conforme a ſentença dada pelos Juizes Deputados, que ElRey recebeo mui humanamente, e lhe fez honras, e mercés, e de novo lhes concedeo os privi-

le-

legios, e liberdades que lhes tinha mandado. E logo começou a tratar das cousas que pertenciam ao bom governo: entre estas, ou das primeiras, foram as do Estado da India, como patrimonio tamanho, e tão mimoso dos Reys de Portugal seus Predecessores (como aquelle cujos alicerces foram fundados com o sangue de muitos Cavalleiros, a que podemos chamar Martyres de Christo, pois peleijando por sua Santa Fé, acabáram) escrevendo, e mandando a sentença que por elle se deo na herança do Reyno por terra, como atrás dizemos Capitulo III. E porque se hia fazendo tempo de entender na Armada, que havia de mandar pera a India, e tendo respeito á idade, serviços, e muitos merecimentos do Conde Viso-Rey D. Luiz de Ataíde (que cuidava ser vivo) pareceo-lhe bem mandal-lo ir descançar de seus trabalhos, e tratou de lhe mandar successor; e porque entre os Fidalgos, que de novo eram chegados a lhe beijarem a mão, hum delles foi D. Francisco Mascarenhas, que fora muitos annos grande Pessoa na India, e muitas vezes Capitão Mór das Armadas, Fortalezas de Çofala, e Moçambique, e sustentára aquelle grande famoso cerco que o Inamoxá poz sobre Chaul, em que alcançou nome de grande Capitão, e com os

sol-

ſoldados da India de muito liberal, em quem concorriam as partes que eram neceſſarias pera naquella entrada moderar os homens, ſe nella houveſſe alguma alteração pelo muito reſpeito que lhe todos tinham; e da ſua chegada a Elvas a tres dias foi chamado, e commettido pera eſta jornada com palavras tão obrigatorias, que ſe não pode eſcuſar; e accreſcentando ElRey logo com honras, e mercês, dando-lhe titulo de Conde de Villa d'Ota, de que uſaria depois que tomaſſe poſſe do Eſtado da India, imitando niſto a ElRey D. Manoel ſeu Avô, que quando elegeo a D. Franciſco de Almada pera ir á India, foi com regimento, que ſe não intitularia Governador, ſenão depois de ter feito nella tres Fortalezas; e aſſim fez mais a D. Franciſco Capitão Mór dos ginetes, e da guarda da ſua peſſoa, como o foram ſeus Avós, e lhe deo Commendas groſſas pera ſeus filhos, e netos, e trinta mil cruzados em dinheiro pera ajuda de cuſto de ſua embarcação, e quarenta mil mais de mercê, de que ſe pagaria na India, e doze Habitos das Ordens de noſſo Senhor Jeſu Chriſto, Sant-Iago, e Avís, pera poder dar a quem quizeſſe, e lhe paſſou hum Alvará pera na India poder dar os cargos de Feitoria pera baixo, e de Juizes das Alfande-

gas

gas a huma ſó peſſoa cada cargo, e por huma ſó vez, e por tempo de tres annos, e outras couſas, de que ſatisfeito ſe deſpedio de ElRey, e ſe foi pera Lisboa pera dar aviamento á Armada que havia de levar, provendo ElRey em todas as couſas da India com muita ordem, prevenindo-ſe pera tudo o que pudeſſe ſucceder. E porque entendia muito bem que os animos dos homens com nenhuma couſa mais ſe moderão, e abrandão que com honras, e mercês, deo ſobre iſſo largos regimentos a D. Franciſco; e ſegundo algumas peſſoas dignas de fé nos diſſeram, muitos Alvarás aſſignados em branco pera todos os privilegios, liberdades, honras, e mercês que da ſua parte prometteſſe ás Cidades, Capitães, e Fidalgos, que puzeſſem dúvida ao jurarem por Rey, que lhe ficaſſem logo feitas, e aſſignadas; porque como era Principe Chriſtianiſſimo, quiz antes (ſe houveſſe algum deſtes) trazellos á obediencia por eſta via, que por caſtigos, e rigores: e aſſim ſe diſſe publicamente na India, que trazia o Viſo-Rey hum Alvará em ſegredo pera o Conde D. Luiz de Ataíde, em que lhe fazia ElRey mercê do Titulo de Marquez de Santarem, entregando-lhe a India; o que ſe he aſſim, tudo ficou em ſegredo, e nelle ſe tornou a levar pera o Reyno.

Man-

Mandou tambem ElRey pelo Viſo-Rey huma Liſta, em que vinham quaſi trinta Fidalgos deſpachados com Fortalezas, viagens, e outras couſas, e lhes eſcreveo a todos Cartas muito honradas; e porque até então corriam as náos por conta de ElRey, pareceo-lhe melhor contratallas com Luiz Ceſar, como fez, que ſervia o cargo de Provedor dos Armazens, com as condições ſeguintes.

Que elle ſe obrigaria a mandar cada anno ſinco náos, pera cuja fabrica lhe daria ElRey oitenta mil cruzados mortos cada anno, ficando o contrato da pimenta da meſma maneira que ElRey D. Sebaſtião o tinha feito com Diogo de Caſtro, João Baptiſta Revelhaſco, Jacome de Bardez, e outros que durava até o anno de 1586. e era por tempo de ſinco annos, e das condições ſeguintes.

Que de toda a pimenta que cada anno mandaſſe, que haviam de ſer trinta mil quintaes, dariam a ElRey a metade. D. Franciſco Maſcarenhas fez dar preſſa á Armada, e ás couſas de ſua embarcação; e ſendo o tempo chegado, tornou a beijar a mão a ElRey, e a deſpedir-ſe, que lhe fez ainda mais mercês, e deo licença pera ſe embarcarem com elle alguns homens, que eſtavam exceptuados por então por

reſpeitos que ElRey pera iſſo teve; e ainda os deſpachou, e lhes fez mercês, e deſpedio D. Franciſco com muita ſatisfação: e ouvimos dizer a algumas peſſoas cá na India, que lhe dera ElRey hum regimento, em que mandava, que ſe em Goa o não quizeſſem receber, que ſe foſſe pera Moçambique, aonde ſe deixaria eſtar até ſeu recado. Deſpedido D. Franciſco, foi-ſe pera Lisboa, e por cauſa dos negocios, que foram muitos, não ſe pode fazer á véla, ſenão aos onze dias de Abril de 1581. em que andamos: eſcolheo elle pera ſi a náo S. Lourenço, de que era Capitão Diogo Paçanha; e as mais náos eram Bom Jeſus, por outro nome Caranja, Capitão João de Menelao; da Salvador Pedro Lopes de Souſa, deſpachado com a Capitanía de Malaca, e levava ſua mulher Dona Barbara, filha do Doutor Gaſpar de Mello, a náo Reys Magos, Capitão Manoel de Miranda, filho de Diogo de Miranda, Camareiro Mór do Cardeal D. Henrique, que hia provído com a Fortaleza de Dio, e com a de Rachol em vida com trezentos mil reis de ordenado. A outra náo era S. Pedro, que havia de ir pera Malaca, de que era Capitão Leonel de Lima: embarcárão-ſe neſta Armada muitos Fidalgos, e Capitães, e dos que nos lembra são os ſe-

ſeguintes : D. Diogo Lobo deſpachado com a Fortaleza de Malaca ; João Correa de Brito com a de Columbo em Ceilão ; D. Antonio de Souſa com a de Damão ; D. Manoel Pereira com a de Baçaim ; Roque de Mello com a de Malaca ; João Correa de Brito com a de Columbo.

Eſta Armada foi ſeguindo ſua viagem por differentes derrotas, porque logo ſe apartáram as náos ; as duas que diſſemos foram tomar Goa ; a náo Reys Magos, Capitão Manoel de Miranda, foi tomar Cochim em Outubro ; D. Franciſco Maſcarenhas trabalhou por tomar Moçambique, aonde chegou aos dezoito de Agoſto, e ſurgio fóra das Ilhas a tempo que ſahia pera fóra a náo S. Pedro, que hia pera Malaca, que havia dias tinha chegado áquella Fortaleza, e ſe tinha provído de agua, e mantimentos, e já hia feita á véla. O ſeu Capitão tanto que vio a náo do Viſo-Rey, metteo-ſe no tairel, e foi a ella, e ſe vio com elle, e lhe pedio licença pera fazer ſua viagem por ſer tarde, que lhe elle deo, e ſe foi ſeu caminho. O Viſo-Rey tanto que ſurgio, mandou logo a terra Diogo Paçanha a viſitar D. Pedro de Caſtro, Capitão daquella Fortaleza, a quem eſcreveo huma Carta, em que lhe fazia ſaber de ſua chegada, e era D. Pedro

Tio da mulher do Viſo-Rey, Irmão de ſua Mãi, que era caſada com o Morgado de Oliveira, que tanto que teve a Carta do Viſo-Rey, e ſoube de Diogo Paçanha as novas do Reyno, logo ſe foi pera a náo acompanhado do Alcaide Mór, e peſſoas principaes, e o Viſo-Rey o recebeo com muitos gazalhados, e honras; e recolhidos na varanda, lhe deo D. Franciſco huma Carta delRey, em que lhe dava conta da ſua ſucceſsão, e lhe pedia o juraſſe por Rey, pois o era de Direito; e logo tratou com D. Pedro de ſe fazer o dito juramento, porque elle não havia de deſembarcar, porque era já tarde, e aſſim ſe fez, e deo D. Pedro alli a omenagem nas mãos do Viſo-Rey das Fortalezas de Çofala, e Moçambique por ElRey D. Filippe. Acabado iſto, foi-ſe pera terra, e na Igreja ajuntou o Alcaide Mór, e o Provedor da Miſericordia, e peſſoas principaes, e o P. Antonio da Mota, Vigario da terra, e alli fizeram os autos dos juramentos; o Vigario em nome do Eccleſiaſtico; o Capitão, da Nobreza; e depois o Alcaide Mór, e Provedor da Miſericordia em nome de todo o povo; e acabado o auto, tomou D. Pedro a bandeira Real nas mãos, e acompanhado de todos, foi com ella pelas ruas publicas, dizendo: *Real*, *Real*,

Real,

Real, pelo muito Catholico D. Filippe Rey de Portugal; e os mesmos juramentos fizeram pelo Principe D. Diogo seu filho. Disto tirou o Viso-Rey seus instrumentos, e papeis assignados por todos pera mandar ao Reyno, e logo se principiou a intitular Conde de Villa d'Orta, porque começou a tomar alli posse da India, conforme ao Alvará que levava; e por ser tarde, e não ter tempo pera fazer aguada, tomou algumas pipas della do navio do trato que já achou de verga d'alto, e fez-se á véla. Daqui foi seguindo a sua derrota até haver vista dos Ilheos queimados aos 26. dias de Setembro, aonde foi a elle huma almadia com hum homem Portuguez, de quem soube estarem já surtas na barra as náos Caranja, e Salvador havia dous dias, de que ficou tomado de não pararem alguns dias pera esperarem por elle: alli soube da morte do Conde D. Luiz de Ataíde, e da succesão de Fernão Telles, e de como El-Rey D. Filippe estava já jurado por Rey na Cidade de Goa pelos papeis que do Reyno vieram, o que sentio em extremo, porque quizera elle ser o que fizera aquelle serviço; mas não deixou de dar muitas graças a Deos nosso Senhor, porque sempre pareceo no Reyno que haveria neste negocio muito que fazer; mas como Deos

nos-

noſſo Senhor tinha ordenado que a Coroa de Portugal ſe ajuntaſſe á de Caſtella por juizos ſecretos , que nós não alcançamos, não houve em todo o Eſtado da India (como já diſſemos) alteração, movimento, nem inquietação alguma , o que foi permiſsão Divina, porque neſtas partes andavam muitos homens da obrigação do Infante D. Luiz , e de ſeu filho D. Antonio, que em partes tão apartadas , e remotas puderam cauſar alguma perturbação ; pois no Reyno , tão perto do caſtigo , não faltáram alvorotadores que o inquietáram por muitas maneiras : e tornando ao Conde , na meſma Almadia mandou embarcar Diogo Paçanha, e hum criado ſeu com Cartas pera o Governador , em que lhe fazia a ſaber de ſua chegada , e provisões pera o Feitor, e Theſoureiro não correrem com nenhum pagamento , e eſcreveo ao Veador da Fazenda, e Secretario, que logo ſe foſſem pera elle. Deſpedida eſta Almadia, chegou de noite a bordo outra embarcação, em que hia hum Diogo Correa, caſado na India , e ſoldado velho , e conhecido do Viſo-Rey , e de todos os Fidalgos que com elle vinham ; e entrando na náo , deo ao Viſo-Rey todas as novas mais particularmente, porque era homem, que dava boa razão de tudo.

Dio-

Diogo Paçanha chegou ao outro dia a Goa, e deo as Cartas ao Governador, e fez as mais diligencias que levava a cargo. A náo ao outro dia, em que ella ſurgio na barra, que foram dezeſete do mez, o Viſo-Rey ſe deſembarcou, e ſe foi metter na Fortaleza de Pangim, achando já o mar cheio de embarcações, que o hiam buſcar. O Governador tanto que ſoube eſtar elle em Pangim, no meſmo dia o foi viſitar acompanhado de muitos Fidalgos, parentes, e amigos; e ao deſembarcar o eſperou o Conde D. Franciſco na praia bem á borda d'agua, onde ſe abraçáram, e ſe recolhêram pera ſima com os Officiaes, o Viſo-Rey lhe apreſentou ſua Carta de guia, em que mandava ElRey que lhe entregaſſe a India, e que por aquella o havia por deſobrigado da menagem que della tinha dado. Eſta entrega lhe fez o Governador logo alli na fórma ordinaria. Acabado o auto, recolheo-ſe Fernão Telles: no meſmo dia chegáram os Vereadores ao Viſo-Rey, e lhe pedíram ſe detiveſſe alguns dias, em quanto lhe preparavam ſeu recebimento, porque nelle queriam moſtrar o alvoroço, e contentamento que aquella Cidade teve com a ſucceſsão de ElRey D. Filippe naquelles Eſtados, o que lhe elle concedeo; e nos dias que elle ſe deteve, foi viſitado

de

de todos os Prelados, Fidalgos, Cavállei-ros, e ſoldados conhecidos; e tendo já ſabido que o Governador tinha eleito pera o Malavar Mathias de Albuquerque, na primeira viſita que lhe fèz, lhe pedio, pois tinha acceitado aquella Armada ao Governador, correſſe com ella, porque aſſim ficaria ElRey melhor ſervido; o que lhe diſſe com palavras de tanta ſatisfação, que ſe não pode elle eſcuſar; e paſſados os oito dias, que o Conde D. Franciſco eſteve em Pangim, eſperando que lhe preparaſſem ſua entrada, a fez com grandes feſtas, e alegrias; e á entrada da Cidade jurou de lhe cumprir ſeus privilegios, e liberdades, como he coſtume, e começou o Viſo-Rey a entrar logo nos trabalhos do Governo, que são grandes; e na primeira couſa em que entendeo foi em deſpedir pera Ormuz João Correa de Brito por Veador da Fazenda, ſobſtabelecendo como Procurador de ElRey, pera naquella Fortaleza o fazer jurar, dando-lhe os traslados da ſentença, papeis, e Cartas de ElRey pera o Capitão D. Gonſalo de Menezes; e com elle mandou Balthazar de Gamboa pera ir ao Reyno por terra com Cartas a ElRey, em que lhe dava conta de ſua chegada, e de como ficava pacificamente jurado, e obedecido por Rey, e deo por regimento a

João

João Correia (ſegundo diziam) que ſe achaſſe ainda em Ormuz Jeronymo de Lima, que o Governador Fernão Telles mandava com o meſmo recado, o não deixaſſe paſſar; e porque trazia muito encarregado de ElRey aviſallo da ſua chegada por todas as vias, deſpedio outro navio ligeiro, de que era Capitão Luiz de Aguiar, pera ir lançar hum Armenio em Caxem pera de alli partir pera o Reyno. Por via de Suez eſcreveo áquelle Rey, que lhe déſſe ordem pera a ſua paſſagem; e Fernão Telles, em quanto ſenão embarcou, tirou ſuas Certidões, papeis, e inſtrumentos de como entregára a India, e do eſtado em que todas as Fortalezas della eſtavam, das Armadas todas, e mais couſas que havia.

CAPITULO X.

Do que aconteceo na jornada a Gonſalo Vaz de Camões, e Antonio Pereira Pinto: e da grande briga que tiveram com huma náo do Rey de Pegú, e com huma Armada ſua: e de como morreo aquelle Rey, e lhe ſuccedeo ſeu filho, e ſoltou os Portuguezes que eſtavam cativos, e de outras couſas.

POrque eſta Armada foi ordenada pelo Governador Fernão Telles de Menezes, nos pareceo continuarmos aqui com ella, e darmos razão de tudo o que na jornada lhe aconteceo, poſto que duraſſe todo eſte anno; aſſim porque he couſa ſua, como pela não contarmos por pedaços, porque ſerá occupar outros lugares, que havemos de miſter pera muitas couſas. Deixámos Antonio Pereira Pinto com o outro navio, de que era Capitão Alvaro Colaço, paſſando pelas Ilhas de Angediva, e correndo ſeu tempo, porque o inverno ainda não ceſſava; e foi elle tal, que não puderam tomar nenhum porto do Malavar, e paſſáram ávante; e a primeira terra que tomáram foi Coulão, onde não quizeram entrar por ſe não deterem, ſómente em quanto Antonio Pereira Pinto eſcreveo huma

ma carta pera alli deixar a Gonſalo Vaz de Camões, em que lhe deo conta da ſua jornada, e de como paſſava ávante, e o hia eſperar a S. Thomé.

Partidos de alli, chegáram a Tuto Ҫomorim, onde fizeram aguada, e ſe provêram de algumas couſas, no que ſe detiveram dous dias. Vendo Antonio Pereira que não vinha Gonſalo Vaz, paſſou os baixos á outra banda, e chegou na entrada de Setembro á povoação de S. Thomé, onde ſe deteve oito dias, eſperando por Gonſalo Vaz; e vendo que tardava, e que fazia tempo de ir eſperar as náos, abrio a Proviſão, e apreſentou ao Capitão, que lhe poz o Cumpra-ſe, e lhe deo juramento conforme a ella pera poder proſeguir naquella jornada. Eſtando já pera ſe fazer á véla, chegou Gonſalo Vaz com outro navio; e tomando alli informação das couſas a que hia, foi informado por peſſoas que iſto ſabiam, que ſua ida a Maſulipatão era eſcuſada, porque havia já novas certas que a náo do Achem deſarmára, porque logo fora o ſeu Capitão aviſado de como em Goa ſe faziam aquellas Galeotas preſtes pera a irem eſperar, porque os Mouros de Goa deſpedíram por terra recado diſſo, que a outra náo do Rey de Pegú era muito poderoſa, e feita ao modo das da Euro-

ro-

ropa, e que eſtava muito guarnecida de artilheria, e munições, e com mais de trezentos Mouros, aſſim Achens, como Malavares, que ſe alli acháram em huma Galeota, que aquelle Rey fazia embarcar por força: e que além diſſo mettêra hum Embaixador, que mandava ao Achem com ſincoenta homens brancos, por onde a Armada não tinha que fazer com ella. Sabendo Gonſalo Vaz a certeza daquelle negocio, aſſentou com os praticos da terra de paſſarem a Pegú a fazer a guerra que o Governador mandava fizeſſe; mas vendo que o ſeu regimento não ſe eſtendia mais que até alli, donde lhe mandava que voltaſſe pera Goa, e que Antonio Pereira Pinto foſſe com os mais navios fazer aquella jornada, aſſentou com elle, que pois não conſeguíram o effeito, pera que aquelle regimento ſe fizera pelos inconvenientes já ditos, que paſſaſſem ambos companheiros a Pegú iguaes em poder, e mando; mas que a bandeira de Chriſto levantaria Gonſalo Vaz de Camões em o ſeu navio, ſuccedendo haver alguma briga. Concertados niſſo, aos 14. dias de Setembro ſe fizeram á véla; e antes que partiſſem, chegou Fernão de Lima na Galeota Alexandrina, que vinha do negocio de Pegú, não bem deſpachado; e porque tratou a Gonſalo

Vaz

Vaz de Camões de lhe tomar a Galeota pera mudar a ella Francisco Serrão, por ser o seu navio mais pequeno, lhe deo alguns furos secretos, com que se encheo de agua, pelo que foi forçado deixarem alli a Francisco Serrão, porque se affogava o seu navio. Partidos os tres navios, negoceou-se Francisco Serrão pera se tornar a Goa; e por não ir com as mãos vasias, deo huma volta pela costa, por ver se achava algumas prezas; e andando naquelle officio, deram com elle huns paráos de Malavares, que invernárão por aquelles rios, e o tomáram, e cativáram; e passando pelo porto de S. Thomé, achâram a Galeota Alexandrina prestes, e negoceada pera se partir pera Goa; e dando nella, a tomáram, e leváram comsigo, e de passagem foram dando em algumas povoações, em que fizeram roubos, e damnos. As Galeotas, que foram atravessando a Pegú, puzeram dezesete dias naquella travessa, e a primeira terra que tomáram, foi a barra de Negraes, a tempo que haveria pouco mais de duas horas que a náo de Masulipatão surgio na boca daquelle rio; e vendo-a elles tão fermosa de tres mastros, pareceo-lhes que era a náo do Reyno, que errára a derrota, e fora tomar alli, como já outras fizeram. E affirmando-se nisso pela feição del-

della, a foram demandar com grande alvoroço; e chegando á falla, lhe disse de dentro huma voz em Portuguez: *Andar pera velhacos, que esta náo he de ElRey de Pegú, e não tem dever com Armadazinhas.* E apôs isso lhe deram huma salva de bombardadas, e de espingardadas, de que lhe matáram sinco homens, e alguns marinheiros. Vendo os nossos aquillo, e conhecendo que aquella era a náo, que não ousáram ir buscar a Masulipatão, houveram que Deos nosso Senhor os levára alli pera a tomarem; e pondo-se em armas, a rodeáram, e batêram muito rijamente com os dous camelos que levavam as Galeotas de Gonsalo Vaz, e Antonio Pereira, o que fizeram todo o dia até á noite, em que a deixáram com muitos rombos abertos por onde se hia enchendo de agua. Estando na bateria, víram do navio de Alvaro Colaço vir o batel demandar terra; e largando tudo, o foi demandar, e o tomou entre huma restinga, e com elle á toa se tornou ao seu lugar, e ainda á noite se foram os nossos surgir affastados da náo; e de alguns Mouros, que no batel vinham, souberam que na Cidade de Cosmi pelo rio assima estava o Principe herdeiro daquelle Reyno com mil e trezentas vélas pera ir conquistar o Reyno
de

de Arracão. E vendo elles que aquella Armada forçado havia de ſahir por aquelle rio fóra, determináram de averiguar primeiro o negocio da náo, ſobre o que aſſentáram que ſe perdeſſem todos, ou a tomaſſem por credito do nome Portuguez: e aſſim tanto que amanheceo, tornáram a commetter a náo; e chegando a ella, a víram muito mettida de poppa, e a gente della inquieta de huma pera a outra parte, como que acudiam a algum trabalho: e aſſim era, porque ficou da bateria tão aberta de poppa, que ſe hia ao fundo; e entendendo o trabalho em que eſtavam, tornáram a apertar com ella tão rijamente, que ſe commettêram os que eſtavam nella alcançar a terra a nado pera ſalvarem as vidas. E vendo aquillo, puzeram as proas na náo com grande determinação, e ſobre a entrada tiveram com os que eſtavam ainda dentro huma mui aſpera batalha, em que os noſſos fizeram muito pela entrar; e por fim do negocio foram os inimigos mettidos á eſpada, ficando a náo, e todo o recheio em poder dos noſſos. Os ſoldados como concluíram aquelle negocio, quizeram aproveitar-ſe da fazenda, que lhe tanto cuſtou, e aſſim cada hum tomou o que quiz; e começáram a baldear dentro dos navios tantas couſas, que eſtiveram as

Ga-

Galeotas arriſcadas a ſe ſoçobrarem com o pezo, ſem os Capitães poderem acudir a iſſo; e vendo elles que a não ſe hia ao fundo com a agua, e que os navios eſtavam arriſcados ao meſmo com o pezo que tinham, aconſelhando-ſe os Capitães entre ſi, puzeram fogo á não por tres partes, e ſaltáram em as Galeotas, e começáram a alijar ao mar tudo que puderam. Eſtando ainda a mór parte dos ſoldados na não, ſem lhes dar do fogo, que ateava já por todas as partes, foi-lhes depois forçado recolherem-ſe a nado, porque as Galeotas logo ſe affaſtáram pera fóra. Ao meſmo tempo chegou huma Galeota de hum João Leitão, caſado em Goa, que eſtava dentro do rio, e alli fez hum muito arrezoado reſgate com os ſoldados, e a troco de pouco encheo o navio de boas fazendas, e as Galeotas foram deſpejadas, e boiantes. Paſſado iſto, foram-ſe os noſſos pera a barra de Sirião, que he onde os Achens vam demandar aquella Coſta, e por ella andáram dezoito dias com ventos pela proa, e muito grandes correntes, por ſer a monção acabada; e por não poderem paſſar dos Ilheos dos Mudos, onde levavam por regimento que invernaſſem, aſſentáram que voltaſſem pera o porto grande em Bengala, como fizeram. Succedeo

nos

nos dias que por cá gaſtáram ſahir o filho de ElRey de Pegú com toda a ſua Armada pera ir contra o Reyno de Arracão, e apôs elle mandar-lhe ElRey outro recado, que tornaſſe a voltar em buſca da Armada Portugueza, e que lha levaſſe, porque mais eſtimaria huma fuſta ſua, que todo o Reyno de Arracão. Com eſte recado tinha voltado o Principe; e tanto ávante como os Ilheos Alevantados, que eſtam abaixo da barra de Negraes, onde pelejáram com a náo, houveram os noſſos viſta da Armada, a tempo que vinha ſahindo pelo rio fóra; e conhecendo, e vendo tanta multidão de navios, aſſentáram que ſe foſſem pera o mar, o mais que pudeſſem; aſſim porque os inimigos não eram homens que ſe afaſtaſſem muito da terra, como por verem ſe os podiam eſpalhar, e apanhar alguns deſmandados. Os inimigos tanto que víram os noſſos, e que lhe viravam as poppas a modo de lhes fugirem, cobrando mais animo, foram apôs elles mais de quatro leguas ao mar; e vendo que os levavam já de vencida, e com aquella golodice, e deſejo de lhes chegarem, ſe adiantáram dezeſeis embarcações as mais ligeiras; e chegando-ſe aos noſſos, dividíram-ſe em tres partes pera tomar os noſſos no meio, que já hiam poſtos em armas pera pelejarem

com elles. E vendo que ſeis dos navios eſtavam mais deſviados, voltáram a elles com grande determinação, e deram-lhes aquella primeira ſalva de bombardadas, de que lhe mettêram logo tres no fundo; e pondo as proas nas outras tres, em muito breve eſpaço as axoráram; e arremettendo ao outro eſquadrão de outras ſinco, que acháram mais perto, deram-lhe outra ſalva tão bem empregada que as deſtroçáram; e já quando chegáram ás outras ſinco lhe deo aos noſſos pouco; e arremettendo com ellas, traváram com todas huma mui arriſcada batalha, em que todos pelejáram de maneira que as rendêram, e desbaratáram de todo com morte da mór parte dos inimigos.

Acabado deſte negocio, que foi muito apreſſado, vendo que a mór parte da Armada os vinha entrando, contentando-ſe com a vitoria que Deos lhes tinha dado, deram á véla com a viração, e foram-ſe recolhendo, levando comſigo muitos inimigos cativos, e dezoito peças de artilheria, que tomáram em os ſeus navios, e aſſim vitorioſos ſe recolhêram a invernar em Bengala; e ſabendo ElRey de Arracão de ſua chegada, e do muito honrado ſucceſſo que tiveram com a Armada do Pegú, mandou viſitar aquelles Capitães, e dar-

lhes

lhes os parabens da vitoria , e os agradecimentos de por ſua cauſa ficar livre daquelle cerco ; e com iſſo lhes mandou pedir que ſe quizeſſem ver com elle , e acompanharem-no , porque determinava ir contra Pegú , fazendo-lhes grandes promeſſas , do que elles ſe eſcusáram , e alli invernáram , e no veranico voltárão ſobre Pegú , e acháram já aquelle Rey morto , e no Reyno ſeu filho chamado Falanha Ximi de Ginoco ; e da barra lhe mandáram os Bramás , e Pegús , que leváram cativos , e lhe eſcrevêram huma carta , e outra pera os Portuguezes que alli eſtavam ; e na de El-Rey lhe diziam , que ſe a ſua náo não levára Mouros , e Turcos , que a não tomáram , porque o tinham por amigo do Eſtado ; e que a prova diſto era , que aos Mouros todos , como a inimigos , cortáram as cabeças ; mas que aos Bramás , e Pegús , porque eram ſeus vaſſallos , os tratáram ſempre muito bem , como elles diriam , dos quaes lhe faziam ſerviço , e aos Portuguezes eſcrevêram , que lhes diſſeſſem o meſmo. Vendo ElRey a carta , e ſabendo dos ſeus as honras que os noſſos lhe fizeram , foi-lhe tão acceito , que deo liberdade a todos os Portuguezes , que tinha reteúdos , que ſe foram pera a India , e a Armada ſe foi pera S. Thomé , e dahi

a Cochim, depois de dous mezes de viagem.

CAPITULO XI.

Do que neste tempo aconteceo nos estreitos de Méca, e da Persia: e de como tres Galés de Rumes foram á nossa Povoação de Mascate, e a assoláram, roubáram, e destruíram: e do que fizeram os Portuguezes que nella estavam.

PElas terradas que todos os annos vam da Arabia de Coriate até ao Cabo de Rosolgate, e aos Portos do mar roxo com incenso, tamara, e outras mercadorias, tiveram em Mascate novas que no porto de Mora se faziam prestes quatro Galés pera virem saqueâr aquella Cidade. Esta nova se mandou logo a Ormuz ao Capitão, que pondo em parecer dos antigos daquella Fortaleza, se mandaria invernar gente áquella Cidade, foi contrariado de todos, affirmando-lhe que não havia Galés em Meca, nem era possivel poderem sahir fóra, porque se haviam por seguros pelas intelligencias que traziam os Turcos, fiando-se nisto de outros Mouros, como se tiveram elles por lei, ou costume fallar verdade, com o que D. Gonsalo desistio do

que

que determinava, mandando recado áquelles moradores, que todavia estivessem precatados, e com grandes vigias; e que tanto que entrasse Setembro, fosse huma fusta ao Cabo de Rosalgate a espiar as Galés, pera que se viessem, lhes pudessem vir dar rebate, e se pôrem em salvo. Os moradores de Mascate tinham as novas por muito certas, porque falláram com pessoas que lhes vieram concertar as Galés, e que ouvíram praticar na sua vinda, e que Mouros daquella mesma Cidade os foram convidar pera aquella jornada, promettendo-lhes della muito grandes promessas, e riquezas, e que ainda lá estavam pera os guiarem: pelo que tanto que entrou Setembro, logo o Feitor de ElRey armou huma fusta, de que era Capitão Alvaro Mourato, bom soldado, que D. Gonsalo pera isso tinha mandado com regimento, que se fosse pôr no Cabo de Rosalgate; e que havendo vista das Galés, voltasse pera Mascate a dar-lhe aviso, e que passasse apressadamente pera Ormuz, e levasse comsigo dous Taranquis muito ligeiros pera mandar diante. Este homem se foi pôr cozido com o Cabo de Rosalgate, e se deixou estar com grandes vigias, assim por mar, como por sima dos montes. As Galés era verdade que se faziam prestes pera

irem

irem a Mafcate; porque (como diffemos) alguns Arabios da mefma terra deram aquelle alvitre a Mirá-fenáo, Baxá daquellas partes, affirmando-lhe eftar a terra muito rica, pelo que tinha mandado negocear quatro Galés, remendando pera iffo algumas velhas que havia, e elegeo pera efta jornada Alibac Turco de nação, homem de fua obrigação, Coffairo folto, arrebatado, e pouco Capitão. Efte Mirafenáo era natural de Outrato, cafta chriftã, e governava toda aquella parte das Arabias Feliz, e Petrea, a que os Arabios chamam Ayman, e tinha fua refidencia na Cidade de Haná, que eftá no meio da Arabia Feliz, feffenta leguas ao Norte de Moca, e outras tantas de Xael por linha direita, que eftá edificada em fima de hum tezo, e he toda murada de muros de adobes, quadrada, com feus baluartes mui bem feitos; e affirmáram-nos alguns Indios doutos, naturaes della (porque vivem alli muitos) que foi fundada por Canaan filho de Noé, que povoou aquella parte, e que tambem fora camara, e refidencia da Rainha Sabá, e que tem em fuas efcrituras, que della fahio, quando foi a Jerufalem ver a grandeza de ElRey Salamão, e que ainda dura fua memoria em huma porta, que tem pera a banda do Norte, que fe cha-

chama Albabo Sabá, que em lingua Arabia quer dizer Porta de Sabá, porque dizem que por ella ſahio, quando partio pera ver Salamão; outros affirmam que não he a razão do nome eſta, ſenão que ſe chama aſſim, porque fica pera o Norte, e que Albabo Sabá quer dizer a porta que vai pera o Norte: a terra he a mais proſpera que ſé ſabe no mundo, abundantiſſima de pão, gado, legumes, e frutas, em tanto, que com razão ſe chama Arabia Feliz: tambem ſe chama dos Eſcritores antigos Siria Momifera, que quer dizer cheiroſa, porque nella ſe produz o incenſo, myrrha, e eſturaque. E tornando á noſſa ordem, o Baxá mandou negociar as quatro Galés, e em fim de Agoſto ſe fez Miralebac á véla com ponentes tão rijos, que na Coſta da Arabia ſe lhe abrio huma Galé, que foi varar em terra, e elle com as tres foi ſeguindo ſua derrota, indo demandar o Cabo de Roſalgate. Como era ſagaz, entendeo mui bem que alli de longo delle havia de haver vigias, porque lá ſe haviam de recear delle; e affaſtandoſe da terra, embocou o eſtreito á meia barra, ſem Alvaro Mourato haver viſta delle, e foi demandar Maſcate.

Pelas pontas das ſerras, que são muito altas, pelas quaes ſe hiam governando, por-

porque determinava de dar ſobre Maſcate, primeiro que delle tiveſſem novas; e ſendo tanto avante com elle, deixou-ſe eſtar de dia; e tanto que anoiteceo, o foi demandar, e não quiz ir logo ferrar o porto, mas foi abaixo delle tomar a enſeada de Sedabo, aonde deſembarcou aos vinte e dous de Setembro; e como ſe poz em terra com a mór parte da gente, mandou as Galés que foſſem entrar em Maſcate, ao quarto d'alva, e que fizeſſem grande eſtrondo, e atiraſſem muitas bombardadas, porque os noſſos ſe deſcuidaſſem do Certão, e por onde elle determinava commetter a povoação; o que ſuccedeo, como elle traçou. Deſpedidas as Galés, começou o Alibac a caminhar por terra; e porque melhor ſe entenda tudo, faremos huma demonſtração deſtas bahias ambas. Eſtendei a mão direita com a palma pera baixo, e alargai o dedo pollegar, e demonſtrador, e dos outros, e a enſeada de Sedabo, que penetra tanto, como moſtra o vão do dedo; com outro vão de entre pollegar, e demonſtrador he a bahia de Maſcate, onde faz aquella pelle delgada de huma praia a modo de arco, pela qual ſe eſtende a povoação, que a mór parte fica encuberta pera o Certão, e fica toda entre duas ſerras. Eſta enſeada do Sedabo, que fingimos naquel-

quelle vão do dedo demonſtrador, e do do meio, faz huma ſerra ingreme, que não tem mais que huma ſubida direita aſſima, e a deſcida vai logo cahir na bahia de Maſcate. No cume deſta ſubida faz huma quebrada, que deixa alli o caminho tão eſtreito, que não póde por elle paſſar ſenão a fio hum e hum; e o Mirale foi ſubindo eſta ladeira até paſſar aquella eſtreitura, que com hum berço, e dez homens ſe podia defender ao mundo todo, porque das ilhargas ſobem as ſerras ingremes ao Ceo; e deſcendo pera baixo achou huns peães, que eſtavam dormindo, com os quaes não quiz bolir, e foi tomar por detrás da Cidade, a qual era por aquella parte cercada de huma parede enſoça com tres portas, as quaes mandou tomar, repartindo ſincoenta Turcos a cada huma, e alli ſe deixou eſtar com muito ſilencio até ouvir o ſinal das Galés. Os caſados de Maſcate como andavam com ſobreſaltos, eſtavam preſtes que lhes trouxeſſe a fuſta recado pera em tendo rebate ſe pôrem em ſalvo; e porque lhes hia tardando, alguns que tinham embarcações preſtes, quizeramſe ſegurar, e tinham determinado de ſe embarcarem no quarto d'alva. Deſtes era hum Diogo Machado, o qual em começando o quarto d'alva, ſe levantou pera ſe

ir;

ir ; e porque tinha huma quantidade de dinheiro em barrís, que lhe fazia pejo pelo volume , e tambem porque os não queria arriscar, determinou de os ir enterrar fóra da Cidade ; e tomando caminho pera fóra com tres moços de espingardas, chegando a huma das portas , antes que sahisse por ella , mandou aos escravos que se deixassem ficar da banda de dentro, porque não quiz fiar delles o lugar, em que os queria pôr; e tomando o dinheiro, e hum sacho pera cavar, foi sahindo pera fóra, e elles á porta rodeada deram nelle , e de hum golpe o abríram por huma ilharga, de que logo cahio morto , dando alguns gritos. Os moços que estavam da banda de dentro em os ouvindo , e sentindo gente , foram fugindo pera a povoação, dando rebate de inimigos, ficando o pobre homem sem dinheiro , e sem vida. Succedeo na mesma conjunção ir sahindo pela barra fóra hum Taranquim, em que sahia hum Paulo Correa com sua familia , pois que parece que o coração lhe denunciava alguma cousa; e chegando á boca da bahia , deo com as Galés, que já vinham entrando; e tornando a voltar, deo rebate na povoação , quasi ao mesmo tempo que os escravos do outro estavam gritando *inimigos* , *inimigos*. Os moradores com aquelle alvoroço sahíram

ram desatinados de suas casas, e foram-se ajuntar nas de João Cabaço, homem alli principal, e tomáram conselho sobre o que fariam, sendo já mais de setenta Portuguezes alli com suas espingardas, e muitos escravos, que podiam mui bem pelejar com os Turcos, se souberam a quantidade delles, e assim o foram muitos de parecer; mas a grita, e pranto das mulheres, e meninos era tamanha, que fazia confusão, pelo que alguns se sahíram dalli com suas armas, e foram esperar os Turcos ás portas pera lhas defenderem. As Galés tanto que entráram na bahia, dispararam a sua artilheria, a qual sendo ouvida do Mirabolec, foi commettendo a entrada das portas, e acháram dez, ou doze dos nossos que os hiam buscar, e com elles travaram huma muito fermosa briga, em que os Portuguezes fizeram maravilhas em damno dos Turcos; mas como eram tão poucos, e os inimigos tantos, foram-se recolhendo pera a Cidade, ficando morto hum João Fernandes, Capitão, e senhorio de huma de tres náos que estavam no porto. Os moradores, que estavam em casa do Cabaço, que eram mais de quinhentas almas, entre mulheres, e meninos, sentindo as Galés, foram tomando o caminho de longo da praia pera a povoação do Mataro, que seria

ria huma legua pequena pera a banda de Ormuz. Os Turcos, que foram entrando a povoação após os nossos já manhã clara, achâram o Padre Vigario, que se deteve em enterrar o sino, os Santos Oleos, e outras cousas da Igreja, o qual foi tomado ás mãos, e cativo; e como a povoação estava despejada, e não achâram resistencia, começáram a saquear as casas, e acháram enterradas muitas fazendas, que os casados escondêram, porque as não pudéram levar; o que tudo lhes mostráram os mesmos Mouros de Mascate, que com elles vinham, que eram familiares de todas aquellas casas, e sabiam tudo. Todo aquelle dia gastáram os Turcos neste saco, e tudo recolhêram logo em as tres náos, que no porto estavam, as quaes eram de João Cabaço, João Fernandes dos Caens, e de hum Pedro Fernandes de Chaul, e de noite se recolhêram ás Galés.

CA-

CAPITULO XII.

Do que mais fizeram os Turcos até se recolherem: e do que aconteceo aos moradores de Mascate: e das novas que foram a Ormuz: e de como D. Gonsalo de Menezes mandou huma Armada em busca dos Turcos.

AO outro dia pela manhã tornáram os Turcos a rabiscar a povoação; e tanto caváram, que até os Santos Oleos, e mais cousas lhes não escapáram: e pelo aborrecimento que tem á nossa Religião, ajuntáram lenha, e queimáram o Templo, que ardeo todo: alli ficáram todos á sua vontade, como senhores da terra, seis dias, nos quaes não deram vida a cães, gatos, nem porcos, de que alli havia huma grande quantidade; estes perseguíram, e buscáram, ainda que já hoje os comem melhor que os Christãos, e póde ser que pera isso os matassem elles. Succedeo aqui huma cousa espantosa, e foi, que deram huma espingardada em huma porca prenhe, que a abríram pelas ilhargas, e assim se foi metter no mato, onde esteve escondida todos aquelles dias que alli estiveram; e tanto que anoitecia, se hia metter na agua salgada; e ainda depois dos morado-

res

res tornarem pera a povoação, a víram ir todos os dias metter no mar: veio esta porca a sarar, e depois pario dez bacoros, dos quaes se tornou a inçar a terra. As novas das Galés foram, ao outro dia que ellas chegáram, ter a Calajate, onde estava por Feitor hum João do Rego da obrigação de D. Gonsalo de Menezes, o qual despedio com muita presteza hum Taranquim muito ligeiro com novas a Ormuz, e outro á fusta de Alvaro Mourato, que estava no cabo de Rosalgate, que não sabia nada; e o mesmo fez João Cabaço do lugar do Mataro, aonde chegou com toda a gente, e hum poz tres dias, e outro quatro até Ormuz; e dando a D. Gonsalo noticia, logo no mesmo dia despedio Martim Lopes Carrasco em hum catur com regimento que se fosse ajuntar com Alvaro Mourato, e ambos vigiassem as Galés, em quanto elle negociava huma Armada pera mandar sobre elles. Partio este navio logo, poz este negocio em effeito, e tomou duas náos de Mercadores, e as mandou armar, e negociar muito bem, e o mesmo fez a huma Galé, que alli estava, e armou mais sinco navios de remo, e elegeo pera Capitão Mór desta Armada D. Luiz de Almeida, filho do Alcaide Mór de Abrantes; e pera esta jornada se offerecêram todos os

que

que havia na terra ; e em quanto ella ſe não fez á véla, tornaremos a Alvaro Mourato, que eſtava na boca de Roſalgate.

Eſte homem por muitas diligencias que fez não ſoube das Galés, ſenão pelo Tranquim, que lhe João do Rego mandou: em lhe dando o recado , logo ſe fez na volta de Maſcate, e deſpedio huns Taranquins, que levou com recado ao Capitão de Ormuz , e lhe eſcreveo que ficava eſpiando as Galés, e que não ás havia de largar até as enſacar. E tanto que anoiteceo, chegou á barra de Maſcate , e tomando o remo em punho muito caladamente, entrou dentro ; e chegando a huma Galé , lhe deo huma ſurriada com o falcão, e berços , e com toda a eſpingardaria, e tornou a voltar pera fóra. Os Turcos , que todas as noites hiam dormir ás Galés, em ſentindo as bombardadas ficáram ſobreſaltados, cuidando que era outra couſa ; e levando-ſe com muita preſſa , foram remando apôs o navio , e lhe deram caça até os Ilheos da Victoria , huma legua de Maſcate, donde ſe tornáram a recolher; e ſegundo os Turcos viviam deſcuidados, ſe Alvaro Mourato tivera outros tres navios com outros companheiros , ſem dúvida que os tomáram , e os matáram a todos primeiro que pudeſſem tomar as armas. Vendo Alvaro

Mou-

Mourato dos Ilheos da Victoria voltar as Galés, tornou apôs ellas; e deixando-se estar á vista de Mascate, aonde foi ter com elle Martim Lopes Carrasco, que lhe deo novas da Armada, que se ficava fazendo prestes, alli ficáram ambos vigiando as Galés, e os deixaremos por hum pouco, porque he necessario continuar com os moradores, que se recolhêram ao lugar de Mataro, onde passáram aquella noite; e não se havendo por seguros alli, assentáram de se passar á Fortaleza de Bruxes, quatro leguas pelo certão, que era de hum Arabe, chamado Catane, cabeça de huma cabilda dos Arabios, e nella estava então hum Agoazil mui bom homem; que antes delles chegarem, pelas novas que já tinha, os sahio a receber com quarenta de cavallo pera lhes dar guarda, e levou todos comsigo, e os agazalhou muito bem, e com muito amor, mandando-lhes dar todo o necessario por seu dinheiro, sem se fazer escandalo a pessoa alguma, nem lhes faltar valia de hum tostão, levando elles muito ouro, prata, peças, e dinheiro por ahi solto, com ser muito persuadido dos Arabes que se soubessem aproveitar do tempo, porque aquillo era huma náo quebrada que dava á sua costa; mas elle sempre disse que não havia de fazer traição a homens

que

que ſe acolhiam a elle, e aſſim os teve com muitas honras todo o tempo que alli eſtiveram; e não ſei por certo ſe eſta virtude, e primor que neſte barbaro ſe achou, achára elle, e os ſeus em muitos dos noſſos Capitães da India, tão obrigados por Lei Divina, e Humana a guardarem verdade, e juſtiça a todos, o que tudo pela ventura guardam alguns bem mal; e por bem que nos interéſſe deixando iſto, tornemos a Ormuz.

O Capitão D. Gonſalo de Menezes deo tanta preſſa á Armada, que em oito dias a fez á véla: D. Luiz de Almeida, Capitão Mór della, em huma náo; e na outra Antonio de Paiva; Simão de Mello, filho do Abbade de Pombeiro na Galé; e das ſinco fuſtas eram Capitães Balthazar Vieira, Fernão da Silveira, João de Souſa, Paulo Ferreira, e João Mendes Carraſco. Neſtas vaſilhas ſe embarcáram quatrocentos ſoldados, armados todos de peitos, eſpingardas, e outras armas, gente toda muito limpa, e cuſtoſa, e com provimento pera dous mezes: deo o Capitão por regimento a D. Luiz de Almeida que ſeguiſſe as Galés até dentro de Meca, ſe foſſe neceſſario; e não as encontrando, ſe fizeſſe na volta dos Nautaques, e deſtruiſſe todos aquelles portos, e povoações pelos muitos damnos, e roubos que por aquelle

estreito faziam todos os annos. Dada a Armada á véla, foi seguindo sua derrota, em que os deixaremos.

Os Turcos tendo já escoado tudo, depois de haver seis dias que alli estavam, se fizeram á véla, levando as tres náos á toa carregadas de fazendas, e foram seguindo sua jornada de longo da costa. Alvaro Mourato, e Martim Lopes as foram seguindo sem os perderem de vista até ao Cabo de Rosalgate, donde voltáram pera Mascate, e acháram já os moradores na povoação; porque tanto que foram avisados da ida dos Turcos, despediram-se do Aguazil de Bruxel, que os acompanhou até os pôr em lugar seguro, porque os seus os não roubassem: e elles por se lhe mostrarem agradecidos daquella boa obra, tiráram outro sim huma peça de duzentos cruzados que lhe mandáram. Chegados os dous navios a Mascate, determináram de se ir pera Ormuz com as novas do que passáva, e nelles se embarcáram alguns casados com suas mulheres, e filhos, por não ficarem alli com sobresaltos; e entrando na enseada poucas leguas antes de Ormuz pera tomarem algum refresco, e estando nella surtos, deo hum tempo travessão da banda do Norte tão rijo, que se soçobrou o navio de Martim Lopes, em que se af-

fo-

fogou hum caſado com toda a ſua familia, e ſinco, ou ſeis peſſoas outras, eſcapando Martim Lopes por eſtar em terra. A Armada de Ormuz chegou a Maſcate, havendo oito dias que as Galeras eram partidas; e tomando o Capitão Mór conſelho ſobre o que faria, aſſentou-ſe que era tempo perdido todo o que ſe gaſtaſſe em irem após as Galés, porque haviam de ir mui alongadas dalli; mas que foſſe á coſta dos Nautaques, como levava por regimento, no que pela ventura que tiveram alguns deſte parecer nas prezas que daquella jornada eſperavam, que não em obedecer ao regimento do Capitão de Ormuz.

CAPITULO XIII.

De como eſta Armada foi á coſta dos Nautaques: e da deſtruição que fez por toda ella: e de como em Ormuz juráram por Rey a ElRey D. Filippe: e da viagem que fizeram por terra as peſſoas que mandáram, aſſim o Governador Fernão Telles, como o Conde D. Franciſco Maſcarenhas Viſo-Rey.

DEterminado D. Luiz a não ſeguir as Galés, couſa que D. Gonſalo de Menezes muito ſentio, e o recebeo por iſſo

mal, quando tornou, por lhe affirmarem muitos homens que se as seguíra (segundo o vagar que levavam por levarem as nossas náos á toa) sem dúvida as achára; e que quando as não tomára, ao menos lhe largáram a preza; mas como este Fidalgo era bom homem, e hum pouco acanhado, fiou aquellas cousas, que eram de tanta honra, de quem lhe dava della pouco. Em fim, como começavamos a dizer, resoluto em ir aos Nautaques, despedio as náos, que eram de mercadores, entregando todos os provimentos que nellas hiam a Manoel do Casal, Feitor da Armada, e passou a gente aos navios do remo, e á Galé de Simão de Mello, e armou mais tres taranquins, de que fez Capitão Constantino Castanho, Francisco Machado, e outro; e fazendo-se á véla, foi demandar aquella costa, que afferrou junto da Cidade de Penani, que era muito fermosa, e assentada na costa do mar bravo, em que assentou de dar de madrugada, primeiro que tivesse aviso da Armada, porque era isto já de noite. Indo-a demandar, adiantou-se o Taranquim de Francisco Machado; e antes de chegar, houve vista de humas terradas; investindo logo huma, foi axorada, e toda a gente cativa: indo em seguimento da outra, foi dar em huma restinga de pe-

dra,

dra, em que tomou fundo de huma braça; e porque a Armada vinha atrás, voltou a lhe dar aviso, porque não fosse varar por sima della, com o que se desviou logo, e sem dúvida que dava nella de meio a meio; e posto que o Capitão Mór se queixou de Francisco Machado por correr as Terradas, porque estavam certos que os que escapáram na outra, irem logo dar aviso da Armada, todavia por outra parte elle foi causa de se ella salvar, pelo permittir Deos assim. Desviados os nossos das restingas, esperáram pela manhã, e foram commetter a Cidade, que acháram despejada, porque tinha já rebate pelos da terrada, e estavam seus moradores postos em salvo, ficando a Cidade com todo o seu recheio em poder dos nossos, que a saqueáram á vontade; e depois que não houve que roubar, lhe deram fogo, em que toda se consumio; e o mesmo fizeram a quarenta e sete terradas, que acháram no estaleiro, e em o mar, não lhe deixando cousa em pé; e embarcando-se, foram pela Costa abaixo até Goadel, que tambem já estava avisada. Era esta Cidade grande, e rica, por ser hum porto muito accommodado, e continuado de mercadores ricos de Cambaya, e de outras partes, que estavam já recolhidos aos matos: os nossos desembarcáram na Cida-

da-

dade, e fizeram o que na outra, por não acharem resistencia, recolhendo muitas prezas, e mantimentos, e foram passando avante até á Cidade de Teim, que he dos Abindos, gentes barbaras, e ferozes, que vivem sobre o rio de Calamate em companhia dos Nautaques; andam pelo mar ás prezas, que são os derradeiros dos Gedrosios de Carmania (como já em outra parte dissemos) estava tambem esta Cidade despejada com o temor dos nossos, e foi tambem mettida a ferro, e a fogo. Estando aqui, foi ter com elles João Correa de Brito, que o Conde D. Francisco tinha despedido pera Ormuz aos negocios que dissemos no Capitulo VIII. do Livro II. e delle souberam da chegada do Viso-Rey, e de como ElRey D. Filippe ficava jurado em Goa, e de todas as mais novas que havia, e lhe deram a elle conta dos negocios das Galés.

Partido elle dalli, foi ter a Ormuz, onde foi mui bem recebido, e deo ao Capitão, a ElRey, e ao Guazil as Cartas de ElRey cheias de honras, e mercês; e deo huma Provisão ao Guazil, em que lhe fazia novamente mercê dos cargos do Guaziladо, e Juizado da Alfandega pera hum filho seu, o que elle teve por muito mimo, e grande mercê; e abrindo-se os papeis

que

que levava, pelos quaes ſe vio ſer ElRey D. Filippe jurado, e obedecido por Rey, aſſim no Reyno todo, como na Cidade de Goa, que era cabeça deſte Eſtado, juntos os Eſtados na Igreja, fizeram todas as ſolemnidades acoſtumadas, de que ſe tirâram papeis, e inſtrumentos pera mandar ao Reyno, o que tudo ſe fez com a fidelidade tão ordinaria nos Portuguezes. Acabados os autos, e as feſtas que ſe fizeram, deſpedíram Balthazar de Gamboa com Cartas pera ElRey, e os traslados de todos os papeis, e aſſim dos que alli ſe fizeram, como os que trouxe João Correa de Brito de Goa; e tambem mandáram hum Armenio por outra via com os meſmos papeis pelos não arriſcarem por huma ſó peſſoa. Já quando chegou João Correa de Brito era partido Jeronymo de Lima com os papeis, que Fernão Telles mandou a ElRey, que foi entregue a hum Judeo, que ſe obrigou ao pôr em Tripoli, ou Baruti, pera dalli ſe embarcar pera a Europa, e deixou dado fianças a trazer Carta ſua de como o deixava em hum daquelles portos; e já que eſtamos com eſte negocio entre mãos, nos pareceo bem acabarmos com ſuas jornadas, por não pejarmos outro lugar.

Partido Jeronymo de Lima de Ormuz, foi

foi em companhia das cafilas pela via de Suez, e Babylonia, e foi ter a Tripoli de Sinu, donde defpedio o Judeo com Cartas de como chegára alli, e ficava pera fe embarcar nas náos que haviam de partir, como de feito logo fe embarcou, e no caminho foi tomado pelas Galés de Malta, e levado a hum dos feus portos; e as caufas por que não na foubemos, mas contava cá o mefmo Jeronymo de Lima, que o houvera o Capitão da Galé que o tomou por fufpeitofo; e que o mandára ao Grão Meftre, a quem dera elle conta do negocio a que hia, e lhe moftrára as Cartas: pelo que o mandou embarcar em huma náo de Secilia, que alli eftava, e entregallo ao Vifo-Rey, que fabendo ao que hia, por ganhar aquellas alviçaras com ElRey, que fabendo ao que hia, o deteve alguns dias, e defpedio hum Correio pela pofta com Cartas a ElRey Filippe, e depois largou a Jeronymo de Lima, que quando chegou a Madrid já ElRey tinha as novas por via de Secilia, de que cá fe queixava o Jeronymo de Lima; e em efta materia não tivemos outra informação mais que a que elle deo; mas nem por iffo deixou ElRey de lhe fazer mercê, dando-lhe o habito de Chrifto com boa tença, e lhe confirmou o cargo de Juiz da Alfandega de Goa, que lhe

lhe o Viſo-Rey D. Luiz tinha dado, e lhe deo mais outros tres annos, e outros cargos pera caſamentos de ſuas irmans; e depois que João Correa de Brito deſpedio pera o Reyno, chegou á Cidade de Alepo, onde dizem que o matáram, por lhe tomarem huma pouca de pedraria que levava. O outro Armenio, que o Conde D. Franciſco mandou primeiro pera ir por via de Suez, deixou Luiz de Aguiar em Macua, hum dos portos de Abaſſia, e dalli em companhia das cafilas ſe paſſou a Suez, e dahi a hum daquelles portos do mar da outra Coſta, onde ſe embarcou em huma náo de Secilia, e por terra tomou o caminho de Madrid, e não ſoubemos em que tempo, ſómente dizem alguns da obrigação do Conde D. Franciſco, que primeiro tivera ElRey recado por ſua via que pela de Fernão Telles; e porque vai pouco em averiguar iſto, o deixamos.

CA-

CAPITULO XIV.

Do que aconteceo ao Governador Fernão Telles até se embarcar pera o Reyno: e de como se fechou a casa em que estam os retratos dos Viso-Reys com o seu: e do que sobre isso se nota.

PRimeiro que entremos no governo do Conde D. Francisco Mascarenhas, nos pareceo bem concluir com o do Governador Fernão Telles até o pormos no Reyno, com quem tambem acabaremos este primeiro Livro; e primeiro notaremos algumas cousas maravilhosas que nesta mudança do Reyno succedêram. Pelo que se ha de saber, que primeiro que o Governador Fernão Telles se sahisse de seus aposentos, mandou pôr o seu retrato na casa, onde estavam os outros Governadores, e Viso-Reys, a que com muita razão se podia chamar a casa da fama. He esta huma fermosa casa, em que estam os retratos de todos os que governáram a India, que D. Luiz de Ataíde a segunda vez que a governou mandou fazer de novo; e o Governador Fernão Telles mandou pôr nelle todos os tetratos dos que governáram a India, que antigamente estavam nas casas de Sabaio; e alguns que faltavam, que eram

do

do Governador Francifco Barreto até elle Fernão Telles, mandou retratar, e renovar os mais, que foi huma obra muito neceffaria, e curiofa. Nefta cafa fazem os Vifo-Reys, e Governadores os Confelhos, e defpachos, porque he muito fermofa, e he muita razão que tenham elles fempre diante dos olhos aquellas Perfonagens, pera que trabalhem de imitar as heroicas proezas daquelles Varões, onde ha muitos pera iffo, feguindo nifto a ordem dos Athenienfes, que no Senado coftumavam ter os retratos dos feus famofos, pera que foffem viftos, e imitados de todos: e ainda faziam mais, que mandavam no mefmo Senado recitar os feitos dos Grandes, pera que os prefentes pudeffem tomar exemplo; porque as Efcrituras reprefentam mais ao vivo aquellas imagens que ante os olhos fe tem, no que na India houve fempre grande defcuido. E pofto que as imagens que alli tem, reprefentam ao natural aquelles illuftres varões, todavia são mudas, e não fallam; nem na India houve curiofos, que por elles fallaffem na Efcritura, o que pela ventura nafceria da falta dos favores que pera iffo são neceffarios, ou de fe contentarem alguns de eftatuas, e corpos fantafticos, não lhes lembrando quanto mais tinham por obrigação pertenderem imagens,

que

que dem mais moſtras das virtudes do animo, que das feições do corpo, e louçainhas dos trages, em que ſe muitos eſmeram, não imitando niſto ao grande Ageſiláo, que pertendendo muitos Artifices tirallo ao natural, não conſentio, como homem que eſtimava mais as heroicas proezas, e extremadas virtudes do animo, em que elle deſejava extremar-ſe, que não as das feições do corpo; porque coſtumava a dizer, que eſtas obras eram dos Artifices, e as outras ſuas, e que huma era dos ricos, e as outras dos bons. E Socrates iſſo meſmo aconſelhava a ſeu Rey, que procuraſſe de deitar de ſi taes imagens, que deſſem mais moſtras de virtudes, que de louçainhas, e feições corporaes. E tornando á noſſa ordem, primeiro que Fernão Telles ſe ſahiſſe dos apoſentos dos Governadores, poz o painel do ſeu retrato na caſa dos Illuſtres, com o qual acabou de fechar todas as quatro paredes da caſa. E eſtando com o primeiro, que he D. Franciſco de Almeida, ſem ficar lugar pera nenhuma couſa mais, como pedra que fecha a abobeda, o que pareceo permiſsão Divina fechar-ſe, e arrematar-ſe aquella caſa com o derradeiro Governador feito pelos Reys de Portugal. Como dalli por diante queria Deos noſſo Senhor que ſe

ſe começaſſem os mais feitos pelos Reys de Portugal, e Caſtella, como de feito aſſim foi; porque D. Franciſco Maſcarenhas primeiro Viſo-Rey feito por ElRey de Portugal D. Filippe, e os mais ſe paſſáram a outra caſa, poſto que Mathias de Albuquerque deſmanchou eſta ordem, como em ſeu lugar diremos, no que não ha pouco que notar, começar-ſe a primeira caſa dos Viſo-Reys feitos pelos Reys de Portugal em D. Franciſco, e o meſmo a ſegunda caſa, em que começáram a pôr os feitos pelos Reys de Portugal, e Caſtella, em outro D. Franciſco; como tambem não he couſa de menor conſideração, que eſte Reyno de Portugal ſe ſeparaſſe do de Caſtella por via de femea, dando-ſe em dote ao Conde D. Henrique, que caſou com Dona Tereſa, filha de ElRey D. Affonſo o VI. de Caſtella, em cujos deſcendentes andou por via maſculina direitamente de redor de quinhentos annos, até ſe acabar em outro D. Henrique, que foi o Cardeal Rey, por cuja morte ſe tornou eſte Reyno a ajuntar ao outro por via de femea, que foi a Emperatriz Dona Iſabel, filha de ElRey D. Manoel, que caſou com o Emperador Carlos V. de glorioſa memoria, de entre os quaes naſceo ElRey D. Filippe, que repreſentando a peſſoa de ſua mãi, tornou

a

a herdar eſte Reyno, como tambem ſe tem notado dos Doutos por eſpanto, que o primeiro Emperador de Conſtantinopla ſe chamou Conſtantino, e ſua mãi Elena, e o herdeiro, em quem aquelle Imperio acabou, aſſim meſmo Conſtantino, e ſua mãi Elena: e o primeiro Emperador de Roma Auguſto (não contando Julio Ceſar, que foi Dictador perpétuo) e o herdeiro, em que tambem acabou aquelle Imperio Auguſtulo; as quaes couſas, que parecem ſobrenaturaes, não podemos dizer que acontecêram acaſo, que iſſo ſeria opinião de Gentios, mas são juizos de Deos noſſo Senhor, que ordena todas eſtas couſas por muitos juſtos, e ſecretos juizos ſeus.

CAPITULO XV.

De todos os Viſo-Reys, e Governadores, que governáram a India, e que eſtam neſta caſa, com o tempo que cada hum governou.

VIſo-Rey. D. Franciſco de Almeida, filho do Conde de Abrantes, que foi o primeiro que do Reyno partio com o titulo de Governador, e na India tomou o titulo de Viſo-Rey: veio no anno de 1505. governou quatro annos; e indo pera o Reyno,

no, foi morto pelos Cafres na Aguada do Saldanha.

Governador. Affonſo de Albuquerque ſuccedeo a D. Franciſco de Almeida em Outubro de 1509. governou ſeis annos; e vindo de tomar Ormuz, morreo aos Ilheos Queimados, doze leguas de Goa; tomou as Cidades de Ormuz, Goa, e Malaca.

Governador. Lopo Soares de Albergaria ſuccedeo a Affonſo de Albuquerque, veio do Reyno o anno de 1515. governou tres annos, e foi-ſe pera o Reyno.

Governador. Diogo Lopes de Siqueira, Almotacel Mór do Reyno, ſuccedeo a Lopo Soares: veio do Reyno o anno de 1518. governou tres annos, e foi-ſe pera o Reyno.

Governador. D. Duarte de Menezes, ſenhor da Caſa de Tarouca, ſuccedeo a Diogo Lopes de Siqueira: veio o anno de 1521. governou tres annos, e foi-ſe pera o Reyno.

Viſo-Rey. D. Vaſco da Gama, primeiro Conde da Vidigueira, e Almeirante do mar da India, o que a deſcubrio: partio do Reyno o anno de 1524. com o titulo de Viſo-Rey, que foi o primeiro que El-Rey D. João o III. proveo: governou quatro mezes, e faleceo em Cochim em Fevereiro de 1525.

Go-

Governador. D. Henrique de Menezes o Roxo, ſuccedeo na primeira via por morte do Viſo-Rey D. Vaſco da Gama: governou hum anno, e hum mez, e faleceo em Cananor em fim de Fevereiro de 1526.

Governador. Lopo Vaz de Sampayo, ſuccedeo por morte do Governador D. Henrique de Menezes na terceira ſucceſsão em auſencia de Pedro Maſcarenhas, que ſahio na ſegunda, eſtando por Capitão de Malaca, cujo eſte lugar com juſtiça era; e ſendo verdadeiro Governador, ficou fóra do numero dos deſta caſa: governou tres annos, e dez mezes, e foi-ſe pera o Reyno.

Governador. Nuno da Cunha, Veador da Fazenda do Reyno, ſuccedeo a Lopo Vaz de Sampayo: veio do Reyno o anno de 1528. invernou em Ormuz, e chegou a Goa em Novembro de .... governou nove annos, e dez mezes: fez a Fortaleza de Calecut, e a de Baçaim, e a de Dio; e indo pera o Reyno, faleceo no mar.

Viſo-Rey. D. Garcia de Noronha ſuccedeo a Nuno da Cunha: veio do Reyno o anno de 1538. governou a India hum anno, e ſete mezes, faleceo em Goa, e eſtá enterrado na Sé.

Governador. D. Eſtevão da Gama, filho do Conde Almirante D. Vaſco: ſuccedeo

deo por morte do Viſo-Rey D. Garcia, vindo de ſervir a Capitanía de Malaca: governou dous annos, e hum mez, e foi-ſe pera o Reyno.

Governador. Martim Affonſo de Souſa ſuccedeo a D. Eſtevão da Gama: partio do Reyno o anno de 1541. invernou em Moçambique com todas as náos, chegou a Goa em Maio de 1542. governou tres annos, e quatro mezes.

Governador, e Viſo-Rey. D. João de Caſtro ſuccedeo a Martim Affonſo de Souſa: veio do Reyno o anno de 1545. faleceo em Junho de 1548. governou com o titulo de Governador dous annos, e com o de Viſo-Rey, que ElRey lhe mandou, quatorze dias.

Governador. Garcia de Sá ſuccedeo a D. João de Caſtro em Junho de 1548. governou hum anno, e hum mez, faleceo em Goa, e jaz enterrado na Igreja de N. Senhora do Roſario, onde tambem eſtá ſua mulher; e foi o primeiro Governador caſado na India.

Governador. Jorge Cabral ſuccedeo por morte de Garcia de Sá: governou hum anno, e quatro mezes, e foi-ſe pera o Reyno em Janeiro de 1550. foi tambem caſado na India.

Viſo-Rey. D. Affonſo de Noronha, fi-

lho do Marquez de Villa Real, veio do Reyno o anno de 1550. governou quatro annos, e foi-se pera o Reyno. Daqui por diante todos os que ElRey mandou governar á India foi com o titulo de Viso-Reys.

Viso-Rey. D. Pedro Mascarenhas succedeo a D. Affonso de Noronha: veio do Reyno o anno de 1554. governou nove mezes, e faleceo em Goa.

Governador. Francisco Barreto succedeo na primeira via por morte do Viso-Rey D. Pedro: governou tres annos, e dous mezes e meio, e foi-se pera o Reyno: depois no anno de 1570. tornou por Governador, e Conquistador da empreza do Monomotapa, e morreo no Forte de Teti.

Viso-Rey. D. Constantino, filho do Duque de Bragança, Camareiro Mór de El-Rey, succedeo a Francisco Barreto: veio do Reyno o anno de 1558. e foi feito pela Rainha, e Cardeal Tutores de ElRey D. Sebastião, por haver pouco que ElRey D. João era falecido: governou tres annos, e foi-se pera o Reyno.

Viso-Rey. D. Francisco Coutinho, Conde do Redondo, veio no anno de 1561. governou dous annos e meio, e faleceo em Goa em Março de 1564.

Governador. João de Mendoça succedeo

deo por morte do Conde de Redondo: governou ſeis mezes, e foi-ſe pera o Reyno.

Viſo-Rey. D. Antonio de Noronha partio do Reyno o anno de 1564. governou quatro annos; e indo pera o Reyno, faleceo no mar.

Viſo-Rey. D. Luiz de Ataíde, Senhor da Caſa da Atougia, veio do Reyno o anno de 1568. foi o primeiro Viſo-Rey feito por ElRey D. Sebaſtião: governou tres annos, e foi-ſe pera o Reyno.

Viſo-Rey. D. Antonio de Noronha veio o anno de 1571. governou dous annos, e mandou ElRey que entregaſſe a Governança a Antonio Moniz Barreto, como fez, e foi-ſe pera o Reyno.

Governador. Antonio Moniz Barreto ſuccedeo a D. Antonio de Noronha: governou tres annos, e dez mezes, e foi-ſe pera o Reyno.

Governador. D. Diogo de Menezes, filho do Craveiro, ſuccedeo a Antonio Moniz: governou dez mezes, e foi-ſe pera o Reyno.

Viſo-Rey. D. Luiz de Ataíde, Conde de Atouguia, veio ſegunda vez governar a India: ſuccedeo a D. Diogo de Menezes, partio em Novembro de 1577. foi ter a Goa em fim de Agoſto de 1578. governou

dous annos , e ſete mezes , e faleceo em Goa.

Governador. Fernão Telles ſuccedeo por morte de D. Luiz de Ataíde , e com elle ſe fecha eſta Caſa , e ſe arremata eſte Capitulo : governou ſeis mezes , e foi-ſe pera o Reyno.

CAPITULO XVI.

De todas as Armadas que os Reys de Portugal mandáram á India, até que El-Rey D. Filippe ſuccedeo neſtes Reynos.

JA que nos penhorámos no Capitulo paſſado em fazermos hum ſummario de todos os Viſo-Reys , e Governadores , que governáram eſte Eſtado, feitos pelos Reys de Portugal, não ſerá fóra de propoſito fazermos aqui eſte de todas as Armadas, que mandáram á India , até que ElRey D. Filippe ſuccedeo neſtes Reynos; e ſervirá iſto pera os que quizerem ſaber em que anno veio tal Armada , e governou tal Viſo-Rey , acharem tudo á mão , ſem revolverem todas as Chronicas , que fora iſto eſcuſado trabalho: o eſcrever he noſſo , quem o não quizer ler, póde paſſar por elle.

Anno de 1497. Partio Vaſco da Gama

a

a deſcubrir á India a 8. de Junho, hum ſabbado, com tres náos, e elle, e ſeu irmão Paulo da Gama em outra, e Nicoláo Coelho: trazia mais hum navio com provimentos, de que era Capitão Gonſalo Nunes, criado do meſmo D. Vaſco, o qual levava agua, e provimentos de ſobrecellente; e depois de paſſado o Cabo da Boa Eſperança, recolheo Vaſco da Gama os mantimentos, e os repartio pelos mais navios, e a eſte poz fogo.

Anno de 1500. Partíram treze náos, de que era Capitão Mór Pedralves Cabral, a hum ſabbado nove dias de Março. Os Capitães da ſua companhia, fóra elle, eram Sancho de Toar, Simão de Miranda, Ayres Gomes da Silva, Nicoláo Coelho, Nuno Leitão, Bartholomeu Dias Piloto Mór, o que deſcubrio o Cabo da Boa Eſperança, Pedro Dias ſeu irmão, Vaſco de Ataíde, Pedro de Ataíde, Duarte Pacheco Pereira, Luiz Pires, e Gaſpar de Lemos. Deſcubrio eſta Armada á vinda pera cá a terra do Brazil, a que poz o nome *Santa Cruz*; e na altura das Ilhas de Triſtão da Cunha víram hum eſpantoſo cometa, e logo lhe deo huma tormenta tão ſupita, que á viſta de toda a Armada ſe ſoçobráram ſinco náos, Capitães Bartholomeu Dias, Pedro de Ataíde, Aires Gomes

mes da Silva, Vaſco de Ataíde, e Simão de Pina.

Anno de 1501. Partíram quatro náos, Capitão Mór João da Nova, deo á véla a 5. de Março: os Capitães, a fóra elle, eram Diogo Barboſa, Franciſco de Novaes, e Fernão Vinet, Florentino, que vinha por conta de Bartholomeu Mechiane armador; e Noroeſte Sueſte com Moçambique quarenta leguas ao mar delle deſcubrio á vinda a Ilha a que João da Nova poz o ſeu nome, e á torna viagem a Ilha de Santa Elena, em dezeſeis gráos do Sul eſcaſſos.

Anno de 1502. Tornou a partir pera a India o meſmo Vaſco da Gama, que El-Rey D. Manoel honrou com o titulo de Dom, a elle, e a ſeus Irmãos, e o fez Almeirante do mar da India, o qual partio de Lisboa a 10. de Fevereiro com nove náos, de que, a fóra elle, eram Capitães D. Luiz Coutinho, filho de D. Gonſalo Coutinho, de alcunha o Ramiro, filho do ſegundo Conde de Marialva, Pedro Affonſo de Aguiar, Franciſco da Cunha, João Lopes Pereſtrelo, Ruy de Caſtanheda, Gil Matoſo, Antonio do Campo, Gil Fernandes, e Diogo Fernandes Correa.

Logo apôs elle partio Vicente Sodré, Tio do meſmo Almirante, por Capitão Mór

Mór de ſinco náos, debaixo da bandeira de D. Vaſco da Gama, e hia pera ficar na Coſta do Cabo Guardafú, e em guarda do Eſtreito de Meca: os Capitães das outras náos, a fóra elle, eram Braz Sodré, ſeu Irmão Alvaro Sodré, Fernão Rodrigues Bardaças, e Antonio Fernandes.

No meſmo anno ao primeiro de Abril partíram outras ſinco náos, das quaes era Capitão Mór Eſtevão da Gama, filho de Aires da Gama, e Primo co-Irmão do Almirante: os Capitães, a fóra elle, eram Lopo Martins de Vaſconcellos, Thomaz de Carmona, Lopo Dias, e João de Buena Gracia Italiano.

Anno de 1503. Partíram nove náos em tres Capitanías; a primeira, que partio em Março, era de tres náos, Capitão Mór Affonſo de Albuquerque, Senhor de Villa Verde, filho de Gonſalo de Albuquerque: os Capitães da ſua companhia eram Duarte Pacheco Pereira, e Fernão Martins de Almeida.

As outras tres náos partíram entrada de Abril, era Capitão Mór Franciſco de Albuquerque, Primo co-Irmão de Affonſo de Albuquerque; os outros eram Nicoláo Coelho, e Pedro Vaz da Veiga: eſtas ſeis náos foram ordenadas pera tornarem com a guarda da pimenta; e indo de volta pe-

ra

ra o Reyno, desappareceo a náo de Francisco de Albuquerque.

As outras tres náos partírão a 15. de Abril, era Capitão Mór Antonio de Saldanha; os mais Capitães eram Ruy Lourenço Ravasco, e Ruy Fernandes Piteira: estas náos hiam ordenadas pera andarem de Armada no Cabo de Guardafú.

Anno de 1504. Partíram treze náos, Capitão Mór Lopo Soares de Albergaria: os Capitães de sua companhia eram Pedro de Mendoça, Leonel Coutinho, Tristão da Silva, Lopo Mendes de Vasconcellos, Manoel Telles Barreto, Lopo de Abreu, Filippe de Castro, Affonso da Costa, Pedro Affonso de Aguiar, Vasco da Silveira, Vasco Carvalho, e Pedro Diniz: da volta que esta Armada fez pera o Reyno perdeose a náo de Pedro de Mendoça quatorze leguas da aguada de S. Braz.

Anno de 1505. Partio D. Francisco de Almeida, filho do Conde de Abrantes, com o titulo de Governador da India, pera ficar nella: deo á véla em 15. de Março com vinte e huma náos; os Capitães dellas eram os seguintes: D. Francisco de Sá, Ruy Freire, Vasco de Abreu, João da Nova, Sebastião de Sousa, Diogo Correa, Pedro Ferreira Fogaça, Lopo Sanches, Filippe Rodrigues, João Serrão, Lopo de

Deos,

Deos, Antão Gonſalves, Bartholomeu Dias Caſtelhano, Fernão Soares, Gonſalo Gil de Goes, Gonſalo Pereira, Lucas de Affonſeca, Lopo Chanoca, João Homem, e Antonio Vaz. Eſtes ſeis hiam em ſeis caravelas pera ficarem na India; e antes de chegarem á linha de Portugal ſe ſoçobrou a náo de Pedro Ferreira á viſta das outras que lhe acudíram, e ſalváram toda a gente, e a náo de Lopo Sanches varou em terra quarenta leguas ao Sul do Cabo das correntes, e com a pregadura, e madeira fizeram hum caravelão, em que ſe embarcáram os que quizeram, ſó ſeſſenta ficáram em terra, e em hum eſquadrão foram caminho de Çofala, aonde chegáram alguns menos. E ainda quando foi Pedro de Anhaya fazer aquella Fortaleza, achou vinte e ſinco vivos, e Lopo Sanches no caravelão deſappareceo ſem ſe ſaber delle.

Logo em Maio apôs eſtas Armadas partíram ſinco náos, Capitão Mór Pedro de Anhaya, que hia fazer huma Fortaleza em Çofala: os mais Capitães eram ſeu filho Franciſco de Anhaya, Pedro Barreto de Magalhães, João Leite, Manoel Fernandes, e João de Queiróz.

No Setembro ſeguinte partíram duas náos, Capitães.. Barbuda, e Pedro Quareſma, que ElRey mandou deſcubrir o Cabo da

da Boa Efperança, e toda aquella Cofta, e Ilhas até Çofala, pera ver fe achavam novas de Francifco de Albuquerque, e Pedro de Mendoça.

Anno de 1506. Partíram onze náos, Capitão Mór Triftão da Cunha, que deo á véla a 6. de Março; os mais Capitães eram Alvaro Telles Barreto, Leonel Coutinho, Job Queimado, Ruy Dias Pereira, João Gomes de Abreu, Alvaro Fernandes, Ruy Pereira Coutinho, Triftão Alvares, e João da Veiga.

Juntamente com elle partíram outras feis náos, Capitão Mór Affonfo de Albuquerque, que hia pera ficar na Cofta da Arabia, no Cabo de Guardafú, e até Moçambique havia de ir debaixo da bandeira de Triftão da Cunha: os Capitães deftas náos eram Affonfo de Albuquerque, Francifco de Tavora, Manoel Telles, Affonfo Lopes da Cofta, Antonio do Campo, João da Nova; ambas eftas Armadas invernáram em Moçambique, fem paffar nenhuma náo á India aquella monção. Efte anno em quarta feira 13. de Janeiro á huma hora depois do meio dia houve hum eclipfe do Sol, que durou huma hora e meia, e efcureceo tanta parte, que fe víram muitas eftrellas na Cidade de Cochim.

Anno de 1507. Partíram quatorze náos em

em 15. de Abril, repartidas em tres Capitanías, a primeira Capitão Mór Jorge de Mello, o Tranca, e com elle Henrique Nunes de Leão, e Jorge de Caſtro, ambos Irmãos.

De outras quatro náos era Capitão Mór Fernão Soares, os outros Ruy da Cunha, Gonſalo Carneiro, e João Collaço.

Da Armada, que era de ſeis náos, veio por Capitão Mór Vaſco Gomes de Abreu, que hia provído na Capitanía de Çofala; os mais Capitães eram Lopo Cabreira, com quem elle hia embarcado, Ruy Gonſalves de Valladares, Pedro Lourenço, João Canoça, e Martim Coelho, e Diogo de Mello, que havia de ficar por Capitão Mór das náos, que foſſem á India tomar a carga: todas eſtas náos invernáram em Moçambique, e ſó Fernão Soares foi tomar Cochim. Eſte anno tremeo a terra neſta Cidade a 15. de Julho por eſpaço de huma hora com algũns intervallos muito rijamente.

Anno de 1508. Partíram quatro náos a 5. de Abril, de que era Capitão Mór Diogo Lopes de Siqueira, que hia pera Malaca; os outros Capitães eram Jeronymo Teixeira, Gonſalo de Souſa, e João Nunes.

E porque ás couſas da India o Capitão Mór,

Mór, e Governador não podiam acudir a todas ellas, ordenou ElRey de dividir o Estado em tres partes, por esta maneira. Do Cabo de Comorim até á China debaixo da jurisdicção de Diogo Lopes de Siqueira; outra parte desde Çofala até á ponta de Dio com titulo de Capitão Mór de mar da Ethiopia, Arabia, Persia, e Cambaya, pera a qual elegeo Jorge de Aguiar, que havia de ir a succeder a Affonso de Albuquerque, que andava no Cabo de Guardafú, e lhe deo sinco náos, de que, a fóra elle, eram Capitães Duarte de Lemos, da Trofa, que lhe havia de succeder em ausencia, Vasco da Silveira, Pedro Correa, e Diogo Correa seu Irmão, filhos do Balío de Leça; e Jorge de Aguiar indo pera a India, se perdeo nas Ilhas de Tristão da Cunha.

A outra parte havia de ser desde a ponta de Dio até o Comorim, de que havia de ser Capitão Mór, com titulo de Governador, Affonso de Albuquerque, a quem ElRey mandava que entregasse D. Francisco de Almeida o Estado. No mesmo anno partíram seis náos mais, Capitão Mór Francisco Pereira Pestana, e os mais Capitães eram Vasco Carvalho, Alvaro Barreto, João Colaço, Gonsalo Martins de Brito, e Tristão da Silva.

An-

Anno de 1509. Partíram doze náos a 15. de Março, das quaes era Capitão Mór D. Francisco Coutinho Marechal, que hia separado do Governador; os Capitães de sua companhia eram Pedro Affonso de Aguiar Sota-Capitão, Francisco de Sá, Veador da Fazenda do Porto, Sebastião de Sousa, Leonel Coutinho, Francisco de Sousa Mancias, Ruy Freire, Gomes Freire, Jorge da Cunha, Francisco Corvinel, Rodrigo Rebello de Castello-Branco, Francisco Marrecos, Braz Teixeira, Alvaro Fernandes, Jorge Pires Bixorda: achou o Marechal prezo a Affonso de Albuquerque em Cananor, que o tinha alli o Viso-Rey D. Francisco de Almeida, e o levou comsigo a Cochim, onde o Viso-Rey lhe entregou o Estado, e se fizeram amigos: foi este o primeiro Governador, que succedeo na India: e D. Francisco de Almeida se embarcou pera o Reyno, e na aguada do Saldanha foi morto pelos Cafres, e o Marechal tambem o matáram em Calecut, onde elle, e Affonso de Albuquerque desembarcáram.

Anno de 1510. Partíram quatorze náos repartidas em tres Capitanías, quatro a 8. de Março, em que hia Diogo Mendes de Vasconcellos, e com elle Balthazar da Silva, Pedro Quaresma, e Jeronymo Sarnigo.

Lo-

Logo a 16. do mefmo mez partíram fete náos, Capitão Mór Gonfalo de Siqueira, os outros Manoel da Cunha, Diogo Lobo, Jorge Nunes de Leão, Lourenço Lopes, João de Aveiro, e Lourenço Moreno.

Depois em Agofto a oito do mez partíram tres náos, Capitão Mór João Serrão, que hia defcubrir a Ilha de S. Lourenço; os outros Capitães eram Payo de Soufa, e do outro não fe acha o nome.

Anno de 1511. Partíram feis náos a 19. de Abril, Capitão Mór D. Garcia de Noronha, que depois foi Vifo-Rey da India; os outros eram Pedro Mafcarenhas, o das differenças, D. Ayres da Gama, Jorge de Brito, Chriftovão de Brito, e Manoel de Caftro Alcoforado.

Anno de 1512. Partíram oito náos em Março, Capitão Mór Jorge de Mello; os mais Jorge da Silva, Pedro de Albuquerque, Gafpar Pereira, D. João d'Eça, Gonfalo Pereira, Vicente de Albuquerque, e Jorge de Albuquerque.

No mefmo anno partíram mais tres náos, Capitão Mór Garcia de Soufa; os outros Lopo Vaz de Sampayo, que foi o das differenças, e Simão de Miranda.

Anno de 1513. Partíram quatro náos, Capitão Mór João de Soufa de Lima; os ou-

outros Francifco Correa , D. Henrique de Leão , e Jorge Lopes.

Anno de 1514. Partíram finco náos em Março , das quaes eram Capitão Mór Jorge de Brito , e os mais Francifco Pereira Coutinho , Manoel de Mello , João Serrão , e Luiz Dantas.

Anno de 1515. Partio Lopo Soares por Governador da India , e deo á véla a 7. de Abril : levou quatorze náos , de que , a fóra elle , eram Capitães D. Guterres de Monroy , D. Garcia Coutinho , D. João da Silveira , Jorge de Brito , Alvaro Telles Barreto , D. Aleixo de Menezes , o que depois foi Ayo de ElRey D. Sebaftião , que hia provído de Capitão Mór do mar da India , Simão de Alcaçova , Diogo Mendes de Vafconcellos , Lopo Cabral , Simão de Oliveira , Chriftovão de Tavora , e Francifco de Tavora.

No mefmo anno partíram Fernão Pires de Andrade pera a China com tres náos ; os outros Capitães eram Jorge Mafcarenhas , e João Rebello : chegáram á India juntamente com o Governador Lopo Soares.

Anno de 1516. Partíram finco náos , Capitão Mór João da Silva ; os mais eram Francifco de Soufa Mancias , que fe perdeo , Affonfo Lopes da Cofta , Diogo de

Unhos ,

Unhos, e Antonio de Lima, que se perdeo na Ilha de S. Lourenço.

Anno de 1517. Partíram outras sinco náos, Capitão Mór Antonio de Saldanha; os mais Pedro Quaresma, Manoel de Lacerda, D. Tristão de Menezes, e Rafael Castanho, e huma caravela Latina.

Anno de 1518. Partio Diogo Lopes de Siqueira por Governador da India a 6. de Março com doze náos, de que, a fóra elle, eram Capitães Ruy de Mello o Punho, D. Ayres da Gama, Garcia de Sá, Gonsalo Rodrigues o Grego, João Gomes Cheiradinheiro, Pedro Paulo, Lopo Cabreira, João Lopes Alvinoto, D. Gastão Coutinho, Sancho de Toar, e D. João de Lima, que foi o que no Cabo da Boa Esperança barafustou com a sua náo hum peixe Agulha, e com o bico lhe deo tamanha pancada, que lho deixou todo mettido no costado, cuja força fez abalar a náo de feição, que parecia dar em algum baixo; e em Cochim, dando pendor a náo, se lhe achou o bico dentro no costado, e se retirou, o qual era cousa façanhosa de ver.

Anno de 1519. Partíram treze náos, Capitão Mór Jorge de Albuquerque; os mais eram D. Diogo de Lima, Lopo de Brito, Francisco da Cunha, Pedro da Silva, Diogo Fernandes de Béja, Christovão de

de Mendoça, Gonſalo Rodrigues Correa, D. Luiz de Guſmão Caſtelhano, que ſe levantou com a náo, e matou os Officiaes, e ſe foi metter dentro do Eſtreito de Gibraltar, João Rodrigues de Almada, Garcia Cahinho, o Doutor Pedro Mendes, que hia por Veador da Fazenda, izento do Governador, e Manoel de Souſa, que foi tomar hum lugar da Coſta de Melinde, chamado o Mataro, onde o matáram com quarenta Portuguezes, que ſahíram a terra, e a náo foi varar a Zanzibar, onde todos os mais foram mortos.

Na meſma companhia, e debaixo da ſua bandeira partíram mais tres náos pera a China, os Capitães eram Rafael Caſtanho, Diogo Calvo, e Rafael Preſtelo.

Anno de 1520. Partíram mais dez náos, Capitão Mór Jorge de Brito, os mais eram Pedro Lopes de Sampayo, Pedro Lourenço de Mello, Gaſpar da Silva, Lopo de Azevedo, Pedro da Silva, Lopo de Brito, Pedro Annes Francez, André Dias, e Ruy Vaz Pereira.

Anno de 1521. Partio D. Duarte de Menezes, Senhor da caſa de Tarouca, por Governador da India, levou onze náos, cujos Capitães eram D. Luiz de Menezes ſeu Irmão, que hia por Capitão Mór da India, D. João de Lima, D. Diogo de Li-

ma, João de Mello da Silva, Francisco Pereira Pestana, D. João da Silveira, Diogo de Sepulveda, Antonio Riço, Gonçalo Rodrigues Grego, e Vicente Gonçalves.

No mesmo tempo partíram quatro náos pera a China, de que era Capitão Mór Martim Affonso de Mello, e os mais Vasco Fernandes Coutinho, Diogo de Mello, seu Irmão Pedro Homem.

No mesmo anno partíram outras tres náos, Capitão Mór Sebastião de Sousa, que ElRey mandava pera ir fazer a Fortaleza da Ilha de S. Lourenço da banda de fóra pera recolhimento das náos, que por aquella parte caminhassem: dos Capitães das náos não se acham nomes: no caminho desappareceo huma das náos, e com as duas foi tomar Moçambique. Em Agosto seguinte teve recado de ElRey D. João, que succedeo no Reyno por falecer este anno ElRey D. Manoel, que se sustivesse no negocio da Fortaleza de S. Lourenço, porque se assentou em seu Conselho que era desnecessaria.

Tempo de ElRey D. João, que este anno succedeo no Reyno.

ANno de 1522. Partíram tres náos, que foi a primeira Armada que ElRey D. João o III. mandou, da qual era Ca-

Capitão Mór D. Pedro de Caſtello-Branco: os mais Capitães eram D. Pedro de Caſtro, e Diogo de Mello.

Anno de 1523. Partíram ſete náos, de que era Capitão Mór Diogo da Silveira: os outros eram Heitor da Silveira, D. Antonio de Almada, Manoel de Macedo, Pedro de Affonſeca, Diogo da Silva, e Ayres da Cunha, que ſe perdeo em Moçambique.

Anno de 1524. Partio por Viſo-Rey da India o Conde Almirante D. Vaſco da Gama, o que deſcubrio a India, trouxe quatorze náos: os Capitães eram D. Eſtevão da Gama ſeu filho, que hia por Capitão Mór do mar da India, Antonio da Silveira, o que ſuſtentou em Dio o cerco contra os Rumes, Franciſco de Brito, Lopo Vaz de Sampayo, Affonſo Mexia, que hia por Veador da Fazenda, Lopo Lobo, Pedro Maſcarenhas, o das differenças, D. Henrique de Menezes o Roxo, deſpachado com Ormuz, Antonio Carvalho, Menſe Gaſpar, Chriſtovão Roſado, que ſe perdeo, D. Simão da Silveira, D. Franciſco de Noronha, que tambem deſappareceo.

Anno de 1525. Partíram ſinco náos ſem Capitão Mór: os Capitães eram D. Lopo de Almeida, Filippe de Caſtro, que varou no Cabo de Roſalgate, Diogo de Mello,

Francisco de Anhaya, que se perdeo ao sahir de Lisboa, mas salvou-se a gente.

Anno de 1526. Partíram sinco náos sem Capitão Mór: os Capitães eram Tristão Vaz da Veiga, Antonio Galvão, Francisco de Anhaya, Antonio de Abreu, e Vicente Gil.

Anno de 1527. Partíram sinco náos, Capitão Mór Manoel de Lacerda: os mais eram Christovão de Mendoça, Irmão da Duqueza de Bragança, despachado com Ormuz, Aleixo de Abreu, Balthazar da Silva, e Gaspar de Paiva: as náos do Capitão Mór, e de Aleixo de Abreu varáram na Ilha de S. Lourenço no rio de Sant-Iago, e salvou-se em terra toda a gente, que os Cafres da terra matáram.

Anno de 1528. Partio Nuno da Cunha, Veador da Fazenda do Reyno, por Governador da India com onze náos, de que, a fóra elle, eram Capitães Simão da Cunha, e Pedro Vaz da Cunha seu Irmão: o Simão da Cunha por Capitão Mór do mar da India, João de Freitas, D. Fernando de Lima, D. Francisco d'Eça, Francisco de Mendoça, Affonso Vaz Zambuja, que se perdeo na Ilha de João da Cova.

Anno de 1529. Partíram sinco náos, Capitão Mór Diogo da Silveira: os mais Henrique Moniz, que trouxe dous filhos,

Ay-

Ayres Moniz, e Antonio Moniz, que depois foi Governador da India, Ruy Gomes da Gran, Ruy Mendes de Mesquita, e Manoel de Macedo, que foi separado pera ir a Ormuz prender o Goazil Raiz Xarife.

Anno de 1530. Partíram seis náos sem Capitão Mór: os Capitães eram Francisco de Sousa Tavares, Fernão Camello, Vicente Pegado, Manoel de Brito, Pedro Lopes de Sampayo, e Luiz Alvares de Paiva.

Anno de 1531. Partíram sinco náos, que tambem não trouxeram Capitão Mór: Capitães eram Achiles Godinho, Diogo Botelho, João Guedes, e Manoel de Macedo, que varou em Calecurem do Cabo de Comorim pera dentro, e salvou toda a gente em terra, aonde os foram buscar de Cochim.

Anno de 1532. Partíram sinco náos, Capitão Mór o Doutor Pedro Vaz, que hia por Veador da Fazenda da India, e por Capitão de Cochim: os mais Capitães eram Vicente Gil, D. Estevão, e D. Paulo da Gama, filhos do Conde Almirante, que descubrio a India, os quaes hiam despachados com a Capitanía de Malaca, o outro era Antonio Carvalho.

Anno de 1533. Partíram sete náos em duas Capitanías: a primeira era de D. João

Pe-

Pereira, que hia deſpachado com a Capitanía de Goa, Franciſco de Paiva, e Diogo Mendes; o outro Capitão Mór era D. Gonçalo Coutinho, que tambem levava a Capitanía de Goa: levou quatro náos, os Capitães, a fóra elle, forão Nuno Furtado, Simão da Veiga, D. Franciſco de Noronha, que deſappareceo.

No meſmo anno em Outubro partíram dez Caravelas, Capitão Mór D. Pedro de Caſtello-Branco: os mais Capitães eram Nicoláo Juzarte, Balthazar Gonſalves, Antonio Lobo, Leonel de Lima, Heitor de Souſa, Franciſco Ferreira, Gonſalo Fernandes, João de Souſa, e Franciſco Gonſalves Leme.

Anno de 1534. Partíram ſinco náos, Capitão Mór Martim Affonſo de Souſa, que hia pera ficar na India por Capitão Mór do mar: os mais Capitães eram Diogo Lopes de Souſa, Antonio de Brito, Simão Guedes, e Triſtão Gomes de Mina.

Anno de 1535. Partíram ſete náos, Capitão Mór Fernão Peres de Andrade, os mais Martim de Freitas, Thomé de Souſa, Jorge Maſcarenhas, Luiz Alvares, Fernão Camelo, e Fernão de Moraes.

Anno de 1536. Partíram ſinco náos, Capitão Mór Jorge de Lima: os mais Capitães D. Fernando de Lima, Martim de

Frei-

Freitas, Lopo Vaz Vogado, e D. Pedro da Silva, filho do primeiro Conde Almirante.

Anno de 1537. Partíram ſinco náos, Capitão Mór Jorge Cabral, que depois governou a India: os mais Vicente Gil, Gaſpar de Azevedo, Ambroſio Rego, e Duarte Pacheco.

Partíram o meſmo anno de 1537. outras ſinco náos ſem Capitão Mór, Capitães Diogo Lopes de Souſa, Aleixo de Souſa deſpachado com a Fortaleza de Çofala, e Moçambique, Henrique de Souſa Chixorro ſeu Irmão, e Fernão de Caſtro.

Anno de 1538. Partio por Viſo-Rey da India D. Garcia de Noronha com onze náos, Capitães D. João de Caſtro, que depois foi Viſo-Rey da India, D. João Deça, que trazia a Capitanía de Cananor, D. Chriſtovão da Gama, filho do primeiro Conde Almirante, deſpachado com Malaca, Luiz Falcão com a de Ormuz, Franciſco Pereira de Berredo com a de Chaul, D. Franciſco de Menezes com a de Baçaim, D. Garcia de Caſtro com a de Goa, João de Sepulveda com a de Çofala, Ruy Lourenço de Tavora com a de Baçaim, Bernardim da Silveira o Drago com a de Dio, eſte perdeo-ſe á vinda.

Anno de 1539. Partíram ſinco náos, Ca-

Capitão Mór Diogo Lopes de Sousa, que desappareceo á tornaviagem: os mais D. Roque Tello, Alvaro Barradas, Simão Sodré, e Henrique de Sousa Chixorro.

Anno de 1540. Partíram quatro náos, Capitão Mór Francisco de Sousa Tavares: os outros Simão da Veiga, Vicente Lourenço, Batevias, e Vicente Gil.

Anno de 1541. Partio pera Governador da India Martim Affonso de Sousa com sinco náos, Capitães D. Alvaro de Noronha, Alvaro Barradas, Francisco de Sousa, e Luiz Cayado: nenhuma náo destas passou á India, e todas invernáram em Moçambique, e o Governador Martim Affonso partio em Abril pera a India em hum Galeão, e levou em sua companhia a sua náo, que se foi perder em Baçaim, e elle chegou a Goa em Maio de 1541.

Anno de 1542. Partíram quatro náos sem Capitão Mór, Capitães Henrique de Macedo, Balthazar Jorge, Lopo Ferreira, e Vicente Gil, que se perdeo na Costa de Melinde.

Anno de 1543. Partíram sinco náos, Capitão Mór Diogo da Silveira: os mais Capitães Simão Sodré, D. Roque Tello, Fernão Alvares da Cunha, e Jacome Tristão, que arribou ao Reyno.

Anno de 1544. Partíram sinco náos, Ca-

Capitão Mór Fernão Peres de Andrade: os outros Capitães Luiz de Calataud, Jacome Triſtão, Simão de Mello, deſpachado com a Capitanía de Malaca, e perdeo-ſe em Moçambique, e Simão de Andrade arribou ao Reyno.

Anno de 1545. Partio D. João de Caſtro por Governador da India com ſeis náos, Capitães Jorge Cabral, que trazia a Capitanía de Baçaim, D. Manoel da Silveira, que trazia a de Ormuz, D. Jeronymo de Menezes Bacalháo, que trazia a de Baçaim, Simão Sodré, e Diogo Rebello.

Anno de 1546. Partíram ſinco náos, Capitão Mór Lourenço Pires de Tavora, Capitães João Rodrigues Paçanha, D. João Lobo, que trazia a Capitanía de Goa, Fernão de Alvares da Cunha, Alvaro Barradas, e D. Manoel de Lima, que tomou Goa, porque todos os mais foram a Cochim: vinha eſte Capitão provído com a Fortaleza de Ormuz.

Anno de 1547. Partíram ſeis náos ſem Capitão Mór, Capitães D. Franciſco de Lima, Franciſco de Lima, Franciſco da Cunha, Balthazar Lobo de Souſa, Franciſco de Gouvea, Bernardo Nacer, e D. Pedro da Silva, que ſe perdeo em Angoxa, e toda a gente ſe ſalvou.

No meſmo anno partíram outras ſeis

náos

náos pelas novas que foram ao Reyno do cerco de Dio, as quaes foram repartidas em duas Capitanías: na primeira Martim Correa da Silva, despachado com a Capitanía de Dio, que partio em o primeiro de Novembro; das outras duas náos eram Capitães Antonio Pereira, que foi tomar Ormuz, e Christovão de Sá, que tomou Goa, e Martim Correa Angediva, onde invernou. Nesta Armada mandou ElRey mais tres náos da governança da India, e a D. João de Castro com o titulo de Viso-Rey: das outras tres náos era Capitão Mór Francisco Barreto, que depois foi Governador da India, que levava a Capitanía de Baçaim: os outros Capitães eram D. Heitor Aranha, e Pedro de Mesquita, que partíram em Dezembro, e invernáram em Moçambique por chegarem tarde.

Anno de 1548. Partíram onze náos repartidas em tres Capitanías, de sinco dellas era Capitão Mór Manoel de Mendoça, que hia despachado com a Capitanía de Sofala, e morreo em chegando a Goa: os mais Capitães eram Alvaro de Mendoça, Jorge de Mendoça, Manoel Rodrigues Coutinho, e Bastião de Ataíde.

De outras tres náos era Capitão Mór João de Mendoça, os mais Diogo Rebello, Fernão Alvares da Cunha: de outras tres náos

nàos era Capitão Mór D. João Henriques, que hia provído com a Capitanía de Malaca, e os Capitães das outras duas náos eram Ayres Moniz, e Antonio de Azambuja.

Anno de 1549. Partíram ſinco náos, Capitão Mór D. Alvaro de Noronha, filho do Viſo-Rey D. Garcia, que vinha deſpachado com a Capitanía de Ormuz: os mais Capitães erão Diogo Botelho Pereira, o que foi na fuſta ao Reyno, que trazia a Capitanía de Cananor, Diogo de Mendoça, Jacome Triſtão, e João Figueira.

Anno de 1550. Partio por Viſo-Rey da India D. Antonio de Noronha, filho do Marquez de Villa Real, com ſinco náos: os Capitães eram Lopo de Souſa, D. Alvaro de Ataíde, filho do Conde Almirante, que deſcubrio a India, que hia deſpachado com a Capitanía de Malaca, e foi tomar Pegú, D. Jorge de Menezes Baroche, e D. Díogo de Noronha de alcunha o Arcos, que ſe perdeo no río de Manſangáo na Coſta da India, e foi toda a gente por terra a Goa, e o Viſo-Rey em Novembro foi tomar Ceilão.

Anno de 1551. Partírão ſeis náos, Capitão Mór Diogo Lopes de Souſa: os mais Capitães D. Diogo de Almeida, filho do Contador Mór, que engeitou ſeis annos a

Ca-

Capitanía de Dio, e foi tomar Cochim em Novembro, Ayres Moniz Brito, Meſer Bernardo, Jacome de Mello, Franciſco Lopes de Souſa deſpachado com a Capitanía de Maluco.

Anno de 1552. Partíram ſete náos, Capitão Mór Fernão Soares de Albergaria: os outros Braz da Silva, Antonio Dias Figueiró, Franciſco da Cunha, D. Jorge de Menezes, Antonio Moniz Barreto, deſpachado com a Capitanía de Baçaim, e ſe foi perder no rio de Betre trinta leguas de Goa, e ſalvou-ſe toda a gente: neſte anno caſou o Principe D. João com a Princeza Dona Joanna, filha do Emperador Carlos V.

Anno de 1553. Partíram quatro náos, Capitão Mór Fernão Alvares Cabral: os mais Capitães D. Paio de Noronha, Ruy Pereira da Camara, e Belchior de Souſa na náo Santa Cruz, que ſe perdeo á torna viagem.

Anno de 1554. Partio D. Pedro Maſcarenhas por Viſo-Rey da India com ſeis náos, Capitães D. Manoel Tello, Belchior de Souſa, Miguel de Caſtanhoſo, Fernão Gomes de Souſa, filho do Chanceller que foi tomar Ormuz, e Franciſco de Gouvea; o Viſo-Rey foi tomar Goa a 23 de Setembro, e na barra ſe perdeo a ſua náo, que

ſe chamava S. Boaventura, e as outras náos foráo a Cochim: eſte anno faleceo o Principe D. João, e naſceo ElRey D. Sebaſtião.

Anno de 1555. Partíram ſinco náos, Capitão Mór João de Menezes de Siqueira: os mais Capitães eram Jorge de Brito, Martim Affonſo de Souſa, filho do Veador do Cardeal D. Henrique, Jacome de Mello, e Pedro de Goes: deſtas náos ſó D. João paſſou ao Reyno, e as outras invernáram em Moçambique.

Anno de 1556. Partíram ſinco náos, Capitão Mór D. Leonardo de Souſa: os mais Capitães Franciſco de Figeiroa de Azevedo, Vaſco Lourenço de Barbuda, Antonio Fernandes na náo S. Paulo, que invernou no Brazil, e chegou a Goa o derradeiro de Janeiro, e Franciſco Nobre, que ſe perdeo nos baixos de Pedro de Banhos, e fizeram huma Naveta, em que foram a Cochim.

Anno de 1557. Partíram ſinco náos, Capitão Mór D Luiz Fernandes de Vaſconcellos, filho do Arcediago D. Fernando, que á vinda invernou no Brazil, e á torna viagem ſe perdeo na Ilha de S. Lourenço, e ſalvou-ſe no batel com perto de ſeſſenta peſſoas: os mais Capitães de ſua Companhia eram Braz da Silva, Antonio Men-

Mendes de Caſtro, que invernou em Melinde, e á torna viagem ſe perdeo na Ilha de S. Thomé, João Rodrigues Salema de Carvalho, que invernou em Moçambique.

Anno de 1558. Partio por Viſo-Rey da India D. Conſtantino, filho do Duque de Bragança, com quatro náos: os Capitães eram Aleixo de Souſa, que hia por Veador da Fazenda geral, Pedro Peixoto da Silva, e Jacome de Mello.

Anno de 1559. Partíram ſinco náos, Capitão Mór Pedro Vaz de Siqueira: os outros Capitães eram Pedro de Goes, Luiz Alvares de Souſa, Luiz Duarte de Andrade, que invernou em Moçambique, Ruy de Mello da Camara na náo S. Paulo, que arribou ao Reyno.

Anno de 1560. Partíram ſeis náos, Capitão Mór D. Jorge de Souſa, que ficou invernando na India, e Vaſco Lourenço Carraſcão, Lourenço de Carvalho, que á torna viagem invernou em Moçambique, Ruy de Mello da Camara na náo S. Paulo, que ſe foi perder em Sumatra, e Franciſco Figueira de Azevedo, que arribou ao Reyno.

Anno de 1561. Partio por Viſo-Rey da India o Conde de Redondo D. Franciſco Coutinho com ſinco náos: os Capitães eram Gonçalo Correa, Manoel Jaques,

Fran-

Francifco Figueira de Azevedo, e Pedro Alvares Vogado.

Anno de 1562. Partíram feis náos, Capitão Mór D. Jorge Manoel na náo S. Martinho que fe perdeo na volta pera o Reyno, Fernão Martins Freire na Efperança: trazia a Capitanía de Sofala Antonio Mendes de Caftro em S. Vicente, Fernão Coutinho de Azevedo no Tigre, Luiz Mendes de Vafconcellos na Rainha, e D. Rodrigo no Cedro.

Anno de 1563. Partíram quatro náos, Capitão Mór D. Jorge de Soufa na náo Caftello, Diogo Lopes de Lima na Graça, Vafco Lourenço de Barbuda em S. Filippe, e perdeo-fe, eftando furta na barra de Goa, Vicente Fernandes Pimentel na Algaravia arribou ao Reyno.

Anno de 1564. Partio por Vifo-Rey da India D. Antonio de Noronha com quatro náos, elle em Santo Antonio, Francifco Porto Carneiro em S. Vicente, Antonio Martins de Caftro na Rainha, Damião de Soufa em Flor de Lamar.

Anno de 1565. Partíram quatro náos, Capitão Mór Francifco de Sá o dos Oculos na náo Chagas, Bartholomeu de Vafconcellos no Tigre, invernou em Moçambique, e perdeo-fe de volta pera o Reyno, Martim Queimado Villa-Lobos em S. Ra-

Rafael, e Pedro Peixoto da Silva na Esperança.

Anno de 1566. Partíram quatro náos, Capitão Mór Ruy Gomes da Cunha, Copeiro Mór de ElRey, na náo Santa Clara, D. Diogo Lobo na Rainha, André Bugalho nos Reys Magos, Francisco Ferreira em S. Francisco.

Anno de 1567. Partíram quatro náos, Capitão Mór João Gomes da Silva, que foi Veador da Fazenda do Reyno, na náo Reys Magos, Pedro Leitão na náo Belem, Lourenço da Veiga na Annunciada, Vicente Trigueiros no Galeão S. Rafael.

Anno de 1568. Partio por Viso-Rey da India D. Luiz de Ataíde, Senhor da Casa de Atouguia, com sinco náos, elle nas Chagas, Pedro Cesar na Fé, morreo affogado na praia de Cochim; Antonio Sanches de Gamboa em Santa Catharina, e passou este anno só ao Reyno, porque todas as mais invernáram em Moçambique, Damião de Sousa Falcão na náo Remedios, Manoel Jaques em Santa Clara.

Anno de 1569. Partíram quatro náos, Capitão Mór Filippe Carneiro: os mais Belchior de Sousa, Francisco Ferreira, João de Bairros: todas estas tres náos chegáram a Goa a 3. de Setembro.

Anno de 1570. Partíram quatro náos, Ca-

Capitão Mór Jorge de Soufa de Mendoça na náo Santa Catharina, D. João de Caftello-Branco na Annunciada, Lourenço de Carvalho no Galeão S. Luiz, Nuno de Mendoça no Galeão S. Gabriel.

Anno de 1571. Partio por Vifo-Rey D. Antonio de Noronha com finco náos, elle nas Chagas, Antonio Moniz Barreto, que vinha por Governador de Malaca, em Bethlem, Ruy Dias Pereira em Santa Clara, Antonio de Valladares na Fé, e Francifco de Figueiredo em Santo Efpirito: nefta Armada veio alçada á India, e de Moçambique pera cá trouxe o Vifo-Rey mais duas náos; Manoel de Mefquita, Capitão, no Galeão S. João, que tinha partido primeiro que o Vifo-Rey em 13. de Outubro, que vinha defcubrir o Cabo da Boa Efperança, e huma Naveta, em que tinha vindo Vafco Fernandes Homem á conquifta do Monomotapa com o Governador Francifco Barreto, o qual o Vifo-Rey armou em Moçambique, e deo a Capitanía a D. Jorge de Menezes, que depois foi Alferes Mór do Reyno.

Anno de 1572. Partíram quatro náos, Capitão Mór Duarte de Mello na náo Reys Magos, que fe perdeo á torna viagem, Gafpar Henriques em Santa Clara, Alvaro Barreto na Annunciada, e Pedro Leitão

de Gamboa em S. Francifco, e tambem defappareceo na jornada.

Anno de 1573. Partíram quatro náos, Capitão Mór D. Francifco de Soufa na náo Santo Efpirito, Antonio Rebello em S. Gregorio, Tintino de Vafconcellos na Bethlem, Luiz d' Alter em Santa Clara: deftas náos a S. Gregorio fe paffou ao Reyno, todas as mais invernáram em Moçambique, e foi-fe o Vifo-Rey D. Antonio nefta Armada na náo Capitânia.

Anno de 1574. Partíram feis náos, Capitão Mór Ambrofio de Aguiar Coutinho na náo Chagas, D. Diogo Rolim na Fé, Manoel Pinto Leitão em Santa Barbara, Diogo Vaz Redovalho na Annunciada, Pedro Alvares Correa em Santa Catharina, e Bartholomeu de Vafconcellos em S. Lourenço.

Anno de 1575. Partíram quatro náos, Capitão Mór D. João de Caftello-Branco na náo S. Pedro, Antonio Rebello em S. Gregorio, Fernão Boto Machado em S. Sebaftião, e Alvaro Paes em S. João.

Anno de 1576. Partio por Vifo-Rey da India Ruy Lourenço de Tavora na náo Chagas, faleceo antes de chegar a Moçambique, e ficou por Capitão Mór Chriftovão de Bovadilha, Simão Vaz Tello em Santo Efpirito, D. Jorge Baroche na Fé, foi-

foi-se nella por Capitão Francisco de Mello Roncador, Mem Pereira de Sá em S. Luiz, e tornou nella por Capitão D. Duarte de Sá o velho.

Anno de 1577. Partio Mathias de Albuquerque no mesmo anno por Capitão Mór do Malavar com duas náos, elle em Santa Catharina, e Balthazar Paçanha em S. Jorge, e se perdeo á entrada de Moçambique, e partírão em 7. de Março.

Anno de 1578. Partíram quatro náos, Capitão Mór Pantaleão de Sá na náo Boa Viagem, Manoel de Medeiros em S. Pedro, perdeo-se nos baixos de Pedro de Banhos, e fizeram huma Naveta, em que todos foram a Cochim, Lourenço Soares de Mello na náo Annunciada, Miguel d' Arnide em S. João.

Anno de 1579. Partio por Viso-Rey da India D. Luiz d' Ataíde, Conde de Atouguia, e veio na náo Santo Antonio; Nuno Velho Pereira na Trindade, e vinha despachado com a Capitanía de Sofala, e João Alvares Soares em huma Caravela, e invernáram todos em Moçambique, e chegáram a Goa a 20. de Agosto.

E em Março do mesmo anno partíram tres náos, Capitão Mór Jorge da Silva na náo S. Luiz, Mendo da Motta em S. Gregorio, Estevão Cavalleiro na náo Caranja.

Logo no Outubro ſeguinte partíram duas Caravelas, Capitão D. Eſtevão de Menezes Baroche pera Goa, João de Mello pera Malaca cmo as novas da morte de ElRey D. Sebaſtião.

Anno de 1580. Partíram ſinco náos, Capitão Mór João de Saldanha na náo Chagas, Diogo Rodrigues de Carvalho na Boa Viagem, Rodrigo de Meirelles na Annunciada, foi tomar Ceilão, Pedro de Paiva em S. Lourenço, Eſtevão Alvo em S. João, foi a Cochim.

Anno de 1581. Partíram quatro náos, que foram deſpachadas pelos Governadores, e Defenſores do Reyno, Capitão Mór Manoel de Mello da Cunha na náo S. Franciſco, Manoel Coelho em S. Luiz, João Debita Corte-Real em S. Gregorio, foi a Cochim, D. Simão de Menezes no Salvador, arribou ao Reyno.

Com eſta Armada fazemos fim a todas as que os Reys de Portugal mandáram á India.

DE-

DECADA DECIMA
Da Hiſtoria da India.
LIVRO II.

CAPITULO I.

De como a náo do Reyno chegou a Malaca, e D. João da Gama jurou a ElRey D. Filippe por Rey : e como D. Franciſco Maſcarenhas mandou por Capitão Mór de Malavar a Mathias de Albuquerque : e da Armada dos Aventureiros que o Viſo-Rey ordenou, de que fez Capitão Mór D. Simão da Silveira ; e por falecer antes de ſe embarcar, foi eleito em ſeu lugar Diogo Lopes Coutinho.

JA' atrás temos dito no Cap. VIII. do Livro I. o como de Moçambique deſpedíra o Conde D. Franciſco Maſcarenhas a Leonel de Lima pera Malaca, que chegou áquella Cidade poucos dias antes de Outubro : foi muito feſtejada a ſua vinda por ſaberem novas do Reyno, e o Capitão D. João da Gama teve cartas mui honradas de ElRey D. Filippe, em

que

que lhe dava conta de sua succesão ; e outras de seus parentes , por quem soube as cousas succedidas no Reyno. Leonel de Lima, Capitão da náo, depois de desembarcado, vio-se com D. João algumas vezes , e lhe fez lembrança que seria bem jurar ElRey D. Filippe por Rey, pois estava já jurado em Portugal; e tantas lembranças lhe fez destas , que se tomou D. João da Gama, por vér que queria Leonel de Lima naquelle negocio ganhar terra com ElRey , e com os homens, fazendo-se cabeça, não trazendo regimento , nem papeis pera nada ; e assim lhe disse, que elle não era mais que Capitão daquella náo , que as cousas que cumprissem pera bem do seu aviamento as requeresse, que nas outras se não mettesse , que elle sabia mui bem o que cumpria ao serviço de El-Rey, cujo Vassallo era; e com isto se foi entretendo até vir recado de Goa, que era cabeça de toda a India, que não podia tardar muitos dias; porque pera se as cousas fazerem por ordem, era assim necessario: e assim poucos dias depois disto, que foram aos 23. de Novembro, surgio naquelle porto a náo , em que hia Pascoal Machado com os papeis; e por ir hum balão , que chegou a ella primeiro que surgisse , teve D. João da Gama aviso de como na Cidade

de

de Goa ficava jurado ElRey D. Filippe; e ſem eſperar por papeis, nem que deſembarcaſſe a gente della, foi-ſe á Sé, aonde ſe ajuntáram os tres Eſtados, e alli juráram ElRey D. Filippe, e lhe deo a homenagem daquella Fortaleza, e fez todas as outras ſolemnidades acoſtumadas; e quando deſembarcou Paſcoal Machado com os papeis, já tudo eſtava feito, e concluido, e D. João da Gama tirou ſeus papeis, e inſtrumentos pera mandar ao Reyno na meſma náo.

E deixando eſtas couſas, tornemos ao Viſo-Rey D. Franciſco Maſcarenhas, que tanto que tomou poſſe do Eſtado, começou a correr com as ſuas obrigações; e das primeiras em que proveo, foi deſpedir huma náo pera Ceilão, por eſtar aquella Fortaleza muito desbaratada, e falta de tudo pelo cerco paſſado, em que lhe mandou dinheiro, e provimentos, e tratou de deſpachar hum Embaixador do Rey dos Mogores, que reinára em Goa, e que requeria com cartas forro pera huma náo ſua poder carregar em Goa pera Judá, a que os rendeiros da Alfandega de Dio puzeram embargos, por ſer muito em perjuizo della, o que tudo o Viſo-Rey poz em Conſelho; e aſſentou-ſe que era neceſſario conceder-lhe, ſem embargo dos inconvenientes que ſe apontavam, por quanto

to Otachar era Rey muito poderoſo, e vizinho das terras de Damão, e que era muito importante conſervallo em amizade pera ſegurança daquellas terras; e que aos contratadores da Alfandega ſe lhes podia fazer razão daquellas quebras, conforme a hum Capitulo dos contratos paſſados, e ainda do arrendamento que então corria, que dizia, que dando-ſe algum cartaz forro a alguma náo pera Judá, ſe lhe deſcontaſſe, e por elle o que ſe achaſſe nos Livros paſſados, a náo de Judá, que na meſma Alfandega fizera direitos, pela que mais montára. E aſſim ſe achou montar a náo a maior dezoito mil pardáos de Laris, que depois por ſentença deſcontáram por eſte cartaz aos rendeiros da Alfandega.

Deſpachado eſte Embaixador, entendeo o Viſo-Rey na Armada, que havia de ir ao Malavar, de que tinha nomeado por Capitão Mór Mathias de Albuquerque, como atrás diſſemos, que ſe fez á véla a 20. de Outubro com duas Galés, e vinte navios, de que eram Capitães, elle da Galé Eſperança, D. Gilianes Maſcarenhas da Galé S. Paulo, das Fuſtas Coſme de Lafetar, André Furtado de Mendoça, Chriſtovão de Tavora, Antonio de Azevedo, Sebaſtião de Macedo, Gonſalo Coelho, Antonio de Mello, Lançarote Sardinha,

nha, Alvaro de Avelar, João Rodrigues de Carvalho, Antonio Vellez, Pedro Homem Pereira, Antonio de Lima, Belchior Brongel, D. Jeronymo, e D. Manoel de Azevedo Irmãos, Affonſo Ferreira da Silva, Franciſco Ferreira Malavar, Pedro Fernandes ſeu Sobrinho, e outros; em todos eſtes navios hiam ſetecentos homens, os melhores que andavam no ſerviço.

Partida eſta Armada, quiz o Viſo-Rey tambem prover de outra a Coſta do Norte, porque teve noticia, e aviſo por cartas de Cananor, que nos rios do Malavar ſe armavam muitos Corſarios pera ſe paſſarem a ella; e querendo atalhar os damnos que ſe receavam, armou oito navios com o nome de Aventureiros, como os paſſados, por ſerem mui temidos, e receados por toda a Coſta da India: e por Capitão Mór elegeo D. Simão da Silveira, que começou a correr com a Armada apreſſadamente. Eſtando já preſtes pera ſe embarcar, adoeceo de huns ſalpicos pelo corpo, que affirmáram os Medicos ſer tabardilho, e ſe recolheo a curar em N. Senhora da Graça, onde em poucos dias faleceo com grande mágoa, e dor de toda a India, por ſer hum Fidalgo, que a ella veio, já homem, filho mais velho de ſeu pai, com muitas, e boas qualidades, e

dons

dons da natureza, em quem todos traziam os olhos, e tinham efperanças de por fuas mãos tomar ainda dura, e cruel fatisfação do innocente fangue dos irmãos, que fempre clamáram por elle aos Ceos, ficando elle fó de tres que eram, que todos morrêram em o efpaço de tres annos em o ferviço de Deos, e de feu Rey. D. Diogo da Silveira, e D. Antonio da Silveira, Fidalgos, em quem todos tinham mui grande confiança, e efperanças, que lhes fazia ter o zelo que lhes viam do ferviço de feu Rey, havendo já annos que D. Diogo tinha merecido muito honrada fatisfação, D. Antonio com não haver mais que tres que fervia, trabalhou por merecer tanto nelles, como outros muitos, e dignos de ferem todos irmãos; e affim o foram tanto em tudo, como o eram por natureza, parecendo-fe todos não fó no valor das armas, animo, e esforço, fenão em muitas, e boas qualidades de avifo, gentileza, entendimento, confelho, primor, brandura, e liberalidade, e fobre tudo na morte, e na brevidade da vida, que fó pera merecer a não tiveram curta, pois tomando-os a morte no melhor da vida, acabáram todos com toda a honra, valor, e merecimento que puderam ter adquirido em mais larga vida, fendo fempre efte

ap-

appellido dos Silveiras na India tão prodigo do seu sangue, que não ha parte em que o não tenham derramado por serviço de seu Deos, e de seu Rey, como foi D. Alvaro da Silveira, que em companhia de Lopo Soares foi morto no Estreito, Heitor da Silveira, que em tempo do Governador Nuno da Cunha matáram nas Ilhas dos Mortos, como na IV. Decada Cap. III. Livro VII. fica dito; Manoel da Silveira, que se achou com D. João de Castro no segundo cerco de Dio, onde o feríram, e depois foi morrer a Chaul, VI. Decada, Cap. V. Livro IV. D. Alvaro da Silveira, irmão do Conde da Sortelha, de que muitas vezes fallamos nas nossas Decadas, que foi morto em Baharem, sendo D. Constantino Viso-Rey da India, o Padre Doutor Gonsalo da Silveira seu Irmão, da Companhia de Jesus, que peleijando com as armas espirituaes, foi morto pelos Cafres, padecendo glorioso martyrio, e agora estes tres irmãos, e outros muitos deste appellido, que por abbreviar deixamos.

Assim que morreo D. Simão da Silveira, elegeo o Viso-Rey em seu lugar Diogo Lopes Coutinho, filho de Lopo de Sousa Coutinho de Santarem, Fidalgo de muitas partes, e bom conselho, que só isto buscou sempre o Conde Viso-Rey D. Francis-

cifco Mafcarenhas nas eleições que fazia, fem ter refpeito a parentes, e nem amizade, e por ifto teve fempre bom fucceffo em todas as coufas que ordenou, e nas Armadas que fez, que foram muitas em todo feu Governo, e affim foi elle mui temido dos inimigos do Eftado: e a 14. de Novembro fe fez á véla com os ditos navios, de que, fóra elle, eram Capitães João Rodrigues Coutinho feu irmão, D. Francifco de Menezes, D. Francifco d' Effa, D. Manoel de Menezes, Fernão de Caftro, Antonio Collaço, e Balthazar Jorge Barata: eram eftes navios os mais ligeiros que havia na India, e levavam a melhor foldadefca que então fe achou; e do que lhes aconteceo nefta jornada adiante daremos razão. E porque a Cidade de Goa eftava falta de mantimentos, ordenou tambem o Vifo-Rey outra Armada pera ir dar guarda á cafila dos navios, que os havia de ir bufcar á Cofta do Canará, de que fez Capitão Mór Guterres de Monroy de Béja. Efta Armada partio em 6. de Dezembro, o Capitão Mór em huma Galé, e quatro navios mais, de que eram Capitães Jeronymo de Azevedo, Gafpar Juzarte, João Serrão, e Ruy de Sá Pinheiro; e defta Armada que fez Guterres de Monroy eftiveram quatro viagens dando guarda a gran-

des

des cafilas de navios de mantimentos, com que a Cidade de Goa ficou muito abaſtada.

CAPITULO II.

Do que aconteceo á Armada de Mathias de Albuquerque no Malavar.

TAnto que o Capitão Mór do Malavar Mathias de Albuquerque chegou áquella Coſta, começou a entender nas couſas que convinham pera a guerra, que havia de fazer aos Mouros, deitando-lhes muitas eſpias em terra pera o aviſarem dos paráos que havia pelos rios, e das náos que pertendiam mandar pera Meca; e porque a povoação de Coulete pequeno era grande eſcala de ladrões, determinou de a mandar queimar, e commetteo eſte negocio a Franciſco Fernandes Malavar (por ſer Cavalleiro, e prático nas couſas da guerra, e da terra) com dezoito navios, com que hum dia no quarto d'alva deſembarcou naquella povoação com trezentos homens; e a primeira couſa em que puzeram fogo foi em quatro paráos de eſporão, que eſtavam varados, negociados pera ſahirem a roubar, que ardêram todos; e commettendo a povoação, a acháram deſpejada, como todas as noites o faziam todos os

da-

daquella Costa; porque com medo da Armada, tanto que anoitecia, se recolhiam todos os moradores pera o Certão; e não achando resistencia, nem que roubar, deram-lhes fogo por todas as partes, em que se consumio toda. Em quanto se isto fazia, os Marinheiros da Armada deitáram ao mar perto de sincoenta Almadias, que estavam por aquella praia, que eram do serviço daquella povoação, no que os mesquinhos (que sós são os que nas guerras padecem os damnos dellas) recebêram notavel perda, por serem o remedio de que se sustentavam com suas pescarias, e foi tudo sem risco algum embarcarem-se a seu salvo, levando as Almadias por poppa dos navios.

Passado isto, mandou o Capitão Mór pelo mesmo Francisco Fernandes queimar a povoação de Capocate com sós quatro navios, de que era Capitão Antonio de Azevedo, Affonso Ferreira da Silva, Pedro Fernandes o Malavar, e o seu, e de madrugada entráram o rio, e mandou Francisco Fernandes desembarcar só Affonso Ferreira da Silva com a gente do seu navio, e outra alguma que lhe deo dos mais, e entrou a povoação, em que não achou resistencia, e a queimou toda, recolhendo-se com dezoito Almadias, que os marinhei-

ros

ros lançáram ao mar, e ao embarcar deram perto de cem Mouros com os nossos, e traváram huma muito crespa briga. Estando em terra Affonso Ferreira com sós dezoito homens, com que teve o impeto dos Mouros, que magoados de verem suas casas queimadas, se vinham metter entre os nossos como doudos, as nossas fustas chegáram a favorecellos na embarcação, o que se fez com muito tento, sem perigar nenhum dos nossos, ficando os Mouros bem escalavrados. E sendo já recolhidas as embarcações, arrebentou na praia hum grande corpo de gente, que dos lugares vizinhos se ajuntou pera soccorrerem a povoação, em quem os falcões das fustas fizeram hum muito arrazoado emprego, de que ficáram pela praia muitos estirados.

Passado isto, soube o Capitão Mór que no mesmo rio de Capocate estava huma náo negociando-se pera Meca, que ordenou de mandar queimar; e encommendando aquelle negocio a D. Gilianes Mascarenhas com sete, ou oito navios, cujos Capitães eram Francisco Fernandes Malavar, D. Jeronymo de Azevedo, Affonso Ferreira da Silva, Belchior Brigel, João Rodrigues de Carvalho, Pedro Fernandes Malavar, e outros, a que não soubemos os nomes, dando-lhes por regimento, que se

pu-

pudesse mandar queimar a náo sem desembarcar, o fizesse. D. Gilianes entrou hum dia de madrugada pelo rio, onde tomou algumas pessoas, de quem soube que a náo estava muito assima envasada em parte, aonde as fustas não podiam chegar: e por se não tornar sem fazer alguma cousa, mandou pôr certos marinheiros, de quem confiou aquelle negocio, que fossem queimar huns Bengales, que estavam cheios de fazenda dos Mouros: estes muito encubertamente lhes foram pôr fogo, que ateou com muita braveza, por haver alli muitas eifas, e azeites, com que as lavaredas foram tamanhas, que allumiavam como de dia: das nossas embarcações víram acudir os Mouros a salvar suas fazendas; e apontando nelles os falcões, deram em meio daquelle cardume, em que fizeram grande destruição, e assim muitos por salvarem as fazendas perdêram as vidas. E porque a manhã hia apparecendo, e a gente crescia, sahíram-se os nossos fóra do rio, deixando a terra entregue ao fogo, e a gente ao pranto da perda das fazendas, das vidas dos maridos, filhos, e parentes. Desta maneira andou Mathias de Albuquerque fazendo guerra aos Mouros, que esta he toda a que nós lhe podemos fazer, que o Çamorim mais sentia pelos clamores dos

po-

pobres, e mesquinhos, que cada dia acodem a lhe pedir justiça, porque (como já disse) são os que sentem mais a guerra que todos. E porque he necessario acudir ao Çamori a dar guarda, e recolher os navios, que haviam de vir de Bengala, S. Thomé, Coromandel, e Negapatão, e de outras muitas partes, despedio o Capitão Mór na sua Galé com mais quatro fustas, cujos Capitães eram D. Jeronymo de Azevedo, Affonso Ferreira da Silva, Francisco Fernandes Moricale, e Pedro Fernandes. Com estes navios se foi D. Gileanes pôr no Cabo de Comorim, alli esperou até recolher todos os navios daquellas partes, a que veio dando guarda até Cochim, e abaixo de Cochim tomou Affonso Ferreira hum cotocolão de Malavares, que hia fugindo delle, que lhe deo caça, varou em terra, e todavia lhe tomou o casco com o recheio, e seis Mouros vivos; e deixando as Cafilas em Cochim, tornou-se o Capitão Mór, que andava pela Costa, fazendo toda a guerra que podia, com o que a tinha bem assombrada, e posta em muitas necessidades.

CAPITULO III.

Do que mais aconteceo este verão a Mathias de Albuquerque: e de como destruio as Rainhas da Serra, e de Olala.

EM quanto D. Gileanes andou no Cabo de Comorim esperando a Cafila que trouxe a Cochim, ordenou Mathias de Albuquerque de dar hum castigo á Rainha da Serra, que jaz entre o Reyno de Calecut, e Cananor, que áquelle negocio mandou o Goazil com quinhentos Naires, que a hum dia limitado deram todos juntos huns por terra, e outros por mar em suas povoações, e lhas queimáram, e destruíram, indo a nossa Armada pelo rio assima até á povoação da Rainha, que será duas leguas, queimando de huma, e da outra parte muitas povoações, e cortando-lhe muitos palmares com morte, e perda de muitos que acudíram a lho defender; e deixando tudo assolado, se recolhêram os nossos com dous navios que foram de Portuguezes, que os Malavares tinham tomados; e por lhe não ficar cousa por fazer pelas grandes intelligencias que Mathias de Albuquerque trazia em tudo, determinou de ir castigar a Rainha de Olala, assim por-

porque foi avisado que no seu rio de Mangalor começava a alevantar huma parede de mar a mar com dous baluartes contra o assento das pazes, como porque hia dissimulando com as pareas havia já alguns annos. E querendo pôr este negocio em effeito, lançou-lhe algumas pessoas de confiança a modo de mercadores, que hiam comprar arroz, pera verem o sitio, e modo das paredes, gente, e guarnições que a Rainha tinha, que víram tudo muito bem; e avisáram ao Capitão Mór do modo das paredes, que começavam a crescer sobre a terra huma vara de medir, que como a Rainha fazia aquillo com dissimulação por lhe não attentarem na obra, não tinha gente, nem guarnição alguma. Com este recado voltou Mathias de Albuquerque com toda a Armada que trazia pera Mangalor, e chegou hum dia de madrugada sem ser sentido, e logo desembarcou em terra; e entrando as paredes, as mandou derribar pela gente miuda, e marinheiros, e elle com toda a soldadesca foi dar na Cidade de Olala, aonde posto que achasse alguma resistencia, poz logo a maior parte della a fogo, e lhe mandou cortar todos os palmares que tinha de redor, e disto ficou a Rainha quebrada, e os vizinhos tão atemorizados, que logo os de Carnate,

Cubia, e Nabul acudíram com as pareas que deviam, que tambem havia dous, ou tres annos que dissimulavam, e Ababula de Penabuz de novo se fez vassallo de El-Rey de Portugal com obrigação de pareas, conforme aos mais vizinhos.

Feitas estas cousas, e outras com muita ordem, tornou-se o Capitão Mór pera o Malavar, aonde tinha deixado muitas espias em todas as partes sobre as náos que se negoceavam pera Meca; e chegando áquella costa, lhe deram rebate, que no rio de Baliacor, meia legua de Panani, estava hum galeão varado esperando a monção pera o lançarem ao mar pera carregar pera Meca, e pera o queimar se lhe offereceo Francisco Fernandes Malavar, que já era vindo de Cochim com D. Gileanes Mascarenhas, affirmando-lhe que o havia de fazer sem risco algum, porque em huma Almadia havia de fazer aquelle negocio. O Capitão Mór lhe deo licença, e mandou em sua companhia a Francisco Ferreira da Silva com quinze soldados em outra Almadia; e tanto que anoiteceo, partíram-se ambos, e o Capitão Mór se foi pôr com toda a Armada na boca do rio, por onde as Almadias foram; e entrando muito encubertamente, chegáram aonde o galeão estava, e lhe puzeram o fogo por

mui-

muitas partes, que ſe ateou de feição que em poucas horas o desfez em pó, e em cinza; e quando ſe iſto fazia, os ſoldados, e marinheiros, que hiam nas Almadias, lançáram ao mar huma fuſta nova, que eſtava varada á borda d'agua, e tomáram ás mãos as vigias que nella eſtavam.

Feito iſto, recolhêram-ſe as Almadias muito a ſeu ſalvo, e leváram á toa a fuſta; não deixando porém de ter ao embarcar huma travada briga com muita gente que recreſceo ao fogo, de que alguns dos noſſos ſahíram feridos: foi iſto muito feſtejado do Capitão Mór; e por ſer aviſado de outra parte que em Panani eſtava outra náo á carga pera Meca, determinou de a mandar queimar, porque lhe não ſahiſſe aquelle anno nada pera fóra; com o traquete foi ſurgir defronte de Panani, que he huma povoação entre Panani, e Lenor, aonde hia acabar de tomar a carga: os noſſos tanto que a víram ſurta, a rodeáram com tenção de logo a commetter por todas as partes, como fizeram; e o primeiro que lhe poz a proa, foi Alvaro de Avelar, que ſe lançou logo dentro com os ſeus ſoldados, ſem achar reſiſtencia; porque os Mouros tanto que víram os noſſos ir demandar a náo, mettêram-ſe em batel, e foram-ſe pera terra. Entrados os noſſos na

náo,

náo, acháram alguns marinheiros, e gente mesquinha, e huma grande cópia de salitre, e rosalgar, que em Meca tem muita valia, e acháram tambem algumas armas, e alguma artilheria; e levando-lhe as amarras, deram-lhe toa, e levaram-na ao Capitão Mór, que a estimou muito, e entregou a Affonso Ferreira da Silva que a levasse a Cananor, e a entregasse, como fez, que a mandou logo despejar, e recolher tudo o que tinha em armazens.

Passado isto, deram outro rebate ao Capitão Mór de outra náo, que estava no rio de Chalé á carga, que encarregou a André Furtado, pera que a fosse queimar, e lhe deo oito, ou dez navios pera isso, que entrou no rio de Chalé, que por ser muito estreito, foi sempre peleijando com muita gente de huma, e da outra banda; mas elle com muito animo, por meio de nuvens de fréchas, e pelouros, chegou á náo, que estava muito fortificada, e mui bem provída de gente, a fim de se defender. André Furtado a rodeou com os navios, e começou a bater com grande furia, e trabalhou por lhe pôr a proa, e averiguar aquelle negocio de espada; mas os Mouros, que víram tamanha determinação, não ousando a esperar os nossos, lançaram-se a terra pelo bordo mais perto

del-

della, os noſſos chegáram a lhe pôr as proas, ſem acharem quem lha defendeſſe; e porque era muito trabalho, e mór o perigo de a levarem, pareceo bem a André Furtado dar-lhe fogo, como fez, mandando-lhe primeiro tirar alguma artilheria, e armas que tinha dentro, peleijando com muita gente, que de ambas as partes acudio a carregar ſobre elles com nuvens de tiros, de que feríram alguns dos noſſos.

Eſtas couſas mettêram grande medo, e eſpanto nos Mouros, e o Çamorim não ſe ſabia ajudar, nem dar a conſelho, ſentindo bem a perda dos ſeus que cada dia lhe hiam clamar. Sahidos eſtes navios daqui, foram-ſe ao Capitão Mór, que deo volta a todo o Malavar com toda a Armada junta; e tanto ávante como Calecut, indo o navio de Affonſo Ferreira da Silva detrás de todos muito perto da terra, vio eſtar em huns vallos huns poucos de Mouros; e ſem fallar com nenhuns dos outros Capitães, poz a proa em terra, em que ſaltou com ſeus ſoldados; e remettendo com os vallos que eſtavam perto da praia, os cavalgou, eſtando nelles mais de cento e ſincoenta Mouros, com quem teve huma muito aſpera batalha, e da primeira ſurriada de arcabuzaria lhe derrubou alguns;

en-

entre eſtes foram dous Capitães dos navios que todos os verões ſahiam a roubar; e lançando a todos dos vallos, mandou embarcar hum meio falcão, e outras armas que alli tinham, e depois ſe embarcou muito a ſeu ſalvo com alguns feridos que não perigáram. O Capitão Mór poſto que eſtimou muito o bom ſucceſſo, não deixou de eſtranhar a Affonſo Ferreira commetter aquillo ſem ſua licença, porque lhe pudera acontecer mui grande deſaſtre, que elle ſentíra muito, por ſer á viſta de toda a Armada. Com eſtas couſas ſe enfreáram os inimigos de tal maneira, que algumas náos que tinham em outros portos, as envasáram em partes a que a noſſa Armada não podia chegar; e aſſim aquelle anno nenhuma fez viagem, no que todo o Malavar recebeo notavel perda pelo muito que a todos importa o trato de Meca, e com que os Mouros ſe ſuſtentam, e porque não tem outros frutos na terra; e todo o mais reſto do verão andou a Armada por aquella Coſta queimando, e deſtruindo muitas povoações de longo della, e fazendo outros damnos bem grandes. E o principal foi no grande reſguardo que o Capitão Mór teve em lhe não entrarem de fóra mantimentos, porque não ouſavam de navegar, por lhe ter o Capitão Mór to-

ma-

mado todos os portos, com que os poz em extremas neceſſidades.

CAPITULO IV.

Do que aconteceo á Armada dos Aventureiros em Surrate com huma náo de Caliche Mahamed: e de como os Mogores ſalteáram alguns ſoldados noſſos: e de como Diogo Lopes Coutinho lhe queimou a Aldea dos Abexins, e de outras couſas.

DIogo Lopes Coutinho, Capitão da Armada dos Aventureiros, tanto que ſahio pela barra de Goa fóra, como já diſſemos no fim do Cap. I. do Livro II. fez ſua viagem caminho do Norte pera ſe ir pôr ſobre o rio de Surrate, como levava por regimento, pera defender a ſahida das náos de Caliche Mahamede, Capitão daquella Fortaleza; porque a reſpeito do Eſtado tratava de as lançar fóra ſem Cartaz, por ſer o Viſo-Rey aviſado, que eſtando eſte Caliche na Corte do Hecbar, tratando-ſe diante delle dos Cartazes que mandava pedir ao Viſo-Rey pera ſua náo (como já diſſemos) quiz o Caliche ganhar terra com elle, e lhe diſſe, que elle tambem havia de mandar outra náo; mas que o Cartaz que havia de levar era aquelle

le apunhado do traçado que tinha na cinta. E como tinha paſſado iſto com o Hecbar, eſcreveo a Surrate que a ſua náo, que havia de vir a Meca, foſſe tão bem negociada, que lhe não pudeſſe impedir a jornada a Armada dos Portuguezes, ſe a houveſſe; e aſſim ſe fez, porque hum irmão ſeu, que eſtava alli por Capitão, começou a prover na partida da náo, e a proveo baſtantemente de artilheria, munições, e gente pera ſe poder defender. De tudo iſto foi o Viſo-Rey aviſado por Cartas de Damão; e porque convinha ao Eſtado deſenganar ao Caliche, que não podiam ſuas náos navegar ſem ſalvo conducto, deo por regimento a Diogo Lopes que ſe foſſe logo lançar com toda a Armada ſobre Surrate, e que lhe havia de por entregue aquella náo do Caliche pera dar conta della, ſe ſahiſſe daquelle porto ſem Cartaz. Eſte Caliche caſta Chacuthou, pobre de ſua naſcença, e moço, ſe deo ás letras em companhia do Hecbar, e veio a ſer grande douto na ſua ſeita; e porque deſde menino acompanhava ſempre eſte Rey, foi-lhe muito acceito, e o encarregou de couſas muito grandes, por ſer homem prudente, e de bom conſelho, pelo que veio a ſer diante delle dos principaes; e veio a ter tanta poſſe, que veio

a

a fazer ſeus irmãos que tinha grandes na Corte, e Capitães de mil, e de dous mil de cavallo cada hum; o primeiro Chancalono, outro Mahamede Soltão, e o terceiro Jancaliſchou, que he torto de hum olho, grande Cavalleiro, e muito liberal, e de todos eſtes he o Caliche o mais moço, e ao preſente ſerá de perto de ſetenta annos; e quando o Hecbar conquiſtou os Reynos de Cambaya, lhe deo a Fortaleza de Surrate, como na primeira Decada fica dito, aonde com o que já tinha adquirido, com outras terras, aonde já eſtava por ſenhor, engroſſou tanto, que nos affirmou huma peſſoa de ſua caſa, que tinha mais de vinte milhões de ouro em pedraria, e moeda, e hoje eſtá em Laor, que he a Corte, por Veador da Fazenda Geral de ſeus Reynos. E tornando a noſſa Armada, que hia ſeguindo ſua viagem, ſendo entre Bombar, e Bacar, encontrou de noite hum paráo de Malavares, que ſentindo a Armada, foi apertando o remo o mais que pode, e alguns navios apôs elle, que o foram atropellando; e todavia Belchior Jorge Barata chegou a elle primeiro, e foi peleijando hum bom eſpaço ás eſpingardadas até chegar D. Manoel de Menezes, que lhe poz a proa, e quaſi ao meſmo tempo que Belchior Jorge; e

lan-

lançando-ſe todos dentro, mettêram os Mouros á eſpada em breve eſpaço, ficando-lhe o parão com todo o ſeu recheio nas mãos, que leváram pera Bacá. Diogo Lopes Coutinho ajuntou os navios, e foi paſſando o Surrate, e no bando da barra víram ſurta huma fermoſa náo, que parecia de quinhentas toneladas, que eſtava de verga d'alto, como que queria fazer viagem. Diogo Lopes a rodeou com os navios, e lhe mandou perguntar que náo era, e pera onde hia: os de dentro lhe reſpondêram que era do Hecbar, que hia carregar a Goga com Cartas do Viſo-Rey, que logo mandáram apreſentar; e Diogo Lopes lhe poz o paſſe, e lhe mandou dizer que fizeſſem ſeguramente ſua viagem, o que elles logo fizeram, e deram á véla pera Goga. A noſſa Armada entrou dentro no rio, e no Canal das Leiteiras víram a náo do Caliche, que tambem era muito fermoſa; eſtava de longo das barranceiras, e por ſer muito alcantilado com peanhos em terra, e por dento apparecêram grandes baſtidos de lanças arvoradas, e correrem pera de huma, e outra parte muitos Mouros, como homens que ſe faziam preſtes pera peleijarem. Diogo Lopes Coutinho chegou á náo, e lhe mandou perguntar cuja era, e pera onde

hia:

hia: ao que lhe respondêram que era do Caliche, e que hia pera Meca; mas que esperava por Cartas do Viso-Rey: ao que lhe disse o Capitão Mór, que estava muito bem; mas que soubessem que sem ellas não havia de sahir daquella barra. E porque ainda não era tempo de viagem, e as aguas eram passadas, sem quem a náo não podia sahir dalli, quiz o Capitão Mór correr a enseada pera haver novas de paráos, e assim atravessou a Goga, e dalli de longo da Costa a Dio, onde se proveo do necessario; e por se vir chegando a Lua em tempo de outras aguas, tornou-se pera Surrate a vigiar a náo, deixando-se estar dentro do rio a ver o que passava, e escreveo ao Viso-Rey o estado em que estava, pedindo-lhe mais navios, porque aquella náo era grande, e poderosa, e que seria grão descredito do Estado sahir-se fóra sem a elle poder tomar por falta da Armada. E estando assim no rio, aconteceo que estando a Armada hum dia da banda do Reynol com os esporões em terra, sahio-se hum magote de vinte soldados, e foram-se desviando a passarinhar com humas espingardas, cousas que o Capitão Mór tinha muito defendido por conhecer a natureza dos Magores; e andando alguma cousa alongados, deram nel-

nelles alguns ſincoenta de cavallo tão ſubito, que não tiveram tempo de ſe poderem recolher, e nos primeiros encontros a alcançáram alguns ſinco, ou ſeis; os outros feitos em hum corpo com as eſpingardas nos roſtos, peleijando muito eſforçadamente com elles, recolhêram-ſe a hum tezo, onde com muita ordem ſe defendêram, derribando com as eſpingardas alguns, por onde os mais não ouſáram de os entrar: eſtas novas foram todas ao Capitão Mór, que as ſentio muito, e logo deſembarcou com toda a gente poſta em armas, e deſpedio ſeu irmão João Rodrigues Coutinho com huma Companhia de ſoldados, e elle com toda a mais gente ſe foi pôr em parte aonde viſſe tudo. Os noſſos, que peleijavam com os Mogores, tanto que ſentíram o ſoccorro, apertáram tanto com elles, que os fizeram fugir; e ao tempo que João Rodrigues Coutinho chegou, andavam elles deſpindo os mortos, que até as botas que todos trazem lhes deſcalçáram; e recolhendo-os comſigo, ſe tornou ao Capitão Mór, que ficou muito ſentido, e deſgoſtoſo de lhe acontecer aquelle deſaſtre quaſi á ſua viſta pelo deſarranjo dos ſoldados, que neſta materia cá neſtas partes nenhum reſpeito tem, nem ás ſuas proprias vidas, pondo-as cada hora a perigo

por

por hum pequeno appetite. Entre os despojos que eſtes ſoldados trouxeram, foi huma lança com humas gazuas de prata, que foram de Portuguezes. Diogo Lopes deixou-ſe ficar com aquella mágoa, que elle poz em ſeu peito de ſatisfazer, e começou a traçar modos de o fazer, tendo dalli por diante tanto reſguardo na Armada, que não deixou ir mais a terra ſoldado nenhum. Eſtando neſte propoſito, chegáram tres navios, que o Conde D. Franciſco Maſcarenhas mandou armar em Chaul com recado que lhe deram de Diogo Lopes Coutinho, de que eram Capitães Ruy Mendes, e Ruy Dias de Souſa, ambos irmãos, e do outro não ſabemos o nome, com o que a Armada ficava mais poſſante, por levarem eſtes navios mais de cem ſoldados, muito bons, e eſcolhidos. Diogo Lopes Coutinho como andava ſentido da morte dos ſoldados, determinou de ſatisfazer aquella quebra, e ordenou em ſegredo com os Capitães de dar na Aldea dos Abexins, por ſer muito povoada, que ſeria pelo rio aſſima quaſi meia legua, e aſſim a commetteo huma madrugada; e dando nella de ſupito, a entrou, queimou, e a gente della ſe acolheo pera Surrate; o irmão do Caliche houve aquillo por grande quebra, e affronta ſua, por ſerem todos eſ-

estes Mogores muito soberbos, e arrogantes, e com muita pressa acudio com quinhentos de cavallo, muita gente de pé, e alguns Elefantes, e certas peças de artilheria de campo, e chegou á vista da Aldea a tempo que os nossos já embarcáram, por terem tudo feito á sua vontade; e chegando-se perto da praia, indo já os navios levados, lhe atiráram algumas bombardadas, e das fustas lhe respondêram com outra salva, de que alguns ficáram estirados por esse campo: e quiz a desaventura que ao desamarrar dos navios se embaraçassem os de D. Francisco d' Essa, e de D. Francisco de Menezes, de maneira que se não puderam affastar. Vendo-os os Mogores daquella feição, carregáram sobre elles com tantos tiros, que lhe feríram a mór parte da gente, e entre elles a D. Francisco no braço direito, de que ficou aleijado, e matáram dous soldados. Os nossos que estavam embarcados, por huma parte trabalhavam por se apartarem, e por outra laboravam com a espingardaria pera affastar os inimigos, em quem faziam bem damno. O Capitão dos Mogores andava á borda da barranceira fazendo descer abaixo alguns Elefantes pera ferrarem em os navios com as trombas, e chegarem-nos mais pera a terra pera os pôrem em secco por va-
sar

ſar a maré. D. Franciſco d'Eſſa , e os mais ſoldados trabalháram , e peleijáram tudo o que puderam , ſem poderem ſer ajudados dos outros navios por cauſa da força da corrente que deſcia pera baixo; e tanto fizeram huns, e outros, que ſe deſempeſſáram , e affaſtáram pera fóra quaſi todos feridos, e tão canſados, que já não podiam comſigo: tirados do perigo, curaram-ſe os feridos ; e porque D. Franciſco de Menezes eſtava perigoſo , mandou o Capitão Mór que ſe foſſe curar a Damão, e lhe mandou metter todos os mais feridos, e a D. Franciſco de Menezes, filho de D. Pedro o Ruivo, pera que nella tornaſſe por Capitão. Eſta deſgraça ſentio Diogo Lopes muito, porque tinha o negocio muito bem feito , ſenão fora aquelle deſaſtre de ſe embaraçarem os navios.

Affaſtados dalli , tornaram-ſe ao ſeu porto a vigiar a náo; e por lhes faltar agua , a foram fazer a huma Aldea aſſima deſta dos Abexins , onde a havia , porto que eſtava pela terra dentro dous tiros de falcão; e deſembarcando com toda a gente á borda da ribeira , mandou o Capitão Mór a ſeu irmão João Rodrigues Coutinho com huma companhia de ſoldados de eſpingardas a favorecer, e dar guarda aos marinheiros , e aos moços que levavam as

vaſilhas, em que haviam de trazer a agua; e elle com toda a mais gente ſe poz no campo á viſta dos navios, e da gente que hia fazer aguada. Os da Aldea tanto que ſentíram os noſſos, fizeram logo muitas fumaças, que era o ſinal que tinham pera na Fortaleza ſe ſaber que os noſſos eram deſembarcados. O Capitão de Surrate cavalgou com muita gente, e alguns elefantes, e acudio áquella parte, que os noſſos tiveram tempo pera fazer aguada á ſua vontade. E por ter aviſo João Rodrigues Coutinho da gente que era ſahida de Surrate, mandou diante os marinheiros, e elle ſe deixou ficar pera ver que gente era, e ſe recolheo como emboſçada em huma Aldea, por ver ſe os Magores entravam por ella com alguma deſordem pera lhes poder dar hum toque. O Capitão de Surrate chegando á Aldea, não ouſou a entrar nella por ſe recear dos noſſos, e deixou-ſe ficar de fóra, ordenando de ſua gente huma meia lua, e rodeou a Aldea toda. João Rodrigues Coutinho como os vio daquella maneira, deo fogo á Aldea, e foi-ſe ſahindo em hum corpo, e recolhendo-ſe pera a praia, porque ſe hiam os Mogores chegando, e carregando ſobre elles com grandes nuvens de fréchas, e pelouros; mas elles com o roſto nos inimigos, diſ-

pa-

parando ſua arcabuzaria , foram-ſe com muito bom compaſſo recolhendo á praia; e miſturando-ſe com o Capitão Mór , começáram-ſe todos a embarcar com muito boa ordem , fazendo-lhe campo os falcões das fuſtas , que fizeram em o inimigo hum arrazoado emprego. Embarcados os noſſos a ſeu ſalvo , affaſtando-ſe pera fóra o navio do Capitão Mór , deram dentro nelle huma falcoada, que acertou em hum Manoel Freire de Andrade, homem Fidalgo, que eſtava aſſentado em huma prancha, de que cahio ao mar ſem mais apparecer, de que o Capitão Mór ficou aſſás triſte. E porque as aguas eram acabadas, antes que vieſſem outras , ſe fez á véla pera Dio, e foi correndo a enſeada por ver ſe achava alguns ladrões; e depois que ſe proveo naquella Fortaleza , tornou-ſe a vigiar a náo.

CAPITULO V.

De como o Conde D. Franciſco Maſcarenhas mandou ſeu ſobrinho D. Jeronymo com huma Armada ao Eſtreito: e do aviſo que mandou á Coſta de Melinde, e Moçambique por haver novas de Galés: e do que aconteceo á Armada dos Aventureiros em Surrate: e de como os Mogores foram ſobre Damão.

ENtre as inſtrucções que o Viſo-Rey D. Franciſco Maſcarenhas trazia de El-Rey muito encommendadas, era que logo mandaſſe huma Armada ao Eſtreito a defender que não foſſem a elle as náos do Malavar, nem do Achem aos portos de Meca; e porque logo, tanto que tomou poſſe do Reyno de Portugal, foi aviſado, que por alli ſe vaſava a mór parte da pimenta da India, couſa tanto em perjuizo do trato, e commercio della; e querendo o Viſo-Rey cumprir iſto, ordenou huma Armada de tres Galeões, e quatro Galeotas, e elegeo pera a jornada ſeu ſobrinho D. Jeronymo Maſcarenhas. A eſta Armada ſe começou a dar muita preſſa; e os Capitães dos Galeões, que eram Fernão de Albuquerque, e João Furtado de Mendoça, começáram a correr com elles, e com ſeus

ſeus Officiaes. Andando neſte trabalho, adoeceo Fernão de Albuquerque na barra, e deſcuidaram-ſe delle os Officiaes da fazenda, por não pagarem aos que com elle corriam, e ficar entregue a alguns forçados das Galés pera obrigarem, e darem ás bombas; e eſtes deſejando ſua liberdade, quebráram os ferros, e deram fogo ao Galeão, e deitaram-ſe a nado a terra, e o Galeão ficou ardendo todo, e ſe perdeo por deſcuido a mais fermoſa peça que no Eſtado havia; e aſſim deram iſto em Portugal por culpa ao Conde D. Franciſco Maſcarenhas, ſendo ella toda do Veador da Fazenda, cuja obrigação he prover neſtas couſas. E ſempre vemos na India, por quererem poupar quatro cruzados á fazenda de ElRey, haver eſtas, e outras ſemelhantes perdas; não havendo que nunca eſta fazenda creſce tanto, como quando ſe deſpende no que he neceſſario, e no que importa tanto; porque, como já outras vezes diſſemos, he muito ordinario neſte Eſtado moſtrarem ao Rey creſcenças fantaſticas, e encubrirem-lhe as perdas, e damnos que por ellas recebem, e dandolhe a comer huma pirola amargoſa debaixo de hum falſo dourado.

E tornando á noſſa ordem, vendo o Viſo-Rey queimado o Galeão, comprou hu-

huma náo a hum Mercador ; e porque Fernão de Albuquerque não melhorava, nem eſtava em eſtado pera ſe embarcar, elegeo o Viſo-Rey por Capitão em ſeu lugar João Barriga Simões ; e dando preſſa á Armada, ſe fez á véla a quatorze de Janeiro deſte anno de 1582. em que com o favor Divino entramos. Os Capitães das quatro Galeotas era Franciſco Correa de Brito, Belchior Barboſa, Affonſo da Silva Henriques , e Belchior de Paiva. Levava D. Jeronymo por regimento que ſe foſſe pôr a Monte de Felix, e que alli eſperaſſe todas as náos que foſſem demandar o Eſtreito de Meca, e as tomaſſe ; e que como paſſaſſe a monção , foſſe invernar a Ormuz pera com D. Gonſalo de Menezes, Capitão daquella Fortaleza , prover nas couſas do Magoſtão, e caſtigarem a ElRey de Lara pela guerra que fazia a ElRey de Ormuz , tanto em damno do rendimento daquella Alfandega. Dada a Armada á véla, foi ſeguindo ſua derrota, a quem logo tornaremos.

Pelas náos , que chegáram a Dio dos Portos de Meca, foi o Viſo-Rey aviſado que em Moca ſe faziam preſtes tres Galés, que eram as meſmas que foram a Maſcate, ſem dizerem pera onde determinavam de ir: receando-ſe que quizeſſem paſſar á Coſ-

ta

ta de Melinde , e dar vista a Moçambique, despedio quasi no mesmo tempo duas fustas, de que foi Capitão Mór Fernão Boto Machado , homem Fidalgo, e soldado velho da India, que hia em huma, e Cosme de Faria em outra, e lhe deo por regimento que fosse á Costa de Melinde , e que achando novas certas das Galés, recolhesse os Portuguezes, que andavam na Costa, e se fosse com todos metter na Fortaleza nova de Moçambique , que estava ainda imperfeita, porque os Turcos se não senhoreassem della; e que da Costa despedisse Cosme de Faria com recado a D. Jeronymo Mascarenhas, que havia de estar a Monte de Felix esperando por elle pera estar sobre aviso ao recolher das Galés, porque assim não lhe poderiam escapar , e que em Julho mandasse elle Fernão Botto a sua fusta ás Ilhas de Angoxa, se houvessem Galés pera se fazerem em outra volta; e da viagem destes navios adiante daremos razão , porque he necessario continuarmos com os Aventureiros , que deixámos em Surrate.

Vendo o Capitão daquella Fortaleza os saltos que os nossos andavam dando por suas Aldeas , despedio recado a Caliche Mahamede de tudo o que era passado, que tanto que se lhe disse como estava penho-

ra-

rado com o Echebar, como já dissemos; e vio que a sua náo não podia sahir pera Meca por causa da nossa Armada, determinou de acudir áquillo, assim por sua honra, como por sua fazenda, pelo muito que perdia em a náo não fazer viagem, pelo que logo com muita pressa despedio recado ao Cutubidicam, Capitão de Baroche, mandando-lhe que ajuntasse gente de Armadaba, e Surrate, e fosse sobre as terras de Damão, pera que a Armada acudisse lá, e a sua náo tivesse tempo pera sahir fóra logo. Com este recado formou o Cutubidicam hum bom exercito de gente de cavallo, e elefantes, e artilheria, e começou a marchar contra Damão, e entrou por suas comarcas na entrada de Março, despedindo diante hum Mogor, chamado Caliocham, com mil cavallos, que foi entrando pelas praganas Buticer, e Pecari, que são muito povoadas, e do mór rendimento de todas as mais; e tudo foi destruindo, e assolando, posto que já os naturaes tinham recolhido suas mulheres, e gado pera as terras de Sarzeta por ordem de Martim Affonso, Capitão de Damão, que com elle se tinha concertado pera isso, e elle passados seus seguros; porque tanto que teve aviso daquelle exercito, logo proveo em recolher, e segurar todas estas cousas, e despedio re-

ca-

cado ao Viſo-Rey, pedindo-lhe ſoccorro, e começou a ſe fortificar, porque eſtava a Cidade aberta, e rota por muitas partes, mandando pelas praganas de ſua juriſdicção recado, pera que ſe recolheſſem todos os naturaes com ſeus móveis, e gados pera a terra do Rey de Sarzeta, com quem (como vizinho, e tão amigo que todas as ſuas rendas tem nas Aldeas da juriſdicção daquella Fortaleza, que são os coutos) ſe concertou, como aſſima diſſemos, porque tratou que os inimigos na primeira entrada não tiveſſem em que ſe cevar, e achaſſem as terras deſpovoadas, e ſem mantimentos, que forçado lhe haviam de faltar; e a todas as Tanadarias de ſua juriſdicção, que são Sanges, Danu, Tarapor, May aviſou da vinda dos Mogores, e mandou que todas as mulheres, e meninos ſe foſſem pera Baçaim, e que os lavradores com ſeus gados, e móveis ſe recolheſſem pera os matos, como fizeram. Martim Affonſo trazia eſpias ſobre os inimigos, e cada dia era aviſado de tudo; e ſem dormir, nem deſcançar, tratou de fechar-ſe pelas partes que eſtava roto; e por ſer certificado vir já o exercito inimigo por Balſar, e do numero da gente que trazia, entendeo que lhe era neceſſario puxar por Diogo Lopes Coutinho, e deſpedio hum navio com cartas

ſuas,

ſuas , proteſtos , e requerimentos da Cidade, pera que ſe foſſe metter nella , porque eſtava rota , e ſem gente. Com eſte recado foi-lhe neceſſario deixar tudo , e ir-ſe pera Damão , aonde foi muito feſtejado , e junto com o Capitão repartíram as eſtancias , e partes mais fracas pelos Capitães de Cicacem , encarregando a João Rodrigues Coutinho o Baluarte de ſobre a porta , que vai ſahir ao campo grande , por eſtar todo no chão , que elle com ſeus ſoldados , e marinheiros reformou em poucos dias de madeira , e adobes crus , com o que o fez muito forte , e fermoſo , e o guarneceo de artilheria , e armas , ficando elle alli agazalhado com ſincoenta ſoldados , e pela meſma maneira os mais Capitães fizeram nas partes que lhes coube , com o que a Cidade ficou pera ſoffrer qualquer trabalho ; e porque os Mogores ſe vinham chegando , deſpedio o Capitão cartas ás Cidades de Baçaim , e Chaul , em que lhes dava conta do poder dos Mogores , e dos trabalhos que eſperava , e lhes pedia que a ſoccorreſſem , mandando-lhes encampar os Templos , e a Cidade : eſte recado ſe deo áquellas Cidades ; e não faltando nos vaſſallos Portuguezes aquelle ſeu fervor , e lealdade antiga , com que ſempre acudíram ás couſas deſta qualidade , pelo que logo ſe

fi-

fizeram muitos Fidalgos, e Cavalleiros prestes com navios, e soldados pera irem soccorrer aquella Cidade. Baçaim estava mais perto, chegáram primeiro áquella Cidade dez, ou doze navios, cujos Capitães eram Jorge Pereira Coutinho, Fidalgo de mais de sessenta annos, que o zelo do serviço de ElRey lhe fazia acudir a estas cousas, como se fora de trinta, D. Francisco de Noronha, D. Francisco de Sousa, D. Diniz d'Almeida, Duarte de Mello, D. Ruy Gomes da Silva, Manoel de Mello, e outros todos com muitos, e bons soldados á sua custa, e com grandes despezas, foram todos mui bem recebidos do Capitão, e Cidade, repartidos por estancias, que estavam rotas, que lhe reedificáram, e fortificáram muito bem com muito trabalho, e custo seu.

CAPITULO VI.

De como os Mogores entráram pelas terras de Damão: do damno que fizeram: e do que fez o Conde Viso-Rey D. Francisco Mascarenhas em lhe dando as novas do cerco.

DAdas as cartas de Martim Affonso, Capitão de Damão, ao Viso-Rey, mandou logo chamar a Fernão de Miranda,

e

e lhe disse, que cumpria ao serviço de El-Rey que embarcasse logo pera Damão em huma fusta, e após elle mandaria os soccorros que pudesse, e regimento pera saber a fórma em que devia de ficar, porque o remedio de Damão estava em se elle ir metter dentro naquella Cidade. E Fernão de Miranda sem fazer detença alguma, se embarcou no mesmo dia, porque logo lhe acudíram muitos Fidalgos, e soldados seus amigos pera o acompanharem, e logo se fez á véla em sua companhia Thomé de Sousa Coutinho em hum Catacolão com alguns amigos, e naquella conjunção sahíram tambem alguns navios de Mercadores, que estavam na franquia, em que tambem se foram embarcar muitos soldados, porque nas emprezas desta qualidade os amigos de honra nunca esperam que os mandem, nem tem dever com pagas, nem ração, tempos, nem inconvenientes delle, que tudo facilita o desejo, e amor da patria, e o do serviço do seu Rey. No mesmo dia que partio Fernão de Miranda, despedio o Viso-Rey huma Almadia com cartas a Mathias de Albuquerque, em que lhe dava conta da necessidade de Damão, e que logo despedisse dez navios os melhores da sua companhia, e que os entregasse a D. Gilianes Mascarenhas pera se ir

met-

metter em Damão. Com esta brevidade sabia o Viso-Rey acudir ás necessidades do Estado com que remediava todas, e assim teve bom successo em todas as cousas que emprendeo. Espalhadas as novas do cerco, pincipiaram-se a negociar muitos Fidalgos, e Cavalleiros pera os irem soccorrer, com que depois continuaremos, porque he necessario fazello primeiro com Fernão de Miranda, que em poucos dias foi a Damão, o que os moradores estimáram muito pela experiencia que tinham de seu esforço, conselho, e entendimento. O Capitão Martim Affonso, e Diogo Lopes Coutinho com os Fidalgos, Capitães, e Vereadores o foram receber á praia, por ter sido alli seu Capitão; e elle disse a Martim Affonso que o Viso-Rey o mandava de soccorro áquella Fortaleza por seu soldado, que alli estava com aquelles companheiros pera tudo o que cumprisse ao serviço de ElRey. O Capitão com palavras muito honradas lhe agradeceo aquellas cortezias, e lhe respondeo que elle podia mandar naquella Fortaleza, como no tempo que nella fora Capitão, porque entendia que assim era conveniente ao serviço de ElRey, e lhe pedio ficasse de fóra sem obrigação de estancia pera o ajudar na fortificação da Cidade, o que elle acceitou, e começou a

cor-

correr com ella, como a pessoa do Capitão, e de Diogo Lopes Coutinho.

Poucos dias depois disto chegáram áquella Fortaleza alguns Capitães de Goa, que partíram logo apôs de Fernão de Miranda em navios seus cheios de muita, e boa soldadesca, que foram D. Martinho Silveira, D. Luiz de Menezes, Duarte de Mello, irmão de Martim Affonso, D. Duarte d'Essa, e outros que nos não lembram. Com este soccorro ficava a Cidade já segura, porque era grande, e estava aberta por muitas partes: estes Capitães tomáram á sua conta pedaços de entulho, tapigos, e outras cousas, em que se exercitavam com os seus soldados, e marinheiros: os Mogores eram já entrados pelas terras de Damão, e tinham assentado seu arraial ao longo de huma ribeira duas leguas da Cidade, donde espalháram pelas terras gentes de cavallo, que as andavam roubando, e fizeram assás de damnos, porque ainda acháram muito gado, e lavradores por recolher que leváram, cativáram, destruíram, e escaláram todas as Aldeas. Estas novas corrêram logo por todas aquellas Fortalezas, donde cada dia acudiam Fidalgos, e Cavalleiros de soccorro. E D. Francisco de Castro, Capitão de Chaul, dando-lhe recado de Damão, no mesmo dia despedio huma

ma embarcação ao Viso-Rey, e lhe mandou pedir licença pera elle em pessoa ir áquelle soccorro, o que lhe elle mandou, e elle se fez prestes, e negociou em poucos dias vinte navios mui bem guarnecidos de gente, e munições, e de tudo o mais necessario pera a guerra, porque os Capitães delle eram Fidalgos, e Cavalleiros principaes, e casados naquella Cidade, que á custa de suas fazendas, como sempre fizeram, se embarcáram em companhia do seu Capitão; e dos que pudemos saber os nomes, são: D. Jeronymo de Menezes, Duarte da Silveira, filho do Craveiro de Evora, Balthazar de Siqueira, Pedro Preto, filho de Francisco Preto, Ruy Mendes de Figueiredo, Francisco da Cunha, Mattheus de Gumede, João Ferreira Fialho, Gonsalo de Araujo, Amador Mendes Dorta, Manoel de Valladares, André Duarte, Belchior Colaço, Manoel Bocaro, e dous navios mais, que a Cidade mandava cheios de mantimentos, e munições á sua custa, de que eram Capitães Jorge da Silva, e hum Foão Teixeira. D. Fernando de Castro deo á véla com todos estes navios, deixando a Fortaleza entregue a Alvaro de Carvalho, e em poucos dias entráram pela barra de Damão todos estes navios embandeirados, disparando a sua artilheria, e

to-

tocando ſeus piſanos, e tambores, couſa fermoſa pera ver. Foram eſtes Capitães bem recebidos, e repartidos por eſtancias, que elles reformáram, e fortificáram, ficando D. Franciſco de fóra pera acudir ás couſas neceſſarias, e tomou á ſua conta fechar a praia da ponta do Baluarte de ſobre a barra até ao mar, porque não vieſſem os Mogores metter-ſe entre os navios, e a Cidade, obra muito neceſſaria; e não particularizamos os baluartes, e eſtancias, que os Capitães do ſoccorro reedificáram, e tomáram por eſtancias; porque como a Cidade não foi batida, e o cerco não foi por diante, havendo por eſcuſado; baſta nomear os que ſoubemos, porque já foram offerecidos a todos os trabalhos que ſe offereceſſe naquelle cerco, por muito prolongado que foſſe. D. Pedro de Menezes, Capitão de Dio, tanto que ſoube dos Mogores, deſpedio em ſeu ſoccorro dous navios cheios de ſoldados, de que foi Capitão Jorge da Silva Coutinho. Com eſtes ſoccorros ficou a Cidade tão proſpera, que já lhe não dava aos noſſos do cerco que ſe eſperava, antes praticavam em ir buſcar, e darem-lhe batalha em campo, porque ſe não foſſem louvar que os cercáram.

CA-

CAPITULO VII.

De como D. Gilianes Mascarenhas chegou a Damão: e do que os Mogores fizeram pelas Tanadarias: e da vista que deram á Cidade: e da escaramuça que os nossos tiveram com elles.

DAda a Carta do Viso-Rey D. Francisco Mascarenhas a Mathias de Albuquerque, em que lhe deo conta da necessidade de Damão, logo com muita brevidade despedio D. Gilianes Mascarenhas com dez navios, de que, a fóra elle, eram Capitães Cosme de Lafetar, Christovão de Tavora, seu irmão, Pedro Homem Pereira, Antonio Vellez, Gonsalo Coelho, Antonio de Lima, Sebastião de Macedo, D. Manoel de Azevedo, e Antonio de Azevedo: nestes navios hia a melhor soldadesca da Armada; e dada á véla, foram seguindo sua viagem; e antes de chegarem a Goa, houveram vista de dous Catacoulões de Malavares, a que deram caça; e o primeiro que chegou foi D. Gilianes, que os fez varar em terra, e lhe tomou os cascos, passando por Goa, sem quererem nada della. Antes de chegarem a Chaul, tomáram hum paráo de Cossarios, que todos morrêram, o que o mesmo D. Gilia-

nes abalroou, e rendeo; e sem se embaraçarem com outra cousa, chegáram a Damão, aonde entráram salvando a Cidade, fermosamente embandeirados. Foi D. Gilianes bem recebido, e seus Capitães repartidos por estancias, com que a Cidade acabou de ficar fortalecida pera se defender a todo o poder do Grão Mogor. De todos estes soccorros chegáram logo as novas a Cutubilicham, que desconfiado de poder fazer cousa alguma, e desenganado que a Cidade estava provída de soldados, Capitães, e Fidalgos, determinou de virar as armas contra as Tanadarias, porque tambem sua tenção (como dissemos) nunca foi bater, nem commetter a Cidade, senão occupar as terras por se desaffrontar do que a nossa Armada lhe andou fazendo pelo rio de Surrate; e por saber que a Tanadaria de Tarapor era rica com mercadores grossos, determinou de a mandar saquear, pera o que despedio Calischam com mil de cavallo, e alguns elefantes, de que logo foi o Capitão de Damão avisado, e mandou recado aos Capitães das Tanadarias, pera que estivessem sobre aviso, porque os não tomassem descuidados. Os Mogores entráram por Sanges, e Dormi, queimando, e assolando tudo; e chegando á povoação de Danu, onde estava D. João
de

de Ataíde por Capitão, e muito fortificado em huma Torre que tinha com sincoenta homens, e recolhidos de redor della todos os naturaes com seus gados, e no rio, que era largo, e fermoso, hum navio com vinte homens pera do mar os favorecer; e querendo elles commetter, os esbombardeou D. João mui bem; e ainda lhes mandou sahir alguns soldados, que travâram com os dianteiros huma escaramuça, com que derribâram alguns, e lhes tomâram huma bandeira, que D. João mandou depois ao Viso-Rey, e lha deram, estando hum dia solemne em S. Francisco, e elle a deo aos Padres. Os Mogores escandalizados de D. João, foram-se recolhendo, e passâram a Fará, porque estava despejado, e o assolâram, queimâram, e matâram muitos mesquinhos, e corrêram até May, onde o Capitão com os moradores estava fortificado no Templo dos Padres de S. Domingos, aonde tambem os escandalizâram; e depois de queimarem as aldeias todas, se recolhêram outra vez a Damão cheios de despojos, e de gados principalmente.

O Cutubichão deixou-se estar no lugar, onde assentou o arraial, sem dar vista á Cidade até dia de Ramos, que foi o primeiro que no campo apparecêram huns quinze, ou vinte de cavallo, apôs o Ca-

pitão do campo Francifco de Soveral, que vinha recolhendo o gado, e ao repique acudio o Capitão, e toda a gente folta ao campo; e por lhe parecer cilada, deteve os foldados, que já fe efpalhavam em magotes. Os Mogores chegáram até perto do Baluarte de João Rodrigues Coutinho; mas como víram fahir gente fóra, logo fe recolhêram, fem apparecerem mais que eftes.

Paffado ifto, logo ao dia de Pafcoa pela manhã, fabendo fer aquelle dia muito celebrado dos Chriftãos, o quizeram tambem feftejar com lhes darem vifta de todo o feu campo, e foi a horas em que eftavam todos aos Officios: dos Baluartes fe fez final a Mouros, a que logo acudíram os Capitães ao campo com toda a foldadefca, que andava folta fem obrigação de eftancia, e eram mais de mil homens, e foi a tempo que vinha dos Mogores a fio por entre humas hervas leiteiras, que eftam no cabo do Campo grande, fingindo a praia a modo de Lua, que fe eftimáram em tres mil homens de cavallo. Os Capitães dos Aventureiros Fernão de Miranda, D. Francifco de Caftro, D. Martinho da Silveira, D. Gilianes Mafcarenhas, e outros fahíram ao campo alguns delles a cavallo com o Capitão da Cidade, que levou comfigo todos

os

os moradores a cavallo, com que se poz em hum tezo, que fazia fóra da tranqueira de João Rodrigues Coutinho pera a banda da praia, onde se deixáram estar. D. Gilianes com os Capitães da sua Companhia, e toda a soldadesca com a sua bandeira foi-se pôr fóra a huma parte do campo, e o mesmo fizeram outros Capitães, que ficáram sem estancias; os inimigos vinham engrossando cada vez mais o fio; e huma das pontas da Lua, que respondia á praia, veio a ficar perto do porto em que estava o Capitão com a gente de cavallo, que o Capitão não deixou apartar delle, por não haver alguma desordem; mas todavia foram os Mogores chegando-se tão perto, que foi necessario sahir-lhe Fernão de Miranda com alguns companheiros de cavallo; e antes de chegar a elles, o chamáram de lá por Fernão de Miranda, muito claro, porque era muito conhecido entre elles. Este foi Calischam, que queimou Tará, porque se adiantou dos seus, brandindo huma lança. Fernão de Miranda em o vendo apartar, e que era o que chamava por elle, adiantou-se tambem dos seus, e bateo as pernas a hum fermoso cavallo ruço rodado em que hia; e endireitando com o Mogor, encontrou-se com elle tão fortemente, que lhe quebrou a lança nas ar-

armas ſem o derribar por vir precintado no cavallo, como todos o fazem, recolhendo-ſe o Mouro muito mal ferido pera a ponta da Lua, e Fernão de Miranda pera onde o Capitão eſtava; e porque os noſſos ſe começáram a miſturar com os Mogores, e os ſoldados travavam no meio do campo huma boa eſcaramuça de eſpingardadas, de que derribáram alguns, acudio o Capitão pera os recolher, por não haver algum deſmancho, o que elles fizeram quaſi por força, porque eſtavam deſejoſos de provarem a mão com os Mogores em batalha aprezada; e certo que pudera eſte dia ſer hum muito aſſinalado pera os Portuguezes, ſe houvera quem naquelle campo chamára por *Sant-Iago*, porque ſó iſto baſtava pera os ſoldados romperem de todo a batalha, ſem terem dever com os Capitães; mas parece que Deos não quiz que foſſe aquelle dia mais, pois tapou a boca a tantos homens, ſem haver hum que appellidaſſe o Bemaventurado Santo, couſa tão acoſtumada entre nós, que em qualquer pequeno rebate logo o invocamos. Os noſſos quaſi por força (como já diſſemos) ſe foram recolhendo pera de longo das tranqueiras, ficando os inimigos hum pouco parados; mas logo tornáram a voltar por onde vieram, bem foſtigados da artilhe-

lheria dos baluartes. Em quanto iſto ſe paſſou da outra banda do rio , esbombardeáram a Cidade com algumas peças, que lançavam pelouros deferro coado, que varavam os técтos da caſa dos Padres da Companhia , e paſſavam ao campo largo , e grande, ſem fazer nojo algum. Recolhidos os Mogores, nunca mais quizeram dar viſta , porque parece que lhes foi mal daquella ; e tudo o de Catubidicham parou em eſcaramuças, e entretenimentos, pera a náo do Caliche poder ſahir pera fóra livremente; e por derradeiro não fez viagem, porque os Mercadores não quizeram arriſcar ſuas peſſoas, e fazendas; porque ainda que á ſahida não tiveſſem riſco , a tornaviagem poderia ſer que a não fizeſſem, porque bem ſe entendia que haviam de achar Armadas ſobre aquella barra.

CA-

CAPITULO VIII.

Do que mais aconteceo em Damão : e das grandes differenças que houve entre o Capitão da Cidade, e dos Aventureiros : e de como os Mogores tratavam de pazes : e de como o Viſo-Rey mandou Gutierre de Monroy a invernar a Dio, e do que lhe ſuccedeo.

NEſte eſtado eſtavam as couſas de Damão, ſem haver mais que andarem os Mogores pelas terras fazendo todo o damno que podiam; mas como o demonio he pai de zizanias, e diſcordias, vendo que os Mogores não inquietavam os noſſos na Cidade, quiz elle ordenar dentro nella outras guerras, e trabalhos, que houveram de cuſtar mais; e aſſim começou a tomar achaques de couſas bem pequenas entre todos os Capitães, pera por ellas os ir accendendo mais em furia, e tomarem as armas huns contra os outros; e deixando os bicos pequenos, em que ſó as deſconfianças peccão, trataremos das ſubſtancias. Havia no Rio de Damão huma grande copia de fuſtas daquelles Capitães, que vieram de ſoccorro, e cada Capitanía tinha ſua bandeira, e ſeu farol pelas quadras, a fuſta de Diogo Lopes Coutinho, Capitão

Mór

Mór dos Aventureiros, a de Fernão de Miranda de Azevedo, de D. Francisco de Castro, e a de D. Gilianes Mascarenhas; e como Diogo Lopes Coutinho era Capitão Mór do Norte dos Aventureiros, o Viso-Rey lhe tinha dado largas Provisões, e poderes, pera que todas as Armadas, que por toda aquella Costa se achassem, lhe obedecessem. E como o Capitão Mór do Norte dos Aventureiros por estes poderes que levava houve que era menos cabo seu estarem outras fustas dos outros Capitães com bandeiras, e faroes, tratou de as tirarem, e ficar só a da sua fusta, como Capitão Mór que era, sobre que começou a haver desgostos, porque Fernão de Miranda era hum Fidalgo velho, que acabára de ser Capitão daquella Fortaleza, e que o Viso-Rey mandára soccorrella com palavras de muita satisfação, porque entendeo que havia de assistir naquelle cerco, como Capitão Mór do campo. D. Francisco de Castro era Capitão de Chaul, e deixára a sua Fortaleza por vir soccorrer aquella com huma Armada de vinte navios, e que só ao Viso-Rey podia conhecer obediencia; e D. Gilianes Mascarenhas era hum Fidalgo muito honrado, e que viera de Malavar por Capitão Mór daquelles navios por mandado do Viso-Rey, sem ver outra cou-

sa

ſa em contrario : eſtas eram as razões , que cada hum delles tinha , e allegava por ſi ; mas Diogo Lopes Coutinho não ſe acabava de quietar com haver muitos Capitães velhos , e peſſoas graves , e Religioſas , que andavam mettendo a mão neſte negocio pera ſe apaziguar , vindo-ſe a concluir entre todos que ao Viſo-Rey ſó pertencia averiguar aquillo , que ſe lhe déſſe conta de tudo , pera elle ordenar o que foſſe ſerviço de ElRey. Não ſe contentou o demonio com iſto , mas ainda paſſou adiante com ſua malicia ; porque poucos dias depois diſto ſuccedeo fazer hum ſoldado hum crime , e recolheo-ſe á eſtancia de D. Bernardo de Menezes , aonde o Capitão da Cidade o mandava prender , e não lho quizeram dar , do que elle tomado , foi lá em peſſoa ; mas D. Bernardo , e ſeus irmãos D. Franciſco , e D. Manoel de Menezes com ſeus ſoldados lhe defendêram , e acudio tambem Diogo Lopes Coutinho ; e diſſe a Martim Affonſo , que aquelle ſoldado era de ſua Armada , que elle trazia poderes do Viſo-Rey pera ninguem entender com elles , nem os caſtigar ; e ſobre iſſo ſe ateáram em razões , a que acudíram todos os Fidalgos , e gente da Armada , e ſe mettêram em meio , e aſſim ſe recolheo cada hum pera ſuas caſas. Martim Affonſo

de-

depois de ſer na Fortaleza, vendo que ficára alguma couſa acanhado, e que lhe não entregáram o ſoldado, tomando conſelho ſobre eſte negocio com alguns amigos, aconſelháram-lhe que foſſe prender Diogo Lopes por rebelde, e deſobediente, e aſſim mandou rebate ás juſtiças, e a todos os caſados, e negoceou-ſe pera o ir prender. Diogo Lopes teve diſſo aviſo, e recolheo-ſe em ſua caſa com cem homens de ſua Armada com muitas armas, e panellas de polvora pera ſe defender. Indo Martim Affonſo pera ſua caſa, e chegando á rua direita, como a ſoldadeſca toda he amiga de novidades, e bandos, como ouvíram dizer que Martim Affonſo queria prender o Capitão Mór dos Aventureiros, acudíram á rua direita poſtos em armas, largando as eſtancias; e deixando-as ſós, e deſertas, acudíram mais de ſeiscentos homens á parte de Diogo Lopes Coutinho com tenção de matarem Martim Affonſo, que tambem hia com muita gente. Os Fidalgos, e Capitães velhos, que havia na Cidade, acudíram pera apaziguar o negocio, que eſtava em eſtado de ſe romper a batalha, o que fora total perdição da Fortaleza, porque eſtava certo morrer a mór parte delles; e ſe os Mogores foram aviſados daquelle negocio, muito facilmente

pu-

puderam entrar na Cidade, por eſtarem as eſtancias ſoltas, e ſem guardas. A confusão que havia entre os noſſos era tal, que nem Religioſos com Crucifixos, nem Fidalgos velhos com a ſua authoridade puderam apaziguar. A couſa chegou a tanto, que alevantou hum ſoldado huma eſpingarda, e a encarou no Capitão pera o derribar; mas quiz Deos que o viſſe D. Martinho da Silveira, e remettendo a Martim Affonſo, o levou nos braços, e deo com elle dentro em huma caſa. Ao meſmo tempo da eſtancia de João Rodrigues gritáram a Mouros no campo, o que não era; mas quiz Deos inſpirar nelle, porque logo acudíram todos ás eſtancias, e ao campo, com o que ſe apartou aquella contenda. Paſſado iſto, tornáram-ſe a metter peſſoas graves no meio, e apaziguáram aquelles Fidalgos, e tornáram a ſer amigos.

Neſte meſmo dia chegáram alguns navios, que o Conde Viſo-Rey mandou com dinheiro, e provimentos pera aquella Fortaleza, e nelles enviou huma Provisão a Fernão de Miranda, em que lhe mandava ficaſſe invernando naquella Cidade por Capitão de toda a ſoldadeſca; mas debaixo da juriſdicção do Capitão da Cidade. Divulgado iſto, tomados os Capitães todos daquella mudança, principalmente D. Gilia-

lianes Mafcarenhas, logo no mefmo dia, fem dar conta a peffoa viva, fe embarcou no mefmo feu navio, e fe foi pera Goa aggravado do Conde, e dahi a dous, ou tres dias fez o mefmo Diogo Lopes Coutinho, e D. Fernando de Caftro com todos os feus navios. Poucos dias depois difto chegou a Damão Zimgiricham, genro do Coge Çofar, de quem na noffa quinta Decada Cap. XI. Liv. I. muitas vezes fallámos, que como era grande amigo dos Portuguezes, fabendo do cerco, partio pela pofta de Cambaya, onde eftava, pera metter mão naquelle negocio, e fer terceiro entre Cutubichão, e os Portuguezes; e chegando ao exercito com licença de Martim Affonfo, fe foi ver com elle, que o recebeo bem, e o agazalhou na Cafa de S. Domingos, e alli tratou fobre pazes, que por derradeiro fe não effeituáram, por lhe pedir o Capitão fatisfação de todas as perdas, e damnos que os Mogores fizeram pelas terras; porém ficáram com elle de mandar recado ao Vifo-Rey, e do que elle mandaffe o avifariam, e com ifto fe recolheo outra vez pera Cambaya, muito fatisfeito das honras que recebeo dos Portuguezes, e o negocio de guerra ficou no eftado em que eftava, fem haver mais viftas, nem affaltos, antes foram muitos de parecer que foffem dar

nos

nos inimigos huma madrugada com dous mil homens que havia na Fortaleza, com que muito facilmente os poderiam desbaratar de todo, dando para isso muitas razões; mas Martim Affonso não quiz arriscar o poder, e deixar a Cidade só, o que foi máo de soffrer aos soldados, porque publicamente praguejavam do Capitão com a soltura com que o costumam a fazer na India; e como o Inverno se hia chegando, houveram os Mogores por seu partido recolherem-se pera Baroche, o que affirmam por mui certo que estranhou o Chebar ao Caliche mandar fazer aquella guerra sem sua licença, e ao recolher deixáram guarnição de gente na pragana Bouticer, que era na jurisdicção de Damão, que até agora comem os Mogores por culpa dos Capitães, que foram dissimulando, de que mais lhe relevava aos Capitães, que estavam de soccorro naquella Cidade. Depois de terem recado de serem os Mogores acolhidos, se recolhêram pera suas casas, ficando Fernão de Miranda por Capitão de toda a soldadesca que alli ficou, que foi da Armada dos Aventureiros, e a de D. Gilianes. Diogo Lopes Coutinho em chegando a Goa o mandou prender o Viso-Rey por culpado nas cousas da guerra, de que depois se livrou. Neste mesmo tempo foram ás terras

de

de Dio tres, ou quatro mil Mogores a cavallo, que vieram da Costa de Por, e Mangalor de fazer guerra ao Rey de Sabon, e deixáram-se andar da outra banda de Gongala alguns dias; e receando D. Pedro de Menezes, Capitão daquella Fortaleza, que quizessem invernar por alli, e que intentassem saquear a Cidade, que era grande, e rica, proveo os passos do mar, e da terra de guarda, e despedio recado ao Viso-Rey do que passava, que tanto que lhe foi dado, despedio Guterre de Monroy com cem homens em huma Galé pera ir invernar em aquella Fortaleza; e chegando neste tempo a Chaul, não quiz atravessar o golfo em Galé, e fretou dous navios, em que se mudou. Indo tomar Baçaim, achou carta de D. Pedro de Menezes em mão do Veador da Fazenda Francisco de Frias, em que lhe dizia que os Mogores eram recolhidos a Cambaya, e que assim o escrevesse ao Viso-Rey, pera que não mettesse cabedal naquelle negocio, pelo que se houve ser escusado sua ida: e disto tirou Certidões, e papeis, e voltou pera Goa, deixando os soldados que hiam pagos, que o Veador da Fazenda entregou a Simão de Brito pera irem invernar com elle a Dio, que por achar o golfo mui rijo, tornou a voltar pera Baçaim.

Pou-

Poucos dias depois disto, que foi na entrada de Maio, faleceo-lhe D. Pedro de Menezes, e succedeo-lhe o Alcaide Mór Simão de Abreu. E certo que foi grande perda a deste Fidalgo por as partes, e qualidades de sua pessoa, por ser Capitão velho na India de muita experiencia, e grande conselho, de quem ElRey tinha muito grande satisfação, e estava certo ser a primeira succefsão da governança da India, Fidalgo bom Christão, e de muita verdade, e muito zeloso do serviço de ElRey, com todas as mais partes conforme ao sangue de que procedia, porque era neto do Conde de Cantanhede, filho de D. Manoel de Menezes, e de Dona Brites de Vilhena: foi enterrado na Misericordia daquella Fortaleza, e seus ossos foram trasladados a Goa pera huma Capella, que tem no Capitulo de S. Francisco: foi casado duas vezes na India, a primeira com Dona Bernarda, filha de D. Jorge de Sá, e a outra com Dona Luiza Coutinha, filha de Manoel Coutinho, viuva de Luiz Freire de Andrade, de quem tinha huma filha chamada Dona Ignez Freire, que hoje he casada com D. Diogo Coutinho, filho de D. Francisco Coutinho o Marialva.

CA-

CAPITULO IX.

Das cousas que o Viso-Rey proveo: e dos Capitães que despachou pera fóra: e do que aconteceo o resto do verão a Mathias de Albuquerque até se recolher.

DEsapressado o Viso-Rey das cousas de Damão, por cujo respeito paravam todas as mais, logo tratou de despachar as que haviam de ir pera fóra, e soccorrer Ceilão, por lhe terem chegado novas de fresco que o Rajú fazia mudança de si, e havia suspeita que queria tornar a provar a mão com a Fortaleza de Columbo; e porque Antonio de Sousa Godinho estava prestes pera ir a Pegú ás cousas que importavam, o despedio logo com regimento, que pedisse a Mathias de Albuquerque, Capitão Mór do Malavar, mais dous Capitães, D. Jeronymo de Azevedo, e Affonso Ferreira da Silva pera irem com elle áquella necessidade; e que chegando a Columbo, sendo necessario deixar-se ficar, o fizesse; e que estando as cousas quietas, passasse a Pegú a fazer seu negocio.

Partido Antonio de Sousa de Goa com tres navios, de que, a fóra elle, eram Capitães Antonio de Faria, e João de Faria,

chegando ao Malavar, deo cartas, que levava a Mathias de Albuquerque, que lhe deo os dous Capitães que lhe pedia, e foi seguindo sua derrota; e antes de chegar a Cochim, encontráram hum Paráo de Malavares, que levava hum Pangale de Christãos tomado, a que foram dando caça já de noite; e apertáram tanto, que lhes foi necessario largar o Pangale pera poder escapar, a quem chegou Antonio da Costa, e lhe deo toa, e recolheo-se pera Cochim. Os navios da sua companhia, que o não víram voltar, foram seguindo o farol toda a noite até pela manhã se haverem vista delle, pelo que voltáram pera Cochim, aonde acháram Antonio de Sousa; e depois de se proverem de agua, e de outras cousas, tornáram á sua viagem; e passando o Cabo de Comorim, acháram já ameaços de inverno, e houve alguns pareceres de Piloto que era já tarde pera se commetter aquelle golfão; mas Affonso Ferreira da Silva, como prático naquellas partes, e soldado velho, disse, que ainda poderiam atravessar a Ceilão, e que se fosse a soccorrer a Fortaleza de ElRey, ainda que fosse com trabalho, e com esta determinação se fizeram todos á véla contra os pareceres dos Pilotos, e assim foram atravessando com mares muito grossos, e no mesmo dia quebrou o

maſ-

maſtro ao navio de João de Faria, a quem Antonio de Souſa mandou que ſe foſſe ao longo da Coſta até á Fortaleza de Manar, e alli ſe proveſſe de outro maſtro, e o foſſe eſperar a S. Thomé, como fez: os mais navios foram atraveſſando com tempo bem rijo, e chegáram a Columbo, onde foram muito feſtejados; e o Rajú tanto que teve novas deſte ſoccorro, não bolio comſigo, e deſpedio a gente que tinha junta, de que logo foi aviſado João Correa de Brito, e houve Antonio de Souſa por eſcuſado; e deixando alli os navios de D. Jeronymo de Azevedo, e de Antonio de Faria, partio-ſe de longo da Coſta até Manar, e dahi paſſou os baixos, e foi fazer ſua viagem.

Mathias de Albuquerque, Capitão Mór do Malavar, que todo eſte verão tinha feito huma cruel guerra aos Mouros de toda aquella Coſta, vendo que ſe acabava o verão, mandou recolher as náos de Malaca, China, Maluco, Bengala, e mais partes com huma grande cafila, e com tudo iſto ſe foi recolhendo pera Goa, e de caminho viſitou, e proveo as Fortalezas de Canará de tudo o neceſſario, e dahi paſſou a Goa. Neſta náo mandáram de Malaca huma devaſſa, que ſe lá tirou contra D. João da Gama, Capitão daquella Fortaleza, pelas culpas que tinha na Proviſão do Licencia-

do Cofine de Ruam, que lá foi por Ouvidor Geral, como na nona Decada melhor fe verá, e por outras coufas, que lhe puzeram, que foi pefta na Relação de Goa, onde foi fentenceado que foffe defpejado da Fortaleza, e fe vieffe livrar a Goa; e com ifto defpachou o Vifo-Rey a Roque de Mello, que viera com elle defpachado com aquella Fortaleza pera ir entrar nella. Divulgado ifto por Goa, acudio D. Miguel da Gama a ver fe podia atalhar que feu irmão não foffe defpejado, porque havia de ter gente fua efpalhada, e receberia grande perda fenão a recolheffe, fendo Capitão; mas não pode acabar com o Vifo-Rey, mais que conceder-lhe que Roque de Mello, chegando áquella Fortaleza, tomaffe poffe da fazenda de ElRey, e mandaffe como Veador da fazenda della em tudo, e que D. João da Gama ficaffe fendo Capitão da Fortaleza até Agofto feguinte, havendo elle de acabar feu tempo por fim de Outubro. Defpachadas eftas coufas, e outros Capitães, que haviam de ir pera fóra, deram todos á véla a vinte de Abril por diante, Roque de Mello em huma náo fua, Ayres Gonfalves de Miranda em outra, em que hia fazer huma viagem da China pera Japão, que tinha comprado aos Procuradores de D. Pedro Manoel,

noel , irmão de D. Antonio de Vilhena, que ſe perdeo , fazendo eſta meſma viagem , que ElRey concedeo a ſeu irmão no meſmo tempo que lhe a elle cabia , com condição que pagaria as dividas de D. Antonio. Foi tambem em outro Galeão João Alvares Pereira pera Maluco, por ſer provído daquellas viagens, com quem hia embarcado D. Alvaro de Caſtro, que era provído da Capitanía da Fortaleza de Tidore , e eſcreveo a Diogo d'Azambuja, que nella eſtava, huma carta mui honrada, em que lhe dizia que ElRey D. Filippe lhe fazia mercê, em huma liſta que trazia de tres annos , daquella Capitanía , na vagante dos provídos , e lhe mandou huma carta de ElRey pera elle , em que moſtrava ter ſatisfação dos ſeus ſerviços, porque lhe fazia a mercê que o Conde lhe dera. Deſpedidos eſtes Capitães pera fóra, e provídas as couſas de Damão , como adiante diremos, cerrou-ſe o inverno de Goa, em que não ha mais que vigiar as ribeiras, e viſitar as Armadas, e reformallas.

CA-

CAPITULO X.

Do que aconteceo a Fernão Boto Machado na viagem até Moçambique, e a D. Jeronymo Mascarenhas no Estreito de Méca até chegar a Ormuz: e de como foi contra os Nequilins, e do que com elles aconteceo.

PArtido Fernão Boto Machado de Goa, como atrás dissemos no Cap. V. do II. Livro, foi atravessando aquelle grande golfão até haver vista da outra Costa no Cabo que chamão dos Baxás, onde tomou lingua da terra, e soube não serem passadas as Galés pera baixo, pelo que foi correndo a Costa de longo, e fazendo por ella algumas cousas que levava por regimento; e não havendo alli que fazer mais, passou a Moçambique, e deo as cartas do Viso-Rey a D. Pedro de Castro; e por não haver novas de Galés, nem ser necessario invernar naquella Fortaleza, deo á véla pera Goa na entrada de Abril, e no caminho na altura da Çacatorá achàram tantas calmarias, que o detiveram tantos dias, que estiveram a risco de se perderem por falta de agua; e acudindo-lhes Deos nosso Senhor com vento, os tirou do perigo, e foram buscar a Costa da India já de vinte

de

de Maio por diante, e neſte caminho ſe apartáram os navios. Coſme Faya foi tomar a barra de Goa, e deo novas ao Viſo-Rey da ſua jornada, que elle eſtimou; e porque eſtava receoſo de haver Galés pelo trabalho que poderiam dar aquella coſta; e Fernão Boto não ouſando ir commetter a barra de Goa, foi buſcar a de Chaul, onde entrou, e varou o navio, e eſcreveo ao Viſo-Rey o que lhe aconteceo na jornada.

Agora continuaremos com D. Jeronymo Maſcarenhas, que deixamos partido de Goa a quatorze de Janeiro paſſado. Eſta Armada toda junta foi haver viſta da coſta da Arabia, e a Monte de Felix ſe deixou andar até á entrada de Abril, eſperando pelas náos, mandando todos os dias deſcubrir o mar pelos navios de remo; e hum dia amanheceo hum delles ao mar apartado dos outros, e houve viſta de huma fermoſa náo, que vinha com todas as vélas enfunadas demandar aquella paragem, que tanto que houve viſta da fuſta logo a conheceo, e entendeo que havia por alli Armada de Portuguezes; e virando em outra volta, deixou-ſe ir ſeu caminho: os da fuſta foram ſeguindo; e como era ligeira, chegou a tiro de falcão della, e lhe fez ſinal ao amainar, do que ella não fez caſo,

pe-

pelo que ſe puzeram por poppa, e todo aquelle dia até anoitecer a foram varejando ás falcoadas, ſem ella dar nada por iſſo, nem a Armada ſaber o que paſſava: e tanto que anoiteceo, foi-ſe na volta da Armada, e deo conta ao Capitão Mór do que lhe acontecêra. D. Jeronymo Maſcarenhas ſentio muito perder aquella náo, porque forçado lhe houvera de ficar nas mãos, ſenão fora a fuſta que a aviſou; e dando á véla pelo rumo que a náo levava, foi correndo todo aquelle dia pera ver ſe a podia alcançar de viſta, o que não fez, porque ſe tornou pera a meſma paragem, havendo que aſſim como aquella náo viera alli demandar, o poderiam fazer outras, e aſſim ſe deixou eſtar com mais vigia de que antes; e aconteceo huma noite muito clara, e ſerena no quarto da madorra verem hum ſinal no Ceo bem grande, que foi abrir-ſe todo o ar com tanta claridade, e reſplendor que parecia de dia, e apôs iſſo começáram a chover labaredas de fogo tão eſpantoſas, como ſe no ar ſe quebraſſem panellas de polvora, couſa que metteo grande medo em todos; mas durou pouco, e tornou o tempo a ficar como de antes. D. Jeronymo deixou-ſe eſtar alli até a monção de ſahir pera Ormuz, como levava por regimento; e dando á véla com toda a Arma-

ma-

mada, chegou áquella Fortaleza, onde foi bem recebido; e depois de deſcançar, lhe deo D. Gonſalo de Menezes conta de como ElRey de Lara tinha entrado pelas terras do Magoſtão, e tomadas algumas Fortalezas de ElRey de Ormuz, ao que era neceſſario acudir, aſſim por aquelle Rey ſer vaſſallo de ElRey de Portugal, como porque com aquellas guerras eſtavam os caminhos impedidos pera as cafilas, que deixavam de vir a Ormuz, e do que aquella Alfandega recebia notavel perda. Eſtas couſas ſe puzeram em parecer dos Capitães, Fidalgos, e Cavalleiros velhos, e honrados, e aſſentáram que era neceſſario atalhar-ſe aquillo, e deitar os inimigos fóra do Magoſtão, e que pera iſſo ſe metteſſe todo o cabedal que havia naquella Fortaleza. ElRey de Ormuz com o Goazil ſe offerecêram a acompanhar os Capitães naquella jornada com quatro, ou ſinco mil homens.

Aſſentado iſto, começou D. Gonſalo a fazer os preparamentos neceſſarios pera aquella jornada; e porque haviam de tardar alguns dias, pedio a D. Jeronymo que foſſe com ſua Armada dar viſta ao eſtreito de Baçorá, que trabalhaſſe por deitar os Nequilins fóra daquella paragem em que eſtavam, e obrigallos a irem viver á Ilha de

La-

Lareca, como tinha aſſentado com Ruy Gonſalves da Camara, ſendo Capitão daquella Fortaleza, como na nona Decada ſe póde ver, os quaes Nequilins, por goſtarem das prezas que faziam nas Terradas que vinham de Baçorá, e que elles ſalteavam com ſeus navios, não podia havellos obrigar a nada, pelo que entendêram que era neceſſario tirallos dalli, porque hiam engroſſando com as prezas, e já as terradas deixavam de vir a Ormuz, com o que ſe podia dizer que aquella Fortaleza eſtava de cerco por mar, e por terra, porque ella de ſi não tinha couſa alguma por tudo lhe vir de fóra. Aſſentado iſto, negociáram-ſe doze Galeotas, e em huma Galé embarcou-ſe D. Jeronymo com toda a gente de ſua Armada, e foi entrando pera dentro do eſtreito; e antes de chegar a Nequilu, deſpedio o Capitão Mór hum Arabe em huma embarcação pequena, por quem mandou pedir ao Xeque que quizeſſe fazer razão de ſi, e cumprir o que eſtava aſſentado com o Capitão paſſado, e que folgaſſe antes de ſer vaſſallo de ElRey de Ormuz, e amigo dos Portuguezes, que não de ElRey de Lara: eſte Mouro fallou com o Xeque dos Nequilins, que ſechamava Muça, e tratou com elle as couſas a que hia, e lho tornou a deſpedir com a reſpoſta, mandando

do pedir ao Capitão Mór ſeguro pera ſe ir ver com elle á ſua Galé, que lhe elle mandou, eſtando já ſurto de ſeu porto: e logo veio o Xeque com alguns cabeças principaes, que D. Jeronymo recebeo bem; e praticado eſte negocio, aſſim os perſuadio, que ficáram com elle de ſe paſſarem todos pera a Ilha de Lareca, onde vivêram como vaſſallos de ElRey de Ormuz, e que não trariam mais pelo mar terradas, nem outras embarcações ligeiras, com que coſtumavam a roubar. Aſſentado iſto, fizeram ſeus papeis, em que lhe D. Jeronymo limitou certo tempo pera ſe paſſarem a Lareca, e lhe paſſou carta de vaſſallagem, e ſeguros Reaes; e feito, iſto, tornou-ſe pera Ormuz.

CAPITULO XI.

De como os Capitães de ElRey de Lara tomáram a Fortaleza de Xamel, e outras que o Rey de Ormuz tinha no Magoſtão.

PORque nos pareceo melhor deixar eſtas guerras que ElRey de Lara teve com o de Ormuz pera eſte lugar, o fizemos de induſtria, por contarmos todas as couſas juntas. Eſtes dous Reys vizinhos he couſa mui

mui ſabida que o de Ormuz foi ſempre mui poderoſo, mais que o de Lara, ſendo antigamente o de Lara maior ſenhor que todos os que havia por aquellas partes, em quem o tempo veio a fazer o que coſtuma em todos os Eſtados, que he abater huns, e alevantar outros. E depois que o Rey de Ormuz veio a empobrecer, tratáram os de Lara de ſe fazerem ſenhores do Magoſtão, e de eſtenderem os limites de ſeu Reyno, mandando pera iſſo algumas vezes exercitos, que fizeram bem de damno; e como eſte deſejo ſe herdava com aquelle Reyno, eſte que agora era Rey de Lara, lançando mão de algumas occaſiões que ſe offerecêram, determinou conquiſtar todo o Magoſtão, pera o que formou eſte verão hum arrazoado exercito, de que fez Capitão Mula Albereza, que foi entrando pelo Magoſtão, e tomou logo a Fortaleza de Tezer, em que eſtava por Capitão Mór Mahamede Caſta Madis; e deixando nella guarnição, paſſou a Xamel, aonde eſtava por Capitão Coze Zanede, cabeça de todos os Amadizes, que he huma Cabilda que vive no Magoſtão, homens valentes, e determinados, que lhe entregou aquella Fortaleza ſobre partidos, e fez que ſe ſahiria della com todos os Amadizes, mulheres, filhos, e fazendas, que lhe o Mula

Al-

Albereza guardou tão mal, que em tomando posse da Fortaleza, mettêram todos os Amadizes a saco, e lhe tomáram suas mulheres, e filhas, e lhas deshonráram, fazendo-lhes todas as mais avexações que pudéram, de que os Amadizes ficáram mui deshonrados, e affrontados; e em quanto durou o cerco, que Mula Albereza poz sobre Xamel, que foram alguns dias Mir Mahamede Amadiz, a quem os Laris tomáram Tezer, havendo-se por abatido de lhe tomarem a Fortaleza, em que estava, ajuntando os Amadizes que pode, deo huma noite escura sobre a mesma Fortaleza; e tomando os Laris descuidados, entrou dentro por escadas, e metteo todos á espada, ficando outra vez de posse da Fortaleza, tomando a de Xamel, e ficou nella por Capitão Reucambar, e com elle Mir Lascar com seiscentos homens, muita artilheria, mantimentos, e munições; e do que o Magostão se despovoou todo, e as Cafilas que costumavam a vir daquellas partes da Persia pera Ormuz, foram algumas roubadas dos Laris, e outras deixáram de vir, com o que ficou todo o Magostão tão destruido, saqueado, e roubado, que quasi ficava a Ilha de Ormuz de cerco, porque de lá lhe vem tudo, agua, lenha, palha pera os cavallos, gallinhas, frangos, va-

cas,

cas, carneiros; em fim todas as mais coufas necessarias á vida humana, porque Ormuz não tem mais de seu que terras de sal, e com isto a perda que começava a sentir a Alfandega pela falta das cafilas de todas estas cousas. Tinha D. Gonsalo de Menezes avisado ao Viso-Rey, pedindo-lhe ajuda, e licença pera castigar ElRey de Lara, e restituir ao de Ormuz as Fortalezas, e terras que lhe elle tinha tomadas, pera que não viessem as cousas mais em damno daquella Fortaleza. Esta foi a razão, por que o Viso-Rey deo por regimento a D. Jeronymo, tanto que acabasse a monção do estreito do mar roxo, aonde o mandava, se fosse a Ormuz, e que com D. Gonsalo Capitão daquella Fortaleza fosse lançar o inimigo fóra das terras do Magostão, que, como já dissemos, assentou com elle irem ambos áquelle negocio; pelo que em quanto D. Jeronymo foi aos Niquilins, fez D. Gonsalo as preparações necessarias pera a jornada, que havia de ser no mez de Agosto; e como nella se havia de achar ElRey, e o Goazil, era necessario muita fabrica de servidores, cavallos, e camellos, que ElRey mandou fazer pelas aldeas do Magostão. E em quanto aos Capitães, despedio ElRey a Rax Lardadi, e a Mirorenga com dous mil homens, pera

que

que fossem diante, e recolhessem a si todos os Amadizes, que andavam espalhados, ó que elles fizeram; e depois de todos juntos, forão demandar hum Castelete chamado Maurique, que se fez pera recolhimento das cafilas, e pera os Mercadores deixarem alli seguros seus camellos por causa do pasto que em Ormuz não tinham, em que estava alguma gente de ElRey de Lara; e commettendo elles o Castelete, foi logo entrado, e mortos a mór parte dos inimigos. Os nossos Capitães D. Gonsalo, e D. Jeronymo, tendo prestes todas as cousas necessarias, na entrada do mez de Agosto mandáram passar tudo da outra banda, ficando só a gente que haviam de levar, de que fizeram alardo, e achárain oitocentos Portuguezes, gente muito limpa, e bem armada; e entregando D. Gonsalo a Fortaleza a João Correa de Brito com duzentos homens pera sua guarda, com isto se passáram da outra banda com toda a fabrica, que era muito grande: alli ordenáram de toda a gente de pé tres bandeiras: da primeira era Capitão Ruy Dias de Sousa, filho de Christovão de Sousa de Santarem, que era casado naquella Fortaleza: da segunda Simão da Costa, que nesta jornada foi com tamanha fabrica de tendas, cavallos, camellos, e servidores, e Fidalgos

gos casados, que só D. Gonsalo levava maior: da outra bandeira era Capitão D. Jeronymo Mascarenhas, que hia na dianteira com a mór parte da gente de sua Armada. No meio destas bandeiras se ordenou que fosse João Furtado de Mendoça com toda a artilheria, e munições, e toda a mais bagagem, como Mestre do campo, e D. Gonsalo ficava na retaguarda com toda a gente de cavallo, que seria perto de cento. ElRey com o Goazil havia de ir pelas ilhargas do exercito com toda a gente ordinaria de suas casas, que seriam cento e vinte de cavallo, e quinhentos de pé. Nesta ordem quizeram começar a marchar; mas como he muito ordinario entre muitos Capitães haver differença sobre jurisdicção, começou D. Jeronymo a mover alteração, dizendo que a elle lhe convinha levar a Bandeira de Christo, como Capitão Mór daquelles estreitos, e pelos poderes que levava do Viso-Rey, pelo que se devem os Viso-Reys de regular nestes poderes dos parentes, porque pelos honrarem quasi sempre affrontão, e enxovalhão hum Capitão de huma Fortaleza, que pela ventura tem mais idade, serviços, e merecimentos que outro que á força de poderes, e provisões lhe quer preceder: o que vem a resultar em deserviço de ElRey, e odios entre Fidal-

dalgos, que por pequenos pontos de honra deixam perder grandes occasiões: em fim a estas differenças acudíram Religiosos, Fidalgos, Veador da Fazenda, e entre todos se veio a determinar, que ao Capitão da Fortaleza convinha levar a Bandeira de Christo, como já está sentenceado pelo Viso-Rey D. Luiz de Ataíde nas differenças que o mesmo Conde D. Francisco Mascarenhas, estando por Capitão Mór no cerco de Chaul, teve com Luiz Freire de Andrade, Capitão daquella Fortaleza, como na oitava Decada está dito.

CAPITULO XII.

De como os nossos foram caminhando pera Xamel: e do que lhes aconteceo até chegarem lá: e do sitio daquella terra, e Fortaleza.

APaziguadas as cousas entre os Capitães, puzeram-se em ordem de caminhar; e porque D. Gonsalo levava o mór apparato, e fabrica que ninguem podia levar, ainda que fosse o Viso-Rey, não se acháram servidores pera todos, porque levava muita, e rica prata de serviço, huma muito grande, e bem provída dispensa de todas as cousas, como aquelle que todos

os dias dava prato da ſua meza a ElRey de Ormuz, e Goazil, e muitos Fidalgos, em muita abaſtança, levava muitos, e fermoſos cavallos ajaezados de ouro, e prata pera ſua peſſoa, e a ſua guarda, que era de homens Portuguezes de librea de muitas côres, e muitas charamelas, e trombetas, atabales, e outros inſtrumentos militares; em fim tudo o mais que ſe podia levar, como Capitão, que ſabia repreſentar aquelle lugar no meio de tanto vizinho, Perſas, Arabes, Turcos, e outros Eſtrangeiros, que andavam na Ilha de Ormuz, e a tudo lançavam o olho; porque como as novas ſempre creſcem nas bocas, era muito neceſſario que foſſe aſſim, pera que viſſem os vizinhos, que ſe hum Capitão de Ormuz ſe abalava com aquelle poder, e pompa, que faria hum Viſo-Rey da India, que nas orelhas de todos os eſtranhos he hum terror; porque como na India ſe não vive, ſenão de opinião, he neceſſario que os Viſo-Reys, e Capitães a ſuſtentem por não vir a menos credito. E tornando á noſſa ordem,

Vendo D. Gonſalo que faltavam ſervidores pera toda aquella fabrica, aſſentou com D. Jeronymo, que caminhaſſe diante com todas as bandeiras, artilheria, e bagagem, porque havia de marchar de vagar,

gar , e que antes de anoitecer aſſentaſſe ſeu campo , e tornaſſe a mandar os ſervidores , e camellos pera elle caminhar de noite, o que elle fez, e D. Gonſalo ſe poz logo a caminho ; e como não levava artilheria , nem bagagem, andou em ſeis horas o caminho que D. Jeronymo tinha andado todo aquelle dia, e aſſentou ſuas tendas hum pouco affaſtado. Ao outro dia muito cedo tornou D. Jeronymo a caminhar , ficando alli D. Gonſalo , e ſobre a tarde lhe deram huma carta do Veador da Fazenda, em que lhe dizia, que fora aviſado que a mulher de ElRey de Ormuz fazia de ſi mudança com toda a ſua familia, e que tinha terradas preſtes pera de noite ſe acolher: e que affirmavam alguns que o Rey de Ormuz, e o de Lara eſtavam concertados entre ſi pera matarem todos os Portuguezes , e depois apoderarem-ſe da Ilha, e Fortaleza de Ormuz, por iſſo que viſſe como hia , porque tudo ſe podia ſuſpeitar de Mouros. D. Gonſalo com a carta ficou hum pouco ſobreſaltado ; mas todavia pareceo-lhe que poderia aquillo ſer outra couſa, porque o odio daquelles dous Reys era muito grande, e antigo , e cobrado por damnos muito grandes, pelo que não parecia poſſivel terem taes tratos ; mas lembrando-lhe que todavia eram Mouros, e que ſe

não podia fazer tal, e paſſar aſſim por couſa que tanto importava, occorreo-lhe huma mui apreſſada determinação, que foi querer-ſe ir ver com ElRey de Ormuz, que tinha ſuas tendas hum pouco affaſtadas, e moſtrar-lhe a carta, e ſe ſe embaraçaſſe, matallo logo. Aſſim com muita preſſa mandou pôr todos em armas, ſem lhe dar conta do que paſſava; e entrando na tenda de ElRey, a mandou deſpejar; e ficando ſós, lhe leo a carta com os olhos nelle pera ver a mudança que fazia. ElRey a ouvio toda com muita ſegurança; e depois lhe diſſe, que quanto á mudança da Rainha, podia ſer verdade, por quanto ella ficava deſgoſtoſa de a elle não levar naquella jornada, que devia de ſe querer vir pera elle, e que não ſuſpeitaſſe outra couſa; e que ſe de ſua lealdade concebêra alguma ſuſpeita, que alli o tinha, que o levaſſe ſempre comſigo na ſua tenda; e que a todo o tempo que ſentiſſe alguma alteração, o mataſſe, pondo-lhe diante o como os Portuguezes o fizeram Rey, e a obrigação, que por iſſo, e por outras couſas lhe tinha, e com o que D. Gonſalo ſe quietou, e aſſegurou em ſua lealdade; e deixando-o em ſua tenda, ſe recolheo pera ſeu porto.

D. Jeronymo tanto que naquelle dia

aſ-

aſſentou ſeu campo, tornou a mandar os ſervidores, e camellos, que tomavam repouſo até á meia noite, em que D. Gonſalo começava a marchar; mas elle tanto que anoiteceo, tomou comſigo vinte e ſinco cavallos, e ſem dar conta do que paſſava, deixou ſuas vigias ordinarias, e foi caminhando apreſſadamente pera onde D. Jeronymo eſtava, que era em Doçar duas leguas dalli; e entrando na ſua tenda, lhe deo conta do negocio, pedindo-lhe que ſem embargo de ſe não recear de nada, foſſe muito ſobre aviſo. E depois de praticarem em outras couſas, que importavam, tornou D. Gonſalo a voltar pera o ſeu arraial, e chegou á meia noite; e depois de repouſar hum pouco, tocou a caminhar, e foi andando até chegar D. Jeronymo. Aquelle meſmo dia veio a Rainha ter ao exercito, e D. Gonſalo lhe fez muito grande recebimento, e aſſim ficou fóra de toda a ſuſpeita, e ella foi com ElRey toda a jornada. Deſta maneira foram caminhando até Xamel, levando já comſigo os Capitães, que ElRey de Ormuz tinha mandado diante, com o que o exercito ficava muito poderoſo: neſte caminho ſe gaſtáram quatro dias, não ſendo mais de oito leguas; mas deo-lhe trabalho por ſer em Agoſto, em que as calmas daquellas partes são crueliſ-

lissimas , e haver grande falta de agua, porque fica aquella parte quasi debaixo do Tropico de Cancer, e o Sol naquelle tempo andar por derredor delle , como que aquellas arêas , e serras de sal ardem em fogo, e em labaredas.

Tanto que os nossos chegáram á vista da serra de Xamel , assentáram o arraial de longo de huma pequena ribeira , que corria pelo pé della, de huma parte todos os nossos, e da outra ElRey, Goazil, e toda a sua gente; e depois do campo assentado, foram os Capitães com o Rey, e Goazil reconhecer o sitio da Fortaleza pera verem por onde se podia commetter, e estiveram notando tudo muito de vagar, no que acháram dificuldades muito grandes por causa de sua fortaleza , e sitio , que he por esta maneira.

Esta serra de Xamel he feita á feição da copa de hum chapeo cuscuzeiro, muito alta, ingreme, e medonha : pera a banda de Levante faz huma quebrada , como se se dera huma pedrada nesta copa de chapeo , que a metteo hum pouco pera dentro , o que parecia feito da continuação das aguas das invernadas , a que tambem a industria , e arte dos homens havia de ajudar : esta quebrada vinha a responder ao pé da serra quasi da largura de pouco

mais

mais de duas braças craveiras , onde pera maior Fortaleza ſua , porque não havia outra entrada, fizeram hum mui groſſo muro com huma porta pera ſerventia com hum Baluarte a cada canto , que ficava ſobre ella ; e pera defensão deſta porta corrêram com hum muito forte Xarabando , que he o que nós chamamos barbacã , affaſtada hum pouco da porta de feição, que entre hum , e outro ficava hum mui fermoſo taboleiro , em que ſe agazalhavam duzentos homens, que alli tinham de guarnição. Eſta barbacã tornava a fechar de ambas as partes na rócha , e em cada remate hum forte baluarte , e no meio outro , que cahia ſobre outra porta , que tambem tinha pera ſerviço : ao redor deſta quebrada da banda de dentro corria huma baranda, em que agazalhava a gente da Fortaleza, que eſtava ordenada pera defensão daquella ſubida, ſe ſe entraſſem ambas eſtas partes : e eſtas barandas ficavam perpendiculares ſobre aquelle vão , que fazia da porta do muro pera dentro : e eſtes não tinham neceſſidade de outras armas , que de galgas de pedras grandes , que deitadas por alli abaixo , faziam tamanho terremoto que mettiam medo : a Fortaleza eſtá poſta no cume da ſerra, e pera ſubirem a ella, havia de ſer por ruas ſubterraneas, que pera iſ-

isso tinham feitas á mão, por onde os que ficavam de sima só ás pedradas podiam desbaratar o mundo todo, e em sima tinha sua cisterna, e armazens, e debaixo seus poços de agua mui boa. Os Larins estavam dentro mui bem provídos, e fortificados; porque tanto que tiveram aviso da vinda dos Capitães, logo lançáram a gente inutil fóra, e recolhêram dentro os quinhentos homens escolhidos, com que determinavam de se defender.

Os nossos Capitães assentáram que se não podia commetter a guerra senão pela parte da porta que se podia bater, e que pera passarem a artilheria havia de ser por hum caminho muito estreito, que ficava por baixo do Xarabando, que não podia ser sem risco, porque da outra banda tambem se fazia outra serra muito alta, e grossa, e por entre ambas ficava aquella passagem, que poderia ser doze até quinze passos. Visto, e notado tudo, víram que a serra era muito mais forte, do que lha tinham pintado, e houveram-se por enganados, ficando com bem de desconfianças daquelle negocio; mas como ao peito Portuguez não ha cousa que o acanhe, determináram de provar sua ventura, porque se desistissem daquella jornada, cresceria aos inimigos animo pera lhe irem dar vis-

visſta até Ormuz; e pera ſe fazerem ſenhores de todo o Magoſtão , ſem lho poderem impedir , com que a noſſa Fortaleza padeceria trabalhos, e affrontas. Em fim, determináram de ir com o negocio por diante , e de paſſarem a artilheria por aquelle eſtreito , e baterem a barbacã, que por aquella parte ficava deſcuberta ao campo.

CAPITULO XIII.

De como ſe paſſou a artilheria á outra banda com muito riſco: e de como começáram a bater o Xarabando: e de como o ganháram por aſſalto.

ASſentado entre os Capitães de paſſarem a artilheria pelo pé da ſerra, fizeram preſtes hum camello, huma eſpera, e alguns falcões, e a gente neceſſaria pera menear iſto, e tudo entregáram a hum ſoldado chamado Manoel de Moraes com vinte companheiros pera guarda da artilheria, e pera favorecerem os trabalhadores; e ſendo ſobre a tarde, começáram a paſſar o camello. Indo já ao longo da barbacã, como os de ſima eſtavam precatados, e preſtes, deitáram ſobre os que hiam trabalhando tantos tiros de arremeço, e tantos

fo-

fogos , que era cousa medonha ; e como aquelle lugar era muito estreito , tudo cahio sobre elles ; e tão apertados se víram todos , que queimados , e abrazados foilhes forçado recolherem-se , ficando-lhes lá o camello , e hum dos companheiros morto. Vendo os Mouros desamparada a peça de artilheria, e como os nossos se recolhiam tão escalavrados, em anoitecendo, lançaram-se alguns por cordas abaixo , e puzeram tantos materiaes de fogo sobre o camello, que lhe queimáram todo o repairo , e lhe ficou todo escondido nas cinzas. Os nossos Capitães vendo aquelle principio , e a retirada dos nossos , sentíram-no em extremo ; e por ser já noite, mandáram ter grande vigia no camello, porque os inimigos o não recolhessem , e despedio logo D. Gonsalo pela porta huma carta ao Veador da Fazenda, em que lhe mandava pedir hum repairo com a brevidade possivel ; o que elle fez com tanta pressa , que ao outro dia lhe chegou ; e tornando os Capitães a ver, e praticar sobre as difficuldades daquella passagem, assentáram que todavia se passassem por alli , porque rodear a outra serra era perto de duas leguas , de caminho todo muito aspero, e de grandes penedias, por onde a artilheria não podia passar , senão

com

com muito trabalho; e com eſta reſolução ſe negoceáram, e tornáram a encommendar o repairo ao meſmo Manoel de Moraes, pera que com muitos corredores, e alguns companheiros irem diante a cavalgar o camelete, e D. Jeronymo Maſcarenhas com toda a ſoldadeſca ir detrás em ſua guarda, e ficou ordenado que D. Gonſalo, ElRey, e Goazil ficaſſe na meſma ribeira em que eſtava.

Tanto que foi o quarto da madorra, foram em muito ſilencio os que levavam o repairo a cargo, e começáram a entrar por aquelle paço até chegar ao camellete; e alevantando-o da cinza em que eſtava, cavalgáram-no no repairo; e poſto que já os de ſima os tinham ſentido, e já começava a cahir ſobre elles todos os generos de arremeços com que feríram alguns, todavia foram trabalhando, e paſſando o camellete até ſahir ao largo, e da meſma maneira paſsáram as mais peças, ainda que com muito riſco, e perigo dos noſſos, que com ſua arcabuzaria aſſim a montão foram ſempre diſparando pera amedrontarem os inimigos, que por cauſa della não offendêram os noſſos tão deſcubertamente. Paſſada a artilheria, João Furtado de Mendoça, como Meſtre do Campo, paſſou D. Jeronymo tambem com todas as ba-

bandeiras á outra banda ; e tanto que amanheceo , efcolhêram o fitio pera affentar o arraial , e João Furtado prantou a artilheria na parte que melhor lhe pareceo , e alli fe fortificou , e fez fuas tranqueiras, e vallos muito á fua vontade. Fortificados os noffos , e poftas em ordem as coufas pera a bateria , a começou João Furtado a dar na face do Xarabando com muita furia , e continuação ; e pofto que lhe derribáram alguns altos, não lhe puderam fazer mais outro nojo , e ainda effas ruinas eram logo repairadas , porque tudo o mais era tão forte, que não havia coufa que rompeffe por elle. Algumas defconfianças começou a haver nos noffos ; mas já lhes convinha não levarem mão daquelle negocio por opinião, e affim foram continuando a bateria quinze dias continuos, fem fazerem mais que derribar os altos, como o primeiro dia , nem haver outra parte por onde os noffos pudeffem commetter a entrada, por fer toda a rócha tão alta , que era coufa medonha.

Vendo os Amadizes o pouco damno que a bateria fazia, receáram que os Larís ficaffem com a vitoria , e que não pudeffem tomar vingança das affrontas que delles recebêram ; e como eftavam com efte odio mortal , andavam imaginando modos

pe-

pera lhes empecerem; e por fim se lhe offereceo hum ardil muito espantoso, que foi este. Lá buscáram os principaes daquelle bando maneira pera escreverem huma carta a Rascambar, e a Mirlascar Capitães da serra, em que lhes diziam, que sem embargo das queixas que delle tinham, todavia lembrados serem todos de huma Lei, haviam que seria Mahamede muito offendido com elles os não ajudarem, e avisarem, e favorecerem em algumas cousas, que os avisava que estivessem de bom animo, porque os Portuguezes já se hiam enfadando do pouco que a bateria fazia, e entendiam que cedo se levantariam dalli, e se iriam pera Ormuz; que toda a polvora, e mais cousas que houvessem mister, que elles lhas dariam todas as noites em muito segredo pelo pé dos Baluartes de sobre a porta por cordas que elles de sima lançariam. Os Capitães dos Laris parecendo-lhes que não entrava naquelle negocio malicia, senão zelo de sua Lei, agradecêrão-lhes muito o aviso, e a vontade, promettendo-lhes de os satisfazerem de suas queixas; e que quanto ao offerecimento que o acceitavam, e assim começáram entre elles a correr cartas de avisos, e os Amadizes a provellos de polvora em tanto segredo que nunca se soube: a bateria foi-

se

ſe continuando ; mas vendo o pouco que faziam naquella parte, aſſentáram a artilheria em hum dos Baluartes de ſobre a porta, e começáram-no a bater com muita furia ; e foi tanto melhor o emprego da bateria, que lhes derribou huma grande parte, por onde pareceo que ſe lhes podia dar hum aſſalto, e ganhar-lhes o Xarabando, e aſſim ſe preparáram pera elle; e o dia que havia de ſer, ſendo a quarto d'alva, commettêram o baluarte, levando a dianteira João Furtado, que arremetteo com o Baluarte, e encoſtou nelle as eſcadas que levava já pera iſſo, e neſta primeira arremettida deram de ſima do muro huma eſpingardada em Ruy Dias de Souſa, de que logo cahio morto ; a ſubida foi commettida com muito valor, e continuada com muito esforço, e com o meſmo lhe foi defendida dos inimigos; e ateando-ſe entre todos huma muito cruel batalha de eſpingardaria, de que ficáram alguns dos noſſos feridos, João Furtado a poder de golpes, aſſim de ſeu esforço, como dos mais companheiros, ſe poz em ſima da rotura do Baluarte, e todos paſsáram muito grande trabalho pelo muito que os inimigos ſe lhes defendiam, em que acontecêram alguns caſos bem notaveis, que não particularizamos, porque nos faltou a informação delles,

les , basta que por fim do negocio ficáram os nossos senhores do Baluarte , de que lançáram os inimigos bem escalavrados das mãos dos valerosos Portuguezes , que tão animosamente neste combate se houveram ; e como dalli ficáram descubrindo todo o Xarabando da espingardaria, o fizeram despejar , e os Laris se recolhêram pera dentro da Fortaleza , ficando muitos estirados por sima dos muros ; porém não sem damno da nossa parte , porque foram mortos sinco , a fóra alguns feridos.

Ganhado o Xarabando , notou D. Jeronymo com os Capitães o sitio todo , e assentáram que se puzesse em sima do Baluarte a artilheria , e se batesse a porta que fechava a quebrada por onde se servia a serra , o que se logo fez. D. Jeronymo repartio os Capitães pera de noite ficarem vigiando a artilheria : o primeiro quarto cahio a Vasco da Silva , e a Francisco Correa de Brito com cem homens , que porque ficavam descubertos pela banda de dentro á arcabuzaria dos Mouros , ordenáram pela borda do muro huma tranqueira de taboas , e madeira , com que ficáram resguardados : ao outro dia começáram a bater o muro , que fechava a entrada da serra , e da mesma maneira o fizeram por tres dias continuos , sem lhes fazer nenhum damno

por

por ſua fortaleza. Vendo João Furtado o pouco que ſe fazia, mandou virar o camello pera as portas que lhe parecêram fracas, porque de noite enxergou por ellas claridade de outra banda, e ás tres bombardadas deram com ellas dentro, que ſe os noſſos eſtiveram preſtes pera o aſſalto, logo ſe puderam ganhar; mas como eſtavam deſconfiados do pouco que tinham feito, não lhes pareceo que tão de preſſa deſſem com as portas dentro, pelo que os inimigos tiveram tempo de acudirem, e fortificarem-ſe por dentro com huma tranqueira de páos mui groſſos atraveſſados, e liados huns com os outros, que era de duas faces, que foi logo entulhado de fardos de tamaras, com que ficou ſendo muito mais forte. Foi-ſe continuando a bateria alguns dias, em que começou a haver algumas deſtemperas entre D. Gonſalo, e D. Jeronymo ſobre couſinhas que ſe puderam mui bem diſſimular, a que acudio João Barriga Simões, que ficou doente em Ormuz, que como era muito cavalleiro, e de bom conſelho, e todos lhe tinham reſpeito, metteo a mão entre elles, e os temperou, e aquietou, e ficou no arraial aconſelhando, e peleijando, como elle ſempre coſtumava a fazer em todas as partes em que ſe achou.

CA-

CAPITULO XIV.

De como D. Francisco foi avisado que o filho de ElRey de Lara vinha soccorrer os seus: e de como os nossos se fortificáram: e do ardil que os Amadizes usáram com os Larís, porque se entregáram a partido: e da grande crueza que os Amadizes com elles usáram.

INdo os nossos continuando a bateria de sima do Xarabando, vieram novas apressadas a D. Gonsalo de como hum filho de ElRey de Lara era abalado com sinco, ou seis mil homens de cavallo pera soccorrer a serra: isto metteo grande confusão no exercito; e ajuntando-se D. Gonsalo, e D. Jeronymo, fizeram chamamento de todos os Capitães, e pessoas principaes, e praticáram sobre o que se faria naquelle negocio. Alguns houve de parecer que se deviam recolher, porque o poder era grande; e se lhes tomassem o caminho de Ormuz por onde eram provídos, não haveria remedio, senão perderem-se, que o bom seria arrebentarem a artilheria, porque não ficasse em poder dos inimigos, e entrassem pelas terras. D. Gonsalo, D. Jeronymo, e outros Fidalgos, e Capitães disseram que sobre aquella artilheria de ElRey haviam

todos de morrer, que pera ſinco, ou ſeis mil homens, que ſe dizia que o Principe trazia, elles tinham poder baſtante pera os irem buſcar aonde quer que eſtiveſſem; e que ſe os Portuguezes podiam peleijar com elles por eſtarem alli muitos Fidalgos, Capitães, e Cavalleiros, muito valeroſos, e esforçados, que o venceriam, fortificando-ſe naquella parte em que eſtavam, e que foſſem continuando a bateria, e trabalhaſſem por concluir aquelle negocio, primeiro que o Principe chegaſſe. Com eſta reſolução mandou D. Gonſalo fortificar o ſeu exercito de huma parede enſoſſa, muito larga, e forte, com tres Baluartes muito grandes de madeira entulhados, em que poz algumas peças de artilheria, e os proveo de muitas munições, deitando eſpias pera todos os dias o aviſarem do que paſſava em Lara. D. Jeronymo deixou-ſe ficar na parte da bateria, que ſempre foi continuando, ficando aſſentado que em vindo o Principe de Lara, ſe ajuntaſſem todos, onde D. Gonſalo eſtava: ſinco dias continuos batêram os noſſos de ſima do Xarabando a porta da Fortaleza, em cujo muro fizeram algumas ruinas; mas não de feição que ſe pudeſſe por elle commetter a entrada, pelo que ſe reſolvéram quebrar-ſe a porta, e tranqueira que por dentro fizeram

com

com vaisvens, ou com fogo pera entrarem por ella, porque por outra parte não poderia nunca ser: pera isto mandáram fazer mantas muito fortes pera chegarem ás portas seguramente, como fizeram, e lhe puzeram tanto fogo, que as queimáram; mas acháram por dentro outro muro mais grosso, e mais forte que o primeiro, o que os acabou de desconfiar daquelle effeito de todo, e assentáram de tornar á bateria, e não se alevantarem dalli sem pôrem o muro por terra; e com isto accrescentáram mais peças de bater, com que foram fazendo no muro tamanha furia, que quebrantou os inimigos, e começáram a temer seu damno, porque lhes matava a artilheria muita gente, e lhes começava a fazer muitas ruinas; e o que sobre tudo os assombrou foi entenderem que os Portuguezes não haviam de desistir daquella empreza sem a concluirem, e ainda que fosse com muito risco, e perigo seu; e assim lho mandáram dizer os Amadizes, que sempre se foram carteando còm elles, e aconselhando-lhes que se tivessem, e que se defendessem tudo o que pudessem, e lhes mandavam alguma polvora, e outras cousas que lhes elles pediam, tudo pera seu intento. Estando as cousas neste estado, chegáram novas aos Larís que ElRey de Lara

era falecido , e que o filho mais moço ſe apoderára do Reyno , andando o mais velho fazendo gente pera os vir ſoccorrer, pelo que lhe fora neceſſario voltar o poder contra ſeu irmão , e que ambos ficavam já em campo pera ſe darem batalha: iſto os deſeſperou tanto, que ficáram deſacoroçoados , ſem ſaberem tomar determinação do que fariam , pelo que lhes foi forçado valerem-ſe dos Amadizes, que haviam que eram amigos verdadeiros, e aſſim lhes mandáram pedir conſelho naquelle trabalho. Os Amadizes , que todos os ſeus ſoccorros , e ardís foram encaminhados a eſte fim, entendendo-lhes as deſconfianças, mandáram-lhes aconſelhar que naquelle negocio já não havia mais que fazer , que commetterem alguns partidos aos Portuguezes , e entregarem-ſe com a ſegurança das vidas. Eſte conſelho houveram elles que era de amigos , e logo alevantáram ſobre o muro huma bandeira de paz ; e reſpondendo-lhe os noſſos com outra, mandáram logo hum Embaixador, que D. Jeronymo , e D. Gonſalo ouvíram diante de ElRey; e elle com muita humildade diſſe, que elles queriam entregar aquella Fortaleza a ElRey de Ormuz, cuja era , e ſahirem-ſe fóra de todas as ſuas terras ; com condição que lhes fizeſſe mercê das vidas,

ar-

armas, e cavallos. Os Capitães vendo ſeu requerimento, deixáram a reſolução a ElRey, a quem aquelle negocio pertencia, que não quiz nelle fazer nada ſem conſelho dos Capitães, que aſſentáram vir-lhes bem conceder-lhe o que lhe pediam; porque pera tomarem a Serra por força, havia de cuſtar muito; e aſſim reſpondêram os Capitães aos Embaixadores, que mandaſſem os Larís peſſoas de authoridade, e com poderes pera aſſentarem, e concluirem aquelle negocio com ElRey. Com iſto vieram outros dous, ou tres dos principaes, que foram levados á tenda de ElRey, onde os Capitães eſtavam; e proſtrados diante delle, lhe pedíram da parte dos Capitães dos Larís que lhes fizeſſe ſua Alteza mercê das vidas, armas, e cavallos, e que entregariam a Serra, e ſe ſahiriam de todas as terras do Magoſtão; e ElRey lhes reſpondeo, que diſſeſſem aos Larís que elle lhes fazia mercê das vidas, e eſmola das fazendas, porque muito antigo era fazerem os Reys de Ormuz eſmolas aos de Lara; e com iſto lhes mandou paſſar ſeus ſeguros, e fizeram ſeus autos, e papeis, em que ElRey, e os outros Capitães noſſos aſſignáram. Feito iſto, aſſentou-ſe que foſſe Simão da Coſta (por ſer homem muito conhecido de todos) a tomar a entrega da Serra, e

da

da Fortaleza, que foi nella recebido muito bem, e logo os Larís se começáram a sahir com suas armas, e cavallos, e todos em ordem foram caminhando de longo da ribeira pela parte, onde estava ElRey. Os Amadizes, que eram escandalizados, como já dissemos no Cap. XI. deste Livro II. e todos os rodeios seus foram porque viessem parar naquillo, armáram-se, e puzeram-se a huma parte do campo; e passando os Larís, deram nelles com tamanho odio, e crueza, que naquella primeira pancada matáram mais de duzentos. Aqui houve huma muito grande revolta, e confusão, porque os nossos Capitães não sabiam parte daquelle negocio; e vendo travada a batalha, armáram-se muito á pressa. O Mir Larcar, que era hum dos Capitães da Serra, homem velho, grande Cavalleiro, e muito honrado, vendo aquillo, cuidando que vinha dos nossos Capitães, determinou de ou morrer, ou matar qualquer delles, e com esta determinação poz pernas a huma fermosa egua, em que hia, e endireitou com as tendas, perguntando alto por D. Gonçalo, ou D. Jeronymo, e a primeira tenda a que chegou foi a de Vasco da Silva, que ao mesmo tempo chegava á porta, armando humas armas pera acudir ao reboliço; e vendo vir aquelle Mouro, pare-

ceo-

ceo-lhe que vinha fugindo , e foi-ſe pera elle por lhe valer. O Mir Laſcar como hia aviado , cuidando que Vaſco da Silva era hum dos Capitães que hia chamando , alevantando o traçado , atirou-lhe hum façanhoſo golpe, que quiz Deos foſſe em vão, porque ſe o acertára, ſem dúvida offendêra; e ao meſmo tempo do golpe como hia aviado do cavallo , entrou pela porta da tenda , e foi ſahindo pela outra á outra banda, couſa eſpantoſa ! porque qualquer daquellas portas não cabia mais que hum homem em pé. Os ſoldados , que vinham acudindo , vendo aquelle Mouro daquella maneira, ſem ſaberem o que era, arremettêram com elle, e o matáram. Rax Cabar , o outro Capitão Larim , vendo-ſe ferido , e apertado dos Amadizes , não teve outro remedio que recolher-ſe á tenda de D. Jeronymo até onde os Amadizes o ſeguíram, e de cujas mãos elle com muito trabalho o livrou , tendo a porta que trabalháram por lhe entrar; e vendo alguns mais eſcandalizados que D. Jeronymo lhes valia , lhe pedíram que já que não deixava matar aquelle Mouro traidor, que lhes deshonrára ſuas mulheres, e filhos, que ao menos lhes deixaſſem beber hum pequeno de ſangue de ſuas feridas, que com iſſo ficariam ſatisfeitos; e D. Jeronymo os apaziguou o melhor

que

que pode, e os fez recolher. D. Gonsalo andava a este tempo com ElRey mettido entre os Larís, e Amadizes pera lhes valerem, e os que puderam escapar de suas mãos lhes foram dando guarda mais de huma legua até os pôr em salvo. Passado este negocio, querendo os Capitães partir pera Ormuz, entregou ElRey aquella Fortaleza a Cogezenadem com quinhentos homens, e proveo de munições, e mantimentos em abastança, com o que ficou segurando todo o Magostão, e os mesquinhos, e naturaes se aquietáram, e as Cafilas começáram correr, e a Fortaleza de Ormuz tornou á sua propriedade; e deixando tudo provído, se tornáram os Capitães; e D. Jeronymo na entrada de Outubro se partio pera a India com sua Armada.

CAPITULO XV.

Das cousas que succedêram em Damão, acabante o cerco: e de como os nossos foram contra o Rey de Sarzeta, e lhe queimáram a sua Cidade, e destruíram suas terras.

EM o principio da guerra de Damão contámos de como tanto que o Capitão teve a nova certa della, tratáram com o

o Rey de Sarzeta de recolher em ſuas terras toda a gente, e gado deſde Damão, por ſegurar tudo dos Mogores; e como o cabedal que lá ſe recolheo era muito groſſo, de gado, joias, ouro, e prata, com o cevo da cubiça, alevantando-ſe aquelle Rey, com a bolada, lançou mão de tudo, havendo que melhor eſtava com aquellas couſas, que ſem ellas. Diſto foi logo aviſado o Capitão de Damão, e logo deſpedio áquelle Rey alguns recados, e proteſtos, de que elle zombou, como homem que eſtava com o papo quente, pelo que com muita preſſa aviſou Martim Affonſo ao Viſo-Rey de tudo, que vendo que aquillo tocava a todos os moradores em ſuas rendas, que eram groſſas, e a ElRey em ſeus foros, que eram muitos, o que tudo ſe perdia por ficarem as Fortalezas deſertas, e deſpovoadas, além das mais culpas, que aquelle Rey tinha, de dar entrada por ſuas terras aos Mogores, e de os acompanhar naquella jornada, ou foſſe por vontade, ou por força, aſſentou que era neceſſario caſtigar-ſe o Sarzeta, e ir-ſe recolher a gente, e gado que em ſi tinha, pelo que logo eſcreveo a Martim Affonſo a reſolução que ſe tomou, mandando-lhe que com todo o poder foſſe áquelle negocio, e repartiſſe toda a gente em ſinco bandeiras, de que faria Capitão

D.

D. Duarte de Sá, e D. Luiz de Menezes, Pedro da Silveira, e Fernão de Miranda, que havia de ser Capitão Mór de toda a soldadesca; e que elle Martim Affonso fosse com toda a gente de cavallo, ficando-lhe sempre sua jurisdicção sobre todos. E com esta carta se começou Martim Affonso a preparar pera aquella jornada; e ajuntando os Capitães a conselho, mostrou-lhes a carta do Viso-Rey; e sem embargo de mandar que se repartisse toda a gente por sinco bandeiras, pareceo bem a todos que por não ficarem os Capitães dos navios soldados razos, que fossem todos com os de sua obrigação, porque assim se meneária melhor no gazalhado, despeza, e cozinha. Assentado isto, fez Martim Affonso alardo de toda a gente, e achou perto de oitocentos soldados, e que entravam quatrocentos de espingardas, e cento e trinta e oito moradores de cavallo, e toda esta gente repartio por Capitães, ficando Martim Affonso com toda a gente de cavallo, e com o guião de tudo. Prestes tudo, puzeram-se a caminho, Fernão de Miranda na vanguarda, D. Luiz de Menezes na reta-guarda, e no meio de toda a bagagem, que era muita, a gente de cavallo repartida em duas partes pera ir pelas ilhargas do exercito, pera poderem acudir aos que

com

com o canſaço do Sol , e ſede houveſſem no caminho miſter ajuda pera lha darem nas ancas dos cavallos: hiam perto de mil peães da terra da obrigação das tranqueiras com ſeus Capitães , que são foreiros aos Portuguezes, que tambem hiam repartidos pelas ilhargas do exercito , pera nos matos , e partes eſtreitas irem fazendo caminho.

Neſta jornada ſe acháram muitos Fidalgos , e Cavalleiros ; e dos que pudemos ſaber os nomes são D. Duarte de Sá , D. Luiz de Menezes , Pedro da Silveira, todos tres deſpachados com a Capitanía de Damão , Thomé de Souſa Coutinho, Antonio de Azevedo, D. Rodrigo de Caſtro, Diogo de Miranda de Azevedo o Velho, Franciſco de Miranda Henriques, D. Franciſco da Gama , D. Manoel de Azevedo, e os Capitães dos navios , que muitas vezes nomeámos. Poſtos os noſſos a caminho, aquelle dia foram deſordenados até á Aldeia da Mona , legua e meia de Damão, onde repouſáram , e alli ſe ordenáram no modo em que haviam de caminhar, como o foram fazendo. Martim Affonſo , porque deſejava de não romper com o Sarzeta, e mandar-lhe diante muitos recados , e proteſtos , pera que entregaſſe as couſas que em ſi tinha, primeiro que paſſaſſe ávante,

ſe-

ſenão que foſſe ſua a culpa dos males que ſuccedeſſem, porque ſe não havia de tornar ſem tomar muito grande ſatisfação da pouca fé que guardára, ſendo amigo do Eſtado. A eſtes proteſtos diſſimulou elle, e foi barlaventeando de tudo por lhe parecer que aquillo dos noſſos era ſó commettimento, e que não paſſariam adiante. Os noſſos foram caminhando todo aquelle dia até ſe pôrem huma jornada da Cidade de Ramamagem, em que aquelle Rey reſidia, que eſtá ſinco leguas ao Norte de Damão. Vendo ElRey que todavia os noſſos ſe hiam chegando de tão perto, e que aquillo era já mais determinação que commettimento, deſpedio com muita preſſa hum Bragmane com recado ao Capitão, pedindo-lhe que não paſſaſſe dalli, que logo lhe mandaria tudo o que em ſi tinha; e que as perdas que naquella parte tinha dado, que elle ſe obrigava a ſatisfazellas pelo que ſe julgaſſe, ao que daria refens baſtantes.

O Capitão poz aquillo em parecer, e elle com alguns de ſeu bando votáram que devia de ouvir-ſe ElRey, e acceitar-lhe ſuas ſatisfações, pois o principal a que hiam era pera trazer a gente, gado, e fazenda que em ſi tinha, que offerecia ſem golpe de eſpada, como homem que eſtava

ar-

arrependido do feito ; mas Fernão de Miranda com a mór parte dos Capitães foram do parecer , que pois chegáram até alli , deviam paſſar adiante , e caſtigar aquelle deſacato , porque entendiam que todos aquelles cumprimentos do Sarzeta eram manhas pera os entreter , e por ter tempo de ſe fortificar , e amparar ; e que ſe elle tivera vontade de reſtituir , logo primeiro que tudo houvera de mandar o que em ſi tinha ; e que ſe diſſimulaſſem aquella , cada dia faria huma traição pera experimentar ſe lha ſoffriam. Martim Affonſo vendo vencidos os votos pela outra parte , não pode al fazer , poſto que deſejou muito de não chegar a rotura pelo proveito que perdia naquelle Rey , com o que os Capitães de Damão ſe negoceão muito bem ; pelo que deſpedíram o Bragmane , dizendo-lhe que elle hia caminhando , e que foſſem elles diante ; e que ſe antes de chegar lhe trouxeſſem tudo o que ElRey tinha , lhe perdoaria , e ſe tornaria pera Damão. Alevantado o campo , ao outro dia foram caminhando até ver viſta da Cidade de Romanagem , que eſtá eſtendida pelo pé de huma fermoſa ſerra , e a mór parte della deſce a hum campo muito grande , e fermoſo , e de longo della vai atraveſſando huma ribeira de todo o anno ,

que

que ſe vai metter no rio de Damão : ſerá a Cidade de meia legua em roda , e terá mil e quinhentos fogos , a mór parte de caſas de pedra , e telha com ſeus quintaes , e hortas.

Chegados os noſſos á viſta da Cidade ás oito horas de pela manhã , puzeram-ſe logo em ordem de commetter , o que fez Fernão de Miranda, que levava a dianteira com a mór parte dos Fidalgos, e aventureiros pela fronteira; e Martim Affonſo com toda a gente de cavallo ſe foi eſtendendo de longo della pera lhe não poderem fugir os inimigos ; mas não foi nada neceſſario , porque ElRey tanto que houve viſta dos noſſos, logo ſe poz em hum elefante , e ſuas mulheres , e joias em outros , e foi-ſe ſahindo da Cidade pela parte da ſerra , e o meſmo fizeram todos os moradores , deixando-a ſó deſerta. Fernão de Miranda foi entrando pela Cidade, ſem achar quem lho defendeſſe ; e vendo os ſoldados que não havia com quem peleijar , começáram a ſaquear as caſas , em que ainda acháram algumas fazendas , cavallos , e gados , ainda que pouco de tudo, porque não deixáram ſenão o que não puderam levar. Vendo o Capitão a Cidade deſpejada , mandou-lhe dar fogo por algumas partes , em que ſe conſumio toda com

gran-

grande eſpanto dos inimigos, que em ſima das ſerras affaſtadas o eſtavam vendo. Feito iſto, recolhêram-ſe os noſſos pera o longo da ribeira em lugares ſombrios, e alli paſsáram todo aquelle dia com grandes vigias, e inquietações, porque foram commettidos por algumas partes dos inimigos, que da outra banda do rio com ſua arcabuzaria os varejavam rijamente, com que lhes feríram alguns; e ſendo ſobre a tarde, alevantáram o campo pera irem dormir a huma Aldea, que lhes ficava atrás perto de meia legua, e foram caminhando, na vanguarda Fernão de Miranda, Martim Affonſo no meio, e D. Luiz de Menezes na retaguarda, indo de caminho pondo o fogo a todas as Aldeas que achavam; e antes que anoiteceſſe, chegáram áquelle Aldeia, onde haviam de paſſar a noite, e alli aſſentáram o arraial na parte mais accommodada que acháram, e ſe fortificáram o melhor que então pode ſer.

Eſta noite tiveram grande rebate dos inimigos, a que todos acudíram em muito boa ordem; mas não foi nada, porque ſentindo elles que os ſentiam, foram-ſe recolhendo; o Ramanada Raná (que aſſim ſe chamava o Rey de Sarzeta) ficou muito alcançado do pouco que fizera na perten-

ção

ção da defensão de ſua Cidade; e querendo-ſe ſatisfazer deſta quebra, ajuntou todo o ſeu poder, e foi eſperar os noſſos adiante a hum paſſo difficultoſo eſtreito, onde lhe parecia que tinha muita avantagem pela ligeireza dos ſeus: ao outro dia chegando os noſſos a eſte paſſo, o acháram occupado dos inimigos, que eſtavam lançados pelos matos, que hiam pela banda de ſima de huma, e outra parte; e apertáram tanto com os noſſos, que lhes deram bem de trabalho, porque mal ſe podiam manear naquellas eſtreituras; e aſſim ficáram muitos feridos de eſpingardadas, e fréchadas pelas muitas que de ſima cahíram, e cahiam ſobre elles: durou eſte aperto hum grande eſpaço; e ſahindo ao largo, appareceo o Sarzeta com todo o ſeu poder, e commetteo os noſſos com muito grande determinação pela reta-guarda. D. Luiz de Menezes teve todo aquelle pezo acompanhado de ſoldados muito eſforçados, que neſte tranſe ſe aſſinaláram bem.

E porque não fiquem ſem galardão, nomearemos os que vieram á noſſa noticia: Antonio Godinho de Andrade, Gaſpar Fagundes, Fernão de Andrade, Gaſpar de Alvarenga, Franciſco de Azevedo, Gonſalo de Caceres, Fernão Pacheco,

Bal-

Balthazar de Siqueira, Manoel Pereira de Siqueira, João Leitão, Manoel de Almeida da Silva, Pedro Louzado, Miguel Alvares do Canto, Luiz Gonſalves Magro, filho de Ruy Gonſalves Magro, Antonio Vellez, e outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros, que todos ſe puzeram ao encontro dos inimigos, e peleijáram valeroſamente; mas elles aſſim eſpertáram com os noſſos, que como brutos ſe vinham metter nas armas; e tanto, que hum delles, depois que diſparou o arco, o lançou no peſcoço a Miguel Alvares; e tomando-o entre a corda, e o arco, o teve alguma couſa ſopeado; mas elle com muito animo, e acordo ſe arremeçou ao inimigo, e ás cutiladas o matou, como tinha feito a outros: iſſo meſmo fizeram todos eſtes que nomeamos, e outros que fizeram nos inimigos grande eſtrago; e poſto que os noſſos tiveram trabalho, foi cauſa pera que mais ſe aſſinalaſſem no esforço, e nos golpes que os inimigos recebêram; e taes couſas fizeram, que houveram os inimigos por ſeu partido recolherem-ſe, ficando os noſſos deſapreſſados, mas muito feridos, em que entrou Miguel Alvares do Canto com huma eſpingardada, e duas fréchadas, ou tres. Sahidos os noſſos daquelle perigo, dormíram aquella noite ao longo

da ribeira, e ao outro dia entráram em Damão, deixando o Capitão as tranqueiras das fronteiras do inimigo provídas de guarnições bastantes pera a defensão das Aldeas.

Poucos dias depois disto chegáram Embaixadores do Rey de Sarzeta, e pedíram ao Capitão perdão, e pazes, offerecendo-se entregar logo tudo o que em si tinha; e porque todos os Gentios da India por sua natureza nada fazem por bem, e ainda aquillo que desejam, esperam que lho façam fazer por força, e principalmente estes da terra de Damão, que deve de estar debaixo de huma constellação, ou influencia de estrella tão ruim, que senão queimarem as mesmas terras, não dam fruto; e assim os naturaes dellas se os não offendem, e tratam com rigor, não fazem cousa boa, como aconteceo a este Rey, que até senão ver queimado, e abrazado, não quiz entregar o que em si tinha, o que depois fez por mal, porque lhe concedeo o Capitão pazes, com condição que entregasse tudo; o que elle cumprio de feição, que se não ficou queixando nenhum Curbim. Depois disto chegáram cartas do Viso-Rey pera Martim Affonso, e Fernão de Miranda, em que lhe mandava que se ordenasse no inverno huma Armada de vinte navios, e

que

que na entrada de Agoſto foſſe nelles Fernão de Miranda eſperar as náos, que haviam de vir de Meca, e que tomaſſe todas, quer trouxeſſem cartas, quer não, pois a culpa de quebrar as pazes fora dos Mogores, porque com iſſo poderiam ſatisfazer-ſe das perdas que deram as terras de Damão; e o meſmo eſcreveo ao Licenciado Franciſco de Frias, Védor da Fazenda, que eſtava em Baçaim, mandando-lhe que déſſe pera a Armada todas as couſas neceſſarias.

DECADA DECIMA
Da Historia da India.

LIVRO III.

CAPITULO I.

De como o Turco mandou prover a Fortaleza que tinha nos Estados da Persia: e de como Oxá se confederou com Semechombel Gorgiano contra os Turcos: e da batalha que com elles teve, em que os desbaratou.

NA Decada IX. damos conta das grandes. guerras que se alevantáram entre o Turco Amurates, e Codabanda Rey da Persia, e dos Fortes que o Turco mandou fazer em seus Estados, cousa em que toda a India (principalmente a Fortaleza de Ormuz) ficou assombrada; e porque desde o anno de 78. em que os deixámos, até este, em que andamos, não houve mais que mandar o Turco prover os Fortes que tinha naquelle Estado, e deixámos de continuar com elles, porque não houve cousas notaveis, sómente deixar Xá de acudir áquellas cousas por muitas alte-

terações que ſe movêram na Perſia, aſſim entre Turquimaes, como em outras partes, que o puzeram em eſtado de mandar Embaixadores ao Turco a tratar de alguns honeſtos modos de pazes, ſobre o que não foram bem reſpondidos; porque entre os apontamentos, e partidos pedio Oxá que lhe largaſſe os Fortes que tinha em Xeruão, e ficáram lá os Embaixadores maltratados, e avexados ſem ſe poderem vir: agora neſte anno em que andamos tratou o Turco de mandar reforçar aquelles preſidios pera vêr ſe podia paſſar adiante com outros; e pera eſta jornada elegeo Mahamede Baxá, filho de Muſtafá Baxá, o que ganhou aquelles Fortes, que formando hum muito poderoſo exercito de mais de cento e vinte mil cavallos, muita artilheria, munições, e hum grande numero de Roçadores, e vitualhas, e com eſta potencia ſahio da Cidade de Erzens, que ſe tem pela antiga Cappadocia, a que os Gregos chamáram Siros, e depois em tempo de Romãos Lecaria. Os Baxás que neſta jornada mais foram com elle eram Asão Gumilo, Baxá de Caeremete, (que, ſegundo Ruſili, he Aloriga de Ptolemeu, que elle na ſua Taboa III. da Aſia mette na Armenia maior) e o Baxá de Alepo, e Muras, Cidade principal na Meſopotamia, chamada

(ſe-

(ſegundo alguns) de hum freſco rio que por elle paſſa, que cahe daquelle famoſo monte chamado aſſim do Poeta Marcial, que, ſegundo fingem os Poetas, foi alli affogado por querer contender com Apollo. Neſta jornada levou o Baxá por guia Moſtafá Manxeliar Georgiano hum dos filhos da viuva, de que na Decada IX. fallámos na deſcripção da Georgia, que nos annos atrás paſſados ſe tinha mudado da Lei de Chriſto á de Mafamede, e chamou-ſe como elle, que ſe offereceo ao Baxá pera o levar por caminhos eſcuſos, e mais apreſſados; e aſſim o foi levando por ſuas proprias terras, paſſando por Altuncala, e Caracala, lugares que foram da viuva ſua mãi, e dalli o foi paſſando por Ogri Caſtello de Guifut Georgiano, que tambem ſe tinha paſſado ao ſerviço do Turco: neſte caminho gaſtáram muito tempo, por ſer todo aſperiſſimo por cauſa dos muitos rodeios, e ſerras. De todas eſtas couſas foi logo aviſado ElRey Codabanda, que lhe deram bem em que cuidar; porque por huma parte as couſas da Perſia eſtavam em eſtado que ſe não podiam largar por aquellas; e por outra tinha ainda ſeus Embaixadores em Conſtantinopla tratando de pazes: e havia que ſe mandava impedir aquelles ſoccorros, lhos poderia tratar mal, e indignarião

rião o Turco com quem elle desejava dis-simular, por ter tempo de acudir ás cousas, que em seus Estados andavam alteradas, porque lhe era mais necessario apagar as lavaredas que se lhe accendiam dentro em casa que as de fóra; e tambem lhe parecia ir contra sua obrigação, pois nos partidos que por seus Embaixadores commettia, era ficar-se com aquelles Fortes, e os pudesse prover sem lho elle impedir.

Consideradas estas cousas todas, offereceo-se-lhe hum muito bom meio, e foi este. Despedio com muita pressa Embaixadores a Semachumbel em segredo, que era inimigo do Turco, e lhe mandou pedir que ajuntasse toda a gente que pudesse, assim sua, como dos vizinhos, e que elle lhe mandaria outra em trages de Georgianos, por não serem conhecidos por Persas, e que defendesse os passos ao Baxá, pera que não fosse soccorrer os Fortes da Georgia, e Xervão; isto foi alvitre pera elle, e logo foi com muita pressa ajuntar toda a gente que pode, e o Oxá lhe mandou dez mil homens de cavallo muito escolhidos, e com todos foi esperar o Baxá ao caminho de Ogni, que he de seu proprio Estado, por onde elle forçado havia de passar. Chegados os Turcos á sua vista, apresentou-se-lhe em campo o Esmahombel;

e

e como era muito valeroſo, mandou deſafiar o Baxá pera batalha campal, que elle trabalhou por eſcuſar, por ſe não embaraçar nada até ſoccorrer os Fortes a que hia. E porque chovia aquelle dia, deixou o Eſmahombel de commetter; mas ao outro foi eſperallo ao paſſo de hum rio pera o tomar deſordenado ao paſſar, e alli o commetteo com grande determinação, e travâram ambos huma mui aſpera batalha, em que foi a deſtruição, e matança nos Turcos tamanha, que todo o campo eſtava cuberto delles, e corriam arroios de negro ſangue por muitas partes. Os Georgianos, e Perſas, que todos andavam de hum trage, peleijáram tão valeroſamente, que puzeram os Turcos em desbarato, e em tanta neceſſidade, que tornáram a voltar o rio, porque ſe mettêram com tanta preſſa, e deſordem, que ſe affogáram quarenta mil gaſtadores que levavam pera romperem os caminhos, e todo o dinheiro, que era muito, artilheria, e vitualhas, e provimentos ficáram em poder dos Georgianos, e Perſas, no que ſe ceváram bem á ſua vontade: o Baxá da outra parte do rio ajuntou os ſeus, e foi caminhando pera Teflis, dizendo todos por aquelle caminho mal á ſua ventura, e blasfemando contra Mahamede, tendo pera ſi que todas as culpas da-
quel-

quella desaventura era do Manuchiar arrenegado, e ficáram suspeitando que de proposito os guiára por alli, porque sabia o damno que lhes estava ordenado. Assim rotos, e perdidos chegáram a Teflis, onde acháram os Turcos, que alli estavam de guarnição, muitos delles mortos, e os mais muito fracos, e debilitados, que não tinham figura de homens, por haver muito que se lhes tinham acabado os provimentos, e já se sustentavam dos cavallos, e de hervas, e raizes que os corrompeo.

Vendo elles o Baxá desbaratado, e sem com que os prover, ficáram de todo tristes, e desconfiados; e o Baxá Cufo arrenegado, que alli estava por Capitão, lhe encampou a Fortaleza, e os soldados se começáram a amotinar, e a requerer-lhe que já não estavam pera defender a Fortaleza; e a voltas disto se alteráram os mesmos que vinham com o Baxá, por verem que os deixaria alli: mas elle a tudo supprio com muita prudencia, e brandura, temperando a todos com muitos, e largos promettimentos; e depois que os teve quietos, e moderados, lhes fez huma muito prudente falla, em que persuadio a todos a emprestarem do que salváram nas bolsas o que pudessem pera soccorrer aquella Fortaleza do Grão Senhor; e do pouco

que

que elle ſalvára daria quatro mil cruzados, e que ſe obrigaria a lhes pagarem em dobro tudo o que cada hum empreſtaſſe, e que com o desbarato paſſado ſe não haviam de acanhar, nem eſcandalizar, porque os caſos da guerra não eſtavam nas mãos dos homens; e que não era novo nos que militavam acharem hum dia a fortuna adverſa, e o outro proſpera; e que ſe elles por vaſſallos do Grão Senhor, e tão acoſtumados a alcançar tão grandes vitorias, que por ellas o tinham feito tão grande Monarca, o ſentiam muito, que não devia de ſer aſſim, porque quando a fortuna ſe lhe tinha moſtrado havia tantos annos tão mimoſa em hum tão pequeno toque, não havia pera que deſconfiar: que tornaſſem todos ſobre ſi, que ella tornaria a voltar, e elles ſe ſatisfariam daquelle damno. Com iſto, e outras couſas que lhes diſſe ficáram elles animados, e quietos; e logo do que cada hum tinha empreſtou hum pouco, e não tão pouco, que com os quatro mil cruzados que o Baxá deo, não ſe ajuntaſſem trinta mil cruzados, que o Baxá logo mandou ao Georgiano Alexandre (a que os Turcos chamam Leusbeli) que era grande ſeu amigo, pera que lhe mandaſſe todos os provimentos que pudeſſe, o que elle fez com muita preſſa, mandan-
dan-

dando á Cidade de Trecergú (que em lingua Turca quer dizer ortigas, por haver alli muitas) a comprar todos os provimentos que houvesse, e della lhe foi muito trigo, muitos carneiros, e outras carnes, e legumes, com o que proveo o Baxá muito bem aquella Fortaleza: em lugar do Baxá seu filho deixou Thomaz Baxú com outros soldados de refresco, porque os que alli achou por fracos não estavam pera nada. Nisto gastou o Baxá tres dias, no cabo delles se partio com tenção de fazer volta por Temanis, por se desviar do caminho que trouxera; e passando o rio á outra banda, tomou outro acordo; e estando já quasi alojados, tornou a abater as tendas pera correr pelo caminho de Altucala, e Caracala, o que os Turcos tomáram tão mal pelo muito trabalho que tinham passado, que lhe disseram, que na guerra não estavam obrigados a resoluções de Capitães mancebos, porque aquellas mudanças mais pareciam de meninos que de homens, que se elle quizesse fazer outro caminho, elles não haviam deixar o que levavam; e assim com muita determinação se desviáram a mór parte delles, e foram ter a Chars, e o Baxá a Altucalá com os que o quizeram seguir. Chegado aqui o Baxá acompanhado sempre do arrenegado Manuchiar, e como

já

já desconfiado do successo passado, temendo-se que ficasse de todo perdido diante do Turco, determinou de deitar as culpas todas sobre o Manuchiar, e cortar-lhe a cabeça. Pera isto formou processos contra elle em segredo, que em todas as nações do Mundo tem o demonio semeado esta malicia, e tirou testemunhas falsas, que affirmáram que elle se carteava com o Semetrombel, e que por sua ordem o levára por aquella parte, porque sabia muito bem que nella o esperavam. Com isto determinou de matar o Manuchiar dentro na sua tenda, e o mandou chamar pera isso: e ou elle parece que foi avisado, ou que suspeitasse, e se receasse de alguma cousa, levou comsigo trinta, ou quarenta dos seus mais determinados, e os avisou que ficassem de fóra da tenda, e que sentindo dentro reboliço, cortassem as cordas, e a deixassem cahir; e a outros poucos, que deviam entrar com elle, lhes mandou que tanto que ouvissem remetter com o Baxá, dessem elles em todos os que com elle estavam na tenda. Entrando elle na tenda, como o Baxá tinha avisado os seus, lançáram logo mão delle; mas elle, que era hum homem mui grande, e forçoso, lançou mão da espada, e descarregou sobre hum Sangiaço, que lhe poz a mão,

mão, tamanho golpe pela cabeça que lhe cortou o turbante, e foi descendo com o golpe, levando-lhe huma orelha com huma pequena de queixada, e com aquella furia foi endireitando com o Baxá, e gritando pera os seus o ouvirem, e lhe deo algumas cutiladas, e matou hum Camareiro seu, que estava junto delle, o que tudo fez em hum mesmo tempo com tanta presteza, que quando os seus, que estavam dentro, remettêram pera dar nos Turcos, já elle tinha feito tudo. Os de fóra tanto que sentíram o reboliço, cortáram as cordas da tenda, que veio toda de romaria sobre elles ao tempo que o Almuchiar tornava a endireitar com o Baxá Mahamede, que ficou tão embaraçado com aquella presteza, que não pode tomar nenhuma determinação; e o Manuchiar tanto que vio a tenda cahida sobre todos, foi-se recolhendo pera a sua estancia, e poz-se com os seus armados a huma parte. O Baxá arreceando-se que o Manuchiar estivesse conjurado contra elle com os Turcos, porque todos hiam escandalizados delle, mandou abater as tendas, e alevantou o campo, sem querer entender com o Manuchiar, e foi caminhando pera a Cidade de Erzeni; e o Manuchiar desviou-se pera outra parte, e despedio logo correios ao

Grão

Grão Turco, a quem eſcreveo todas as couſas paſſadas, e as deſordens do Baxá Mahamede; e com iſſo mandou muitas peças ricas, e preſentes groſſos aos Baxás privados, porque entendeo que niſſo eſtava toda a ſua juſtiça, e que aquelle era o bom negociar; e aſſim o foi, porque o Turco o mandou chamar por cartas mimoſas, e com promeſſas de honras que lhe fez, indo-ſe logo ver com elle, e lhe deo licença pera ir invernar á ſua terra, e o Baxá ficou deſacreditado, e mal recebido. Os Perſas, e Georgianos, depois que alcançáram aquella grande vitoria, foram-ſe recolhendo carregados de ouro, e de deſpojos, que o Oxá feſtejou muito, e ainda muito mais as deſavenças que o Manuchiar teve com o Baxá, porque do que paſſou com o Turco não tinha ainda recado, e entendeo que já o Manuchiar ficava em deſgraça do Turco, que era o com que as couſas da Perſia podiam ir a melhor eſtado.

CA-

CAPITULO II.

De como Roque de Mello chegou a Malaca: e de como huma grande Armada do Achem foi ſobre aquella Fortaleza: e da bateria que deo ás náos que eſtavam no Porto.

PArtido Roque de Mello de Goa, como atrás diſſemos no Cap. IX. do Livro II. foi ter a Malaca a 20 de Junho; e moſtrando ſuas Patentes a D. João da Gama, diſſe que ſe cumpriſſe o que o Viſo-Rey mandava, e ſobre ellas fez ſeus proteſtos, e reclamações pera requerer as perdas, e damnos por quem bem lhe vieſſem. Roque de Mello tomou poſſe da fazenda de ElRey com que começou a correr, ficando D. João na Fortaleza até ſe cumprirem os dous mezes que o Viſo-Rey concedeo a D. Miguel da Gama ſeu irmão pera elle poder arrecadar a ſua fazenda. Eſtando aſſim as couſas, aos 22 dias de Agoſto appareceo ſobre aquella Fortaleza huma Armada do Achem de cento e ſincoenta vélas, em que entravam ſete náos de alto bordo, e onze Galés baſtardas, tudo o mais lancharas, bantis, e outras embarcações; e primeiro que tratemos do que fez, daremos razão que Armada era eſta, e a

que

que hia. Na Decada IX. ſe diſſe como faleceo Soltão Malafaxa Rey da Viantavia, que era caſado com huma filha do Achem, e não ſem ſuſpeita de peçonha, que dizem mandar-lha dar Enchiſadel, a que commummente chamamos Raſale, que era irmão de ſua mãi, pera lhe tomar o Reyno, como logo fez, porque não havia outro herdeiro; e tanto que foi obedecido de todos, ſe caſou logo com a mulher do ſobrinho filha do Achem, de que elle ſe tomou tanto, que determinou de ſatisfazer-ſe daquella affronta. Succedeo logo poucos dias depois fugir-lhe hum Capitão, chamado Singarax, em huma Galé carregada de ouro, e fazendas, e eſte meſmo Rey agazalhallo, e recolhello, ſem o querer entregar, mandando-lhe o Achem pedir logo. E ajuntando affronta a affronta, mandou preparar huma fermoſa Armada pera mandar ſobre elle, que era eſta, que appareceo ſobre Malaca, que hia mui bem provída de muita artilheria, munições, e gente, e por Capitão Mór vinha Amaraxa, ou Araxa, homem prudente havido por Cavalleiro, e com elle outros tres Capitães principaes, Raxa Macote por Capitão das Galés, Maraxalbela por Meſtre da artilheria, e Seringa Malagorim por Meſtre de Campo; eſtes levavam por regimento que foſſem ſobre

bre a Cidade de Lor, e não se levantassem de sobre ella sem a tomar, e arrasar, não lhe entregando Singa Rajá, que lá estava fugido, e que de passagem désse vista a Malaca, e vissem se lhe podiam fazer alguma cousa. Esta Armada appareceo á vista daquella Fortaleza a dezenove de Agosto; e tanto que víram tamanha Armada, acudio D. João, e com elle Roque de Mello pera prover nas cousas necessarias, ajuntando-se pera isso em casa do Bispo com os mais Fidalgos, e Officiaes que alli havia; e a primeira cousa que fizeram foi mandar prover de gente, e munições duas náos, que estavam no porto, huma Santo Antonio, Capitão Fernão Ortiz de Tavora, que tinha vindo de Maluco, que se foi metter nella com alguns soldados, que o quizeram acompanhar; a outra de D. Jorge Baroche, Capitão de Cochim, de que era Capitão Estevão de Valladares, e mandáram que D. Henrique Bandarra com todos os Malayos, e alguns Portuguezes se fossem pera a Tranqueira do Ilher, porque os inimigos não se mettessem naquella povoação; e porque o Baluarte Sant-Iago, que o mesmo D. João tinha levantado de novo, estava ainda imperfeito, todos juntos, sem se escusar nenhum estado de pessoa, começáram a cavallo a correr com o

que lhe faltava ; os inimigos chegáram já perto de noite, e furgíram hum pouco affaftados da terra pera a banda do Ilher ; e D. Henrique Bandarra, tanto que fe cerrou a noite, lançou fóra das Tranqueiras a hum João Rebello, cafado, e morador em Malaca com alguns companheiros pera vigiarem a praia, porque os inimigos não vieffem defembarcar nella fem ferem fentidos, e affim fe foi pôr a huma parte com grande vigia na Armada. Os Achens, paffado o quarto da modorra, determináram lançar alguma gente em terra pera verem o eftado em que a Tranqueira eftava, e pera iffo defpedio o Capitão Mór alguns bantis ligeiros, que foram pôr as proas na praia, em que os noffos eftavam, e com muito filencio foram demandar as Tranqueiras pera darem nellas; e paffando por onde eftava João Rodrigues, que os não vio, fenão quando fentio o ferro, porque o tomáram de fobrefalto, com tudo fentindo-fe cortar, e vendo que eram inimigos, puzeram todos as mãos ás armas, e começáram huma muito arrazoada briga, indo-fe todavia recolhendo pera a Tranqueira até onde elles o feguíram. D. João Bandarra vendo a revolta, fahio fóra a favorecer os noffos: fendo fentido dos inimigos, foram-fe recolhendo pera as fuas embarcações, fem os noffos os
fe-

ſeguirem, aſſim por ſer de noite, como por não ſaberem o numero da gente que era: ao outro dia levou-ſe toda a Armada de remo, e foi dando huma viſta á Cidade, e foi ſurgir na banda de fóra na Ilha das náos o mais perto que pode ſer, e logo os Capitães deitáram gente nella, a que começou a fazer Tranqueiras, porque determináram de bater alli as náos pera fazerem alguma couſa, antes que ſe recolheſſem, e ver ſe as podiam metter no fundo, e aſſim as mandáram bater com grande importunação, fazendo mór damno na náo Santo Antonio, que ficava mais em barreira, em que mettêram muitos pelouros de ſetenta, e oitenta arrateis de ferro coado, e lhe feríram alguns ſoldados. Aquelle dia, que começáram a bater as náos (que foi o ſegundo da chegada da Armada) tomou Roque de Mello poſſe da Fortaleza por nelle ſe acabarem os dous mezes de tempo que o Conde tinha limitado a D. João da Gama, que com a gente da ſua obrigação, depois de entregar a Fortaleza, ſe apreſentou no Baluarte Sant-Iago, donde acudia a tudo o que era neceſſario, correndo com a fortificação daquelle Baluarte até o acabar, o que tudo fez com muito trabalho ſeu, e de todos. Os inimigos hiam continuando com a bateria das náos, e hum dia foram

alguns batéis ſeus a fazer alguma remettida a modo de quererem deſembarcar, a que acudio D. João da Gama, e mandou embarcar alguns ſoldados em outros Bantins ligeiros, o que elles fizeram com muita preſſa; e commettendo com os inimigos, os foram correndo; e Antonio de Andradre, que hia em hum Bantim, chegou a hum Caleluxe muito fermoſo, e o abalroou, e axorou das primeiras pancadas; e Nuno Vieira Velho, e outros Bantins foram ſeguindo os mais, que a poder de remo lhes eſcapáram, e ſe foram recolhendo pera a Armada com alguns homens menos, e muitos feridos. Fernão Ortiz de Tavora, que eſtava na náo, padeceo infinito trabalho; porque quinze dias continuos, que a batêram, varáram a náo por muitas partes, o que logo era reparado com muito trabalho ſeu, e dos companheiros que comſigo tinha; e entre elles ſe aſſinalou hum Gaſpar Dias de Reboredo mais, Cidadão de Goa, que foi dos primeiros que ſe offereceo a entrar naquella náo, por ver que ninguem ſe queria ir pera ella pelo riſco que corria, e muitos fez o Capitão embarcar por força, mas todos trabalháram, e peleijáram com muito valor, e esforço.

CA-

CAPITULO III.

De como os Turcos, que hiam na Armada do Achem, ordenáram humas balſas de fogo pera queimarem as náos: e de como Nuno Monteiro, que andava no eſtreito em huma Galeaça, foi ſoccorrer a Malaca: e da aſpera batalha que teve com a Armada do Achem: e de como por deſaſtre tomou fogo, e ſe abrazou, e queimou.

MUito enfadados ficáram os Capitães do Achem de em quinze dias não terem feito nada, tendo gaſtado muita parte das munições naquella bateria das náos: pelo que alguns Turcos, que na Armada vinham, ſe lhe offerecêram a fazer humas balſas de fogo com que queimaſſem as náos, que fabricáram ſobre duas jangadas cheias de barrís de alcatrão, polvora, e outros materiaes; e tendo-ſe acabadas na enchente da maré, as tomáram as Galés á toa, e as leváram até ao canal pera a corrente as ir deitando ſobre as náos, e alli lhes deram fogo, e as largáram; e ellas começáram a correr com tanta braveza, que metteo nos noſſos muito grande eſpanto. Fernão Ortiz, Capitão da náo Santo Antonio, que eſtava diante, or-

de-

denou algumas defensões pera desviar aquellas balsas, sobre o que elles, e todos os seus soldados trabalháram tudo quanto foi possivel. O Mestre da náo, que era hum mulato muito valente homem, chamado Bartholomeu Fernandes, vendo o risco que as náos corriam, se as jangadas cahissem sobre ellas, se embarcou com muita pressa em huma manchua pequena, e com elle dous soldados valentes homens, hum chamado Gonsalo de Sousa, e do outro não soubemos o nome; e tomando o remo em punho, com muita força chegáram a tempo que as Galés ainda traziam as jangadas á toa, mas já vinham ardendo; e sem recearem nenhum perigo, mettêram-se entre ellas, e as jangadas, e deram pique aos cabos, com que as jangadas se foram atravessando, e desviando do canal, e com muita ligeireza se tornáram a recolher pera as náos, indo após elles muitas nuvens de pelouros, e alguns batéis muito ligeiros; mas de tudo os livrou Deos, pera livrarem as náos daquelle soberbo fogo. Chegados á náo, metteo-se o Mestre no Batel, que com os companheiros, e marinheiros, que com grandes espeques, e estorpalhos molhados foi desviar as balsas de fogo, que se foram desfazendo por esse mar; e senão fora a industria do Mestre,

sem

ſem dúvida que os Galeões foram abraza-dos. Fernão Ortiz de Tavora, e Eſtevão de Valadares não ſe deſcuidáram; mas tambem varejáram as Galés ſoberbiſſimamente, com o que ſe foram recolhendo pera a mais Armada com bem de damno, e de deſgoſto de não vir a effeito aquelle negocio, que elles tinham por averiguado; e aſſim foram continuando ſua bateria com tenção de ſe não alevantarem dalli ſem metterem aquelles Galeões no fundo.

Vendo os noſſos o vagar com que os inimigos moſtravam eſtar, ficáram muito enfadados, e ficou havendo deſconfianças de poderem as náos ſuſtentar-ſe a tão eſpantoſas baterias, como cada dia lhe davam: pelo que D. João da Gama deſejoſo de provar a mão com os inimigos nas eſtancias, e fazer hum feito muito honrado, ſe offereceo ao Capitão, e Biſpo, e lhe deo taes razões, e eſperanças de lhe tomar a artilheria, que lhe concedêram a jornada; e ajuntando os Fidalgos, e ſoldados amigos de ſua obrigação, fez hum corpo de perto de duzentos homens, e pareceo bem aos Capitães mandarem aviſar aos das náos, pera que com toda a gente eſtiveſſem preſtes em ſeus batéis pera ſe acharem naquelle negocio; e porque a ida dos Galeões era muito arriſcada, a engeitáram mui-

muitos ; mas Nicoláo Pinto da obrigação do mesmo D. João se offereceo pera isso ; e embarcando-se em huma embarcação pequena muito ligeira com outro companheiro , chegou ao Galeão de Fernão Ortiz , e lhe deo o recado , e a ordem de como havia de desembarcar , e em que horas , e o mesmo ao Capitão da outra náo , com o que se preparáram , e negociáram os batéis pera aquella hora limitada ; mas como a fortuna sempre anda desviando as occasiões de honra a quem a busca , o fez a esta em hum caso muito lastimoso , e muito pera sentir , que foi este. Ao tempo que os inimigos apparecêram , andava Luiz Monteiro por Capitão de huma Galeaça no estreito de Sincapura , e trazia perto de sessenta soldados , os mais delles filhos de Malaca , a quem D. João da Gama logo mandou avisar da Armada do Achem , mandando-lhe que se passasse ao estreito de Sabão por ficar mais desviado do inimigo , e que delle se não apartasse , porque elle o avisaria de tudo o que succedesse ; e que não deixasse passar nenhuns Turcos , e Juncos de mantimentos , e os detivesse comsigo , porque não fossem cahir nas mãos dos inimigos , e se provessem nelles : e não se segurando só em este recado , mandou-lhe segundo , e terceiro , e o mesmo fez Roque

de

de Mello, depois que tomou poſſe da Fortaleza, com penas de caſo maior ſe fizeſſe o contrario; mas elle como era muito eſforçado, e trazia comſigo tantos filhos de Malaca, pareceo-lhe a todos que não fariam o que deviam, ſenão foſſem ſoccorrer aquella Fortaleza; e porque entendiam que a Galeaça ſó podia peleijar com toda aquella Armada, concertados todos neſta opinião, não dando pelos mandados, e proteſtos do Capitão, fizeram-ſe á véla pera Malaca, e apparecêram ao mar. Tanto que da Fortaleza foram viſtos, deſpedio logo o Capitão hum Bantim muito ligeiro, em que mandou embarcar hum Nuno Vieira, por quem mandou dizer a Luiz Monteiro que logo ſe tornaſſe pera o eſtreito, ſobpena de caſo maior, do que lhe a elle deo pouco, porque recolheo dentro a Nuno Vieira, e deixou-ſe ir ſeu caminho com a Galeaça poſta em armas, e a artilheria leſtes, e carregada com determinação de paſſar por toda a Armada inimiga, e ir ſurgir na Poça. Os inimigos tanto que víram a Galeaça, embarcáram com muita preſſa toda a artilheria que tinham nas eſtancias, e com toda a Armada repartida em duas partes foram commetter a Galeaça; e cercando-a á roda, a começáram a bater muito furioſamente. Luiz Monteiro,

que

que vinha leſtes, e a ponto, recebeo os inimigos com muito animo, e começou a deſcarregar nella toda a ſua artilheria, que lhes fez mui grande damno; porque como o mar eſtava coalhado de embarcações, todos os tiros ſe empregavam mui bem, matando, e deſtroçando tudo o que achavam; e tal deſtruição fizeram em todos os navios, que depois de haver muito que durava a batalha, ſe affaſtou a Armada pera fóra quaſi deſtroçada; e tomando entre ſi conſelho, aſſentáram de abordarem a Galeaça com os Galeões, que eram mais alteroſos que ella, e os guarnecêram muito bem, e enchêram da melhor gente da Armada, e foram commetter a Galeaça, diſparando nella aquella tempeſtada de trovões, e coriſcos, que parecia que tremia o mar, e a terra, e depois inveſtíram a Galeaça por ambos os bordos. Luiz Monteiro, e os companheiros puzeram-ſe em ſua defensão com tamanho animo, e valor, que não arreceavam em nada aos inimigos, e fizeram tão altas couſas, e tão grandes, que não ouſa a penna a eſcrevellas, nem as palavras baſtam pera as eſpecificar; que foi tamanho o damno, e eſtrago que fizeram em os Galeões, que lhe foi forçado apartar-ſe, ardendo em vivo fogo de muitas panellas de polvora, que nelles lançáram

ram os da Galeaça, poſto que os mais dos ſoldados eſtavam feridos, e abrazados do muito fogo, e das muitas panellas de polvora; e andavam com o furor da briga tão animoſos que nada ſentiam; ſenão fora a deſaventura que lhe ſuccedeo, houveram de chegar a Malaca victorioſos de tamanha Armada; e foi, que eſtando na mór furia da briga, os inimigos já affaſtados pelos não poderem ſoffrer, acertou a véla da Galeaça a tomar fogo; e andando os noſſos apagando-o, cahio huma faiſca pela eſcotilha abaixo: os peccados a encaminháram pera huma gamela de polvora, onde os bombardeiros eſtavam carregando humas cameras de falcões; e dando nelles, tomáram fogo, e dalli paſſou á mais polvora que eſtava em barrís, e com aquella furia arrebentáram as cubertas por eſſes ares com tamanho terremoto, que foi eſpanto. Da Fortaleza foi viſto aquelle eſpectaculo com tamanho ſentimento, que ſe poz toda a gente em pranto, por terem os mais dos moradores nella filhos, e irmãos, e ſobrinhos; a Galeaça ficou alli ardendo em chammas, abrazados nella quaſi todos que alli hiam, porque parece que permittio Deos que com aquelle genero de morte pagaſſem a deſobediencia de ſeu Capitão, que contra tanto mandado ſeu vieram

buſ-

buſcallo naquelle lugar: alguns que o fogo lançou ao mar, tomáram os inimigos vivos, e os leváram cativos; e contentandoſe com aquelle feito, que elles com todo o ſeu poder não puderam alcançar, meio deſtroçados ſe fizeram na volta de Lor, aonde entráram, e os Capitães mandáram pedir ao Ragalé que lhes mandaſſe logo Singa Rajá, do que elle zombou, porque já eſtava muito fortificado, e provído de tudo. Os Achens vendo aquelle deſengano, deſembarcáram em terra, e aſſentáram ſeu campo á cuſta de muitas vidas dos ſeus, e começáram a bater a Cidade com muita furia por eſpaço de hum mez, em que aſſim os de fóra, como os de dentro recebêram aſſás de damno. O Ragalé vioſe tão apertado, que lhe foi neceſſario mandar pedir ſoccorro ao Capitão de Malaca, que por conſelho do Biſpo, e de D. João da Gama, Capitães, e peſſoas principaes, aſſentou de lho dar, porque não convinha terem alli o Achem, que era muito poderoſo, e mandou negociar dez, ou doze batéis, cujos Capitães eram Antonio Fernandes de Ilher, D. Henrique Bandarra, Antonio de Andrade, e outros filhos de Malaca, e os mandou que ſe foſſem metter em Jor, e ajudaſſem a defender aquella Cidade.

Eſ-

Estes navios entráram de noite pela barra dentro, sem serem sentidos dos inimigos; e prepassando pela galé de Raja Malota, que estava apartada das outras, deitáram-lhe huma somma de panellas de polvora, e apôs ellas se baldeáram dentro, e á espada matáram quantos nella estavam, e a Raja Malota cortáram a cabeça, e se sahíram com ella, e foram desembarcar em terra, e entráram em Jor, e a apresentáram a ElRey, que a estimou muito, e logo a mandou arvorar em sima de hum baluarte, pera que os inimigos a vissem. Os Achens ficáram muito amedrontados daquelle negocio, e muito mais de lhes dizerem huns escravos que tomáram, que era chegada huma grande Armada de soccorro a Jor, e que o Capitão de Malaca se ficava embarcando pera vir peleijar; e certo que parece que Deos guiou as linguas a estes, porque logo os inimigos ficáram tão descorçoados, que sem quererem esperar mais, se embarcáram, e deram á véla pera o Achem. Disto foi logo avisado Roque de Mello por hum Bantim, que Antonio Fernandes de Ilher despedio com recado; e porque esperava por horas pela náo de S. Thomé, que havia de vir carregada de fazendas, em que todos os daquella Fortaleza traziam seu cabedal, receando-se que os inimigos a en-

con-

contraſſem, deſpedio hum Bantim ligeiro carregado de munições com regimento ao que nelle hia, que ſe foſſe de longo da coſta da terra de Malaca até dar com ella, e que lhe metteſſe dentro as munições; e aſſim deſpachou outro Bantim a eſperar a Armada dos inimigos pera ver por onde ſe recolhia. O Ragale, tanto que ficou deſapreſſado, e que vio os inimigos recolhidos, deitou ao mar ſincoenta Bantins muito ligeiros, em que ſe embarcou com a melhor gente que tinha, e foi ſeguindo os inimigos pera ver ſe os podia derrubar; e vendo que ſe recolhia com muita preſſa pela via de Bancales, e que hia já mui alongado delle, fez volta pera Malaca, por lhe parecer ſer obrigação dar os agradecimentos ao Capitão do ſoccorro que lhe mandára, pera o que lhe mandou diante pedir licença; e depois do recado chegou á bahia, e pondo a proa no caes, deſembarcou em terra com muita ſegurança, e ahi chegou o Capitão, e o Biſpo, e os Vereadores, e o povo, que o recebêram com muita honra, e o Capitão o levou pera a Fortaleza, e o banqueteou aquelle dia eſplendidamente, e o meſmo fez a todos os ſeus, e ſobre a tarde lhes foi moſtrar a povoação de dentro da Fortaleza, que eſtava com todas as janellas alcatifadas, e pelas ruas

mui-

muitas charamelas , e outros inſtrumentos de alegria , e daquelle caminho ſe foi embarcar. Eſtando já no caes, lhe mandou D. João da Gama , a quem o Ragalé deſejou muito ver por neto do Conde Almirante, que deſcubrio a India , ſeu filho mais velho, a quem o Ragalé fez muitas honras , e deſpedindo-ſe de Roque de Mello muito ſatisfeito dos gazalhados que lhe fez, dando-ſe hum a outro peſſas, e brincos ricos, e curioſos ; e com iſſo ſe embarcou , e ſe tornou pera Jor. D. João da Gama não quiz ver o Ragalé, nem ſahio de ſua caſa por pontos de opinião, mas mandou-o viſitar por ſeu filho, como diſſemos.

CAPITULO IV.

De como Fernão de Miranda foi a Surrate eſperar as náos de Meca , e tomou huma Cidade de Balala: e do grande motim que houve em toda a Armada contra o Capitão Mór.

JÁ atrás (no fim do Cap. XV. Livro II.) démos conta de como o Conde D. Franciſco Maſcarenhas mandára a Fernão de Miranda que na entrada de Agoſto foſſe eſperar as náos de Meca, e que tomaſſe todas , quer trouxeſſem cartas, quer não; e jun-

juntamente com eſtas cartas eſcreveo outras ao Capitão de Dio , em que lhe mandava que no meſmo tempo mandaſſe a Armada da obrigação daquella Fortaleza ao porto de Goga , e que alli eſperaſſe por huma náo do Hecbar, a quem o Conde D. Luiz de Ataíde tinha dado cartas pera ir tomar aquelle porto , ſem a obrigarem ir pagar os direitos a Dio. Fernão de Miranda tanto que veio daquella jornada do Rey de Sarzeta, que atrás contámos Livro II. Cap. XV. logo começou a tratar da Armada , e a mandar negociar todos os navios que havia , e a ajuntar marinheiros , e todas as mais couſas neceſſarias pera aquella jornada , o que fez com tanta diligencia por haver falta de marinheiros , que elle meſmo em peſſoa foi a Baçaim , e Ataná negociallos ; e ajuntando huma ſomma de marinheiros , tornou-ſe a Damão , onde ſe começou a deitar a Armada ao mar , a que acudio por terra o Veador da Fazenda , que eſtava em Baçaim , e correo com todas as deſpezas , e provimentos, conforme as Proviſões que o Viſo-Rey lhe tinha mandado ſobre aquelle negocio ; e em fim tal preſſa deram todos á Armada , que quando foram vinte e quatro de Julho , veſpera do Apoſtolo Sant-Iago , ſahio Fernão de Miranda pela barra fóra com vinte navios fermoſamente guarnecidos , e cheios

de

de muita, e boa ſoldadeſca, que em Damão ficou aquelle inverno por cauſa da guerra.

Os Capitães que foram na jornada são os ſeguintes: Diogo de Miranda de Azevedo o Velho, D. Franciſco da Gama, Pedro de Souſa, Miguel de Azevedo do Couto, Pedro de Negreiros, Antonio Pegado, Chriſtovão Leitão, Luiz Rodrigues Fajardo, Antonio de Andrade, D. Pedro de Mello, Nuno Alvares Pereira, Fernão Martins de Souſa, Meſtre Domingos Veneziano, grande official de galés, D. Manoel de Azevedo, Pedro Homem Pereira, Franciſco de Miranda Henriques, Antonio de Lima, Antonio Rodrigues o Ponoba. Dada á véla, foram eſtes navios ſeguindo ſua jornada, e achåram os mares tão groſſos da invernada que os comia, por ſer naquella enſeada o inverno a mais ſoberba, e medonha couſa da vida, e foram de feição, que com a força rendeo o maſtro ao navio do Capitão Mór, que ſe paſſou a outro, e mandou ao ſeu Comitre que metteſſe o navio no rio de hum Braſari, que divide as terras de Damão das de Balſar, defronte de quem então eſtavam, e que mandaſſe buſcar outro maſtro a Damão, e que logo ſe foſſe pera Surrate, como elle fez, entrando dentro do rio com trabalho, e no meſ-

mo dia foi recado a Damão , e nelle lhe mandáram o maſtro novo. Fernão de Miranda foi ſeu caminho com toda a Armada quaſi alagada , e com todos os mantimentos quaſi molhados , e podres : e quiz Deos que o meſmo dia afferraſſe o rio de Surrate , onde entráram com muito riſco , e trabalho , por ſer a mais ſoberba barra de mares , e mais perigoſa de baixos , e reſtingas que ha em toda a India , por cauſa do grande eſcarceo que alli faz o mar com o fluxo , e refluxo , que he o mais apreſſado , e impetuoſo que no Mundo ha , e ao outro dia chegou o navio com o maſtro novo , mas ſem mantimentos , por irem podres , como todos os mais de toda a Armada : pelo que lhe foi forçado deſpedir recado a Damão , pera que o proveſſem de novo , o que o Veador da Fazenda fez com muita preſſa , e carregou alguns Tarins de biſcouto , e arroz que lhe mandou , e elle meſmo foi a Surrate ver , e prover a Armada , porque havia de paſſar a Dio a tomar poſſe daquella Fortaleza até chegar Manoel de Miranda , que era provído della , que foi no Outubro ſeguinte ; e o Licenciado Franciſco de Frias , depois que proveo a Armada , atraveſſou a Dio , e tomou poſſe daquella Capitanía. Fernão de Miranda deixou-ſe eſtar dentro em Surrate ,

te, e todos os dias de madrugada mandava dous navios a vigiar o mar, o que fazia com grande risco, e perigo por causa da barra que he cruelissima; assim foram continuando até os tres dias de Setembro, em que os homens andavam já cançados, e quebrantados, e com todo o fato podre por aquellas aguas, que alli chovem, pois em dando na roupa, logo a apodrecem toda, e o que era porque andavam sem mantimentos, que cada dia se lhes molhavam, porque tudo nadava em agua, assim do mar, como do Ceo, que por todas as partes lhes entrava, e tudo com tanto trabalho, e soffrimento que só Portuguezes o puderam aturar.

Neste dia víram os navios, que sahíram a vigiar, huma fermosa náo, que vinha do mar em fóra com todas as vélas dadas a demandar aquella barra; e fazendo sinal á Armada, sahio toda logo pera fóra alvoroçados todos pera se cevarem, e restituirem nella dos trabalhos soffridos até então; e este dia foi o de maior tormenta, que naquella jornada tiveram, e os navios passáram aquella barra com o mór perigo, e trabalho que todos: a náo houve logo vista dos navios; e conhecendo ser da Armada Portugueza, preparou-se na volta do mar, e despregou os traquetes que levava tomados,

dos, e Fernão de Miranda a foi ſeguindo com bolços da véla, porque os navios não podiam aturar os mares, e ſe hiam affogando, e alagando, ſó Diogo de Miranda largou toda a véla, porque tinha hum navio poſſante, e foi-ſe ſahindo melhor aos mares; e chegando á náo, lhe atirou a amainar, o que ella não quiz fazer, antes lhe reſpondeo com outra bombardada, e ſe deixou ir ſeu caminho ſem dar por nada. Diogo de Miranda a foi ſeguindo por poppa esbombardeando-a, e ella reſpondendo-lhe com outros tiros mais groſſos, e dando-lhe os que hiam nella viſta, pera que viſſem os noſſos o ruim partido que tinham; e aſſim era verdade, porque aquella náo além de ſer muito alteroſa, e grande, trazia perto de ſeiscentos homens brancos, e vinte peſſas de artilheria. Fernão de Miranda chegou a ella com toda a Armada a tempo que já hia anoitecendo, em que ſe ella fez na volta do Sul, por ſe não metter na enſeada, pelo que ſe compaſſou com ella Diogo de Miranda pela não perder, e toda a noite foi fazendo farol a toda a Armada, pera que viſſem, e aſſim o ſeguio toda a Armada, ſoffrendo toda a noite grandes ventos, e mui deſempaſſados mares, o que tudo lhe fazia eſtimar em pouco o deſejo que todos levavam de ſe

ce-

cevarem naquella náo, que forçado havia de vir muito rica.

Tanto que amanheceo, rodeou Fernão de Miranda a náo com todos os navios, e a foi esbombardeando, porque não era possivel abordalla, assim pela grossidão dos mares, como por ser muito alterosa, pelo que tratou de a desapparelhar, porque não havia outro remedio; mas ella se deixou ir muito confiada em seu poder, disparando a sua artilheria por huma, e outra parte, de que quiz Deos livrar os nossos navios, que escapáram a ella por irem enterrados, e escondidos entre os mares, que eram tão cavados, que a tempos se não viam huns aos outros. Indo assim neste trabalho, lhe deram da Galeota de Nuno Alveres Pereira com hum pelouro de meia espera, que quiz Deos que lhe acertassem no mastro, que logo veio abaixo com todo o velame, ficando-lhe só a cevadeira, e mezena com que se deixou ir seu caminho, disparando sempre sua artilheria, e em Damão foram ouvidos os tiros, porque hiam já tanto ávante com o Balsar; e entendendo o Capitão Martim Affonso que a nossa Armada peleijava, negociou logo com muita pressa hum navio de hum Belchior Quinteiro, e lhe mandou metter muitas munições, pannos velhos, ovos,

a-

azeite de coco , unguentos , dous Cirurgiões , e os despedio logo , pera que se houvessem feridos que os fossem curar , e se faltassem munições á Armada , os pudessem prover ; e já sobre a tarde chegára a Armada , indo já avante acalmada , e os Mouros quasi desconfiados , e em differentes pareceres sobre o que fariam , porque huns diziam que fossem demandar terra , que estava perto , e que varassem nella pera ao menos salvarem as vidas ; outros diziam que não fizessem tal , porque ainda que varassem não podiam escapar ao cativeiro , e ao menos mulheres , e filhos , que quasi todos alli levavam , que melhor seria peleijarem até morrer , porque isso era menos mal , que vir ás mãos dos Portuguezes. Indo nesta indeterminação , foi-lhes forçado surgirem hum pouco antes do morro do parcel , porque se acháram em fundo de menos de seis braças , e depois se resumíram em mandar commetter partidos ao Capitão Mór , porque já não tratavam de mais que de se segurarem as vidas ; e que quando lhas não quizessem dar , que então fizessem o que fizeram os da Ilha dos Mortos , que era matarem as mulheres , e filhos , e depois peleijarem até morrer em vingança da crueza que haviam de usar ; e pondo huma bandeira de paz , lançáram
hum

hum homem ao mar, que foi afferrar a fusta de Francisco de Miranda, que o levou ao Capitão Mór; e lançado a seus pés, lhe disse, que Cide Balala, Capitão daquella náo, lhe mandava pedir licença pera lhe mandar dous homens honrados a tratar com elle cousas que importavam, o que lhe elle concedeo; e vindos a elle, lhe pedíram da parte do Capitão, e de todos os que vinham na náo, que lhes fizessem mercê das vidas, e lhes dessem embarcações pera se poderem ir a terra, que elles lhe deixariam a náo com todo o seu recheio. Fernão de Miranda poz aquelle negocio em pareceres dos Capitães dos navios, e assentáram conceder-se-lhes o que pediam; porque segundo estavam determinados (segundo parece haver-lhes contado o Mouro, que veio á náo, o que lá passava) estava certo não se renderem sem custar as vidas de muitos; e que pois lhe entregavam a náo, que era tão rica, e poderosa, sem golpe de espada, que não havia pera que esperar mais. Assentado isto, passou-lhe o Capitão Mór hum seguro Real, em que concedia as vidas a todas as pessoas que na náo estavam, e que os poria em terra muito seguramente, sem recebe-rem aggravo algum. Com este seguro ficáram os Mouros desalivados, porque só o

ca-

cativeiro ſentiam ; e logo fizeram entrega da náo ao Feitor da Armada , e outras peſſoas , que o Capitão Mór elegeo , e todos ſe embarcáram pera terra com ſuas mulheres , e filhos , ſem levarem mais que os veſtidos. Os ſoldados da Armada vendo aquelle negocio , e que ſobre tantos trabalhos , e riſços , como em dous mezes tinham paſſado , ſe lhes deſarmáram em vão as eſperanças que tinham do ſaco daquella náo , ajuntáram-ſe alguns navios que ſe falláram , e foram-ſe ao Capitão Mór , e de fóra ſe deſmandáram em palavras contra elle ; e depois que ſe deſenfadáram , deram á véla pera Damão , ficando os ſeis navios com o Capitão Mór , e pelo caminho foram fazendo bandeiras negras , com que entráram pela barra de Damão , o que metteo grande confusão na Cidade , porque não ſabia o que era paſſado , e aquellas inſignias triſtes vinham repreſentando algum mal , e deſaſtre.

Chegados á praia , deſembarcáram todos ao ſom de tambores , e pifanos , armados , e poſtos em ſom de batalha ; e atraveſſando a Cidade , ſe foram metter em hum baluarte de ſobre o campo , e alli ſe fizeram fortes. O Capitão da Cidade não ouſou a bulir comſigo , por ſerem perto de trezentos homens , e todos tão amotinados ,

e

e conformes, que cada vez que queriam, atravessavam a Cidade com bandeiras desenroladas, e tocando tambores, e pifanos, ao que os moradores todos se recolhêram em suas casas, onde se fortificáram; e chegou o desatino a tanto, que passando hum dia estes soldados pela porta de S. Francisco, atiráram á portaria muitas espingardadas, porque fora na Armada hum Padre, que foi de parecer do partido do Capitão Mór. E nesta fórma chegavam todos os dias até á praia a vigiar a Armada; porque estavam todos juramentados de matarem Fernão de Miranda: este foi o primeiro motim deste toque, que na India se vio entre Portuguezes.

E tornando a Fernão de Miranda, quando vio ir os navios daquella maneira, sentio muito, e ainda o sentíra mais, se soubera a fórma em que os delles andavam em Damão esperando por elle; e dando cabo á náo, a levou a Damão, e entrando com ella pela barra já em sima do banco, onde he mais perigoso, lhe cortáram as toas, sem se saber quem, a fim della dar no banco pera a roubarem; e não esteve disso muito longe, porque repontava a maré, e vinha já descabeçando pera fóra. Fernão de Miranda com alguns navios do seu bando acudio a fazer cabe-

ça

ça á náo, e a foi affaſtando do banco á força do remo; e como a poz no canal, deitou ancora, e na outra maré a metteo dentro, e paſſou-ſe do ſeu navio em huma manchua pequena pera fazer amarrar a náo, e ſegurar os ſeus navios, e foram-ſe pera terra. Os ſoldados do motim, que traziam o olho na Armada, arrebentáram pela praia; e vendo o navio do Capitão Mór com o eſporão em terra, remettêram com elle, e com hum furor deſatinado o entráram pera o matarem, cuidando que eſtava dentro; mas quiz Deos que eſcapaſſe áquella furia com ficar (como diſſemos) na manchua: a praça era toda huma confusão, e labyrinto, de ſorte que parecia huma batalha campal, porque tudo eram eſpingardadas, gritos, e alaridos, que atroavam a terra: os ſoldados não o achando no ſeu navio, entráram em todos os mais em buſca do Capitão Mór ſem o acharem. O Capitão da Cidade quando vio aquelle deſarranjo acudio á praia com Religioſos, e com Crucifixos alevantados, bradando por miſericordia, ſem ſerem ouvidos, nem ouſarem a ſe metter no meio daquella confusão. Fernão de Miranda ouvindo o labyrinto, ſem ſaber o que era, endireitou com a terra; e antes de chegar a ella, o aviſáram do negocio, pelo que lhe foi forçado re-

co-

colher-se pera a outra banda, onde se deixou estar até á noite, em que os soldados do motim se recolhêram ao baluarte, e Fernão de Miranda se foi metter em S. Francisco, sem ninguem o saber. O Capitão da Cidade com os Religiosos graves, e honrados gastáram toda aquella noite, e todo o dia seguinte em os moderarem, resumindo-se o Capitão que se o haviam pelas prezas que esperavam da náo, que elle se obrigava a lhas dar por aquillo que se alvidrassem. Em fim, tanto trabalháram nisto todos, que se abrandáram os soldados, e se concertáram que dessem a cada hum dezeseis Venezianos, que he o mais que se achou por Juizes louvados; a quantia de dinheiro que se nisto montava se entregou logo aos Capitães pera a repartirem por elles. Com isto se apaziguou o negocio, e se dissimulou, porque pera se haver de castigar tão grande motim, foram muitos, e muito honrados os culpados nelle: da mais fazenda da náo se fez logo inventario, e se mandou recado ao Viso-Rey pera prover naquelle negocio.

CAPITULO V.

De huma náo do Hecbar, que foi repreza-da em Goga, a que acudio Fernão de Miranda: e de como o Viso-Rey a mandou largar: e do castigo que deo Fernão de Miranda aos moradores do Castelete.

ATrás no Cap. IV. Liv. III. ficou dito como o Viso-Rey D. Francisco Mascarenhas escreveo a Dio áquelle Capitão, que mandasse a Armada da obrigação daquella Fortaleza a esperar as náos de Meca ao porto de Goga. Este recado chegou depois da morte de D. Pedro de Menezes, por cuja virtude o Alcaide Mór, que lhe tinha succedido, mandou negociar os navios, e commetteo a jornada a Francisco Ferrão da Cunha, que fora com D. Pedro por Capitão Mór da enseada, de que se elle escusou por inconvenientes que teve, e elegeo a Braz de Azevedo, Capitão do Baluarte do mar, que na entrada de Agosto sahio pela barra fóra com sinco navios mui bem negociados; e chegando aos canaes de Goga, surgio nelles, e poucos dias depois chegou huma fermosa náo do Hecbar, que vinha de Meca, e trazia cartas do Viso-Rey D. Luiz de Ataíde, pera

que

que livremente pudeſſe ir deſcarregar em Goga, ſem a obrigarem a ir pagar direitos a Dio deſtas cartas; e das duvidas que a elle puzeram os rendeiros das alfandegas de Dio, na noſſa Decada IX. ſe verá melhor. A náo como vinha com ſalvo conducto, foi com muita ſegurança ſurgir dentro dos canaes, onde a noſſa Armada eſtava, que a rodeou logo, e não deixáram deſembarcar nenhuma couſa, nem ir da terra nada, e Braz de Azevedo deſpedio com muita preſſa recado a Dio do que havia de fazer. Os rendeiros das Alfandegas tanto que ſouberam eſtar a náo reprezada, mandáram logo proteſtos, e requerimentos a Braz de Azevedo, pera que levaſſe a náo pera Dio, porque os direitos della lhe pertenciam pelos Capitulos de ſeu arrendamento. A eſtes proteſtos reſpondeo Braz de Azevedo, que elle não havia de bulir na náo, nem fialla daquelles cães pelo riſco que corria; porque como a havia de tirar por força, e contra a vontade dos de dentro, eſtava certo que quando ſe não defendeſſem, não haviam de querer marear as vélas; e que para o elle fazer, havia de miſter muitos marinheiros, e pilotos, o que elle não havia de tomar ſobre ſi, e que ſe havia de deixar eſtar até ter recado do Viſo-Rey.

Eſ-

Eſtava por Governador em Cambaya hum Bancare chamado o Rao, que o primeiro dia que a náo alli chegou teve rebate, e com muita preſſa mandou homens de muito recado a Goa a requerer por parte do Hecbar juſtiça ao Viſo-Rey, allegando que elle não fora ſabedor da guerra, antes a eſtranhára muito a ſeus Capitães, porque elle era amigo do Eſtado, e nunca quebraria as pazes que com elle tinha feito. Em quanto eſtes Procuradores chegam a Goa, continuaremos nós com a náo de Goga.

Eſtando aſſim Braz de Azevedo com ella repreza até eſperar recado certo do que havia de fazer, foi aviſado que no rio de Surrate ſe negociavam alguns paraos pera virem favorecer a náo, porque parece que o Rao queria uſar de ambas as mãos: pelo que foi neceſſario mandar recado a Fernão de Miranda, que eſtava já com a náo em Damão, que tanto que ſe lhe deo, deſpedio logo Diogo de Miranda com alguns navios pera ſe ir ajuntar com Braz de Azevedo, em quanto elle não hia, porque eſtava acabando os negocios da outra náo. Os recados de Fernão de Miranda, e os Procuradores do Rao chegáram quaſi juntamente a Goa; e vendo o Viſo-Rey as cartas de Fernão de Miranda, deſpedio Franciſco Paes pera ir a Damão tomar entrega

da

da náo, e das fazendas, e que levaſſe tudo pera Goa; em breves dias chegou a Damão, e tomou entrega de tudo, e voltou pera Goa com a náo. Fernão de Miranda como ſe vio deſembaraçado daquelle negocio, logo ſe fez á véla pera Goga, e ſe ajuntou com Braz de Azevedo, e ficou eſperando recado de Goa, que lhe não tardou, porque logo chegou hum navio muito apreſſado, em que vinham os Procuradores do Rao, que abbreviáram tanto eſte negocio, que em vinte dias foram, e tornáram, porque ſe ſouberam mui bem negociar, que apreſentáram a Fernão de Miranda Cartas, e Provisões do Viſo-Rey, em que lhe mandava que largaſſe a náo do Hecbar, porque ſe aſſentára em conſelho dos Capitães ſer aſſim neceſſario por muitos, e juſtos reſpeitos, que ſe não declaravam; porque pera compenſação das perdas que o Eſtado recebeo com a guerra de Damão, e pera credito dos Portuguezes, baſtava a náo do Cide Balala, que elle tinha tomado por força de armas, e com eſta reſolução entregou Fernão de Miranda a náo, ficando-lhe na mão boas alviçaras, que os Mercadores por iſſo lhe deram, porque vinha a mais rica que nunca ſahio de Judá; porque pelo livro della ſó em ouro, e em prata trazia carregados ſeiscen-

tos

tos mil cruzados, a fóra muito coral, borcados, recuicas, e outras fazendas.

Entregada a náo, vendo-se Fernão de Miranda desoccupado, e junta a Armada de Dio, a sua não se quiz recolher, sem provar a mão, na Cidade de Gengimez, ao que commummente chamam o Castelete, oito leguas de Goga pera Dio, por ser de Reineis grandes ladrões, cujo porto foi sempre recolhimento de todos os Malavares, Coutacolões, e Onores, que por alli andavam ás prezas das embarcações que hiam de Cambaya, e donde os navegantes daquella costa tinham recebido notaveis damnos, do que o Estado estava bem escandalizado; e muitas vezes tratáram os Viso-Reys de mandar desfazer aquella ladroiça, que sempre encommendáram aos Capitães do Norte das Armadas; mas nunca se poz as mãos na obra, o que Fernão de Miranda quiz agora fazer por se ver desoccupado de tudo, e para isto deixou espias de confiança pera verem o sitio, e gente que dentro tinha; e sendo bem informado de tudo, desembarcou naquella parte hum dia pela manhã, levando a dianteira Diogo de Miranda, por ser seu Tio, e Fidalgo velho, que com a gente de dez navios, que pera isso lhe tinha nomeado, commetteo a Cidade, que está na face do

mar,

mar , cercada de huma tranqueira á roda, e huma parte della ſobre hum penedo ingreme , que a natureza alli poz , fizeram hum Caſtellete de adobes com ſeus baluartes, e revézes, que fica todo ſobre a Cidade; e de huma ponta do penedo com hum rebelim , que vai fechar com a tranqueira da Cidade , por eſta parte commetteo D. Manoel de Azevedo , e pela outra ponta da outra banda Pedro de Borges, e Diogo de Miranda pela fronteria da Cidade ; e poſto que achàram muita reſiſtencia , fizeram por aquella parte entrada com morte de muitos inimigos, entre os quaes foi hum irmão dos Capitães do Caſtellete, que tinha a ſeu cargo aquella parte, e aſſim entráram a Cidade, aonde já achàram Pedro de Vargas, que achando huma quebrada em hum canto do rebelim , ſe lançou por elle dentro com os ſeus, e foi levando os inimigos até á Cidade. D. Manoel de Azevedo, que eſtava tambem no canto do Caſtellete , vio huma bombardeira aberta , de que os de dentro com a preſſa ſe deſcuidáram, e por ella ſe metteo com os da ſua obrigação, e foi entrando o Caſtellete ás cutiladas , matando muitos dos inimigos, e os mais delles o deſpejáram , e ſe recolhêram pera a Cidade , aonde já os noſſos andavam pondo o fogo a tempo que Fernão de Miran-

 da

da hia entrando com a ſua companhia ; e porque a Cidade ſe acabou de deſpejar de todo , e os ſoldados ſe não deſmandaſſem , mandou-lhe dar fogo por todas as partes , e ſe ſahio pera fóra , e recolheo a ſua gente , porque havia por alli muitos lugares pertos , donde podia recreſcer ſoccorro , e ſuccedeſſe deſaſtre , pois até alli tiveram tão bom ſucceſſo.

Feito eſte negocio muito a ſeu ſalvo , ſe recolheo aos navios , e ſe foi para Damão , por ſe lhe acabarem os provimentos , e alli achou carta do Viſo-Rey , em que mandava ſe paſſaſſe a Baçaim , aonde havia ordem pera lhe armarem outros navios pera andar todo o verão na coſta do Norte , como adiante ſe verá. Franciſco Pais chegou com a náo a Goa , e juntamente com elle o Cide Balala Capitão della com alguns mercadores principaes , que ſe concertáram com o Viſo-Rey ; e pela fazenda della , que tinha ainda em ſi , lhe deram vinte e ſete mil pardaos ; mas o caſco da náo ſe lhe não quiz vender , com o Cide Balala metter todas as valias que havia em Goa , o que fez ſuſpeitar a alguns homens , que trazia nos entre-forros muitos Venezianos ; ſe os ella tinha , elles ſe ſumíram ſem os ninguem ver. Em fim a náo carregou-ſe por ElRey , e depois foi vendida a D. Paulo

de

de Lima , quando foi entrar na Capitanía de Chaul.

CAPITULO VI.

Das cousas que neste anno acontecêram em Maluco: de como o Governador das Manilhas escreveo a Diogo de Azambuja, Capitão de Tidore: e de como estava jurado em Portugal ElRey D. Filippe, e de outras cousas.

QUando démos relação da perdição de D. João da Gama, o fizemos tambem de como o Galeão que Fernão Telles despedio pera Maluco com provimentos, de que era Capitão Fernão Ortiz de Tavora, não passára de Malaca, pelo que a Fortaleza de Maluco se vio em tanto trabalho, e fomes por causa da guerra, e lhe faltárem tres annos os Galeões da carreira, como na Decada IX. se verá mais largamente: e se D. João da Gama, Capitão de Malaca, o não provêra, sempre sem dúvida passára a mór trabalho. Agora vendo Diogo de Azambuja, Capitão daquella Fortaleza, que lhe faltára tambem este anno o Galeão da India, não sabia o que cuidasse; porém não desesperou de a soccorrerem de Malaca pela via da Jaoa na monção ordinaria, que era em Julho seguinte.

Eſtando com eſtas eſperanças, remediando-ſe o melhor que podia com grande provisão, chegou ao porto de Tidore huma Fragata aos dez dias de Março deſte anno de 1582. em que andamos, a qual vinha de Manilha, e nella hum Franciſco de Duenhas com ſeis Heſpanhoes, que Diogo de Azambuja recebeo bem, e o Duenhas lhe deo huma carta do Doutor Sant-Iago de Vera, Governador das Filippinas, com huns actos, e papeis authenticos, que lhe vieram por via da nova Heſpanha; e abrindo a carta, vio que dizia aſſim:

» Si haſta aqui era mui juſto nos fre-
» quentaſſemos, y trataſſemos a menudo,
» ſiendo tan vicinos, y vaſſallos de Reys
» Catholicos, y tan amigos, y deudos, mu-
» cha mas raſon ay al preſente pera hazelo,
» haviendo ſido Dios ſervido de juntar eſ-
» tos Reynos en cabeça de ElRey Don Fi-
» lippe nueſtro Señor; de lo ſuccedido à-
» cerca deſto non ay particular relacion en
» eſta, aſſi por tener por cierto la havra
» jà tenido bien larga, y copioſa por la
» India, y aun ſegun ſoſpecha nuevo Viſo-
» Rey; pero por la incertidumbre que las
» coſas de la mar tienen, enbio con eſta to-
» das las relaciones, que an venido a mis
» manos de lo ſubcedido deſpues de la mor-
» te del Cardinal Rey, y aſſi miſmo preſu-
pueſ-

» puesto que em vuestra merced, como per-
» sona de tan buenas partes, de quien se
» ha hecho confiança de Plaça tan impor-
» tante nò puede dexar de concurrir la
» fidelidad que tiene jurada, y deve a su
» Rey, y que lo es ElRey Don Filippe nu-
» estro Señor que al presente reina, y està
» recebido em Portugal por toda la nobre-
» za del, me ha parecido que si por aca-
» so la novedad presente huviesse alguna
» causado en essa tierra, y en Malaca, y
» Macao con los naturales dellas por nò los
» tener en la subjecion que los que nòs ou-
» tros posseemos offerecer de my parte
» el soccorro que desde aqui puede Su
» Magestad darles, que pera las fuerças de
» por aca nò son pocas, a Dios gracias, las
» de aqui assy de gente, como navios, ga-
» leras, como de artilheria, y municiones:
» assy presupuesta su fidelidad, offerecien-
» do necessidad, lo ofresco yo a vuestra
» merced em nombre de Sua Magestad
» contra todos os que intentaren de le
» desservir en qualquiera manera; y en esta
» rason escribo al Capitan mayor de Mala-
» ca la que con esta và. Vuestra merced se
» la encamine en haviendo con quien, y
» una copia de las nuevas, que embio; y si
» ubiere alguna cosa particular en que le
» pueda servir, me avise dello, pues es ra-
» son

» ſon que entre nos-otros aya toda huma-
» nidad ; y del portador, que es un buen
» ſoldado , podrà vueſtra merced ſaber lo
» demàs que de acà quiſiere. »

Lida a carta , e papeis que com ella lhe deram, ficou Diogo de Azambuja muito ſobreſaltado, porque por elles claramente ſe moſtrava ſer ElRey D. Henrique morto , que elle ainda não ſabia, e ter ſuccedido no Reyno ElRey D. Filippe, por ſentença dada pelos Governadores , e Defenſores do Reyno de Portugal , que o dito Rey D. Henrique em ſua vida tinha nomeados; e conſideradas aquellas couſas, vendo que ás obras de Deos não havia que dizer, logo tornou a deſpachar a Fragata , e reſpondeo ao Governador de Manilha na fórma ſeguinte:

» Recebi a carta de V. Senhoria com as
» mais relações que me mandou , que lhe
» vieram de Heſpanha na era de 1580. e
» chegou a tempo que eu não tinha novas
» de Portugal, nem da India, por me faltar
» o Galeão dos provimentos eſte anno. E
» com receber grande contentamento de ter
» cartas, e novas de V. Senhoria, não pude
» deixar de ſentir naquelle gráo, que a ra-
» zão me obriga, a morte tão apreſſada de
» meu Rey de Portugal ; porque entendo
» que ſe vivêra mais tempo , deixára as

» cou-

» cousas dos Estados de seus Reynos tão
» bem ordenadas, que não succedêram as des-
» ordens, e desconcertos que são passados;
» mas pois nosso Senhor disso foi servido,
» praza a elle que isto seja pera principio
» de maiores bens (e não pera maiores
» castigos) como confiamos todos que seja.
» Estando os Reynos de Castella, e Portu-
» gal unidos debaixo do Governo, e admi-
» nistração do mesmo Catholico Rey Dom
» Filippe, que receberemos com toda a fi-
» delidade, e obediencia, vendo seu pro-
» prio, e especial recado, e certeza de ser
» legitimo Rey de Portugal; e quanto aos
» soccorros que V. Senhoria offerece, eu o
» estimo, e tenho em muito particular mer-
» cê; mas ao presente não ha novidade na
» terra mais que a guerra que tenho com
» ElRey de Ternate, que tenho posto em
» estado que com estes poucos Portuguezes
» posso seguramente esperar pela Armada,
» que espero por via de Jaoa, que será da-
» qui a tres mezes; e não me vindo, con-
» forme o estado em que estiver, avisarei a
» V. Senhoria, porque então he a monção
» dos vendaveis, que mui de pressa póde
» lá ser o recado. A carta que escreveo ao
» Capitão de Malaca, mandei ao da Forta-
» leza de Amboino com as mais relações
» pera dalli as encaminhar a quem Francis-
» co

» co de Duenhas tambem escreveo. A via-
» gem que fez até aqui foi muito acertada;
» porque se viera pela derrota que trazia,
» sem falta se perdêra, por terem arrenega-
» do todos os Christãos do morro; he pes-
» soa pera muito, e fiquei-lhe muito affei-
» çoado, folgára que fora melhor agazalha-
» do, mas o tempo, e a terra não podem
» dar mais de si; delle póde V. Senhoria
» saber as novas da terra. Nosso Senhor,
» &c. da Fortaleza dos Reys Magos de
» Tidore a 20. de Março de 1582. » Parti-
da esta Fragata, ficou Diogo de Azambu-
ja esperando recado de Malaca, assim pera
se prover pelas necessidades em que esteve,
como pera saber as certezas das novas do
Reyno, parando na guerra com o Rey de
Ternate, e pairando com o de Tidore,
porque não podia mais.

CA-

CAPITULO VII.

De como Diogo de Azambuja mandou pedir ſoccorro ao Governador de Manilha, por lhe faltar o de Malaca: e de como lho mandou por D. João Ronquilho: e das couſas que ſuccedêrão até chegar D. Alvaro de Caſtro, que faleceo.

ASſim ficou Diogo de Azambuja eſperando pelo ſoccorro de Malaca, tendo pera ſi que ſem dúvida lhe viria; mas como Fernão Ortiz de Tavora não paſſou, e as couſas de Malaca ſe embaraçáram, não lhe foi nenhum provimento: pelo que vendo elle a monção paſſada, deſpedio apreſſadamente recado ao Governador de Manilha, pedindo-lhe o ſoccorreſſe, porque eſtava com muita neceſſidade. Eſte recado chegou a Manilha em poucos dias; e vendo aquelle Governador o trabalho em que aquella Fortaleza eſtava, e que já lhe ficava em obrigação, por haver ſuccedido no Reyno de Portugal ElRey D. Filippe, que havia de eſtimar muito ſoccorrer aquella neceſſidade, mandou logo negociar dez embarcações cheias de mantimentos, e munições, e nellas mandou embarcar Heſpanhoes, e por Capitão D. João Ronquilho, homem havido por esforçado; e dando-ſe preſ-

pressa, chegou com toda aquella Armada junta a Tidore, e foi muito festejado de todos, e os mantimentos se repartíram com ordem, e outros se guardáram pera as necessidades. Poucos dias depois disto chegáram novas a Diogo de Azambuja, que na Ilha de Pachão estavam dous juncos de Jaos carregados de cravo; e vendo quanto em perjuizo aquillo era do commercio de El-Rey, pedio a D. João Ronquilho quizesse ir com sua Armada dar nelles, o que elle acceitou; e negociando-se bem, foi tomar Bachad. Os Jaos tanto que víram a Armada, quizeram segurar as vidas, e houveram por seu partido deixar os Juncos, e pôr suas pessoas em terra. D. João Ronquilho chegou aos Juncos, e os tomou com seiscentos bares de cravo, que tinham em si trezentos cada hum; e não se contentando com esta boa preza, determinou de dar em terra, e haver os Jaos ás mãos; e assim desembarcou com todos os seus: e nem em terra os quizeram os Jaos esperar, e se recolhêram pera o mato, aonde tambem os foram buscar, e os commettêram denodadamente. Os Jaos perseguidos daquella maneira, determináram-se a morrer; e fazendo-se amoucos, remettêram com os nossos, mettendo-se pelas lanças sem nenhum medo, e foram ferir mortalmente alguns Portuguezes que hiam

hiam na companhia. Vendo a determinação dos Jaos, disseram aos Hespanhoes que vinham amoucos, e que trabalhassem por lhos desviar que lhe não chegassem. Hum Hespanhol daquelles indireitou com hum Jao, e lhe metteo huma lança pela barriga; e lançando o Jao as mãos á hastea, foi correndo por ella pelo corpo, trabalhando por chegar ao Hespanhol com hum criz que levava; mas acudio outro Hespanhol, e deo no Jao tal golpe que o derribou morto, e alguns dos Jaos peleijavam com humas armas, a que chamam Calabas, que são á maneira das fisgas, que tem huma arpoeria de pouco mais de braça e meia com o cabo, e lhe andava prezo no braço; e assim como atiram, se acertam o inimigo, o fisgam, e alando pela arpoeria, os levam a si, e os matam, e assim hum destes atirando a hum soldado Portuguez, chamado Affonso Gil, o fisgou por huma ilharga, e foi alando por elle. Vendo-se o soldado daquella maneira, arrancou de hum criz, que levava na cinta, e deo tal golpe em si naquella ilharga, por onde a fisga estava mettida, que se abrio todo, e a fisga com a força se desafferrou, e o soldado foi logo soccorrido de outros que o tiráram, e o leváram ás embarcações, onde o curáram, e viveo depois muitos annos: em fim por não gas-

gaſtarmos o tempo, os noſſos apertáram tanto com os Jaos, que com morte de mais de ſincoenta os mettêram pelos matos eſpeſſos, aonde os noſſos não puderam entrar.

Feito iſto, recolheo-ſe D. João Rouquilho com alguns feridos; e chegando aos Juncos, por ſe não embaraçar com elles, lhes mandou pôr o fogo aſſim carregados, e todos ardêram ſem eſcapar nada; e depois, ſegundo nos diſſeram, o Doutor Sant-Iago de Vera, Governador das Filippinas, demandou eſte cravo a D. João Ronquilho, dizendo que já eſtava de preza pera ElRey, e que não o podia queimar, no que lhe deo muito trabalho, e não ſoubemos no que iſto parou. D. João Ronquilho chegou a Tidore, onde ficou favorecendo a guerra contra ElRey de Ternate, dando alguns aſſaltos em ſuas Ilhas, e povoações. Dahi a pouco chegou áquella Fortaleza o Galeão da carreira, de que era Capitão João Alvares Pereira, em que hia embarcado; D. Alvaro de Caſtro provído com aquella Capitanía, que foi logo mettido de poſſe, e juráram ElRey D. Filippe por Rey pelos papeis que o meſmo D. Alvaro de Caſtro pera iſſo levava, e aſſim ficou correndo com os trabalhos da Fortaleza; e não havendo dous mezes que nella eſtava, quando deo huma enfermidade, que foi geral naquellas

Ilhas,

Ilhas, que era de ares corruptos, por haver mais de dous annos que não chovia, de que adoecêram todos, e começáram a morrer muitos, e dos primeiros foi João Alvares Pereira, Capitão do Galeão, e apôs elle D. Alvaro de Castro, que deixou nomeado em seu Testamento por Capitão da Fortaleza a hum Martim Affonso de Figueiredo, casado em Malaca; por huma Provisão que pera isso levou do Viso-Rey, em que lhe dizia que ElRey lhe fazia mercê da Capitanía daquella Fortaleza, sobre o que começou a haver algumas alterações, e bandos. D. João Ronquilho, que pousava na Fortaleza, estava enfermo, e vendo aquella confusão, fechou-se nella com os seus, e mandou dizer aos Officiaes, e moradores, que não havia de entregar aquella Fortaleza senão a quem se julgasse por justiça: que lhes requeria que se compuzessem, e se determinasse aquelle negocio sem alteração. Em fim depois de ambos os pertensores debaterem, e requererem seu direito, vieram-se compôr em o mesmo D. João, que tomando pareceres, e vistas as razões de ambos, julgou por Diogo de Azambuja, vista a Carta de ElRey, em que dizia que fazia a mercê que o Conde lhe diria, e a sua Carta, em que tambem dizia que elle lhe fazia a mercê, que o Conde lhe di-

diria do Capitão de Maluco, pelo que logo foi mettido de posse.

Poucos dias depois disso sarou D. João Ronquilho, e partio-se pera a Manilha, deixando já aquella Fortaleza em melhor estado. ElRey de Ternate tanto que soube da sua sahida, receando-se que tornasse com maior poder, achou-se sobresaltado, e pareceo-lhe que seria aquillo sua perdição; porque já que ElRey D. Filippe herdára aquelles estados, devia de mandar metter maior cabedal pera tornar a haver aquella Fortaleza ás mãos; e cuidando no que faria, pareceo-lhe melhor meio fazer-se amigo com ElRey de Tidore, persuadillo que se levantasse contra os Portuguezes, e Hespanhoes, que os matassem a todos, e que não consentissem mais outros naquellas Ilhas; e para o obrigar mais, metteo-se em algumas corocoras, e foi-se a Tidore, e do mar mandou recado a ElRey pera que se vissem, sem dar conta a Diogo de Azambuja de nada, e foi-se metter na sua corocora, de que o Capitão foi avisado; e receando-se de alguma novidade, recolheo em a Fortaleza a todos os Portuguezes, e negociou sua artilheria, e se poz em armas, porque o não tomassem de sobresalto. Juntos os Reys, começou o de Ternate de persuadir o outro ao que levava no intento,

to, encarecendo-lhe ainda mais os Hespanhoes, affirmando-lhe que eram peiores de contentar que os Portuguezes, e que com tudo huns, e outros se não contentavam do que liberalmente lhes davam, senão que ainda se queriam fazer senhores das pousadas alheias, como se tinha visto naquellas Ilhas: que deviam de trabalhar por lhes cortar as raizes, primeiro que viessem a crescer tanto, que comessem tudo, e que lhes lembrasse que ambos eram parentes, cunhados, amigos, e sobre tudo de huma mesma lei, a quem os Portuguezes tinham feito tão grandes affrontas: que entendessem que se o jantassem hum dia, que a elle o haviam de cear ao outro, que o bom seria ajuntaremse ambos, e convocarem parentes, e amigos, e cortarem aquelles herpes, primeiro que lhes chegassem aos corações. ElRey de Tidore o ouvio bem; e considerando aquellas cousas, e correndo-as alli todas pela memoria, entendeo que lhe vinha bem sustentar os Portuguezes em sua terra, porque se os lançasse della, estava muito certo tomar-lhe logo o Reyno ElRey de Ternate, como mais poderoso; e como todas as suas cousas as declaram por figuras, e comparações, não lhe respondeo mais que com esta pergunta: Se dous homens forem a hum desafio, hum com espada só, outro

com

com eſpada, e rodella, qual delles eſtava de vantagem? O Rey de Ternate lhe diſſe, que o da rodella: Ah ſim? diſſe o de Tidore: Pois que ſe vê que os Portuguezes são minha rodella, quero-me amparar com elles. Vendo o de Ternate aquelle deſengano, voltou pera ſua caſa, e o de Tidore chegando a terra, lhe diſſeram que o Capitão eſtava na Fortaleza com todos os Portuguezes poſtos em armas, e em grande revolta, ſem ſaberem o que era, do que elle ficou hum pouco embaraçado; e indo-ſe á Fortaleza, entrou nella ſó, e muito ſeguro, e confiado; e achando todos em armas, perguntou que novidade era aquella? Diogo de Azambuja vendo a ſegurança daquelle Rey, lhe reſpondeo, que lhe diſſeram que ſua Alteza ſe fora metter nas corocoras de ElRey de Ternate, que era ſeu inimigo, e que já o tivera prezo; e por não ſaber o que aquillo ſeria, eſtava preſtes pera lhe acudir, ſe lhe quizeſſem fazer algum deſacato. ElRey eſtimou muito aquillo, e lhe diſſe que aſſim ſe eſperava delle. Neſte eſtado deixaremos agora eſtas couſas até tornar a ellas.

CA-

CAPITULO VIII.

Das Armadas que o Viso-Rey D. Francisco Mascarenhas ordenou: e das náos que este anno de 582. partíram do Reyno: e do que lhe succedeo na viagem.

PORque as cousas de Damão não póde ser contarmo-las por pedaços, nos pareceo bem concluirmos com ellas, como temos feito, por não cortarmos o fio da historia: pelo que será necessario tornar a continuar com as cousas, em que o Conde D. Francisco Mascarenhas provêo no inverno, e com as Armadas que despedio pera fóra. Acabado o verão, tratou logo o Viso-Rey das Armadas, que havia de mandar pera fóra, e de reformar os navios pera isso, principalmente pera Malaca, porque determinou de nos primeiros dias de Setembro soccorrer aquella Fortaleza; porque nos derradeiros navios que daquellas partes vieram teve cartas de como o Achem affrontado do successo passado mandava ordenar huma grossa Armada contra aquella Fortaleza, e foram as novas a tempo que já não podia prover: pelo que tinha determinado de na entrada de Setembro mandar hum Galeão com cem ho-

homens, e muitos provimentos, e munições, a que mandou dar grande pressa, e juntamente com isso aos navios, e galés, que haviam de ir a Malaca, no que se gastou todo o inverno; e na entrada de Agosto ordenou alguns navios pera mandar ao Malabar pera proverem de mantimentos na Costa do Comorim, e algumas náos, que estavam carregando de pimenta pera Meca; e pera esta jornada elegeo D. Gilianes Mascarenhas seu sobrinho, que começou a correr com a Armada: e porque pela muita guerra que Mathias de Albuquerque tinha feito o anno atrás ao Malavar, com que o poz em tanta necessidade, e aperto, que lhe mandou pedir pazes, sobre o que elle o não quiz ouvir: pelo que lhe foi necessario mandar a Goa a tratallas com o Viso-Rey este inverno, e com conselho dos Capitães se assentou que se lhe concedessem; e que pera mais authoridade fosse Mathias de Albuquerque ao Malavar, e que lá as assentasse, e concluisse com elle, sem embargo de haver de ir em Janeiro entrar na Capitanía de Ormuz, porque tudo podia fazer até todo o Novembro, e que se podia recolher, e deixar a Armada a D. Gilianes Mascarenhas pera ficar naquella Costa todo o mais resto do Verão. Concluido isto, começou o Viso-Rey

Rey a deſpachar os navios que D. Gilianes Maſcarenhas havia de levar, que haviam de ſer oito, que a quatorze de Agoſto lançou pela barra fóra com tempos ainda verdes, e grandes trovoadas. Os Capitães que foram com elle, são: D. João da Cunha, Franciſco de Brito de Siqueira, Antonio Pereira Pinto, Belchior Brangel, Lopo de Atouguia, Diogo Canto, e Sebaſtião de Negreiros; e chegando eſta Armada ao rio de Bacanor, ſoube D. Gilianes eſtarem dentro duas náos á carga pera o Achem, pelo que ſurgio ſobre aquella barra, porque não ſahiſſem pera fóra. Vendo os Mercadores impedida a barra, e que ſe deixaſſem de fazer viagem perdiam muito, mandáram tratar com D. Gilianes Maſcarenhas que queriam ir pagar direitos á Fortaleza de Barçalor, e a tomarem Cartazes daquelle Capitão, e que lhe dariam a iſſo fianças, e ſeguranças, o que lhes elle concedeo, e elles foram pagar direitos, e moſtrar como não levavam fazendas defezas. Feito iſto, paſſou D. Gilianes á Coſta do Malavar, e foi por ella tomando alguns navios pequenos, que hiam a buſcar a nóz, e conforme a Certidão que paſſou deſta jornada, foram treze; e ſendo aviſado que no rio de Cunhale ſe faziam preſtes alguns navios de Coſſarios pera ſahirem a

X ii rou-

roubar, foi-lhe neceſſario tomar-lhes aquella barra, aonde eſteve com infinito trabalho, até chegar Mathias de Albuquerque com a mais Armada, e por iſſo o deixaremos até tornar a elle, porque he neceſſario continuarmos com outras couſas.

Depois que ElRey D. Filippe teve os recados que diſſemos, e vio como ficava na India jurado, e obedecido pacificamente, e bem differente do que pela ventura ſe eſperava, determinou de prover em muitas couſas pera o bom governo daquelle Eſtado, e entrou no deſpacho das náos, de que havia de ir por Capitão Mór Antonio de Mello de Caſtro, que tinha comprado aquella viagem a Pedro Peixoto da Silva; e dando-ſe preſſa ás náos, que eram ſinco, ſe fizeram á véla a quatro de Abril, o Capitão Mór na náo S. Filippe, Diogo Taveira nas Chagas, onde ſe embarcou, João da Silva, irmão de Fernão da Silva, Regedor da Caſa da Supplicação, que era deſpachado com a Capitanía de Malaca, e levava comſigo D. Manoel de Almada ſeu ſobrinho, filho de D. Antão de Almada, Capitão da Cidade de Lisboa, e de huma ſua irmã, Luiz Caldeira na náo S. Luiz, onde ſe embarcou Gaſpar de Brito do Rio, que eſtava deſpachado com a Capitanía de Ormuz, Gonſalo Rodrigues

Cal-

Caldeira na náo Boa-Viagem, e João da Fonseca no Galeão S. Francisco, que havia de ir carregar a Malaca. Estas náos seguindo sua viagem, achâram tempos tão fortuitos, que a náo Capitânia, e o Galeão de Malaca, por não poderem passar os abrolhos, arribâram ao Reyno, e a náo Chagas passou adiante, e foi tomar Moçambique tarde, que lhe foi forçado ficar alli; e depois na entrada de Dezembro se partio pera o Reyno com a carga da náo S. Pedro, de que era Capitão Leonel de Lima, que tinha vindo de Malaca, como no Cap. VIII. do Liv. I. se verá; porque por chegar alli tão destroçada, que não podia fazer viagem, se assentou que se tomasse á náo Chagas aquella carga, e se tornasse pera o Reyno, e que a náo S. Pedro fosse invernar á India pera se concertar, porque alli não havia apparelho pera isso: e certo que parece grande descuido não haver naquella Fortaleza huma Ribeira de ElRey com a Fabrica de Madeira de toda a sorte, entenas, e ferro, porque cairo, e breu ha infinidade delle pera alli se concertarem as náos que alli invernão, e se proverem do que houverem de mister, a cuja falta, e mingua vimos alli perder muitas que importavam muito, e em que ElRey, e os contratadores das

náos,

náos, e os paſſageiros recebêrão notaveis perdas: e tudo póde ElRey pôr naquella Fortaleza, em taurins grandes, e vendello muito bem aos contratadores das náos, no que fora mercadoria, e dobrára o ſeu dinheiro, e as náos, que tanto lhe importa achar alli o remedio que agora lhes falta. Eſta náo S. Pedro, depois que deo carga ás Chagas, partio-ſe pera a India em fim de Março; e por não poder tomar a barra de Goa, foi invernar onde invernou a náo S. Luiz, de que era Capitão Luiz Caldeira: foi-ſe metter no parcel de Sofala; e eſtando ſurta defronte do Rio Quilimani com levantes, foi com as correntes caçando pera terra; o que viſto por Gaſpar de Brito, e por outros, havendo a náo por perdida, embarcáram-ſe no batel, e foram-ſe pera terra, o que foi cauſa de todos deſcorçoarem, porque com elles eſtavam animados. Eſtando os Officiaes em grandes deſconfianças, paſſou pela náo Sampayo, que vinha de Sofala, e o Capitão diſſe aos Officiaes da náo que ſe fizeſſem á véla com a cevadeira, e mezena, e armaſſem huma cruzeta (porque tinham já cortados os maſtros) e ſe foſſe pera Moçambique, que elle os acompanharia, porque começava já a ventar da banda do ponente; mas como os Capitães, e Officiaes eſtavam deſ-

cor-

corçoados de todo, e já não tratavam de mais que de ſalvar as vidas, podendo ſalvar a ellas, a náo, e as fazendas, não querendo fazer nada do que elle diſſe, o Capitão do Pangaio, tanto que a maré encheo por ſua propria vontade, deram pique ás amarras, e foram varar em terra pera onde ſe foram no batel, deixando a náo em ſecco; e fazendo-ſe em pedaços, ſem quererem os Officiaes della mais que quatrocentos mil cruzados de reales, que levavam de partes, nem paſſarem-ſe com elles ao Pangaio, o que muito bem puderam fazer, ſe entendêram que a náo forçado ſe havia de perder; e davam por razão que aquelle dinheiro corria o riſco daquella náo, e que tirando-o della, acontecendo-lhe algum deſaſtre em terra, lho fariam pagar, como ſe em ficar na náo ganhavam ſeus donos alguma couſa, e corria menos riſco que na terra, e aſſim ſe perdeo todo á mingua, e não ſabemos o que em Portugal ſe fez niſſo.

Eſte dinheiro foi ter todo ás mãos dos Mouros, e Cafres da terra, e delles aos caſados de Moçambique, onde Gaſpar de Brito morreo de febres, ſó a náo Boa-Viagem chegou eſte anno á India, por que o Conde Viſo-Rey teve novas de ElRey, que elle feſtejou muito, e com iſſo deſpedio

dio o Galeão, que eſtava já preſtes pera Malaca, de que tinha nomeado por Capitão Pedro Lopes de Souſa, que por achar tempos contrarios tornou a arribar, o que o Conde ſentio muito pela neceſſidade em que aquella Fortaleza havia de eſtar.

CAPITULO IX.

Das couſas que o Viſo-Rey mais proveo: e de como Mathias de Albuquerque foi ao Malavar, e Guterre de Monroi a Cananor: e de como D. Miguel da Gama ſe foi pera o Reyno na ſua náo Reliquias.

VEndo o Viſo-Rey que não havia mais que a náo Boa-Viagem pera ir pera o Reyno, por terem chegado novas de Cochim, que não fora lá nenhuma outra náo, ficou triſte, porque quizera elle que em ſeu tempo não ſe ſentíra na India falta de pimenta, que he o ſubſtancial; e pera remediar iſto, ſe contratou com D. Miguel da Gama pera ir a ſua náo Reliquias pera o Reyno, que elle preparou, e negociou muito bem pera ſe ir nella, porque não quiz eſperar pera fazer outra viagem de Japão, porque era tão pouco cubiçoſo, que ſe contentou com o procedido da pri-

mei-

meira: coufa muito pera efpantar, porque o officio da cubiça he, que quanto hum homem mais tem, mais defeja então.

Em quanto o Vifo-Rey dava defpacho ás coufas do Reyno, defpedio Mathias de Albuquerque pera o Malavar, que fe fez á véla em fim de Outubro com duas galés, elle em huma, e Leonel de Brito na outra, e dezefeis navios, cujos Capitães eram André Furtado de Mendoça, D. João de Caftro, Antonio de Azevedo, Gonfalo Coelho, Sebaftião de Macedo, Luiz Gonfalves Magro, Cofme de Lafetar, Duarte da Silveira, Francifco Fernandes Moricale, Pedro Fernandes feu fobrinho, e outros: levava mais huma galeaça, de que era Capitão hum Foão Correa, de fua obrigação, carregada de mantimentos, munições, e outros provimentos pera a Armada.

Defpedida efta, ordenou o Vifo-Rey com a Cidade outra pera andar na Cofta do Canará, dando guarda ás cafilas de mantimentos, que vem a Goa, que fe havia de fazer do hum por cento da Cidade, como eftava contratado com ella: defta Armada foi por Capitão Guterres de Monroi de Béja, que hia em huma Galé, e finco navios, de que eram Capitães Jeronymo de Azevedo Coutinho, João da Silva de Vafconcellos, Gonfalo de Soufa,

Bal-

Balthazar Fernandes, e Manoel Nunes. Esta Armada fez este verão tres, ou quatro viagens com cafilas muito grandes, com o que a Cidade se proveo bastantemente pera o inverno.

Despedidas estas Armadas, foi o Viso-Rey dando pressa aos despachos das náos, que haviam de ir pera o Reyno, porque não eram mais de duas, e havia muita gente: foi a feira tão cara, que por darem hum lugar pera dormir a hum homem, e de comer a elle, e a hum moço, levavam os Officiaes oitocentos pardaos. Esta he a razão, por que muitos deixáram de ir requerer seus serviços, porque não tinham com que poderem supprir a tão excessivas despezas, como são as desta viagem, e depois as da Corte, e ficam morrendo de fome pelos Hospitaes da India.

E tornando ás náos a Boa Viagem, tomou primeiro a carga, e partio-se pera o Reyno: as Reliquias pelo muito que teve que concertar, deo á véla a vinte e hum de Fevereiro, tão tarde que hiam os homens desesperados de poderem chegar ao Reyno. Seguindo estas náos seu caminho, já junto das Ilhas Terceiras peleijou a náo Boa Viagem com tres, ou quatro Inglezas; e foi a briga tal, que depois de muitos damnos de parte a parte, se foram

os

os inimigos recolhendo. A náo Reliquias achou no Cabo de Boa-Esperança tamanhos contrastes que esteve arriscada, e os Officiaes quizeram muitas vezes arribar a Moçambique; mas D. Miguel da Gama sempre os animou, e esforçou, soffrendo grandes riscos, e perigos por passar ao Reyno; e assim pairou tanto, até que Deos lhe deo tempo com que passou o Cabo, e chegou a Lisboa, e surgio dentro no rio defronte dos Paços, acudindo toda a Fidalguia, e Senhores que havia na Corte pera desembarcarem D. Miguel da Gama. Quiz a desaventura que das muitas bombardadas que a náo atirava pera salvar a Cidade, que tomasse fogo, estando rodeada de muitas embarcações, e com muito trabalho se apagou: e pela muita, e grande revolta em que isto metteo a Cidade, e pelo risco em que poz a náo, e tanta nobreza, mandou ElRey que nunca mais salvassem as náos depois de estarem surtas. Este Fidalgo vendeo a sua náo, e depois de ir beijar a mão a ElRey, se recolheo pera a Vidigueira, onde se quietou, e aposentou, e furtou muitas vezes o corpo a honras, e lugares bem honrados.

E deixando estas cousas, tornemos a Mathias de Albuquerque, que deixámos partido pera o Malavar, que de caminho foi

vi-

visitando as Fortalezas do Canará, provendo em muitas cousas; e chegando a Calecut, surgio com toda a Armada sobre seu porto, e tratou com o Comorim por recados sobre o negocio das pazes, de que elle em principio mostrou gosto; mas como dellas não esperavam os Mouros proveitos, senão perdas, que lá tiveram suas intelligencias com que entretiveram o Camorim, que começou a se mostrar frio naquelle negocio; e sobre refens que lhe o Capitão Mór pedia pera conclusão das pazes, começou a haver tantos inconvenientes, e dilações, que enfadado Mathias de Albuquerque daquellas cousas (como quem sabia mui bem donde nasciam todos aquelles estorvos) mandou lançar em terra alguns Naires, que o Comorim lhe tinha mandado a modo de refens. E por elles lhe mandou dizer, que lhe havia por alevantadas as tregoas; e que soubesse que lhe havia de fazer toda a guerra que pudesse; e tanto que foi noite, deo recado a toda a Armada que se ajuntasse a elle, e fossem surgir defronte da Cidade, e a batessem do mar, em quanto elle lhe não fizesse final, porque determinou de mandar queimar duas náos, que estavam varadas a huma parte, e quiz fazer crença de commetter a desembarcação pela face da

Ci-

Cidade pera divertir os inimigos a terem, os que haviam de ir áquelle negocio, tempo de o fazerem a ſeu ſalvo: o que encarregou a Franciſco Fernandes Malavar, e lhe deo ordem do que havia de fazer, e em ſua companhia mandou a Manchua do cercaço da ſua Galé com alguns ſoldados de confiança pera ajudarem. Preſtes todos, tanto que foi o quarto da madorra, chegou a Armada a terra, e começou a eſbombardear com grande terremoto, e eſpanto. Os Mouros, que acudíram áquella parte, cuidando que os noſſos queriam deſembarcar, e o Comorim, mandou que acudiſſe todo a ſeu poder, e a praia ſe encheo de gente armada. Franciſco Fernandes, e os companheiros, que tinham a cargo queimar as náos, tanto que ouvíram a tormenta da artilheria, foram-ſe cozendo com a ribeira, e hum pouco affaſtados das náos deſembarcáram em muito ſilencio; e chegando a ellas ſem acharem impedimento algum, lhe puzeram o fogo muito á ſua vontade; e depois de atear em ambas, ſe foram recolhendo a ſeu ſalvo, ficando as náos ardendo com tamanha braveza, que mettêram eſpanto em toda a Cidade, e aſſim ſe desfizeram em pó, e cinza com grande mágoa, e dor do Comorim, porque o houve por affronta notavel.

Fei-

Feito isto, recolheo-se Mathias de Albuquerque, e foi por toda aquella Costa fazendo a mór guerra que pode, mandando queimar muitas povoações por Francisco Fernandes Malavar, e por seu Sobrinho, a quem acompanháram todos aquelles Fidalgos, e Capitães com muito gosto; e as principaes que se queimáram foram Paxagale, Copocate, e Chatica, que são as maiores, e as mais soberbas daquella Costa. Estas cousas todas se fizeram com muito risco, e perigo, assim á desembarcação, como ao recolher; e deixando toda a Costa assolada, e abrazada, fazendo-se tempo do Capitão Mór se ir negocear pera Ormuz, entregou a Armada a D. Gilianes Mascarenhas, como lhe escreveo o Viso-Rey, quando lhe mandou licença pera se ir entrar na sua Fortaleza por lhe caber o tempo, e na sua galé se recolheo pera Goa na entrada de Dezembro, e começou a tratar de seu despacho, que o Conde D. Francisco lhe deo mui liberalmente, e em Janeiro se embarcou.

CA-

CAPITULO X.

Do que aconteceo a Fernão de Miranda na Costa do Norte: e de como D. Jeronymo Mascarenhas chegou a Goa, e o Conde seu Tio o tornou a mandar embarcar pera irem castigar o Colle.

HE necessario que continuemos agora com Fernão de Miranda, e com D. Jeronymo Mascarenhas, que esperam por nós ha muito. Já atrás temos dito de como o Viso-Rey mandou ordem a Fernão de Miranda pera em Baçaim armar alguns navios, pera com elles ficar guardando a Costa do Norte todo o resto do Verão. Com este recado se foi por Baçaim pera dar pressa áquelles negocios, e em poucos dias armou oito navios muito bons, e cheios de muito lustrosa soldadesca, e meiado de Novembro se fez com todos á véla. Os Capitães eram Francisco de Miranda Henriques, Manoel de Carvalhal, Pedro de Vargas, Luiz de Freitas, Gaspar Vaz, Pedro de Sousa, e Braz da Silva de Abreu: neste mesmo tempo chegou D. Jeronymo Mascarenhas de Ormuz com toda sua Armada; e sem descançar dos trabalhos da jornada, o despedio o Viso-Rey logo com huma Armada de oito navios pe-

pera se ir a Baçaim ajuntar com Fernão de Miranda, pera que ambos com o Capitão daquella Cidade fossem dar hum castigo ao Rey dos Colles pelos damnos que aquellas terras de Baçaim havia tantos annos recebiam delle, de cujos moradores tantos clamores vinham cada dia aos Viso-Reys; e querendo o Conde acudir a isto pela grande perda que ElRey, e os moradores daquella Cidade recebiam, ordenou que se ajuntassem todos estes Capitães, e que entrassem pelas terras de Colle, e lhas destruissem de todo, por tocarem aquellas cousas já no credito do Estado; porque os Lavradores das Aldeias foreiras a ElRey de Portugal pera viverem seguros deste ladrão, lhe pagavam em segredo huma pensão, que era de cada mura de bate dous larins, que vinha a montar muito pela grossidão daquellas terras: pelo que tinha o Viso-Rey mandado a Manoel de Saldanha, Capitão daquella Fortaleza, que se fizesse prestes com todos os seus moradores, pera que em chegando D. Jeronymo, e Fernão de Miranda, puzesse logo aquella jornada em effeito. D. Jeronymo partio de Goa na entrada de Janeiro deste anno de quinhentos oitenta e tres, em que com o favor Divino entramos, e os Capitães de sua Companhia foram Pedro Homem

Pe-

Pereira, João Rodrigues Coutinho, Antonio de Lima, D. Manoel Affonſo Henriques, João Barriga Simões, Balthazar Jorge Barata, e Domingos da Coſta. Dada á véla, foram correndo a Coſta, e anoitecendo-lhe hum dia defronte de Ceitapor, recolhêram-ſe dentro naquelle Rio; os navios de D. Manoel Affonſo Henriques, Pedro Homem Pereira, Balthazar Jorge Barata, e Antonio de Lima, e D. Jeronymo com os mais navios paſſou avante, e foi ſurgir em huma enſeada, que eſtava logo perto: os que entráram no Rio de Ceitapor foram aviſados, que dentro eſtavam dous paráos de Malavares; e pondo-ſe em armas, tomáram o remo, e foram-ſe pelo rio aſſima pera os tomarem de ſobreſalto, primeiro que tiveſſem aviſo delles; e chegando ao porto em que eſtavam ſurtos, aſſim como hiam á voga arrancada, os inveſtíram, e lançáram muitas panellas de polvora. Os Mouros, que eſtavam dormindo bem deſcuidados, acordáram em meio das chammas, e não fizeram mais que dar comſigo no mar; e dando os noſſos cabos aos navios, os tiráram com todo o ſeu recheio, e foram ſurgindo na boca da barra; e ſendo o quarto da madorra, víram os da vigia vir duas vélas de mar em fóra demandando o rio. Eſtas eram hum paráo, que tra-

trazia hum Tauri carregado de mantimentos, e que o dia de antes tinha tomado a hum Portuguez; e apôs estas vélas víram logo outra, que era a fusta de João Barriga Simões, que por ficar fóra da enseada, onde se recolheo o Capitão Mór, houve vista daquellas vélas, e as vinha seguindo: o paráo veio demandando a barra sem ver os nossos navios, por estarem á sombra da terra já postos em armas, esperando que lhe fossem cahir nas mãos, como fizeram, e o primeiro que poz a proa no paráo foi Balthazar Jorge Barata; e primeiro que chegassem, lhe deram do paráo (porque tambem vinham prestes) com hum berço, cujo pelouro o tomou pela testa, e logo o derribou morto; e do outro pelouro cahio tambem hum soldado chamado Domingos Pinto, que tambem logo morreo. Pedro Homem Pereira, que hia logo apôs Balthazar Jorge, poz a proa no paráo, e se baldeou dentro com seus soldados, e em breve espaço axoráram o navio, mettendo todos os Mouros á espada; e dando toa ao paráo, e o Tauri, tornáram-se a seu porto, onde surgíram até pela manhã, e os leváram a D. Jeronymo, que não festejou muito aquillo pela morte do Barata, e despedio os navios dos Malavares, e o Tauri pera Goa, e com elles D. Manoel

Af-

Affonſo Henriques, Pedro Homem Pereira, João Rodrigues Coutinho, Antonio de Lima, e Domingos da Coſta, ficando com elle os navios de João Barriga, e o que foi de Balthazar Jorge Barata, de que fez Capitão D. Bernardo de Menezes, que hia em huma Almadia pera Baçaim.

Eſtes navios, que hiam pera Goa, encontráram quatro paráos de Malavares, com quem peleijáram muitas horas muito esforçadamente; e por ſerem muito grandes, e levarem muita gente, não puderam ſer abordados, e ſe affaſtáram os noſſos com hum ſoldado, que ſe chamava de alcunha o Fonſeca, morto, e muitos outros feridos, e os Malavares ſe foram quaſi deſtroçados; os navios chegáram a Goa, e o Viſo-Rey deo o paráo com todo o ſeu recheio áquelles Capitães, e ſobre iſſo fez mercê de dinheiro, e logo os deſpedio com tanta preſſa, que ainda tomáram D. Jeronymo á entrada de Baçaim, que ſe deteve em Chaul.

Agora continuaremos com Fernão de Miranda, que deixámos ſahido de Baçaim; e andando dalli até Gaçaim, teve por novas que na enſeada de Cambaya andavam alguns corſarios, pelo que lhe foi forçado voltar pera lá; e ſendo tanto ávante com a Gaçaim, eſtando ſurto da banda de fó-

ra, elle com dous navios, de que eram Capitães Luiz de Freitas, e Braz da Silva, porque os mais estavam em terra, víram vir do mar duas galeotas de Malavares á véla, que os vinham demandar, cuidando serem navios de Mercadores; e sendo já perto que os conhecêram, e víram que estavam em armas, e com o remo em punho, voltáram em outro bordo pera se acolherem; mas Fernão de Miranda com os seus navios largáram as vélas, e os foram seguindo: huma das galeotas não se preparou tão bem, e ficou á terra, e de longo della foi fugindo; a esta tomou Fernão de Miranda o balravento, e desandou sobre ella; e assim á véla lhe poz a proa de meio a meio, deitando-lhe logo dentro huma somma de panellas de polvora, e da pancada ficou a galeota toda adornada, e da pressa que tiveram de acudirem a véla se acabou de virar, tendo primeiro dado huma boa surriada de espingardadas aos nossos, de que feríram alguns, e matáram Pedro de Valderrama, muito bom soldado. Fernão de Miranda tomou a véla, e a remo andou á pescaria dos Malavares, que andavam a nado, e assim ás espingardadas, como ás lançadas, não escapou hum só de mais de cento e sincoenta que eram. Dos outros Capitães hum Luiz de Freitas foi

se-

ſeguindo a outra galeota até perto de Baçaim, que eram duas leguas; e indo já a tiro de falcão, lhe atirou huma bombardada, que quiz Deos que lhe acertaſſe o maſtro, e que déſſe logo com elle em baixo; e chegando á galeota, lhe poz a proa, e de bordo a bordo tiveram huma mui aſpera batalha, principalmente da eſpingardaria, de que feríram alguns dos noſſos, e entre elles a Luiz de Freitas de huma eſpingardada pela boca, que lhe raſgou toda huma queixada. Eſtando travados huns, e outros, chegou o navio de Braz da Silva, que tambem os foi ſeguindo; e dando huma bombardada na galeota, a metteo no fundo, e no mar foram todos os Malavares mortos. Feito iſto, voltáram os noſſos pera Baçaim, onde Fernão de Miranda deixou os feridos, e tomou outros ſoldados sãos, e tornou a correr a enſeada de Cambaya, por onde andou até lhe darem recado do Viſo-Rey, que ſe foſſe a Baçaim ajuntar com D. Jeronymo Maſcarenhas pera a jornada de Colle; e deixando tudo, voltou pera lá; e quando D. Jeronymo chegou áquella Cidade, havia poucos dias que elle era entrado nella.

CA-

CAPITULO XI.

De como o Capitão de Baçaim com D. Jeronymo, e Fernão de Miranda foram contra o Colle: e do que lhe aconteceo até chegarem á ſua Cidade, e a queimáram, e deſtruírão.

CHegados eſtes dous Capitáes a Baçaim, acháram já a Manoel de Saldanha, Capitão daquella Cidade, preſtes pera a jornada, que o Viſo-Rey lhe tinha encommendada, e era tambem chegada toda a gente de cavallo das Tanadarias de Tarapor, e Maym pelo ter aſſim eſcrito o Viſo-Rey a Martim Affonſo de Mello, Capitão de Damão, a quem encommendou muito que trataſſe com o Rey de Sarzeta pera ſe achar naquella jornada; e aſſim pera mais ſegurança della com a primeira guia daquelles caminhos, que eram intrataveis, Martim Affonſo de Mello teve niſto tal ordem que ſe vio com eſte Rey, e de tal maneira o perſuadio ao que o Viſo-Rey lhe pedia, que lho não pode negar. E aſſentados niſſo, lhe deo o Rey de Sarzeta dous filhos em refens pera ſegurança de ſua lealdade, e elle ſe foi fazer preſtes na Cidade de Talavarim, que he no extremo das terras de Damão, e das de Colle

le pera alli esperar os Capitães. Manoel de Saldanha tanto que teve recado de Damão, poz-se logo em campo com toda a gente que havia, e fazendo alardo, achou duzentos de cavallo Arabios, e oitocentos soldados de pé, e quinhentos peães gentios da obrigação das terras, a fóra escravos dos Portuguezes, e Christãos naturaes; e entre todos oitocentos de espingardas de toda esta gente fizeram tres bandeiras; a primeira de toda a gente de Baçaim, que seriam perto de trezentos homens, havia de ir com o Capitão de Baçaim, que levava a bandeira de Christo, e com ella ficáram estes Fidalgos, e moradores daquella Cidade de Baçaim Jorge Pereira Coutinho, Antonio de André Pereira, e seus filhos, D. Francisco de Noronha, D. Francisco de Menezes, e D. Bernardo seu irmão, D. Ruy Gomes da Silva, Manoel de Mello, Ayres da Silva de Mello, D. João Tello, e outros; e das outras duas bandeiras eram Capitães D. Jeronymo Mascarenhas, e Fernão de Miranda, e a gente de cavallo de Tarapor, e Maim ficou com seus Capitães pera rodearem o exercito, e pera corredores, e descubridores do campo, em que entrava tambem huma companhia de gente de cavallo de Baçaim, de que era Capitão D. Francisco de Noronha;

e

e por não haver differenças entre D. Jeronymo, e Fernão de Miranda, ordenáram que fossem aos dias, hum na retaguarda, e outro na vanguarda, e nesta ordem começáram a caminhar, levando assim a bagagem, como algumas peças de artilheria de campo no meio do exercito: a primeira jornada fizeram até Agaçaim, e dahi passáram a Manora, e Assari, no que se detiveram tres dias, e dalli passáram a Talaverem, onde já acháram o Rey de Sarzeta com cento e sincoenta de cavallo, e quinhentos peães: os Capitães lhe fizeram grande recebimento, e Manoel de Saldanha o levou sempre a par de si, fazendolhe em toda a jornada grandes mimos, e agazalhados, e á sua gente mandou que fosse diante a descubrir o campo, e a mostrar os caminhos, e de longo de huma ribeira caminháram sete dias, por onde se foram detendo, por ser muito fresca, e de boa agua até entrarem pelos matos, por que foram marchando com infinito trabalho, por ser todo tão espesso, aspero, e intratavel, que se não podia romper por elle pela malicia dos caminhos, que são muito estreitos, e por entre serranias altissimas, e bambuaes, que sobem ao Ceo, e tão grandes, e frondosos que de hum só pé sahe huma mata, que toma grande dis-

diſtancia, e de huma a outra parte ſe vem ajuntar por ſima, deixando os caminhos tão eſtreitos, e fechados, que em muitas partes era neceſſario deſcerem-ſe dos cavallos, e levarem-nos pelas redeas, e irem cortando ramos, que davam pelos roſtos a todos, e lhes fizeram muitas raſcaduras, porque cortam como navalhas, dando eſtes bambuaes de quatro em quatro annos nas pontas novas que lanção, humas eſpigas de trigo faminto, que quaſi quer parecer centeio, mas mais louro, de que ſe faz muito arrazoado pão, e delle colhem huma grande quantidade por aquelles matos, de que muitas vezes ſe ſuſtentam. Por entre eſtes matos caminháram os noſſos muito de vagar, aſſim pela eſpeſſura do caminho, como pela grande força da calma, que affogava os homens, por ſer entre ſerras altiſſimas, onde o Sol reverbera, e onde nenhuma maneira de vento, nem viração tem entrado; e havendo quatro dias que caminhavam por entre elles, veio ter com os da noſſa dianteira hum filho do Colle mais moço, e levado aos Capitães, lhe diſſe que elle andava fugido de ſeu pai por aggravos, e ſem-razões que lhe tinha feito, e que vinha alli pera os ſervir, e acompanhar, e moſtrar os caminhos, e aviſallos de muitas couſas, e que a primeira

ra era que não bebeſſem da agua dos poços que achaſſem, porque em todos tinha ſeu pai lançado trigo cozido, que he a mór peçonha que póde ſer; os Capitães o agazalháram, e recebêram bem, e lhe deram hum bom cavallo, e algumas peças outras, e aquelle dia, e noite foi com elles, e ao outro dia deſappareceo ſem ninguem dar fé delle, nem ſe ſoube nunca o que aquillo fora; mas devia de arrepender-ſe do odio com que vinha contra o pai. Indo aſſim os noſſos mui enfadados do caminho, chegou hum peão apreſſado, e deo duas cartas a Manoel de Saldanha, huma de D. Franciſco de Caſtro, Capitão de Chaul, e outra de Franciſco de Frias, Veador do Melique, e lhe eſcrevêra, que elle tinha eſcrito a Cide Bofetá (aquelle Capitão Abexim, a que D. Conſtantino tomou Damão, como na Decada VII. fica dito) que depois que foi lançado daquellas terras, ſe foi pòr a ſoldo do Melique, Rey de Chaul, e Tavia entre os extremos de ſeus Reynos, e daquelle dos Colles lhe mandava que com tres mil homens de cavallo partiſſe logo em favor dos Capitães de ElRey de Portugal, e lhe ajudaſſe a deſtruir os Colles, e que lhe eſcreveſſe que ſe foſſe detendo até elle chegar; mas porque não ſabia ſe aquillo era algum eſtratage-

gema, lhe encommendava muito que ſe apreſſaſſe, e que trabalhaſſe muito de fazer o negocio a que hiam, primeiro que elle chegaſſe. Eſtas cartas as moſtrou Manoel de Saldanha a D. Jeronymo, e a Fernão de Miranda, e logo as novas ſe eſpalhâram pelo exercito, com que começou roſtinhos, e deſconfianças, a que os Capitães acudíram, temperando-as com muito esforço, affirmando que aquillo eram invenções do meſmo Colle pera os entreter, e fazer tornar atrás, e aſſim foram paſſando adiante com grande reſguardo, e no cabo de quinze dias chegáram á viſta de Tavar, Cidade que eſtava edificada em o cabo de hum fermoſo campo muito largo, e direito, e em ſima de huma ſerra muito fermoſa, que como atalaia deſcubria pera todas as partes muito longe. A Cidade era grande, e fermoſa, a mór parte das caſas de pedra, e telha, e os apoſentos de El-Rey, que eram fantaſticos, eſtavam cercados á roda de jardins, e pomares freſcos a ſeu modo. Tanto que os noſſos deſcubríram a Cidade, na meſma ordem que levavam a foram commetter, toda a gente de pé em hum eſquadrão com ſuas bandeiras deſenroladas, e a de cavallo pela teſta della de huma, e outra parte: acertou eſte dia de ſer a dianteira de Fernão de Miranda,

que

que ordenou a ſua gente muito bem, e com muita confiança commetteo a Cidade, que logo foi entrada ſem reſiſtencia, porque a tinha ElRey deſpejada, e eſtavam todos os ſeus moradores por ſima das ſerras vendo o noſſo exercito. Entrada a Cidade, vendo os Capitães que não tinham com quem peleijar, mandáram-lhe dar fogo por todas as partes, que ſe ateou ſoberbiſſimamente, pelo que os noſſos ſe ſahíram pera fóra, e a huma parte della aſſentáram o ſeu arraial, porque dalli deſcubriam o campo pera todas as partes, e não os podiam inquietar com ſobreſaltos: aqui eſtiveram tres dias, em que mandáram queimar todas as aldeias vizinhas, onde ſe roubáram muitas couſas, e matáram muito gado, e cativáram alguns lavradores, não deixando por alli couſa em pé que não foſſe feita em pó, e cinza.

CAPITULO XII.

De como os noſſos ſe foram recolhendo: e dos recontros que tiveram com os inimigos: e dos caſos que nelles ſuccedêram.

PAſſados tres dias, em que os noſſos eſtiveram ſobre aquella Cidade, vendo que lhe não ficava já nada em que moſtrar ſua

ſua ira, alevantáram o arraial, e foram marchando por aquelle fermoſo campo com ſuas bandeiras deſenroladas ao ſom de ſeus tambores, e pifanos; e indo pelo meio do campo, lhe ſahíram alguns de cavallo, e traváram com os noſſos, que não deixáram ſeu compaſſo, e no cabo do campo lhe ſahio ElRey dos Colles ao encontro com hum corpo de gente, que ſe eſtimava em ſeis mil homens, e tinha mandado diante hum Capitão ſeu com huma boa companhia, pera que travaſſe com a vanguarda, tanto que entraſſe pelo mato, como fez; e outro Capitão que por outra parte pegaſſe com elle. Com aquelle corpo de gente commetteo os noſſos da retaguarda, e o meſmo fizeram pelas outras partes, e deram muito trabalho aos que hiam entrando no mato, porque lhes tinham tomado as partes altas, e de ſima os fréchavam á ſua vontade. D. Jeronymo Maſcarenhas, que levava a vanguarda, deitou duas mangas de arcabuzeiros pelas ilhargas do mato, que foram varejando de huma, e outra parte ſem deſcançarem, e derribando muitos dos inimigos; e Manoel de Saldanha, que hia no meio com a bandeira de Chriſto, tambem ſe vio em aperto, porque os inimigos dos altos lhe feríram muita gente; e os que mór trabalho,

e

e riſco paſſáram, foram os de cavallo, porque hiam mais em barreira, e não ſe podiam aproveitar delles por irem a fio por aquellas eſtreituras. ElRey, que pegou com a retaguarda tambem, apertou muito com Fernão de Miranda, que não deixou o ſeu compaſſo, nem ſahir ſoldado algum do ſeu lugar, laborando com ſua arcabuzaria com muito boa ordem: e todavia aſſim apertáram com elle, que lhe foi neceſſario voltar com ſua companhia, e mandou a D. Franciſco de Noronha, que ficou com elle, que com a gente de cavallo pegaſſe com os inimigos, por ſer ainda no campo largo, o que elle fez com muito esforço, derribando daquelle primeiro encontro alguns, e miſturados todos traváram huma fermoſa batalha.

D. Franciſco de Noronha andando na briga foi dar com hum ſoldado, que eſtava no chão debaixo dos pés dos cavallos dos inimigos; e rompendo nelles, os fez affaſtar, e alevantar o ſoldado, e lhe deo huma eſtribeira, e o fez cavalgar nas ancas, porque eſtava muito ferido; e com eſta volta que Fernão de Miranda fez paráram os inimigos, e os noſſos tornáram a ſeu caminho até entrarem nas eſtreituras, por cujas ilhargas lançou Fernão de Miranda D. Bernardo de Menezes, e D. Manoel

noel Affonſo Henriques com ſuas companhias pera irem com ſua eſpingardaria varejando os matos, e ſe affirma que matáram por entre elles muitos inimigos, porque oitocentas eſpingardas que hiam no exercito nunca deſcançáram, e foram fazendo por aquelles matos grande deſtruição. Neſte trabalho paſſáram até anoitecer, que ſe recolhêram a huma aldeia, em que deſcançáram até pela manhã com grandes vigias.

Ao outro dia tornáram a ſeu caminho, e começando a marchar, alevantou-ſe huma voz por todo o exercito que o Cide Bofetá vinha já com tres mil de cavallo perto, e que aquelle dia ſeria com elles: iſto cauſou em todos grande alvoroço, e nunca os Capitães puderam enſacar donde aquella nova ſahio, pelo que não deixáram de imaginar que era invenção do Colle pera fazer deſordenar os noſſos, como muitos começavam a fazer; e foi a couſa de feição, que ſe ſumírão alguns, e ſe adiantáram, e chegáram ás noſſas terras hum dia primeiro que todos. Os Capitães ſentindo aquelle alvoroço, acudíram a elle o melhor que puderam, e com grande confiança, e animo os aquietáram, e foram caminhando com grande reſguardo por algumas aldeias que mandavam queimar.

Eſ-

Efte mefmo dia chegou hum peão muito apreffado, e deo a Manoel de Saldanha huma carta, e pareceo que era do mefmo Cide Bofetá, e nella lhe dizia que ao outro dia feria com elles; e como tinham aquellas cartas de D. Francifco, e de Francifco de Frias, em que o avifavam que elle fe fazia preftes pera o ir foccorrer, ou foffe verdade, ou não, não fe quizeram mifturar com elles, e foram mais apreffadamente fazendo fua jornada, dormindo nas melhores aldeias que achavam, não deixando de ferem perfeguidos dos inimigos, e de efcaramuças. O Rey de Colle defejava de fe fatisfazer da affronta que lhe fizeram, e determinou de arrifcar tudo, ou tomar vingança della, e foi fempre ladrando apôs elles até hum paffo mui eftreito, e difficultofo, que aquelles matos tem, onde fe vem ajuntar duas grandes ferras, e pelo pé deixam hum caminho tão eftreito, que efcaffamente podem caber dous homens: aqui efperou o Colle aos noffos com toda a fua gente lançada por fima das ferras, que ficavam como perpendiculares fobre aquelle tranfito pera dalli ás frechadas os derrubarem hum a hum, fem fe poderem ajudar huns aos outros, e pareceo-lhe que tinha alli a victoria certa, porque naquelle mefmo paffo desbaratou

o

o pai deste mesmo Colle ao Capitão do Malique, que foi sobre elle, e lhe matou perto de dous mil homens; e segundo alguns homens antigos de Tarapor dizem, foi este mesmo Cide Bofetá, e para memoria desta victoria tem alli huma serra de ossos, e caveiras. Chegados os nossos a este passo, foram entrando fio por elle, e os inimigos começáram de sima a encravallos muito á sua vontade, sem elles se poderem valer, nem defender; porque como os inimigos estavam por sima daquelles picos, e pela ligeireza que lhe a natureza deo, despidos, e encaixados com seus arcos, e espingardas nas mãos, saltavam de penedo em penedo, como bugios, e hiam fréchando os nossos a seu salvo, de que se elles não podiam defender por lhes ficarem os outros sobre as cabeças, e com o pezo das armas não poderem menear-se; e todavia quem as levava escapou ás fréchadas, e todos os mais ficáram tão empenados, que pareciam ouriços cacheiros.

Com todo este aperto não se descuidáram os Capitães de sua obrigação, e foram dando ordem á arcabuzaria, e varejando com ella pera todas as partes; e como era tanto, sempre foi derribando muitos, e neste transe peleijáram todos valerosamente na fórma em que o podiam fazer. Fer-

não de Miranda, que tambem naquelle dia lhe coube a retaguarda, foi muito apertado dos inimigos, e esteve perdido de todo; e chegando estas novas ao Rey de Sarzeta, que hia em companhia de Manoel de Saldanha, em ouvindo que Fernão de Miranda vinha trabalhado, como era grande seu amigo, virou muito apressadamente alto: *Peleija, meu Irmão*, que assim lhe chamava sempre; e chegando a elle com a espada na mão, como o vio em tamanho aperto, poz-se junto a elle; e chamando pelos soldados Portuguezes, lhes disse, que bradassem pelo Sant-Iago dos Portuguezes. E com este impeto com que entrou acompanhado dos seus, carregáram os nossos inimigos, e os fizeram voltar, ficando-lhes daquella feita nove de cavallo estirados. Passado este transe, em que tambem morrêram alguns dos nossos, foram caminhando mais desaffogadamente a entrarem nas terras de sua jurisdicção, deixando El-Rey de Colle tão destroçado, que muitos annos não tornáram os seus a se reformar, e a semear suas Aldeias, pelo que lhe foi forçado mandar pedir pazes, desistindo da imposição que queria pôr nas Aldeias dos Portuguezes, que o Viso-Rey lhe mandou conceder; e por ser já fim do verão, recolhêram-se aquelles Capitães das Armadas pera Goa.

CA-

CAPITULO XIII.

Da desastrada perdição de D. João da Gama, vindo de Malaca: e de como se salvou no batel: e do que passou até chegar a Cochim.

SUccedêram tantas cousas juntas na entrada deste anno de 583. que não foi possivel continuarmos com ellas por ordem, e por isso seguiremos nisto o melhor que nos parecer, porque nos não fique alguma, nem as confundamos, e por isto deixámos a perdição destas duas náos pera este lugar, por não cortarmos o fio ás cousas que succedêram mais perto.

No Cap. IX. do Livro II. temos dito como o Conde D. Francisco despachou Roque de Mello pera ir entrar na Capitanía de Malaca, de que tomou posse, da maneira que dissemos; e sendo a monção de se partir pera a India, que foi este Dezembro passado, embarcou-se D. João da Gama com sua mulher, e filhos, e fazenda em huma náo de D. Jorge Baroche seu sogro, que estava por Capitão de Cochim; e vinha tão rico este Fidalgo, que affirmavam trazer mais de cento e vinte mil pardáos de seu, e em sua companhia partíram outras náos, em que entrava o

Galeão, de que era Capitão Fernão Ortiz de Tavora, que não paſſou a Maluco, como já diſſemos, porque lhe veio melhor tornar-ſe de Malaca com fazendas a fretes, por cuja falta a Fortaleza de Maluco padeceo os trabalhos que diſſemos, poſto que D. João da Gama a proveo algumas vezes, ſendo Capitão de Malaca, como na IX. Decada fica dito. E ſeguindo eſtas náos ſua viagem por differentes derrotas, aos 11. dias de Janeiro, entrando pelo boqueirão de Nicubar ás doze horas da noite, encalhou a náo em huma lagea, que eſtá em 11. gráos, com tanta força, que logo ſe abrio pelo meio. D. João da Gama eſtava a eſte tempo de proa vendo mandar á via (porque já os Officiaes hiam com receio daquelle baixo); e ſentindo encalhar a náo, foi correndo á poppa, aonde tinha ſua mulher, e filhos, e já não pode paſſar por eſtar a náo aberta; e ſendo aviſado que os marinheiros ſe ſenhoreavam do batel, receando que lho levaſſem, acudio a elle, e mandou hum criado ſeu, pera que viſſe ſe podia paſſar á poppa, e lhe detiveſſe ſua mulher, e filhos pera os recolher no batel; e aſſim foi, porque os Laſcarís, que aſſim ſe chamam os marinheiros Arabios, vendo a náo encalhada, os que eſtavam de poppa ſaltáram

ram no batel, e foram-se alardo á proa pera tomarem suas mulheres que nella levavam, e recolherem-se. D. João da Gama vendo o batel de proa, lançou-se dentro com alguns criados seus, e desamarrando-se, foi demandar a poppa pera recolher sua mulher, e filhos; mas como naquelle boqueirão corriam as aguas muito, e o batel hia empachado, e sem remos mettidos, foi-se desviando da náo hum pedaço grande; o que visto por D. João, mandou surgir, e lançou ao mar hum pequeno balão, que dentro hia, e nelle mandou embarcar tres homens de confiança, pera que lhe fossem trazer a mulher, e os filhos, e elle se deixou ficar no batel, porque os marinheiros se não levantassem com elle. Os que hiam no balão fizeram esquipallo com alguns remos, e puzeram a elles escravos, valentes homens, e a poder de braço chegáram á náo, e recolhêram D. Joanna, que acháram sentada em hum camarote do porpao, e com ella tres, ou quatro criados seus, que a não largáram, que estava como morta, porque não sabia dos filhos, que eram dous, de que logo daremos razão. Mettida esta senhora no balão, a leváram a seu marido, que em extremo sentio vella daquella maneira, e não saber dos filhos, a

que

que elle queria muito , e principalmente ao mais velho. Efte menino eftava com a fua ama em outro gazalhado ; e fentindo ella a matinada, o tomou comfigo , e fubio ao convés , que eftava já cheio de agua , e alli entre as mãos fe lhe affogou o menino fem lhe poder valer : o outro , que era mais moço , lançou mão delle hum criado , e com elle fe poz da proa naquella parte , que eftava affentada fobre a lage , e alli o teve comfigo até o metter em huma jangada , que alguns fizeram , onde o balão o achou , e o leváram ao batel , aonde já tinham levado fua mãi , e então foube da morte do outro filho ; e tomando efte nos braços , pranteou o morto com tantas mágoas , que internecêram a todos , e magoáram muito mais a D. João , que queria áquelle filho como os feus olhos ; mas vendo que para remedio de todos era neceffario esforço mais que lagrimas , tanto que amanheceo , foi demandar huma daquellas Ilhas de Nicubar , a que eftava da banda do Norte , que era defpovoada , e nella defembarcou com fua mulher , e gente que com elle hia , e mandou o balão recolher toda a que eftava na náo , que acháram em jangadas , e por ilhotas que alli havia , e em dous dias recolhêram perto de trezentas peffoas entre

Por-

Portuguezes, e escravos, e morrêram affogados mais de sincoenta.

Vendo-se D. João naquelle estado, e que não havia outro remedio pera sahir dalli senão no batel, tratou de o concertar pera isso; e dando-lhe busca, acharam sinco, ou seis mãos de arroz, e algumas ovas de peixe seccas, a que os Malaios chamam trubos, que era o mantimento dos marinheiros que hião no batel; tudo isto mandou D. João pôr a bom recado, e deo ordem a se fazerem arrombados ao batel de muitos bambas que na Ilha havia, e cortar alguns canudos de outros muito grossos pera nelles recolherem agua pera a viagem, e mandou despejar o batel de muitas cousas que levava pera recolher nelle a gente que pudesse; e em quanto se isto fez, não quiz D. João que se bulisse no mantimento que havia, que era aquelle arroz, e ovas, e o tempo que alli estiveram se sustentáram de marisco todos, e de palmitos de sessenta palmeiras que na Ilha havia; e por não haver com que as cortar, lhes foram assima tirar os olhos. D. João deo muita pressa ao concerto do batel, porque se receou que da outra Ilha, que era povoada, e em que viviam grandes ladrões, os viessem saltear, e estava precatado com algumas armas que

po-

pode ajuntar, das que o mar foi lançando por aquellas ilhotas; e como teve tudo prestes com sua mulher, e filho, e todos os Portuguezes, que eram sincoenta e quatro, vendo que ainda o batel era capaz de mais, escolheo os escravos, e escravas de melhor feição, e mais obrigação, e recolheo dentro perto de noventa; e a todos os mais que ficavam na Ilha fez huma falla, em que lhes dizia que bem viam a diligencia que fizera por salvar a todos, que lhes rogava que se consolassem, e ficando naquella Ilha, passassem como pudessem, que elle lhes promettia, e dava sua fé que na primeira terra de Christãos que tomasse, compraria hum navio pera os mandar buscar a todos; e com isto se fez á véla, e foi seguindo seu caminho com tão grande resguardo do arroz, que não comiam senão de vinte em vinte e quatro horas huma pouca de canja, que se cozinha em hum boião do Pegú, e meio quartilho de agua a cada pessoa, não querendo D. João que a elle, a sua mulher, e filho dessem mais que o ordinario; e assim foram atravessando aquelle grande golfo com tenção de irem tomar Negapatão pela banda de fóra da Ilha de Ceilão; mas como o Piloto já arriado da perdição, no cabo de treze dias achou-se dentro

tro da enſeada da Ilha de Ceilão : e porque o tempo não dava lugar pera ſahirem della, e ir demandar os baixos, deſembarcáram em Veadala com ſeguro dos Adagares, que são os principaes da terra; mas depois com a cubiça do reſgate lhos quebráram, e reprezáram. Vendo-ſe D. João naquelle trabalho, mandou aviſar o Padre Fernão de Menezes da Companhia de Jeſus, que eſtava na coſta da peſcaria por Reitor, pera que o ſoccorreſſe. Era eſte Padre neto do Conde de Cantanhede, e filho de D. Pedro de Menezes da Fermozelha, homem virtuoſo, e bom Theologo, que tanto que teve recado de D. João, logo deſpedio dous charatones carregados de mantimentos, e ſoldados; e chegando a Beadala, recolhêram D. João com toda a ſua companhia, e no batel, e charatones ſe foi D. João de longo da coſta até Cochim. Deſembarcados em terra, logo D. João comprou huma Galiota, e metteo nella hum homem de ſua obrigação, e lhe mandou que foſſe buſcar aquella Ilha, e recolheſſe todas as peſſoas, que nella ficáram, por ſe deſobrigar da fé que lhes tinha dado. Eſte navio chegou áquella Ilha quaſi no fim de Maio, e não achou nella peſſoa viva, porque os da Ilha povoada tanto que víram que o batel ſe par-

partio, foram á Ilha, e leváram a todos que nella acháram comsigo. Huma cousa notáram aqui os da Galeota, que não he pera passar: esta foi, que as palmeiras, a que os nossos tinham comidos os olhos, estavam outra vez renovadas, e cheias de cocos em espaço de sinco mezes que aquillo havia passado. O Capitão do navio vendo que alli não havia que fazer, deo á véla pera Pegú, onde levava por regimento fosse invernar.

CAPITULO XIV.

De outra náo que se perdeo vindo da China junto de Jor: e dos recados que passáram entre o Capitão de Malaca, e aquelle Rey sobre a fazenda, que elle roubou della.

ENtre as náos que esta monção partíram da China, foi huma de hum Simão Ferreira, que fora Contratador da Alfandega de Malaca, na qual se embarcou a mór parte dos mercadores ricos que aquella monção partíram pera a India, e se affirma que vinha a mais rica que nunca partíra do porto de Macao; e atravessando o grande golfo de Cambaya da Ilha de Pulo Candor pera Pucotimão, teve hum tempo

po

po tão rijo que lhe levou o batel; e passado elle, indo demandar Malaca, fóra do trabalho da tormenta, que foi grande, fazendo pela ventura mais conta com o mundo que com Deos, com quem a não fazemos, senão aos tempos de necessidade, e trabalhos; sendo em treze de Janeiro, tanto ávante, como o rio de Jor, indo á véla descuidados, e contentes, foram encalhar em huma restinga de pedras, que está de redor de duas leguas ao mar daquelle rio; e estando a restinga cuberta, por ser agua preamar, de todo; e sendo a cousa tão sabida de todos, que não havia pessoa que a ignorasse, e o Piloto que na náo vinha havido pelo melhor de todos daquellas partes; e tanto, que vindo hum Junco em sua companhia, estando ambos surtos, hum dia de antes, e vindo os Pilotos á falla, deo o da náo regimento ao outro do rumo que havia de governar pera se affastar da restinga, pelo qual o Junco foi governado, e passou a seu salvo, e a náo foi encalhar nella de meio a meio em dia claro, e sereno; e dizendo muitos passageiros ao Piloto que hiam perto della, do que elle zombou, ou pera melhor dizer, quillo Deos cegar, e que os peccados de todos os levassem assim a encalhar, sem se poderem desviar, que parece quiz

Deos

Deos caſtigar o deſafforo dos mercadores daquellas partes, que ſem temor nenhum ſeu vem carregados de moças cativas alvas, e fermoſas, com quem eſtão muitos annos amancebados, trazendo-as em ſuas camaras, como ſuas mulheres; e como grandes, e publicos peccados são de Deos caſtigados com grandes, e publicos caſtigos, elle os tem dado taes neſtas viagens da China, e Japão na perdição de muitas, e ricas náos, que puderam os homens recolherem-ſe, e recearem a pezada mão de Deos: e certo que parece que aſſim como naquellas partes reina mais a ſenſualidade que em todas outras, aſſim parece que moſtra Deos alli mais ſua ira naquelles duros, medonhos, e infernaes tempos, com que tantas vezes ameaçou, e caſtigou a muitos que chamam tufões, dos quaes já em outra parte démos particular relação. E tornando á hiſtoria, encalhada a náo no baixo, foi-ſe logo toda a huma banda; e como os homens hiam deſcuidados de tal damno, tomando-os aſſim de ſupito, ficáram todos como paſmados: e todavia alguns mais eſpertos acudíram a cortar os maſtos, e alijar o fato do convés ao mar; mas nada aproveitou, porque como era preamar, e a maré começou logo a eſcabecear, ficou toda a náo em ſecco, e o

ju-

junco que hia em ſua companhia, do qual era Capitão, e ſenhorio Franciſco Viegas: como hia governando pelo roteiro do Piloto, foi-ſe deſviando ao mar derredor de huma legua; e em vendo encalhar a náo, ſurgio, e mandou lá o ſeu batel, mandando aos que nelle hiam que não chegaſſem á náo, porque lhe não metteſſem dentro alguma ancora pera portar, por recear metter-lho no fundo, por ſer pequeno. Chegado elle á náo, víram andar todos della occupados a fazerem jangadas pera ſe ſalvarem, e outros já embarcados em alguns balões pequenos, que trazia a náo dentro, e hiam encaminhando pera o junco; e o primeiro que encontráram, foi hum, em que hia Antonio Dias de Mendoça, mercador rico, que levava na náo ſincoenta mil pardáos ſeus, e com elle tambem Simão de Mendoça, que vinha de fazer huma viagem do Japão. Com eſte balão voltou o batel pera o junco, aonde tambem foram ter os mais balões, e jangadas, ficando na náo o ſenhorio della com algumas peſſoas. Tanto que da terra víram dar a náo na reſtinga, acudíram muitas embarcações, a que chamam Celezes, que começáram a roubar, e eſcorchar tudo o que puderam; e Simão Ferreira, dono da náo, vendo aquillo, embarcou-ſe em hu-

huma daquellas embarcações, e foi-ſe a Jor, e ſe apreſentou áquelle Rey, e lhe contou ſua deſaventura, e pedio-lhe que, pois era amigo de ElRey de Portugal, lhe quizeſſe dar embarcações por ſeu dinheiro pera ir tirar as fazendas daquella náo, e levallas a terra, que dellas lhe pagaria ſeus direitos. ElRey o conſolou, e lhe diſſe que ſe não agaſtaſſe, porque tudo ſe lhe daria, e mandou logo que o Official da guarda, e Alcaide do mar foſſe á náo, e lhe levaſſe todos os Portuguezes, que eſtavam na náo, o que elle fez; e depois que deſpejou a náo delles, e que os teve comſigo, mandou tirar toda a fazenda, e a recolheo na Cidade em tarracines, a que elles chamam Gudões, e o meſmo fez a toda a artilheria, cordoalha, poleame, e tudo o mais que ſe pode tirar da náo; e andando neſta deſcarga, foi paſſando outra náo, que vinha atrás, de que era Capitão Ignacio de Lima, que vinha de fazer viagem do Japão, em cuja companhia ſe foi o junco pera Malaca, e deram novas ao Capitão Roque de Mello do que ſe paſſava. Vendo elle a importancia do negocio, deſpedio logo João Rebello com cartas, e recado pera aquelle Rey, mandando-lhe requerer fizeſſe entrega de todos os Portuguezes, e fazendas, conforme ao

con-

contrato das pazes que entre elles havia; e vendo-se elle com aquelle Rey, e tratando aquelle negocio com elle, lhe disse, que estava prestes pera entregar tudo, mandando-lhe mostrar as fazendas, pera que visse que as tinha juntas, e bem acondicionadas; e assim o foi entretendo com manhas, e invenções até se partirem pera a India todas as náos que estavam em Malaca, porque tinham em Goa hum Embaixador, que nas primeiras náos, em companhia de D. João da Gama, tinha enviado ao Viso-Rey a confirmar as pazes, e outros negocios, porque lho não reprezasse, porque logo determinou de se alevantar com aquella bolada, que era de tamanha importancia. Tanto que foi avisado serem todas as náos partidas, começou a vender em segredo todas as sedas aos Crames, de que João Rebello foi avisado, e se lhe queixou disto, e escreveo a Roque de Mello tudo o que passava, aconselhando-lhe que armasse alguns bantins, e mandasse esperar estes Crames ao recolher pera as suas terras; e que tambem mandasse algum dinheiro a comprar aquella fazenda, que se vendia em bom preço. Este recado achou ainda huma náo, que estava pera dar á véla pera a India, pela qual Roque de Mello escreveo ao Viso-Rey tudo o que naquelle

ne-

negocio paſſava, e juntamente deſpedio hum Cheli, chamado João Pereira, com vinte mil cruzados em dinheiro ſeu pera os empregar naquellas fazendas. João Rabello puxou tanto por aquelle negocio com ElRey, lembrando-lhe as obrigações, e amizade que tinha com o Eſtado, e que não quizeſſe quebrar as pazes, porque o Viſo-Rey havia de acudir áquellas couſas, que ElRey por lhe tapar a boca lhe começou a fazer entrega de algumas couſas de menos ſubſtancia, como foram, pedra hume, louça, cobre, artilheria, e outras miudezas, pera as quaes lhe pedio elle licença pera comprar hum junco pera as mandar pera Malaca, a qual lhe elle deo; mas por detrás defendeo que ſe lhe não vendeſſe ſenão hum muito pequeno. Eſtando as couſas neſte eſtado, chegou a Jor o João Pereira, que o Capitão de Malaca tinha enviado com o dinheiro, o qual levava ordem pera ſe entregar a João Rebello, a quem eſcreveo, que alli lhe mandava aquelle dinheiro pera pagar a ElRey todas as deſpezas, e direitos das fazendas da náo, pera que ElRey tiveſſe maior goſto de as entregar; mas como João Pereira ſempre foi havido por ſuſpeitoſo, e homem de invenções, deſembarcou de noite, e em muito ſegredo ſe foi ver com El-

Rey,

Rey, e lhe deo conta do que paſſava, affirmando-lhe que o Capitão, e Biſpo diziam que a fazenda da náo era perdida pera elle, por dar a ſua á coſta, e que por iſſo mandava por elle aquelles vinte mil pardaos pera reſgate da ſeda. Com iſto ficou ElRey deſaliviado, e pedio o dinheiro a João Pereira, o qual lhe elle deo, e ao outro dia ſe vio com João Rebello, e lhe deo duas cartas do Capitão; e perguntando-lhe elle pelo dinheiro, lhe diſſe que ElRey lho tomára, do que João Rebello ficou enfadado, e bem entendeo a maldade do Cheli, e foi logo ver-ſe com ElRey, e lhe moſtrou as contas do Capitão, pera que viſſe que mandava aquelle dinheiro pera lhe pagar os gaſtos, e direitos daquella Fortaleza, pedindo-lhe que pois já que o tinha em ſi, lhe mandaſſe entregar as fazendas, e que ſe pagaſſe dos gaſtos que tiveſſe feito. ElRey lhe diſſe, que começaſſe a embarcar as miudezas, e artilheria, e que depois o faria ao mais. Com eſta palavra comprou João Rebello huma champana, por lhe não caber aquillo no junco, que já tinha; e começando a embarcar a artilheria nella, o mandou ElRey chamar, e lhe diſſe que não era contente que ſe embarcaſſe naquella champana a artilheria de ElRey de Portugal ſeu irmão, pois não

era bem ſe arriſcaſſe aſſim. João Rebello lhe reſpondeo, que elle tinha licença pera iſſo, e que elle tomava o riſco de tudo ſobre ſi; mas ElRey como todos aquelles cumprimentos eram fingidos, e tinha determinado o que havia de fazer, diſſimulou; e depois da artilheria embarcada, mandou huma noite dar furo á champana, e em amanhecendo ſe achou toda debaixo da agua. Não deixou João Rebello de ſuſpeitar a maldade de ElRey, e foi-ſe a elle com alguns companheiros; e preſentes os ſeus, lhe encampou a artilheria de ElRey, e a fazenda da náo, pera a todo o tempo dar conta della ao Viſo-Rei da India, e de tudo mandou fazer hum termo; e ſahido de alli, embarcou-ſe pera Malaca, levando forçoſamente o dinheiro; mas fez-ſe diſto tão pouco caſo, que julgáram todos que o Capitão o não perdeo, e os mercadores da náo tiveram por ſeu partido mandarem hum homem a Jor a pedir áquelle Rey licença pera mandarem reſgatar ſuas fazendas, a qual lhe elle deo, e elles fóra de Jor houveram muita parte dellas.

CA-

CAPITULO XV.

Do que aconteceo a D. Gileanes Mascarenhas no Malavar todo o resto do verão: e do que aconteceo a André Furtado de Mendoça no rio de Cunhale com humas Galeotas de Mouros.

ENtregue D. Gileanes Mascarenhas da Armada do Malavar, ficou continuando na guerra contra o Çamorim, queimando, destruindo, e assolando seus portos, tendo tal guarda, e vigia, que não puderam lançar pera Meca suas náos, porque em lhas sentindo em qualquer rio, logo eram queimadas. Os mesquinhos clamavam, e começavam a sentir a fome sobre as mais perdas, que todas eram suas, de casas que lhes queimavam, de palmeiras que lhes cortavam, e das almadias que lhes tomavam, de sorte que em toda aquella costa havia destes prantos, e miserias, o que tudo D. Gileanes fazia com pouco risco; porque aquelles Capitães Malavares, que com elle andavam, como homens que sabiam as ruas, os becos, e as serventias, faziam a salvo seu tudo como ladrões de casa; e tanto fizeram, que duas vezes puzeram fogo á Cidade de Calecut, de que ardeo muita parte, e se perdêrão muitas

fazendas, e na barra lhe tornáram huma Galeota, fobre a qual houve jogo de efpingardadas, de que morrêram muitos Mouros; e por outras duas vezes lhes queimáram a povoação de Panane, onde os noffos tiveram huma muito crefpa briga, em que os Mouros recebêram bem de damno; e affim fez D. Gileanes a guerra, que nas partes em que fe elles menos receavam, alli achavam comfigo os noffos, e lhe faziam fentir o feu flagello. E entre os lugares que mór damno recebêram, foi a Ilha de Carimão Duruti, meia legua pelo rio de Chale affima, na qual D. Gileanes mandou dar por Francifco Ferreira Moncelo, e com elle a mór parte dos Capitães da Armada, os quaes defembarcáram nella huma madrugada, e entráram, queimáram, deftruíram, e matáram muita gente, e a fóra outra inutil, que morreo affogada no rio, aonde fe lançáram pera paffarem á outra banda, e foram queimadas muitas fazendas, e huma grande cafa cheia de falitre: o mefmo damno paffáram as povoações de Calagate, Calecur, e Marate vizinhos, e Calecu, Curiche junto de Chale, e pelo rio de Chatua huma boa povoação, onde achâram grande refiftencia; mas por fim da referta com morte de muitos inimigos fe recolhêram a feu falvo, deixando a povoa-

ção

ção ardendo em fogo, na qual se queimáram muitas fazendas, e dentro em huma casa hum Palanquin muito rico da pessoa do Comori, o que elle teve por grande affronta, e agouro; e as barras de suspeita, onde podia haver paraos, mandou o Capitão Mór tomar, e repartio por ellas os navios da Armada pera lhe impedirem a navegação: e destas coube a André Furtado huma vez o rio de Cunhale, por ser maior cuvil de ladrões daquella Costa. E estando aqui com grande resguardo, e vigias com sinco, ou seis navios, de que eram Capitães Cosme de Lafetar, Christovão de Tavora seu irmão, Antonio Pereira Pinto, D. João da Cunha, e outros no quarto d'alva, víram vir tres vélas demandar aquella barra, as quaes eram duas Galeotas de traquete de Malavares, que traziam á toa huma naveta pequena de Manoel de Miranda, Capitão de Dio, a qual tomáram em sahindo daquelle porto pera ir pera a Costa de Melinde carregada de fazendas, e de mercadores Portuguezes, e Gentios. Os nossos em havendo vista dellas, leváram-se, e puzeram-se em armas; e como as Galeotas vinham descuidadas de poderem alli achar aquelle impedimento, nem houveram vista dos navios, por estarem abrigados a terra, foram marrar com el-

elles, e huma das Galeotas poz o esporão por hum dos bordos da fusta de Cosme de Lafetar, a qual como estava prestes, deolhe huma surriada de panellas de polvora, e espingardaria que a axorou, e apôs isso se lançou dentro com os seus soldados, e acabou de rendella, porque os Mouros que escapáram, lançáram-se ao mar: a outra Galeota ficou mais perto de Christovão de Tavora, a qual como tambem hia lestes, deo-lhe huma falcoada, que levava hum cartuxo; e tomando-a de poppa a proa, foi fazendo tal destruição, que affirmáram matar-lhe sessenta homens, e investio-a, e lhe deo cabo, e logo se lançáram dentro nella sete soldados dos que hiam de proa, os quaes eram Miguel Alvares do Canto, Manoel de Sousa, homem Fidalgo, Francisco Tavares, Balthazar Vaz Villela, Gaspar Vaz natural do Porto, e outros dous, a que não soubemos os nomes, os quaes ás cutiladas foram entrando pela Galeota, e os Mouros estavam neste ponto pera cortar a cabeça a hum Vasco Pereira, de sete que tinham tomado na Naveta, e o tinham lançado sobre hum banco pera isso; e o Miguel Alvares, que foi o primeiro que entrou, deo entre elles com huma panella de polvora, com que os abrazou, e se affastáram, deixando a D. Vasco Pereira
com

com hum ſinal já no peſcoço. Eſtando eſtes ſete dentro na fuſta dos Mouros, quiz a deſaventura que ou quebraſſe o cabo, com que hia atracada á noſſa fuſta, ou lho cortaſſem, com o que a fuſta ficou por detrás da Galeota dos Mouros, que foi varar na ſua praia, a qual eſtava já cuberta de Mouros, que acudíram a favorecella, e entre elles o meſmo Cunhale, que andava capitaniando, e fazendo chegar os ſeus á Galeota, que já eſtava em ſecco, e os noſſos ſete dentro em batalha com os Mouros, fazendo maravilhas em armas. Chriſtovão de Tavora vendo-ſe deſamarrado da Galeota, mandou remar ávante pera acudir aos ſeus; mas eram tantas as eſpingardadas, e tão baſtas as nuvens de fréchas, que cahiam ſobre todos, que não podiam os marinheiros paſſar ávante, e neſta involta quiz a deſaventura acertaſſem huma roqueirada por ſima do joelho a Chriſtovão de Tavora pelo lagarto que o varou todo, e elle ſe encoſtou ao maſto com hum acordo, e animo eſpantoſo, e mandou remar ávante, porque o ſeu canteiro eſtava já cahido com huma eſpingardada, e não havia quem mandaſſe aos marinheiros, que hiam deſcorçoados. Os que eſtavam na Galeota dos Mouros carregáram ſobre elles tanto, que não foi poſſivel poderem-ſe defender; e ha-

havendo já mais de huma hora que pelejavam, vendo-se todos feridos de muitas feridas, e que o seu navio não podia chegar a tomallos, houveram por partido lançarem-se a nado a elle, porque ahi já não tinham que fazer, por a Galeota já estar quebrada, e assim se lançáram ao mar, e elles, e os cativos, que na náo tomáram, que hiam naquella Galeota; só hum, que não sabia nadar, ficou nella, e Balthazar Villela atassalhado de muitas feridas, de que logo morreo; e o cativo, que ficou dentro, foi levado a terra, e o Cunhale por sua propria mão lhe deo hum golpe, que o partio pelo meio. Os que se lançáram ao mar, foram tomar a sua fusta, só dous cativos tomáram a de Antonio Pereira Pinto. Estes da Galeota ficáram todos feridos, Miguel Alvares de huma lançada, e outra fréchada, Manoel de Sousa huma espingardada, que lhe varou hum braço, e a barriga. Francisco Tavares huma fréchada por huma ilharga, e outros outras feridas. D. João, que foi demandar a naveta, cuidando que era tambem de inimigos, chegou a ella, e o mesmo fez André Furtado; e alguns Mouros, que dentro hiam em guarda, logo se lançáram ao mar; e os soldados, que entráram dentro, querendo-a escochar, o não consentio An-

dré

dré Furtado, e teve muito trabalho em lho defender. Acabado efte negocio, affaftáram-fe os noffos pera fóra, e fe recolhêram pera Cananor, levando comfigo a naveta com os mercadores, e gentios que nella hiam, aos quaes lhe deo fua fazenda, e alli fe curáram os doentes; mas o valerofo mancebo Chriftovão de Tavora faleceo daquella bombardada, e dizia-fe que de mal curado; mas ella foi grande, que lhe cortou a perna, e o lagarto, e acabou alli hum Fidalgo, quando começava a florecer, e a dar de fi muito grandes efperanças; e Cofme de Lafetar feu irmão, que o fentio em extremo, levou a Galeota, que rendeo por poppa do feu navio. Defta maneira profeguio D. Gileanes na guerra, e por toda aquella Cofta em tantas neceffidades, que obrigados della, o Rey de Chale lhe commetteo pazes, que lhe elle concedeo, fazendo-fe Vaffallos de ElRey de Portugal com certas pareas, e fe obrigou a dar do feu rio lugar pera huma Fortaleza na parte que o Vifo-Rey da India apontaffe, e pera ella toda a pedra, e cal, trabalhadores, e mais coufas que foffem neceffarias, e que correria com a Chriftandade, affim como de antes o fazia, e a favoreceria em tudo, e entregaria algumas peças de artilheria, que eram de ElRey

de

de Portugal, das quaes logo fez entrega. Com isto se deixou D. Gileanes andar pela Costa até ser tempo de se recolher; e andando já pera isso, foi avisado que em Panane se fazia huma fermosa náo pera Meca, mas que estava em parte, onde se não podia queimar; e querendo-lhe estorvar a navegação, lhe mandou tomar a barra por alguns navios, que lhe tomáram hum batel, que hia carregado de pimenta pera ella, o qual com medo dos nossos navios varou em terra, e a poder de espingardadas foi tirado; e sendo tempo de se recolherem pera Goa, ajuntou D. Gileanes Mascarenhas as náos da China, Malaca, Maluco, e mais partes, e com ellas se foi recolhendo de vagar por causa dos Noroestes.

CA-

CAPITULO XVI.

Da antiguidade da Cidade de Barcelor na Costa Canará: e de como os moradores della tratáram de tomar a nossa Fortaleza, e por traição, o que não houve effeito por chegar a ella D. Gileanes Mascarenhas: e de como elle destruio as Aldeias de Asselona, e Cuculí nas terras de Salsete.

A Cidade de Barcelor, que está situada na costa do Canará em altura de quatorze gráos do Norte escaços, segundo as escrituras dos antigos Gentios daquellas partes, foi o mais celebrado porto, e emporio de toda a costa da India: e pelas cousas que nos contáram alguns Mercadores, nos faz parecer ser este o porto Selero de Plinio, de que fallando, elle disse assim: » Quem partir do porto Selero (que » elle mette em quatorze gráos do Norte » na Costa da Arabia, o qual parece ser » o porto de Curia Muria, que hoje anda » verificado em dezeseis gráos e meio) e » caminhar com o vento hipalo, que he o » Ponente, e for governando a Levante, » irá tomar de frécha hum dos portos de » Canará, de Batecalá pera Barçolor. » E como esta Cidade por sua antiguidade se

vê

vê preceder todas as daquella Costa, podemos conjecturar ser o Selero de Plinio, porque em riquezas, modo de governo, policia, com tudo o mais, he mui differente de todas as daquella Costa, porque esta só se governa como republica por certo numero de Senadores, eleitos pelo povo, que sempre são os mais antigos, que parece tomáram da communicação dos Estrangeiros da Europa, que pela via do mar roxo antiquissimamente em tempo de Plinio, e antes muito navegáram pera elle, pelos grandissimos proveitos que destas partes levavam, que, segundo affirma Plinio, montavam cento por hum; e tambem porque em nenhuma Cidade da India das maritimas houve sempre tão ricos moradores como nesta; porque mui sabido he que os mais delles fallavam por barras de ouro, e ainda na nossa entrada na India houve muitos que fallavam por tantos alqueires de Pagodes, por onde parece que seu commercio, e trato foi sempre maior que de todas as Cidades da India; e estes naturaes de Barcelor, a que chamam Chatins, que na lingua propria quer dizer Mercadores, são homens de grande governo, de muito bom conselho na paz, e guerra, pelo que vivêram tantas centenas de annos sem jugo alheio, conservando-

do-ſe ſempre em ſeu ſer, ſuſtentando-ſe de ſuas mercancias, e grangearias da terra, que dá muito arroz, gengivre, pimenta, e fazem muitas, e finas roupas, e outras couſas muitas, cujas rendas, ou fóros, ou direitos de todas as entradas, e ſahidas ſe offerecem a hum Pagode ſeu muito venerado, e alli ficam em depoſito pera as neceſſidades publicas; e de cem annos a eſta parte, depois que os Portuguezes deſcubríram a India, ſe offerecêram á devação dos Reys de Biſnaga, mas não que lhes fiquem ſujeitos, e com obrigação de pareas; e depois que o Viſo-Rey D. Luiz de Ataíde fez naquelle ſeu porto aquella Fortaleza o anno de 569. (como em ſeu lugar com o favor Divino diremos) foram os naturaes desfalecendo aſſim no credito, como na renda, porque ficáram com hum colar no peſcoço, ſem ſe poderem menear pera parte alguma, porque os mercadores Eſtrangeiros deixáram de continuar ſeu porto, aſſim pelo abatimento das mercadorias, como pela grande cubiça dos noſſos Capitães, que tudo o que por aquelle rio entra, chamam á Fortaleza, e o comprão á ſua vontade, tapando-lhes os canos todos pera os Chatins haverem as fazendas, ſenão por ſuas mãos, pelos preços que querem, o que lhes foi ſempre tão

máo

máo de soffrer, que muitas vezes tratáram de sacudir de si aquelle jugo, que tanto lhes carregava, fazendo guerra muitas vezes áquella Fortaleza, e pondo-a em apertos, e necessidades, como na IX. Decada se verá; e agora sendo Capitão D. Francisco de Mello de Sampayo, que trabalhava por enriquecer como todos, assim veio a escandalizar os naturaes, que tratáram de lhe tomar a Fortaleza á traição, por elle naturalmente ser hum homem apoucado, e ter alli sua mulher, com a qual estava mais acanhado: pera isso se concertáram com huns Christãos da terra da obrigação da Fortaleza, nos quaes sentíram inclinação pera isso, promettendo-lhes grandes dadivas, se lhes dessem modo pera poderem tomar aquella Fortaleza; e andando elles notando, e buscando ardís pera isso, offereceo-lhes o diabo hum, que se Deos lho não estorvára, estava certa a perdição de tudo; e foi, dizerem aos Chatins que as nossas Endoenças vinham perto, e que naquelles dias estavam os nossos occupados em suas penitencias, e que costumavam quinta feira de noite a fazerem huma grande procissão da Fortaleza até á povoação de fóra, onde os Christãos pousavam, que se puzesse huma copia de gente detrás da Fortaleza embrenhados em huns

ma-

matos, que alli havia, que tanto que a procissão sahisse, viessem elles de longo do muro, e se mettessem na Fortaleza, porque ficava só, e se fechassem de dentro, e que a mais gente estivesse em parte que désse de supito nos nossos, andando na procissão, e os matassem a todos, o que seria muito facil per quão descuidados estariam daquelle negocio. Assentado isto, em que havia pouco que fazer pelos descuidos com que vivemos na India, e com que tratamos com homens que cada dia escandalizamos, estando todos prestes pera aquella hora, ordenou Deos pelas orações, e innocencia de alguns daquella Fortaleza, trazer D. Gileanes Mascarenhas com toda a sua Armada a mesma quinta feira de Endoenças pela manhã, o qual por ser aquelle dia tão celebrado de todo o Christão, lhe pareceo bem passallo naquella Fortaleza; e achando-se aos Officios Santos, e á procissão, os Chatins de Barcelor, que estavam prestes pera aquella hora, vendo o estorvo que se lhes offerecêra com a vinda da Armada, desistíram por então do que tinham ordenado. D. Gileanes passou alli aquelle dia, e noite; e ao outro dia, depois do Officio acabado, se embarcou, e foi fazendo seu caminho pera Goa; e chegado ao Cabo da Ruma, já meia-

do

do de Abril , achou huma Almadia com huma carta do Conde D. Franciſco Maſcarenhas , pela qual lhe mandava que deſembarcaſſe no rio do Sal , que vai cortando as terras de Salſete, e esbocar no mar pegado á porta do cabo , e que caſtigaſſe as Aldeias de Aſſelona , por andarem ſeus moradores alevantados , e não quererem pagar os foros. D. Gileanes deſpedio a cafila pera Goa , e deſembarcou com toda a gente em os navios pequenos , e foi demandar as Aldeias de Aſſelona , que são tres , muito proſperas , e grandes , e as deſtruio , aſſolou , queimou , e cortou muitas palmeiras , com o que os alevantados ficáram mui quebrados , e muitos annos não tornáram as terras a ſeu ſer. Acabado eſte feito , tornou a embarcar , e foi-ſe pera Goa.

Depois no inverno lhe mandou o Viſo-Rey que ajuntaſſe toda a ſoldadeſca , e foſſe a Salſete , e déſſe o meſmo caſtigo ás Aldeias de Cuculí , que ſempre foram cabeça nos alevantamentos , e as principaes , e de mais , e peior gente que todas as de Salſete. D. Gileanes o fez aſſim ; e ajuntando quinhentos ſoldados , ſe paſſou a Salſete , e com ſuas bandeiras desfraldadas entrou por aquellas Aldeias , e todas poz a ferro , e a fogo , ſem deixar couſa em pé , e tudo á viſta de todos os inimigos meſ-

mos ,

mos, que eram muitos, e andavam em magotes de ſerra em ſerra, vendo deſtruir ſuas fazendas, ſem ouſarem a lhes acudir. Por aqui andou dez, ou doze dias fazendo mui grandes eſtragos até o Viſo-Rey o mandar recolher.

CAPITULO XVII.

Dos tratos que mais tiveram os Chatins de Barcelor pera lhes entregarem a Fortaleza, os quaes foram deſcubertos: e de como o Viſo-Rey mandou André Furtado a ſoccorrella: e das couſas em que mais proveo o Viſo-Rey.

PArtido D. Gilianes de Barcelor, vendo os Chatins que perdêram por ſua cauſa tão boa occaſião, tornáram logo a apertar com os meſmos Chriſtãos, e aſſentáram com elles que lhe abririam a Fortaleza huma noite, e que peitariam pera iſſo os que tinham as chaves. Eſtes velhacos, a quem o demonio trazia cegos, deſcubríram eſte negocio a outro Chriſtão, de quem o Capitão fiava as chaves; e tantas promeſſas lhe fizeram que o rendêram, e concluíram entre todos, que de noite no quarto da madorra metteſſem até ſincoenta homens por eſcadas, que lhe lançariam de ſima, e

que eſtes deſſem fogo á artilheria, que elles teriam cevada, e a eſte ſinal acudiriam tres mil homens de armas, que haviam de eſtar preſtes; que neſta revolta o que tinha as chaves da fortaleza lhe abriria as portas, que a tomariam; e que quando iſto não pudeſſe ſer, que ſubiſſem todos pelas eſcadas, que lhe ficariam lançadas, e que os ſincoenta ſe fortificariam no Baluarte até os mais ſubirem. Aſſentado iſto entre todos, e que o dia havia de ſer veſpera de Paſcoa, como noſſo Senhor he guarda das Cidades, elle ordenou que ſe vieſſe a deſcubrir eſta traição, ou ao menos a ſuſpeitar pela muita familiaridade que víram ter eſtes velhacos com os Chatins, e nas muitas idas, e vindas, que neſte dia fizeram ao Barcelor; pelo que o Capitão os mandou prender, e pôr a tormento, no qual confeſſáram tudo, aſſim como temos dito; pelo que foram executados publicamente, e logo deſpedio ao Viſo-Rey o traslado dos autos, e papeis, pera que ſoubeſſe o eſtado em que ficava, e o remediaſſe, e proveſſe, e teve dalli por diante grandes guardas, e vigias nas chaves, e nos Baluartes. Os Chatins ſabendo ſerem deſcubertos, determináram declaradamente fazer guerra á Fortaleza, e tomalla por armas, e pera iſto ſe confederáram com ElRey de Tolar ſeu

vi-

vizinho, que quiz achar-se neste negocio; e ajuntando ambos sinco mil homens, abaláram contra a Fortaleza com tenção de roubarem a povoação de fóra, e cativarem ós casados que nella moravam pera assim ficar a Fortaleza mais enfraquecida: isto não pode ser em tanto segredo, que o não viesse a saber o Capitão, o qual com muita pressa mandou recolher dentro tudo o que havia na povoação, e poz Capitães, e gente de guarnição pelos baluartes, e preparou a artilheria pera a sua defensão, e recolheo os mantimentos que pode, e reparou as partes mais fracas, e tornou a avisar ao Viso-Rey do perigo em que ficava. Os inimigos chegáram á povoação a segunda oitava da Pascoa no quarto da alva; e achando-a despejada, lhe puzeram o fogo. Alguns soldados nossos, que ficáram em guarda da couraça, onde a gente estava recolhida, sentindo os inimigos, sahíram a elles já manhã clara, e ás espingardadas matáram alguns, e se recolhêram, e os Chatins foram assentar o seu campo em parte, em que a artilheria lhe não podia fazer nojo, e dalli commettêram, e inquietáram os nossos com rebates, e assaltos; e como os provimentos da Fortaleza (que mais se podem chamar cumprimentos) são sempre tão taixados, começáram

a faltar as munições, pelo que foi necessario a Francisco de Mello recorrer ao Capitão da Fortaleza de Onor, que estava muito perto, o qual com muita pressa lhe mandou huma manchua com polvora, chumbo, murrões, e outras cousas desta sorte, e alguns poucos soldados, com que se ficáram remediando melhor. Chegados os recados ao Viso-Rey, no mesmo dia mandou fazer prestes André Furtado de Mendoça pera ir de soccorro, e lhe deo tanta pressa que aos quinze de Abril, dous dias depois do recado, sahio pela barra fóra com quatro navios, de que, fóra elle, eram Capitães Diogo Corvo, Pedro Fernandes Moricole, e Pedro Fernandes Malavar, e em sua companhia foram alguns navios, que estavam pera ir pera Cochim, ficando o Viso-Rey negociando outros pera lhe mandar logo. André Furtado deo-se tanta pressa, que em dous dias chegou áquella Fortaleza; e desembarcando em terra, a tomou logo á sua conta por levar Provisões sobre tudo, e proveo os Baluartes de Capitães, e hum deo a Diogo Corvo, e outro a Pedro Veloso, e mandou reedificar as partes necessarias, e fez todas as mais cousas que cumpriam á defensão daquellas Fortalezas com muita ordem, e presteza. Os inimigos tanto que souberam ser chega-

ga-

gado ſoccorro, alevantáram o campo, e deſiſtíram da empreza. Logo André Furtado foi aviſado, e deſpedio os navios pera Cochim, e Cananor, que foram em ſua companhia, e ordenou algumas manchuas, com que começou a fazer guerra pelo rio dentro aos Chatins, dando-lhes muitos, e contínuos aſſaltos por todas as Aldeias; e hum dia mandou a Diogo Corvo que déſſe no campo dos Chatins com a ſua gente, o que elle fez com muito animo, e teve huma mui boa referta com os inimigos, aos quaes tratou muito mal; e depois de fazer ao que hia muito bem, ſe recolheo com huma eſpingardada em huma perna, da qual logo ſarou; e outro dia foi o meſmo André Furtado dar em o Pagode Condanſur, ao qual ſe recolheo alguma gente, e lhe lançou dentro tanto fogo, que abrazou a todos, e queimou o Pagode, o que elles ſentíram muito, por ſer de muito grande veneração ſua pela offenſa feita á ſua religião, e na reedificação, e purgação delle (a que elles chamam deſempolear) gaſtáram muito dinheiro, e tempo. E porque tornou a haver alteração nos conjurados com aquellas couſas, aviſou André Furtado ao Viſo-Rey, pedindo-lhe gente, a qual elle lhe logo mandou em dous navios, de que eram Capitães Affonſo Ferreira da Silva,

va, e Gaſpar Fagundes, os quaes chegáram áquella Fortaleza já em quinze de Maio. Com todas eſtas couſas não ſe tinha o Viſo-Rey deſcuidado das outras de ſua obrigação; porque no tempo que deſpedio André Furtado, andava negociando os provimentos pera Malaca, e Maluco, que eram dous Galeões, o em que tinha arribado Pedro Lopes de Souſa em Setembro paſſado, do qual deo a Capitanía a Sebaſtião de Rezende; e o outro Galeão, que havia de ir para Maluco, era do Capitão Fernão Botto Machado provído com aquellas viagens. Eſtando já preſtes pera partirem, chegáram as novas de Malaca, e o Embaixador que ElRey de Jor mandava a confirmar as pazes, que tinha feitas com D. João da Gama, ao qual o Viſo-Rey recebeo bem, e mandou apoſentar; e porque não houve dúvida em o Regale entregar a fazenda da náo de Simão Ferreira, pois lhe ficava naquella Cidade o ſeu Embaixador, aſſentou-ſe em Conſelho, que baſtava por então o Galeão de Sebaſtião de Rezende, porque tambem era já o fim de Abril, e não havia tempo pera mais ſoccorro: eſtes dous Galeões partíram de Goa já tarde; e por acharem os tempos contrarios, tornáram a arribar, e Sebaſtião de Rezende foi tomar Goa a Velha, e Fernão

não Boto metteo-se em Angediva, onde invernou; e com o mesmo tempo, que foi Sul desfeito, arribáram tambem as náos que hiam pera Malaca, e a da China, de que era Capitão Francisco Pais, que hia fazer a viagem do Japão por D. Leoniz Pereira, que estava posta nelle, e ficou tambem invernando em Goa a Velha; e Ayres Gonsalves, que estava em Japaor fazendo aquella viagem que tinha comprado, ficou fazendo estoutra, que cabia a Francisco Paes por virtude de sua Patente, porque era provído de huma, cuja Patente dizia que tinha falta de algum registo. Esta arribada destas náos sentio o Viso-Rey muito pela falta que havia de fazer em Malaca, e pela necessidade que lá podia haver naquelle tempo.

DE-

DECADA DECIMA
Da Hiſtoria da India.

LIVRO IV.

CAPITULO I.

Das couſas que eſte anno de 583. em que andamos ſuccedêram em Perſia: e de como Oxa foi contra ſeu filho Abax Mirza, que eſtava no Cohoraçone por induzimento de Mirza Salmas Georgiano.

JÁ que temos entrado no inverno, ſeguiremos a ordem que começámos, que he contar nelle as couſas alheias, e aſſim continuaremos com as da Perſia, de que o anno atrás temos dado razão: pelo que ſe ha de ſaber, que quando Axathamas, como já temos dito, tratou de desherdar ſeu filho Codabanda por cego, e deixar o Reyno a Iſmael filho ſegundo, havendo que da culpa da natureza a não tinhão ſeus netos filhos de Codabanda, e que não era juſtiça que ſeus filhos, que depois de ſua morte lhe houveram de ſucceder no Reyno, ficaſſem desherdados, determi-

minou repatir com elles ſeus eſtados, por não ſer de todo notado de cruel. E aſſim deo a Provincia Cohoraçone a Abax Mirza o mais moço; e que em quanto elle Chathamas foſſe vivo ſe não intitularia ſenão por Governador; mas que depois tomaria o titulo de Rey, deixando o mais velho pera outra couſa, que elle teria em ſeu peito, a qual pela morte o atalhar não houve effeito, ficando o pobre Principe chamado Amirhanze Mirza desherdado, ſendo por ſi muito valeroſo, e digno por certo do grande, e eſtendido Imperio da Perſia; mas como os Reys não reinam ſenão por ordem de Deos, e não da dos homens, e as eleições que a elles lhes parecem acertadas, nos olhos de Deos são muitas vezes reprovadas, ordenou depois elle que lograſſe o Iſmael o Reyno pouco, e foſſe morto pelos ſeus, e que tornaſſe o Reyno a Codabanda, a quem de direito pertencia, como na Decada IX. mais particularmente ſe verá. Eſte Rey Codabanda tanto que foi eleito, e poſto na Cadeira do Reyno, deo o governo de tudo a Mikar Salmas Georgiano, homem revoltoſo, inhumano, e muito cubiçoſo, o qual caſou logo ſua filha que tinha com Amirhazem Mirza, filho herdeiro de Codabanda, com que ficou ſua tyrannia deitando maio-

res

res raizes. Efte vendo que feu genro havia de herdar o Imperio da Perfia por morte de feu pai, e que feu irmão Abax Mirza eftava na Provincia Cohoraçone, que o avô em fua vida lhe dera, foi-lhe máo de soffrer, parecendo-lhe que fe ficaffe naquelle eftado, por morte do pai ficava o Imperio da Perfia muito quebrado, por fer aquella a principal Provincia delle; e querendo atalhar ifto, metteo em cabeça a ElRey, que o Abax Mirza feu filho fe intitulava no Cohoraçone, onde eftava, por Rey da Perfia, e que já não lhe conhecia obediencia, o que claramente fe via, porque já nas revoltas paffadas nunca lhe mandáram foccorro contra o Turco; e como puzeffe fem dúvida o pé na Perfia, o prenderia a elle, e a feu irmão, e os mataria pera ficar fenhor de tudo; e como efte homem tinha grande authoridade diante de ElRey, e aquelle negocio tocava em tyrannia, coufa tão aborrecida, fez indignallo contra o filho, pelo que affentou com os do feu Confelho que Salmas tinha fobornados, que lhe era neceffario acudir ao Cohoraçone, em quanto o Turco não bolia comfigo; e querendo ultimamente partir em peffoa com todo o feu poder contra o filho, concertou-fe com o Mamuchiar arrenegado (que com o fucceffo de

Te-

Tefil ficou odiado com o Turco) e depois de ſe tornar pera as ſuas terras, ſe tinha caſado com huma irmã de Simão Bel, couſa que Oxá eſtimou, por entender que aſſim teriam as couſas da Perſia mais folego; e o concerto que fez com elle, foi, que elle, e ſeu cunhado ſe fizeſſem em hum corpo contra o Turco, porque por ſerem ſeus Eſtados juntos, bem podiam a pouco cuſto defender-lhe aquelles paſſos, e entradas, e romper-lhes os exercitos, que por elles paſſaſſem, e com iſſo deixou a Imagulichão, Capitão mui experimentado, na Provincia de Xerutão, e em Tabris a Himarcham, Capitão dos Turquimaes, com o qual (por ter delle algumas ſuſpeitas) teve primeiro praticas, em que o quietou, e ſe ſegurou; e depois de prover em eſtas couſas, e outras, ſe poz no caminho de Cohoraçone, levando comſigo ſeu filho, e ſogro, que teceo aquellas meadas; e continuando ſeu caminho, foi entrando por aquella Provincia até á Cidade Cenſuar, a qual achou fechada, e o ſeu Capitão recolhido dentro com grande guarnição, porque não ſabia o modo, e tenção com que aquelle Rey vinha; e pera ſe deſenganar, lhe mandou hum Embaixador primeiro ſaber delle ſe tinha algumas culpas, e que primeiro o ouviſſe, porque aquillo que fize-

zera não era mais do que pera ſegurar ſua peſſoa; mas como o Mirza Salmas hia com o animo damnado por deſviar ElRey de lhe acceitar ſatisfações, lá por detrás induzio aos ſoldados que commetteſſem a Cidade, e mataſſem ao Capitão, e que elle lhe ſegurava hum grande ſaque della; e tanto fez niſto, que ſem ordem alguma accommettêram com muitas eſcadas, e vaiſvens, com que deram com as portas fóra, e aſſim foi a Cidade entrada com morte do Capitão, e ſaqueada, roubada, e eſcalada de todo com grandes cabeças. Feito iſto, paſſou ElRey adiante com o ſeu exercito, e foi recolhendo as guarnições das Cidades de Nexcor, Maxet, Nirſis, Turbat, Guien, Malan, e Coran, mandando cortar as cabeças a alguns de ſeus Capitães por ordem do Salmas, porque com a morte deſtes (que eram os principaes daquella Provincia) ficaſſe o Abax menos poderoſo. E aſſim chegou á Cidade de Hers muito forte por ſitio, e bem cercada de muros, e cavas cheias de agua, a qual o Grão Tamorlão, que a edificou, fez alli trazer de muito longe. Neſta Cidade, que era a cabeça daquelle Eſtado, eſtava Abax Mirza com muitos Capitães inimigos mortaliſſimos de Mirza Salmas; e eſtava muito fortificado, porque não ſabia a tenção do pai,

e

e fora avisado da ira com que hia entrando por aquella Provincia; e até se não certificar da verdade, não quiz offerecer-se á ira do pai. Chegado ElRey áquella Cidade, assentou sobre ella seu campo, e começou a sentir em seu animo diversos effeitos de dor do filho, vendo que o caso que alli o trouxera era de sorte, que por força havia de parecer cruel aos homens, havendo por grande infelicidade aquelle caso: e que seu filho em lugar de sustentar, e defender a dignidade paterna, e ajuntar suas forças com elle pera resistirem a tamanho inimigo, dera occasião (segundo lhe fazia crer o falso Salmas) pera lhe entrarem por seus Reynos, e lhe tomarem parte de suas Cidades; e posto que estas cousas o atribulavam muito, e o Salmas cada dia mais o atiçava a ira, e indignação contra o filho, desejava de haver algum bom modo pera algumas cousas virem a bom estado, e não chegar a banhar as mãos no sangue do filho; e mais tambem, porque aquella Cidade era mui forte, e estava muito bem provída, pelo que não era possivel rendella tão de pressa. O Principe Abax Mirza tanto que seu pai assentou o campo, logo lhe escreveo huma carta, em que lhe pedia que lhe significasse as cousas que o movêram a indignar-se

con-

contra elle ; e se era pera lhe tirar aquelle senhorio , que ElRey seu avô lhe tinha dado , de que elle estava de posse , sem nunca nelle o deservir , não era justo inquietar-se naquella matèria , e que elle como filho obediente estava prestes pera com o sangue , e com a vida obedecer a todos os mandamentos paternos , e a reconhecello por Rey , e Senhor , como o era , e que ninguem mais que elle houvera de trabalhar pera o sustentar naquelle Estado , e favorecello , e ajudallo contra seus vizinhos , e comarcãos , huns bequis , que de contínuo lhe faziam dura guerra : que isto era honra , e credito do Imperio da Persia , e não mover contra elle seus exercitos , com que désse ousadia aos inimigos em elle virando as costas a voltarem sobre elle , e acharem-no enfraquecido pela falta dos Capitães que lhe matára ; que se sua vinda era a castigar algumas culpas , que elle pela ventura inadvertidamente commetteria contra seu serviço , que elle estava muito apparelhado pera com a vida , e estados fazer todas as emendas que fossem necessarias pera sua satisfação ; e isto mesmo escreveo ao Principe. Lêrão sós , considerando nellas as razões , e reverencia com que se submettia a elles , vencidos de piedade , ficáram alguma cousa temperados

na

na ira, e aſſentáram de levar aquelle negocio por outros termos; e aſſim lhe reſpondêram que ſua vinda não era pera lhe tirar o que ſeu avô lhe dera, mas que, ſe foſſe neceſſario, pera lho dar, e confirmar de novo; mas que ſó o trazia a grande deſobediencia que moſtrára em ſe intitular por Rey da Perſia, ſendo elle vivo, e não querer mandar hum ſó Capitão em ſua ajuda contra os Turcos, que com tamanhos exercitos lhe tinham entrado por ſuas Provincias. Com eſtas cartas ficou Abax Mirza deſatinado, entendendo logo ſerem tudo invenções do Salmas ſeu inimigo, e aſſim logo tornou a eſcrever a ſeu Pai, que lhe déſſe licença pera mandar ſeus Embaixadores, porque determinava de moſtrar diante delle ſua innocencia, e a maldade de quem induzíra contra elle as armas paternas. ElRey lha mandou, e elle deſpedio alguns homens graves, e velhos pera repreſentarem ſuas couſas a ElRey: eſtes chegados a elle, os ouvio ſó com o Principe; elles proſtrados por terra lhe deram ſua embaixada neſta fórma: » Senhor,
» Abax Mirza teu obediente filho te man-
» da por nós humilhar a eſtes teus pés, e
» que te jura pelo Creador dos Ceos, e
» da terra, que eſtendeo eſte ar, e poz a
» terra ſobre os abyſmos, e ordenou eſſes

» Ceos

» Ceos com as eſtrellas , e eſpalhou as
» aguas de redor da terra, e o fogo ſepa-
» rou em ſua esfera , e que de nada fez
» todas as couſas viventes , e pela cabeça
» do Profeta Mafamede , por ſua mulher,
» e filhos , que já mais na culpa que lhe
» puzeram , elle nem por obra, nem por
» penſamento tem peccado contra ti , e o
» meſmo juramento fazemos nós por elle:
» e da ſua parte , e da noſſa pedimos que
» mandeis tirar devaſſas deſte caſo , e que
» caſtigueis o que tiver culpa nelle, e que
» ſeja elle o primeiro que com a cabeça
» pague tamanho erro , ſe o commetteo,
» porque deſde que ſeu avô o poz neſta
» Provincia até hoje , ſe não tem intitula-
» do ſenão por Governador da Cidade de
» Heri , o que ſe verá claramente pelas
» Proviſões, Cartas, e Mandados, que em
» os mais dos Officiaes achåram, que nun-
» ca em ſua imaginação lhe entrou inti-
» tular-ſe por Rey da Perſia , porque nem
» por da Provincia Cohoraçone o fez nun-
» ca. » Todas eſtas couſas ouvio ElRey
com muita attenção ; e reſpondeo que aſſim
o cria delle, e que ſobre iſſo ſe fariam as
diligencias neceſſarias, e vio os mandados
que Abax Mirza lhe tinha paſſado, e fez ti-
rar além diſſo grandes inquirições , e por
tudo vio ſer grande falſidade o que Salmas
lhe

lhe tinha dito; e vendo ſua malicia, e innocencia do filho, poz tudo em Conſelho dos principaes Soltões do ſeu exercito, e por todos foi Abax Mirza julgado por ſem culpa. Os Embaixadores de Abax recolhêram a ſentença pera lha levarem, foram-ſe com ella aos pés de ElRey, e lançados a elle, beijando a terra, lhe pedíram muito affincadamente que não diſſimulaſſe com aquelle negocio, e que caſtigaſſe a Salmas por caſar falſamente a Abax Mirza ſeu filho, ſó a fim de lhe fazer cortar a cabeça, por ficar o Principe ſeu genro ſenhor abſoluto de tudo, e elle depois da morte de ſua Alteza ficar governando todos aquelles Eſtados; e que pela ventura como em couſa de reinar não havia Lei, vieſſe elle ainda a aſpirar áquelle Imperio, e matar pera iſſo o Principe ſeu genro; e com iſſo o certificáram de muitas tyrannias, e maldades, que o Salmas tinha commettidas, de quem ninguem ouſou nunca accuſallo pela poſſe que tinha no Governo, e no Reino. Vendo ElRey aquellas couſas, e certificado em ſegredo de alguns que tudo era verdade, chamou os do ſeu Conſelho, e lhes deo conta de todo aquelle negocio, pedindo-lhes que nelle o aconſelhaſſem fielmente: todos lhe diſſeram, que pois Mir Salmas induzíra as armas paternas contra o ſan-

gue de ſeu proprio filho tão falſamente, tirando-o pera iſſo da Perſia em tempo que os Turcos nella hiam mettendo o pé, dando occaſião a ſe embaraçarem as couſas de feição que foſſe total a deſtruição daquelle Imperio, que muito juſto era tiveſſe o caſtigo, que elle pertendia deſſem a ſeu filho Abax, que ſó acháram culpado nos caſos que falſamente lhe punha. Com iſto mandou ElRey logo ir diante de ſi a Salmas, e lhe mandou cortar a cabeça, o que o Principe ſeu genro não tomou a mal. ElRey ſe reconciliou com o filho, a quem fez muitas honras, e agazalhados, e o confirmou naquelle Eſtado, no qual proveo de preſſa em algumas couſas, e voltou pera acudir ás da Perſia.

CAPITULO II.

De como ſabendo o Turco da ida do Xá ao Cohoraçone, mandou proſeguir na empreza da Perſia, e das couſas que nella ſuccedêram.

DEſta jornada do Cohoraçone foi logo o Turco aviſado da ida do Xá; e parecendo-lhe que por alli lhe abria Mafamede caminho pera entrar naquelle Reyno da Perſia, de que tão ſequioſo andava, não quiz perder as occaſiões que lhe o tempo offerecia; e entretanto que punha as

as mãos nesta obra, quiz, em quanto o Xá por lá se detivesse, mandar proseguir na empreza da Cidade Orravião, e segurar o caminho que vai de Cahars pera ella, como que lhe ficaria o da Tabris mais facil, e aberto, porque determinava de o mandar logo conquistar; e pera esta jornada elegeo Terat Baxa Bebel, e porfiado em suas opiniões, mas todavia de bom conselho, de idade de quarenta annos, ainda que de animo terrivel, de engenho prompto, e vivo pera casos arduos, e muito affeiçoado ao serviço de ElRey, e lhe deo por regimento que nesta jornada se não embaraçasse com outra cousa, senão na conquista de Baivan; e que nas cousas do arrenegado Manuchiar não bolisse, porque ainda que era digno de castigo pelos passados, como Barcad Mahamed, queria dissimular, e servir-se delle pera lhe levar o dinheiro pera o provimento de Tenfliz, pera o qual lhe mandou sincoenta mil cruzados, e lhe escreveo cartas honradas só por escusar ao Baxá Ferat aquella jornada.

Este Baxá partio de Constantinopla, e se passou a Calcedonia pelo caminho de Amazia, e Civás, e chegou a Erzerum, onde esperou a gente, que tinha mandado fazer por Tripoli de Suria, Damasco, Alepo, e por toda a Judea, Palestina, Baby-

lonia, Bitinia, Cappadocia, Armenia, Baçorá, e em fim por todas aquellas partes, das quaes lhe acudia muita, e muito dinheiro, e provimentos neceſſarios pera aquella jornada, e com hum exercito de cem mil cavallos partio eſte Março paſſado de Azerum, e em oito dias chegou a Cahars, guiando-o neſte caminho Maxatchão Georgiano, que de Chriſtão mudou ſciſma, tomando a Lei dos Perſas; e fugindo depois pera o Turco, tomou a ſua: daqui de Cahars paſſou a Ruivan, e tres dias antes chegou a eſta Cidade, reedificou huma Roca mui velha, e deſtroçada, a que os Turcos chamam Aſia Calaſi, e nella deixou quatrocentos ſoldados com hum ſangiaço. Eſta Cidade de Raivan eſtá junto a hum monte altiſſimo, que de contínuo ſe vé cheio de nuvens, pela fralda do qual ha grandes, e fertiliſſimos campos, por cauſa das muitas, e grandes ribeiras, que deſcem abaixo, e os retalhão, todos os quaes ſe vam metter no rio Araſe; eſtá nove jornadas de Tabris, e no caminho tem Naincan, Chizifal, Maraut, e Sufian, lugares todos fortes por terem caminhos, e paſſos mui difficultoſos, e aſperos pera exercitos. Tem a Cidade de Raivan da banda do Norte a de Tenflis, e pela banda do Sul os campos Calderanes,

e mais aſſima pera o Tropico a Aban. Como logo Marciano Tocomac, Capitão de Raivan, vendo a grandeza do exercito dos Turcos, mandou recado a Simirchão, Governador de Tabris, pera que lhe ſoccorreſſe, e o meſmo fez a Semaomber, e outros potentados da Georgia; mas de nenhuma parte lhe acudíram, porque andavam todos occupados na defensão, e nos paſſos, e caminhos de Teflis, porque lhe não metteſſem os Turcos ſoccorro. Cuidando que o Baxá deſpediſſe logo gente a iſſo, alguns tiverão pera ſi que o Limurchão, que eſtava em Tabris, fora peitado do Baxá, pera que ſe não boliſſe, nem ſe impediſſe a obra da fortificação, que pertendia fazer em Raivan. Vendo-ſe Tocomac naquelle eſtado, e que faltavão os ſoccorros, que ſempre eſperou, houve por melhor conſelho deſpejar a Cidade, e deixar nella ſó a gente inutil, e elle com toda a de guerra deixar-ſe andar no campo pera inquietar os inimigos. O Baxá tanto que chegou a Raivan, tratou logo do Forte, que o Turco lhe mandava fazer, no qual logo começou a pôr as mãos, e edificou nos jardins que Tocomac tinha de fóra do muro, e em quinze dias levantou os muros, e baluartes em altura defenſavel. Tocomac como andava com a gente li-

ligeira , deo-lhes alguns toques , em que lhe matou muitos Turcos. E por ſem dúvida ſe tem que ſe lhe mandáram os ſoccorros que pedio , que ſempre alcançára huma grão victoria, porque era muito grande Cavalleiro. O Baxá como tinha os muros á roda em boa altura , mandou em meio alevantar huma fermoſa , e alta torre pera della deſcubrir as montanhas , e ao redor da Fortaleza mandou abrir huma grande, e funda cava, a qual encheo com agua daquelles rios, de que abrio hum braço pera ella ; e como teve acabado tudo, poz nella por Capitão a Sinão Baxá filho de Sagal , deixando-lhe as guarnições baſtantes de artilheria , mantimentos , munições; e levantando o exercito, voltou pelo meſmo caminho a Cahars, onde deixou o Cembel com oito mil ſoldados , e muitos provimentos, e ordens pera cada anno irem de trezentos em trezentos receberem ſuas pagas a Erzerum , a Alepo, e outras Cidades da Suria, por não aguardarem pelos ſoccorros como Sirão ; e antes que ſe levantaſſe de ſobre aquella Fortaleza, deſpedio huma companhia de ſoldados com os ſincoenta mil cruzados que o Turco mandava pera o arrenegado Manuchiar levar a Teflis, e lhe eſcreveo ſobre iſſo cartas honradas , affirmando-lhe que por alli

po-

podia tornar á graça do Turco. Dado este dinheiro ao Manuchiar, desejoso de se soldar com o Turco, se poz logo no caminho de Teflis com quinhentos soldados de guarda; mas como Deos nosso Senhor tinha determinado outra cousa delle, ordenou que neste caminho se encontrasse o Asemahombec seu cunhado, o qual sabendo delle ao que hia, o reprehendia, e reprehendeo gravissimamente de deixar a Fé de Christo, em que nascêra elle, e seus avós, pela malvada, e falsa seita de Mafamede: que lhe pedia, e rogava muito pelo amor, e parentesco que com elle tinha, quizesse cahir no erro que tinha commettido, e deixasse aquella infame servidão, em que andava do Turco Amurates, da qual por fim de padecer infinitos trabalhos, e cuidados, não colheria outro fruto que hum aspero cativeiro, e pela ventura huma desordenada morte, a qual elle por fim de tudo vinha a dar aos seus mais valídos, e que mais honras lhe mereciam: e que por fim de tudo lhe lembrava a fé que tinha dado a ElRey da Persia; e antes de se elle partir pera a Cohoraçone, de se ajuntarem ambos contra o Turco, e lhe defenderem os passos por suas terras, e que não quizesse ficar tido por fementido entre todos os Georgianos, e Persas. Com tão ef-

fi-

ficazes palavras lhe disse o Asemechon estas cousas que de todo o envergonháram; e cahindo no erro que tinha feito, o certificou ao cunhado com mostras de muito grande arrependimento; e tomando os criados do Turco, que lhe trouxeram o dinheiro, a todos cortou as cabeças; e ajuntando-se com o Asemechon (além do parentesco) juráram de novo huma perpétua paz, e confederação contra o Turco, tratando logo alli de tornarem aos passos acostumados, e a lhe defenderem tudo o que pudessem os soccorros de seus fortes.

O Baxá Ferat chegando a Erzerum, foi avisado de tudo, e em extremo sentio aquelle negocio pelo trabalho que receava a Teflis pela falta de provimentos; pelo que lhe foi forçado despedir Azem Baxá com quinze mil cavallos escolhidos, e lhe deo quarenta mil cruzados, pera que os levasse a Teflis; e porque fossem mais ligeiros, e afforrados, repartio pelos soldados a quantidade de trigo que cada hum em seu cavallo podia levar pera metter em Teflis: este soccorro em quinze dias foi, e tornou de Teflis, tendo de passagem alguns recontros com os Georgianos, nos quaes morrêram alguns Turcos. Apôs este soccorro despedio o Baxá a Resuan com seis mil soldados pera irem destruir as terras

ras

ras de Manuchiar, o qual pelas achar desſpejadas, fez nellas alguns roubos, e damnos, e com iſto ſe recolheo. ElRey Codabanda da Perſia foi logo aviſado de todas eſtas couſas por correios mui apreſſados; e largando tudo, voltou pera ſeu Reyno. E chegando a Caabriz, deteve o exercito, e mandou fazer mais gente por todas as Provincias, e eſcreveo a ſeus Governadores que ſob pena de morte ſe foſſem juntar logo com elle a Tabris; e dando-ſe todos a preſſa, ajuntáram hum bom exercito, do qual Ferat Baxá, que eſtava ainda em Erzerum, foi logo aviſado, e deſpedio correios ao Turco com cartas, em que lhe mandava dizer, que ainda que eſtava determinado de paſſar a Naſſajun pera edificar hum Forte, por ſer aſſim neceſſario pera a jornada de Tabris, que ſobreſtava no negocio, por ſaber de certo que o Xá havia de peleijar com elle, o que elle não queria fazer ſem ſeu recado. O Turco lhe reſpondeo que não entendeſſe por então em mais que em ſegurar o paſſo de Thomaniz, e Delori, pera que não foſſe neceſſario o anno ſeguinte mandar novo exercito pera ſoccorrer aquellas praças, ſenão que ficaſſem em eſtado de o fazer com qualquer pouco cabedal. Com iſto deſiſtio o Baxá da empreza de Nacivan,

van, do que o Xá foi avisado, e desfez o exercito; e porque achou Ermichon, Capitão de Tabris, culpado nas cousas dos Turcos, podendo com os Turquimães defender-lhe a obra de Raivan, mandou-lhe arrancar os olhos, e o condemnou em perdimento de bens, e fez Capitão dos Turquimães a Alegulichão, que era mortal inimigo de todos, com o que elles se amotináram, e assim deixaremos as cousas da Persia até tornarmos a ella.

CAPITULO III.

De como os moradores das Aldeias de Cucolí, e Salsete matáram o Padre Rodolfo Aquaviva, e outros quatro Companheiros, e a razão porque.

COmo os Padres da Companhia de Jesus, verdadeiros agricultores do Ceo, andavam espalhados pela India pera romperem matos marinhos, e estereis, e cortarem todos os espinhos, e cardos das idolatrias, cujo fruto havia tantas centenas de annos não era outro que morte, e perdição; e como as Aldeias de Salsete, que são sessenta e seis, tão vizinhas á Ilha de Goa, que erão do Estado da India, estavam ainda por cultivar, querendo dispôr por todas el-

ellas a planta Evangelica, que désse fruto de vida, puzeram mãos á obra pelos annos do Senhor 1559. aonde com muito trabalho de corpo, e espirito começáram a cortar, e dissipar o mato bravo, de que todos aquelles campos estavam cubertos, achando pera isso grandes inconvenientes, e impedimentos em os naturaes, mas grandes favores em todos os Viso-Reys, e Governadores da India, principalmente em D. Antão de Noronha, que por acudir ás affrontas que os Padres recebiam naquella santa obra, favoreceo-os, e ajudou-os com o gladio temporal, castigando os culpados, e pondo-lhes por terra mais de duzentos Pagodes, como melhor se verá na Decada VIII. onde cabe o tempo deste Viso-Rei; e com este castigo, e affronta de sua Religião ficáram sempre os naturaes tendo grande odio aos Padres; e ainda lhe cobráram maior, depois que víram multiplicar tanto a semente Evangelica, e alevantar em as mais de suas Aldeias templos ao verdadeiro Deos, e seus filhos, e netos, e parentes entrarem cada dia na manada dos Catholicos, sem lho elles poderem estorvar: ainda os escandalizou mais cuidarem que o castigo que o Conde D. Francisco Mascarenhas (como atrás dissemos) lhe nascêra dos Padres, o que lhes fez accrescen-

centar odio a odio , com o qual andavam efpreitando occafião pera fe poderem fatiffazer nelles , a qual lhe o tempo logo offereceo por efta maneira.

Eftava nefte tempo por Reitor das terras de Salfete o Padre Rodolfo Aquaviva Napolitano , filho do Duque d'Arria , fobrinho de Claudio Aquaviva , Geral de toda a Companhia , o qual havia pouco tinha vindo das terras do Grão Mogor , varão de vida exemplar , e de grande humildade , com a qual não fó a Chriftãos , mas ainda a Mouros , e Gentios tinha admirado ; porque todo aquelle tempo que andou na Corte do Mogor affim refplandeceo o cheiro de fuas virtudes (de que fempre foi riquiffimo) que vindo della contra fua vontade , por cumprir com a obediencia , deixou em todos aquelles Mogores tamanhas faudades , que quando lhes chegou a nova da fua morte , affim foi fentida , que fe víram no Hecbar publicos affectos de fentimento : em fim , como hiamos dizendo , eftando efte varão por Reitor em Salfete , defejava muito de trazer á manada de Chrifto as finco Aldeias de Cuculí , que eftavam ainda bravias ; e praticando com os Padres , que tinha por companheiros , o modo que nifto teria , affentou-fe que as foffem vifitar de paffagem , e notaffem o fitio em que fe

po-

poderia levantar Templo, e que logo tomasse posse dellas por Christo, abalizando-as com o marco da nossa redempção. Andando nestes santos propositos, succedeo virem alguns Gentios daquellas Aldeias pedir aos Padres que quizessem ir a ellas a fazer humas amizades entre dous principaes, que estavam em odio mortalissimo, por cuja causa todas as Aldeias andavam em revoltas, e postas em bandos. Isto acceitáram os Padres com muito gosto, tendo pera si que Deos lhes offerecia aquella occasião, pera o que tanto desejavam; e pondo-se o Padre Rodolfo a caminho, levou comsigo quatro companheiros, que eram o Padre Francisco Pacheco, pai dos Christãos daquellas Aldeias, Francisco Aranha, sobrinho de D. Gaspar, e primeiro Arcebispo de Goa, e em sua companhia foram o Escrivão da Fortaleza de Rachol com dous Portuguezes, e alguns Christãos da terra. Chegados á Aldeia Couri, cabeça daquellas, foram muito festejados dos Gentios, a cujo rogo hiam, que os agazalháram em huma ramada, que pera isso tinham feito. Aqui acudíram logo muitos moradores pera verem fazer aquellas amizades; e em quanto huma das partes tardou, praticáram os Padres entre si daquelles desejos com que andavam, e notáram hum

hum lugar pera alevantarem huma Cruz. Esta prática foi entendida de alguns; e sahindo-se dalli com muita pressa, deram rebate na Aldeia daquelle negocio; e hum delles, que era havido por grande feiticeiro, soltando os cabellos, começou a persuadir a todos que acudissem pela honra de seus Pagodes, e que tomassem vingança nos Padres, que foram causa daquellas affrontas, chamando a grandes vozes pelos idolos, bramindo, e excitando a todos com tal vehemencia, que se lhes chegáram muitos, e tomáram as armas pera irem dar nos Padres, seguindo todos aquelle feiticeiro, que com os cabellos espalhados pelos hombros hia adiante saltando, e esbravejando. Disto forão os Padres avisados, e pareceo-lhes bem tornarem-se a recolher, e assim o foram fazendo, e no caminho encontráram com esta caterva infernal, que em vendo os Padres, remettêram a elles com huma furia temeraria. O Padre Pacheco, que sabia a lingua, adiantou-se com os braços abertos, como que os queria abraçar por amizade, dizendo-lhes que se aquietassem, e não receassem perturbação, nem novidade alguma; mas elles como hiam damnados, sem escutarem razões, lhes respondêram com as armas; e achando mais perto o Padre Rodolfo com aquella modes-

tia

tia que ſempre teve , lhe deram hum golpe pelas pernas , de que logo cahio ; e pondo-ſe de joelhos , com os olhos no Ceo , e as mãos alevantadas , inclinou o peſcoço , no qual lhe deram dous façanhoſos golpes , e por hum hombro hum que lhe derrubáram o braço todo , e finalmente lhe atraveſſáram o peito com huma aguda ſetta , que elle ſentio bem pouco , porque eſtava ſua alma já levantada ſobre eſſes Ceos ; os mais deram em os outros Padres tantos golpes , e feridas , que rendêram logo os eſpiritos a Deos noſſo Senhor ; ſó o Irmão Franciſco Aranha ficou cahido , e eſtirado no chão com hum terrivel golpe pelo peſcoço , e os peitos atraveſſados com hum agudo dardo , ainda vivo , mas havido de todos por morto. E não perdoando eſtes barbaros carniceiros a peſſoa viva , matáram todos os mais da companhia , ſó hum Portuguez eſcapou pelo eſconder hum daquelles Gentios ſeu amigo. Feito iſto , tomáram aquelles innocentes corpos dos Padres , e os leváram a raſtos até hum poço que alli eſtava , e os lançáram dentro. O Irmão Aranha , que ainda eſtava vivo , de quem elles ſe deſcuidáram , vendo os barbaros occupados naquella carniceria , foi-ſe em gatinhas recolhendo pera hum mato , que alli eſtava perto , e nelle ſe embrenhou.

Vin-

Vindo aquelles ferozes algozes de dar aquella ſepultura aos Padres, parece que foram aviſados como o Irmão Aranha ſe fora recolhendo pera aquella parte; e não querendo que lhe eſcapaſſe, o foram buſcar, e trouxeram á porta de hum Pagode, e alli amarrado a huma arvore lhe offerecêram, e lhe perſuadíram que adoraſſe ſeu Idolo: o Irmão Aranha reſpondeo muito conſtante, que não era tão bruto que adoraſſe páos, e pedras, como elles faziam, de que elles tomados o aſſettiáram como a outro Sebaſtião, e ſua bemaventurada alma banhada no freſco, e innocente ſangue foi dalli receber a coroa do martyrio em companhia dos mais. Succedeo iſto aos 15 de Julho deſte anno de 1583. em que andamos, no meſmo dia, em que doze annos antes foram pelos hereges mortos os Padres Ignacio de Azevedo, e ſeus 39 companheiros, indo pera o Brazil, pelo que he eſte dia mui celebrado em toda a Companhia.

As novas da morte deſtes Padres chegáram logo a Goa, e com elles ſe alvoroçou todo o povo, com deſejos de irem tomar ſatisfação dellas, movidos da grande caridade, e amor de Deos, por ſer aquillo feito em offenſa ſua; mas o Conde D. Franciſco Maſcarenhas lhes foi á mão, por ſerem já os aggreſſores paſſados pera as

ter-

terras dos Idalxás, dizendo que as cousas tinham tempo, e que elle o buscaria, em que tomasse a vingança delles igual a tão barbara maldade.

CAPITULO IV.

Do que mais aconteceo em Barcelor: e da guerra que André Furtado fez aos Chatins: e dos navios que o Conde em Agosto despedio pera o Malavar: e de como D. Jeronymo Mascarenhas partio pera Malaca com huma Armada.

TOrnemos a André Furtado, que deixámos em Barcelor, porque he necessario continuarmos com elle. Atrás dissemos como o Conde Viso-Rey lhe mandou mais dous navios, cujos Capitães eram Francisco Ferreira da Silva, e Gaspar Fagundes. Chegados elles a Barcelor, armou André Furtado sinco calamutes, duas manchuas, e outras tantas almadias, com o que andou todo este inverno por aquelles mares destruindo, queimando, e cortando todas as povoações dos Chatins: e hum dia foi commetter a Ilha, que chamam a Grande, na qual elles tinham feito tranqueiras, e vallos, porque tinham alli muitas fazendas; e huma madrugada mandou desembar-

car nella Affonso Ferreira da Silva, deixando-se elle ficar na sua manchua em guarda dos navios. Affonso Ferreira teve com os inimigos huma aspera briga, porque acudíram muitos delles a lhe defenderem a desembarcação; mas os nossos apertáram com elles, que com morte de muitos os leváram de vencida por toda a Ilha, até os metterem por huma ponta que passa á outra, e ao passar della fizeram os nossos nelles hum grande estrago; e ficando a Ilha deserta, a mettêram a ferro, e a fogo, sem deixarem cousa em pé, em que ficáram dos nossos alguns feridos, e dous mortos, hum em terra, e outro na manchua do Capitão Mór, de huma espingardada. Passado isto, lhe mandou dar duas vezes em Barcelor de cima; e junto do Pagode, antes de chegar á Cidade, lhe queimáram todas as povoações que por alli havia, e lhe cortáram hum bom numero de palmeiras; e em hum passo estreito, aonde elles tinham hum berço de metal pera defenderem a passagem, desembarcou André Furtado com a gente da sua manchua, e lho tomou em fim, que cada dia lhe dava assaltos, e lhe fazia tantos damnos, e destruições por todas as partes, que os obrigou a lhe pedirem pazes, que lhe elle não concedeo, por não ter ordem do Viso-Rey; e

sen-

ſendo já alguns dias de Agoſto, tanto que o tempo lhe deo lugar, ſahio pela barra fóra com ſinco navios muito bem concertados, e com elles andou por aquella Coſta, eſperando huma náo dos Chatins, que ſe eſperava vir de Meca, a qual parece que adivinhou o tempo, e ſe foi a Ormuz, onde pagou os direitos livremente, por ſe não ſaber ainda lá da guerra. O Viſo-Rey foi aviſado por cartas ſuas de todas as couſas ſuccedidas naquelle inverno, e de como ficava na Coſta com os navios; pelo que ordenou logo nove, de que eram Capitães Simão Moniz da Camera, Jorge da Silva, Luiz Gonſalves Magno, D. João Rolim, Luiz Figueira de Azevedo, Martim Moniz, D. Franciſco Tello, D. João Pereira, Thomé Vaz, e lhe mandou que foſſem ajuntar-ſe com André Furtado pera andarem com elle até chegar D. Gilianes, que havia de ir por Capitão Mór. Partidos eſtes navios, que foi na entrada de Setembro, ficou o Viſo-Rey entendendo nas couſas de Malaca, porque pela derradeira náo que della chegou teve as novas da perdição da náo de Simão Ferreira, e do que tinha ſuccedido a Rajale com o Capitão de Malaca ſobre a entrega da fazenda, e da artilheria; e pondo eſtas couſas em Conſelho, aſſentou-ſe que ſe mandaſſe hu-

ma Armada poſſante , aſſim pera o Rajale fazer razão de ſi , como a viſſe, como pera enfrear o Achem, por haver novas que fazia a ſua Armada preſtes ſem ſaber pera onde ; e com iſto ter ElRey eſcrito nas náos paſſadas que fora aviſado que em Inglaterra ſe faziam algumas náos preſtes pera paſſarem á India : que mandaſſe huma boa Armada áquellas partes ; e que paſſando lá eſtas náos , as buſcaſſem , e enſacaſſem. Aſſentado iſto , elegeo o Conde por Capitão Mór deſta Armada a ſeu ſobrinho D. Jeronymo Maſcarenhas , e lhe nomeou tres Galeões, huma Galé , e quatro Galeotas, que tudo eſtava já preſtes no inverno, e começou a pagar á gente pera eſta Armada. Deſta eleição ſe aggravou Sebaſtião de Rezende , que tinha arribado em Abril (como atrás diſſemos) dizendo que elle eſtava eleito , e com os gaſtos feitos pera aquella jornada , e que ſe lhe não podia tirar , ſobre o que não foi ouvido : depois nos diſſeram que em Portugal demandára o Conde ſobre eſte negocio , requerendolhe os gaſtos das peças , e outras couſas.

Em fim , nomeado D. Jeronymo Maſcarenhas , o fez com elle o Conde os Capitães que havia de levar , que foram eſtes : João Furtado de Mendoça no Galeão Santa Catharina , João Rodrigues Coutinho na

Ga-

Galeaça Sant-Iago, e o Capitão Mór na náo Santo Antonio, Pedro Homem Pereira na Galé, e Lopo de Atouguia, João Rodrigues Coutinho, Vaſco da Silva, Sebaſtião Bugalho, Paulo Coutinho nas Galeotas, e pera eſta jornada ſe pagáram a alguns trezentos homens. O Conde deſpachou o Embaixador do Rajale pera ir com D. Jeronymo, e lhe confirmou as pazes, que lhe D. João da Gama tinha feitas, cujos mais ſubſtanciaes pontos eram, que não ſeria amigo do Achem, nem recolheria os Chincheos em ſeu porto; e lhe accreſcentou o Conde mais, que tornaria a fazenda, e artilheria da náo de Simão Ferreira. Eſta Armada ſe fez á véla de vinte de Setembro por diante, e com ella continuaremos em ſeu lugar, e primeiro partio o Galeão, de que era Capitão Fernão Botto Machado pera Maluco, o qual tinha invernado em Angediva, como atrás fica dito.

CA-

CAPITULO V.

Da Armada que este anno de 583. partio do Reyno, na qual ElRey proveo o Arcebispado da India: e do novo contrato que se fez das náos com Manoel Caldeira: e de como D. Gilianes Mascarenhas foi por Capitão Mór ao Malavar: e do que aconteceo a André Furtado até elle chegar.

VEndo ElRey D. Filippe as cousas da India tão quietas, tratou muito de proposito de prover em todas ellas, querendo imitar aos Reys seus predecessores, que sempre (como muitas vezes dissemos) continuáram nesta conquista do Oriente com os dous gladios espiritual, e temporal, com os quaes se abríram aquelles primeiros alicerses. Tendo cartas de como era falecido o Arcebispo de Goa D. Fr. Henrique de Tavora, determinou de a prover de outro Prelado, e apresentou pera isso ao Summo Pontifice a Fr. Vicente da Fonseca da Ordem dos Prégadores, hum dos melhores de seu tempo, pelo que lhe era muito acceito; e vindo-lhe suas letras Apostolicas, o mandou ElRey embarcar com muitas honras, mercês, e mimos na Armada deste anno, que se negociava por novo

con-

contrato que ElRey della mandou fazer com Manoel Caldeira, removendo o que eſtava feito com Luiz Ceſar por juſtos reſpeitos que pera iſſo teve, pelo qual novo contrato ſe obrigou Manoel Caldeira a mandar todos os annos á India ſinco náos, e que ElRey ſeria obrigado a lhe dar cada anno mortos oitenta mil cruzados pera a fabrica das náos; e que elle Manoel Caldeira poderia nomear cada anno huma peſſoa pera Capitão de huma das náos, e eſtes oitenta mil cruzados a dezeſeis mil cruzados por cada hum; e que lhe fazia ElRey mercê de huma Capitanía Mór da Carreira da India pera caſamento de huma filha, a qual depois caſou com Luiz Mendes de Vaſconcellos, filho de Joanne Mendes de Eſporan, que foi caſado com Dona Anna, filha de D. Antonio de Ataíde, Conde da Caſtanheira. E como foi tempo, poz Manoel Caldeira as náos de verga d'alto, e de vinte de Março por diante ſe fizeram á véla, indo por Capitão Mór Antonio de Mello Craſto na náo S. Filippe, em que o anno paſſado tinha arribado: as mais náos eram o Salvador, Capitão Eſtevão Alvares, na qual ſe embarcou o Arcebiſpo D. Fr. Vicente, a náo Sant-Iago, Capitão Fernão da Veiga, em S. Franciſco João de Trigueiros, em S. Lou-

ren-

renço Balthazar Marcos, que vinha pera ſervir nella, Ruy Gonſalves da Camera, hia mais o Galeão Sant-Iago pera Malaca, de que era Capitão Manoel de Medeiros. Eſte anno deſpachou ElRey muitos homens, e mandou algum dinheiro ao Conde D. Franciſco pera ajuda das deſpezas do Eſtado: eſtas náos tiveram boa viagem, tomou Cochim, as mais foram a Goa por todo o Setembro: S. Salvador, em que vinha o Arcebiſpo, deſgarrou a barra de Goa, e foi ao Cabo de Rama abaixo ſinco leguas, onde eſteve muitos dias ſurta por cauſa dos tempos contrarios, e o Conde lhe mandou as Galés pera a revocarem. Chegadas as náos, e feſtejadas á ſaude de ElRey, logo o Conde deſpachou João Correa de Brito pera ir entrar na Capitanía de Columbo, e Ceilão, da qual era provído, e foi embarcado no Galeão dos provimentos, de que era Capitão Antonio de Brito do braço cortado. Feito iſto, entendeo no deſpacho da Armada, que havia de ir ao Malavar, da qual eſtava nomeado por Capitão Mór D. Gilianes Maſcarenhas; e tanta preſſa lhe deo, que aos 20 de Outubro o deitou pela barra fóra: levava duas Galés, e elle em huma, e D. Manoel de Menezes, filho de D. Pedro de Menezes o Ruivo na outra, e vinte navios de remo, de que eram

Ca-

Capitáes Antonio de Azevedo, D. Jeronymo de Azevedo, D. Francisco de Menezes, irmão de D. Manoel assima, D. João Rolim, Diogo Corvo, D. Jorge da Gama, filho do Conde da Vidigueira, D. Vasco da Gama, que este anno tinha vindo do Reyno com mil pardaos de tença cada anno pera seu entretenimento, Manoel do Carvalhal, Tristão Vaz da Veiga, Belchior Bungel, Antonio de Lemos, Pedro da Fronteira, Francisco Fernandes Arel, Francisco Fernandes Moricale, Pedro Rodrigues, todos tres Malavares, Manoel Caldeira, Pedro Gonsalves, Pedro Garcia, Belchior Vaz, Estevão Gonsalves, Antonio Pires, Pedro Rodrigues, e outros: e porque os Chatins de Barcelor tinham mandado pedir ao Viso-Rey pazes com muita instancia, commettendo partidos honrosos, lhas concedeo, e deo por regimento que lá as acabasse de assentar com elles, e as jurasse.

Entre tanto que D. Gileanes não chegou ao Malavar, daremos razão das cousas que succedêram a André Furtado de Mendoça.

Atrás dissemos como em Agosto partíra de Barcelor, e andára por aquella Costa esperando huma náo dos Chatins, que havia de vir de Meca. Andando naquella paragem, chegáram a elle os nove navios que

o

o Viso-Rey lhe mandou diante perá se ajuntarem a elle até chegar D. Gileanes, e com elles se passou logo á Costa do Malavar, e por ella se deixou andar com grande vigia sobre seus portos, porque não sahissem cossarios a roubar. Andando por ella, lhe deram huma carta de D. Jorge de Menezes Baroche, Capitão de Cochim, em que o avisava de serem passados ao Cabo de Comorim oito, ou nove navios de Malavares ao cheiro de hum junco da China muito rico, que por falta de tempo foi invernar a Negapatão, pelo qual se esperava por todo o mez de Outubro. Com estas novas se passou logo ao Cabo de Comorim, tomando de passagem Cochim pera se prover das cousas de que hia falto; e chegando ao Cabo, não achando alli novas de paraos, passou-se a Toutocorim, que lhe pareceo que os paraos seriam passados da outra banda dos baixos pera esperarem o junco; e tomando parecer com os Pilotos sobre o passar os baixos á outra banda pera ir ensacar os paraos, achou contradicção nelles, affirmando-lhe que era muito tarde, e que lhe podia acontecer algum desastre: pelo que se deixou andar por aquella paragem, assim porque se os paraos tomassem o junco, haviam de voltar por alli com as fazendas, e forçado lhes

ha-

haviam de cahir em as mãos, como pera recolher alguns navios de Bengala, e de toda a Costa de S. Thomé, que naquelle tempo haviam de vir pera Cochim; e andando aqui, teve por novas que junto do Cabo andava hum navio de Malavares esperando prezas: indo-o buscar, espalhou os seus navios ao mar, e á terra por lhe não escapar; e andando dous delles Capitães D. João Rolim, e Diogo Corvo com outros em huma paragem, amanhecêram estes dous com o parao, estando surto: o navio de D. João Rolim acertou de ficar com a véla virada no bordo em que o parao hia; e tanto que vio os nossos navios, cortou a amarra, e deo á véla; e foi tão ditoso que o alcançou, e lhe poz a proa assim á véla, lançando-lhe logo algumas panellas de polvora, e apôs ellas alguns soldados, que em breve espaço axoráram o navio, matando alguns Mouros, e lançando os mais ao mar. A este tempo chegou Diogo Corvo, que já não havia mais que a pescaria do mar, tomou ainda vinte e tantos vivos, e tomando o navio, foram demandar André Furtado, que o festejou muito; e depois de recolher toda a cafila, e ter por certeza que os paraos eram recolhidos, voltou pera Cochim, onde deixou todos os navios dos Mercadores, e com os

seus

ſeus da Armada foi buſcar D. Gileànes, que já andava na Coſta do Malavar.

CAPITULO VI.

De como Soltão Almodafar Rey de Cambaya, que o Mogor trazia prezo, fugio, e tornou a conquiſtar aquelle Reyno: e de como o Conde D. Franciſco mandou Fernão de Miranda com huma Armada á enſeada de Cambaya, e do que lhe ſuccedeo.

NA Decada IX. ſe verá como o Timitichão, Governador de Cambaya, entregou aquelle Reyno ao Hecbar Rey dos Mogores, e como elle caſtigou ElRey Almodafar, e o entregou a hum de ſeus Capitães. Eſte Rey cativo andou na Corte do Mogor em poder daquelle Capitão até eſte tempo em que andamos, que ſeria derredor de dez annos, em que as couſas de Cambaya ſe ſeguráram tanto, que com não haver naquelle Imperio mais de trezentos Mogores, aſſim eram temidos, e reſpeitados, como ſe foram trezentos mil, por não haver hum ſó Capitão daquelles antigos vivo, e os naturaes ſerem quaſi mulheres na affeminação, e pouco animo. Succedeo o anno paſſado de 582. alevanta-

tarem-ſe alguns eſtados, que o Mogor tinha nas partes de Bengala, a que o Hecbar mandou acudir por aquelle Capitão, que trazia o Rey de Cambaya, que foi áquelle negocio com hum groſſo exercito, levando aquelle Rey comſigo, o qual parece que neſta jornada teve alguma communicação com humas mulheres do Capitão, as quaes lhe deram favor pera fugir, e aſſim deſappareceo huma noite em trages mudados: e por caminhos differentes, ſempre embrenhado, e com muito riſco de ſua peſſoa, foi ter ao ſeu Reyno de Cambaya, e na Cidade de Cambarate ſe recolheo em caſa de hum Baneane de quem ſe fiou, o qual o teve em tanto ſegredo, que em hum mez que alli eſteve não foi viſto, nem conhecido de outra peſſoa; e por ordem do meſmo Baneane, que o acompanhou, ſe paſſou áquella Coſta do rio, e chegou á terra do Jambo, que foi hum dos Capitães que nas revoltas de Cambaya ſe alevantou com o que poſſuia, e governava como já diſſemos; e dando-ſe-lhe a conhecer, foi delle recebido, e tratado como herdeiro de hum tamanho Imperio, de quem elle era vaſſallo, conſolando-o, e promettendo-lhe de o favorecer até o metter de poſſe do Reyno, e carteando-ſe com o Amicham, filho de Tar-

ta-

tachão, ſenhor de Junagor, e da Coſta de Dio; e como Rey de Cache, de quem já nas outras Decadas démos razão, lhe fez a ſaber da vinda daquelle Principe, e o mandáram viſitar com preſentes, e grandes offerecimentos, concertando-ſe ElRey com elle, e lhe deo huma filha por mulher, a qual elle acceitou por não ficar de todo deſapegado em poder daquelles tyrannos, que ſe tinham alevantado com o que era ſeu, e por ter já aquelle recolhimento ſeguro pera ſua peſſoa; e depois de fazerem ſeus deſpoſorios com grandes feſtas, tratáram todos de o irem metter de poſſe do Reyno de Cambaya, viſto eſtarem as couſas todas diſpoſtas pera então o fazerem com menos cabedal que em outro tempo; e formando ſeus exercitos, em que havia mais de trinta mil cavallos, tomando o Almodafar comſigo com muita veneração, entráram com elle pelo Reyno de Cambaya, e o mettêram de poſſe da mór parte de ſuas Cidades, e Villas ſem golpe de eſpada, e foram cercar o Cotubicham ſenhor de Baroche em Veredora, e lhe deram tão aſperos combates que o chegáram a eſtado de o commetter com partidos, ao que ElRey Almodafar deo orelhas, e chegáram a ſe concluirem, com condição que ſe ſahiſſem todos com ſó ſuas

peſ-

pessoas, pera o que lhe passou seguros, debaixo dos quaes lhe entregáram a Cidade; e querendo ElRey começar a fazer o que fez o Hecbar aos Capitães de Cambaya, tanto que houve Cotubidichão ás mãos, mandou-lhe cortar a cabeça, e o mesmo fez a todos os Capitães que com elle estavam; e deixando alli em Veredora guarnições, passáram-se a Baroche, onde estavam os filhos, e mulher do Cotubidichão, e lhe puzeram muito apertado cerco; mas por a Cidade ser muito forte, os de dentro lha defendêram muito bem. Estas cousas chegáram logo ao Viso-Rey; e porque era negocio de muita importancia, o poz em Conselho, e assentáram que era necessario ir-se elle em pessoa ao Norte, e deixar-se estar em huma daquellas Fortalezas até ver em que paravam as cousas de Cambaya, porque poderia ser occasionaria o tempo conjunção pera poder lançar mão de Surrate a pouco custo, porque naquelles tumultos sempre haviam de ficar alguns postigos abertos por onde se pudesse metter hum pé em qualquer daquellas Fortalezas, porque ás vezes he certo o rifão, *Rio turvo proveito de pescadores*; e que além de importar muito aquelle porto, seria muito necessario pera segurança das terras de Damão; e se o Mogor tornas-

naſſe a voltar, ſendo a Fortaleza de Surrate do Eſtado da India, ficariam ſempre tendo-lhe com ella hum pé no peſcoço. Aſſentado iſto, deſpedio o Viſo-Rey Fernão de Miranda com doze navios pera ſe ir metter na enſeada de Cambaya, e ver aquellas couſas, e em que paravão, pera que ſe o tempo lhe offereceſſe alguma occaſião, não ſe perder á mingua. Fernão de Miranda ſe fez logo á véla em 28. de Outubro, e os Capitães que o acompanháram foram Antonio de Azevedo, D. João de Craſto, Coſme de Lafetar, Gonſalo de Souſa, Fernão de Macedo, D. Jorge de Almada, Antonio de Lima, Luiz Falcão, Ignacio Nunes, Balthazar Gonſalves; e ſem ſe embaraçarem com couſa alguma, chegáram á enſeada a tempo que ElRey Almodafar tinha a Cidade de Baroche em muito aperto, e logo deitou Fernão de Miranda em terra algumas peſſoas de confiança, enſaiadas do que haviam de fazer. Eſtas começáram por ſua parte ter algumas intelligencias, aſſim com ElRey, como com a mulher, e filhos do Cutubidichão, fazendo-lhes crer que era alli chegado com aquella Armada em ſeu favor, offerecendoſe a ElRey pera o ajudar, e á mulher, e filhos do Cutubidichão pera os favorecer, ajudar, e ſalvar, quando foſſe neceſſario;

e de maneira ſoube tecer iſto, que com todos lhe ficou o lanço formoſo, e todos lhe ficáram agradecendo ſeus offerecimentos, e aſſim ſe deixou ficar defronte de Baroche com grandes eſpias em terra, porque o aviſaſſem de tudo o que ſuccedia, indo ElRey continuando o cerco com muita preſſa; porque bem entendia que como chegaſſem as novas ao Mogor, havia de voltar, e aſſim os deixaremos até ſeu tempo.

CAPITULO VII.

Das alterações que houve no Reyno de Idalxá: e de como alguns Capitães tratáram de metter Coſuchão de poſſe daquelle Reyno: e do que ſobre iſto fez o Conde D. Franciſco Maſcarenhas: e de como partio pera o Norte: e do que ſuccedeo a Fernão de Miranda.

ERa tão ſoberano o governo de Lavarchão Abexim no Reyno de Idalxá, que o não podiam ſoffrer os mais Capitães; e confederando-ſe Anel Maluco, Capitão General daquelle Reyno, Calabetechão, e Ziadaulchão, tratáram de metter no Reyno a Coſuchão filho de Miliachão, que eſtava em Goa, e lançarem fóra hum

Rey tão fraco, que consentia a soberanidade de hum Abexim, sendo elles Capitães naturaes de tamanhos merecimentos, e partes, e de mais experiencia, e ser que o Abexim; e porque isto fosse em mais segredo, tratáram estes senhores do Reyno, e Capitães delle de metterem o Cufo no Balagate escondido; e depois de alli o terem, declararem-se com todos, e metterem-no de posse do Reyno: e pera isto despedíram pessoas de muita confiança pera Goa, pelas quaes mandáram significar ao Cufo sua determinação, pedindo-lhe que trabalhasse tudo o que pudesse pera passar a Balagate escondido, pera que como o lá tivessem, sem dúvida o metteriam de posse do Reyno. Praticadas estas cousas entre estes enviados, e o Cufo, deo elle conta ao Conde Viso-Rey dellas, o qual por lhe não parecer bem aquelle modo, por haver que não poderia ter effeito, e que ficava quebrando as pazes ao Idalxá, não quiz dar licença ao Cufo, antes o entregou ao Alcaide Mór Affonso Vaz Viegas, pera que o tivesse em custodia, em quanto elle acudia ao Norte pera onde se negociava com muita pressa, dando outra muito grande ás náos que haviam de ir pera o Reyno, e escrevendo a ElRey o estado das cousas da India.

Da-

Dado despacho ás náos, foram tomar carga a Cochim, e de alli se fizeram á véla até quinze de Janeiro de 584. em que com o favor Divino agora entramos, e embarcáram-se nestas náos muitos Fidalgos, e Cavalleiros, e o Padre Nuno Rodrigues da Companhia, que levava tres Fidalgos Japões a Roma a dar a obediencia ao Summo Pontifice; e de sua chegada ao Reyno, e da jornada que fizeram por toda a Italia até se apresentarem ao Papa, não daremos relação; e quem a quizer ver, achar-se-ha escrita em Latim pelo Padre Duarte de Sande, e já impressa.

Partio tambem de Goa pera o Reyno já de vinte de Fevereiro por diante D. Francisco de Crasto, que acabára de ser Capitão em Chaul, em huma náo sua que o destruio; porque tendo tirado mais de sete mil pardaos de sua Fortaleza, não se contentando com elles, se metteo naquella náo, a qual por ir mal arrumada, e não soffrer a véla, tornou a arribar logo o primeiro dia; todas as mais náos chegáram ao Reyno a salvamento, sem lhes acontecer desastre, só a náo Salvador, indo correndo de hum temporal, lhe deo hum mar tão grosso, que lhe levou a varanda, e nella a Estevão Alvo seu Capitão com hum filho seu, e os passageiros elegêram por Capi-

tão Alexandre de Sousa, que hia alli embarcado, que acabára tambem de ser Capitão de Chaul.

E tornando ao Conde D. Francisco Mascarenhas, tanto que despachou as náos do Reyno, logo se embarcou pera o Norte, que foi pelas oitavas de Natal, e levou os navios, que se puderam ajuntar; porque como hia a modo d'Aforado, e com voz de visitar as Fortalezas, não houve paga, nem ajuntamento geral, e ainda o acompanháram de vantagem de quarenta navios de Capitães que ás suas custas os armáram.

Primeiro que o Conde se embarcasse, entregou o governo a D. Fr. Vicente Arcebispo pera com o Capitão Chanceller, e outros Deputados despacharem todas as cousas.

Foi sua pessoa embarcada na Galé bastarda, e em outra D. Pedro de Castro, irmão do Conde de Basto, e nos mais navios os Capitães seguintes: João da Silva, Pedro Lopes de Sousa, Manoel de Sousa, Ayres da Silva, Jorge Barreto, Francisco de Sousa Rolim, João de Faria Secretario, Sebastião Barbosa Ouvidor Geral, João Mendes Pestana, Manoel Vaz, Affonso Pereira Coutinho, Alberto Homem da Costa, Antonio Colaço Lobo, Domingos

gos Carvalho , João Rodrigues , D. Francisco Deça , o Licenciado Simão Borges , Martim Furtado , e outros navios de serviço.

Na barra de Goa deixou o Viso-Rey dous navios pera sua guarda , de que eram Capitães Diogo Rodrigues Froes , que ficava por Cabeça , e Sebastião Coelho ; e porque ficavam ainda em Goa muitos navios , despedio o Conde de caminho Pedro Lopes de Sousa com outros finco pera os ir recolher , porque havia novas de Cossarios , e elle foi seguindo sua derrota , Pedro Lopes de Sousa com outros finco (pera os ir recolher) e foi recolhendo a si os navios que sahião pera fóra , mandando recado aos que estavam dentro , que logo se sahissem pera fóra , porque até outro dia esperava por elles : o que fez com todos os que se ajuntáram , com os quaes se fez á véla , ficando em Goa hum fustarão , em que se embarcava hum Embaixador do Mogor , que estava em Goa , o qual se deixou ficar de vagar , porque tinha muitas fazendas pera embarcar ; e quando sahio pera fóra , já não achou a Armada , pelo que se foi só seguindo sua viagem , indo alli embarcado João Rodrigues Preto , filho de Simão Gonsalves Preto , Chanceller Mór do Reyno , que por se descuidar da embarca-

ção

ção em que havia de ir, quando acudio ao caes, ja não achou outra senão aquella, e aos dous dias de sua viagem deram com elles huns Catacoulões que os abalroáram, e entráram, abrazando-os os Mogores com muito fogo que dentro lhe lançáram, com o qual alguns se botáram ao mar, e o mesmo fez João Rodrigues Preto que logo morreo; os ladrões roubáram o navio, e o deixáram com os Mogores, a que não fizeram mal por ser Mouros, e ainda lhes leváram mais de trinta mil cruzados que levavam empregados em cousas pera o Mogor: assim roubados, e destroçados chegáram a Chaul, aonde já o Viso-Rey estava, que sentio muito fazer-se-lhe aquella descortezia quasi na sua companhia; pelo que logo despedio outra vez o mesmo Pedro Lopes com seis navios pera levar a cafila pera Goa, e pera ir dar guarda á que havia de vir das Fortalezas de Canará com mantimento pera Goa, e de sua viagem adiante daremos razão.

Alli em Chaul se deixou o Conde ficar despachando algumas cousas, e despedio pessoas de confidencia, humas pera irem a Baroche em muito segredo a visitar aquelle Rey, e offerecendo-lhe pera o favorecerem, e ajudar, e outras pera fazerem o mesmo á mulher, e filhos do Cutubidi-

chão,

chão, que ainda eſtavam de cerco, e entre tanto aperto que ſe fallava já em concertos, os quaes dahi a poucos dias ſe concluíram com condição, que deixaſſem ir todos livremente, e que lhe entregariam a Cidade. Fernão de Miranda, que não ſe deſcuidava em nada, foi logo aviſado daquelles tratos, pelo que com muita preſſa lançou huma peſſoa em Baroche, pela qual mandou dizer á mulher, e filhos do Cutubidichão que ſe não fiaſſe de hum homem, que ſobre o meſmo ſeguro lhe matára ſeu marido, offerecendo-lhe aquella Armada pera nella os pôr onde quizeſſe com toda a ſua fazenda, parecendo-lhe que pelo eſcandalo que tinha tão freſco daquelle Rey lhe acceitaſſe ſeus offerecimentos, no que faria hum muito grande negocio, e de muita honra, e proveito pera o Eſtado; mas como eſtavam já ſobre concertos, e os ſeus já muito atemorizados, quizeram antes correr ſeu riſco, e entregarem-ſe ao Almodafar Mouro, como elles, que não fiarem-ſe dos Portuguezes, e aſſim ſe lhe entregáram, e ElRey poz naquella Fortaleza por Capitão Nazircham, irmão de ſua mulher, com dous mil homens, tomando todos os theſouros de Cutubidichão, e huma colcha que valia quatrocentos mil cruzados, porque era toda de ſetim broslada, e lavrada

de

de monterias de ouro, e cachos de aljofar, obra além de muito rica mui curiosa, que se podia imaginar que eram muitos, e tantos, que hum Portuguez chamado Francisco Rodrigues, muito continuo Mercador de Cambaya, nos affirmou que só a renda valia a dita quantia. Recolhido tudo isto, foi ElRey com todo o seu exercito cercar a Cidade de Amadabá, onde estava fortificado Agicola, colaço de ElRey dos Mogores, e no cerco houve muitos successos que deixamos. E porque aquelle negocio era pera devagar, deixou ElRey alli seu sogro com doze mil cavallos, e elle com todo o mais poder foi senhoreando tudo o que havia do Reyno, assolando, destruindo, e roubando todas as Cidades, villas, e lugares de maneira, que o miseravel Cambaya padeceo em pouco mais de dez annos as mores mudanças, castigos, e destruições que em todo o Oriente se víram. Fernão de Miranda tanto que foi avisado daquelle negocio, não tendo alli mais que fazer., recolheo-se pera o Viso-Rey.

CA-

CAPITULO VIII.

Do que fez o Mogor, tanto que soube das cousas de Cambaya: e de como huma náo sua, que vinha da India, foi ter a Goga: e de como Balthazar de Siqueira partio de Dio com alguns navios pera a reprezar, e do que passou.

DE todas estas cousas acontecidas em Cambaya teve logo o Mogor aviso, o que sentio muito, e lhe deram bem em que cuidar; e logo sem fazer detença, despedio o Mirzacham, filho do Capitão Parseo, que lhe ajudou a conquistar aquelle Reyno, como já dissemos, o qual com a mais gente que pode ajuntar se poz em caminho, ficando o Hecbar fazendo-se prestes pera partir apôs elle.

Estando assim as cousas neste estado, e todo o Reyno quasi posto em poder do Rey Almodafar, chegou á Cidade de Goga huma náo do Hecbar, que vinha de Juda, a qual trazia cartas do Viso-Rey, e surgio dos Canaes pera dentro, sem saber as revoltas que no Reyno hiam. Braz de Azevedo, Capitão Mór da Armada de Dio, que havia alguns dias estava alli favorecendo os navios que hiam de Cambaya pera aquella Fortaleza a pagarem os direitos, tan-

tanto que vio a náo furta, foi-fe a ella; e fabendo fer do Hecbar, que trazia cartas, tratou de lho não guardar, e de levar pera Dio, porque havia que o Mogor pela guerra que mandára fazer a Damão tinha quebradas as pazes, e já as cartas lhe não valião: os Mercadores da náo requerêram fua juftiça, e com iffo lhe dariam alguma coufa, com que elle a deixou, e fe foi pera Dio.

O Capitão da Cidade de Goga, que já eftava pelo Almodafar, tanto que vio furta a náo, e a noffa Armada ida, mandou-lhe metter dentro cem efpingardeiros pera fua guarda, e mandou levar a terra os mais ricos Mercadores que nella vinham, e com elles os Capitães, e Officiaes, e mandou defapparelhar a náo, porque determinava de a defcarregar; e defpedio logo recado a ElRey, o qual com muita brevidade mandou Muftafá com finco, ou feis mil cavallos pera fazer defembarcar as fazendas. Os Mercadores da náo, e outros de Cambaya, que eftavam intereffados naquella náo, defpedíram recado a outros feus procuradores, que tinhão em Dio, os quaes requerêram a Manoel de Miranda, Capitão daquella Fortaleza, que mandaffe levar aquella náo a Dio, porque elles queriam pagar os Direitos della, fe lhes fizeffem

ſem algum favor. A iſto acudio Serepte, hum Bramene rico, que era o rendeiro, e ſe concertou com os Procuradores dos Mercadores todos em hum preço moderado, com o que Manoel de Miranda deſpedio logo Balthazar de Siqueira, que alli eſtava por Provedor da Fazenda, pera que foſſe levar aquella náo a Dio, o qual foi embarcado em hum navio com quarenta homens, e levou huma Manchua, de que era Capitão hum Luiz de Oliveira, com alguns ſoldados, e deo-ſe tanta preſſa, que o meſmo dia partio de Dio; e paſſando de noite por Madre Faval, lhe ſahio hum paráo de Malavares, pera o qual ſe poz em armas, e commetteo; mas vendo elle aquella determinação, fez-ſe pera a volta do mar, e Balthazar de Siqueira foi ſeu caminho, e á outra noite ſeguinte chegou a Goga, e foi demandar a náo pera fallar com os de dentro; mas elles que já eſtavam poſtos em armas, lhes bradáram que ſe affaſtaſſem, porque era de noite, e não ſabião quem eram. Balthazar de Siqueira lhes mandou fallar por hum Abexim que comſigo levou, muito conhecido de todos os de Cambaya, chamado Cide Raná, o qual lhe diſſe que alli hia naquelles navios, e que não queriam mais que favorecer os Mercadores, porque a gente de El-

Rey

Rey os não roubaſſe, e que ſó a iſſo partíra de Dio: que viſſem ſe haviam miſter alguma couſa, porque eſtava preſtes pera tudo o que cumpriſſe a elles; e com ouvirem iſto, lhe reſpondêram que ſe affaſtaſſem, que como foſſe de dia, fallariam com elle, o que elle fez; e chegando a terra, lançou nella o Cide Raná pera tomar falla de hum Babugi Sarage da náo, pera ſaber delle a vontade dos Mercadores, e ſe queriam ir pera Dio, mandandolhes offerecer muitos favores. Poſto o Cide Raná em terra, negociou tudo muito bem, e ſoube que os Mercadores não deſejavam outra couſa, antes mandáram requerer a Balthazar de Siqueira que os levaſſe a Dio, que elles eram contentes de cumprir o que eſtava aſſentado com o Rendeiro daquella Alfandega ácerca dos direitos das fazendas daquella náo. Com iſto tanto que foi ao outro dia, mandou Balthazar de Siqueira dizer á gente que eſtava em guarda da náo, que os Mercadores que alli vinham eram livres, e que podiam levar ſuas fazendas pera onde quizeſſem, e que queriam ir pera Dio, pera onde elle os havia de levar, e por iſſo que ſe determinaſſem. A iſto lhe reſpondêram, que o que tocava ás fazendas dos Mercadores conſentiriam em ſe irem, e as levarem; mas que
as

as que fossem do Hecbar do Rao, e de outros alevantados, não a haviam de entregar, porque pertencia a ElRey Almodafar, como verdadeiro Senhor, e herdeiro daquelle Reyno. Vendo Balthazar de Siqueira aquella determinação, dissimulou, porque não tinha Armada pera nada, e esperava cada dia por mais navios, que o Capitão de Dio ficou de lhe mandar; e por lhe não sentirem fraqueza, foi entretendo o negocio com recados, e protestos. Neste meio tempo chegou a Goga Amostafa, que tinha despedido ElRey Almodafar com sinco, ou seis mil homens, e alguns elefantes, o que elle mandou pera recolher a fazenda da náo, e logo soube de tudo o que os da náo tinham passado com Balthazar de Siqueira, e lhes mandou recado que nada deixassem desembarcar, porque toda aquella fazenda pertencia a ElRey Almodafar seu Senhor, e que elle estava alli pera os favorecer contra os Portuguezes, e que não se levassem de nada; e com este recado se alteráram os da náo, que era muito grande, e com hum cão de metal pela proa a ir, e vir da terra com recados, e resposta de Mustafá, o qual mandando advertir aos da náo que se os nossos apertassem muito, elles cortassem as amarras, e dessem com a náo á costa, onde

de os noſſos lhes não podiam fazer mais nojo, e aſſim ſe ſalvaria toda a fazenda. Neſtas idas, e vindas que o batel fazia, paſſava pela fuſta de Balthazar de Siqueira, ſem o ſalvar, nem uſar com elle de cortezia alguma, moſtrando niſſo eſtarem ſoberbos com o favor de Muſtafá; do que tomado Balthazar de Siqueira, mandou a Luiz de Oliveira, Capitão da Manchua, que tanto que o batel tornaſſe a paſſar pera terra, o foſſe abalroar, e abrazaſſe todos os que hiam nelle, e lhe prefez pera iſſo vinte ſoldados. O Luiz de Oliveira ſe fez preſtes; e vindo o batel pera terra já á boca da noite, indo demandar o eſteiro, endireitou com elle, e lhe poz a proa, e logo lhe lançou dentro tantas panelas de polvora que o axorou, e abrazou todos os que nelle hiam, matando muitos, e cativando todos os mais, e com o batel por poppa ſe recolheo pera onde eſtava Balthazar de Siqueira. Tanto que da terra víram o fogo, e a briga, acudíram á praia, e gritáram aos da náo que lhe cortaſſem as amarras; e querendo-o fazer, acudíram a iſſo os Mercadores, porque os tinha já Balthazar de Siqueira mandado aviſar, que ſe a gente que lá eſtava em guarda quizeſſe bolir nas amarras, que a metteſſem á eſpada, que elle ſeria logo em ſeu favor.

Eſ-

Eſtando aſſim eſte negocio, ſendo o quarto d'ante alva, chegáram alguns navios de Dio, que lhe vinham dar ſoccorro, com os quaes Balthazar de Siqueira rodeou a náo; e tanto que amanheceo, que os de lá víram os navios, commettêram logo partidos, e ſeguro, pera que livremente ſe pudeſſem ir pera terra, o qual elle lhes concedeo, e a gente que alli eſtavá de guarnição ſe começou logo a deſembarcar, deixando a náo aos Mercadores com todas as ſuas fazendas, e Balthazar de Siqueira mandou buſcar Tauris pera deſcarregar a náo, porque não era poſſivel tiralla dalli. Ao outro dia chegou Fernão de Miranda com ſua Armada, o qual havia pouco tempo era vindo a Dio a ſe prover; e ſabendo o que tinha Balthazar de Siqueira paſſado em Goga, voltou pera lá, e achou o negocio em tão bom eſtado, que por não ter que fazer ſe tornou pera a enſeada, e Balthazar de Siqueira ficou deſcarregando a náo em muitos Tauris, e navios, que logo acudíram de Dio, e nelles levou toda a fazenda, e em Dio pagou os direitos, conforme ao concerto que os Procuradores dos Mercadores tinham feito com o rendeiro, ſem ſe fazer nenhum aggravo a Mercador algum.

CA-

CAPITULO IX.

De como Mizarchão chegou a Cambaya: e dos recontros que teve com a gente de ElRey até chegar o Hecbar: e de como ElRey Amodafar lhe largou o Reyno, e ſe recolheo: e do que fez o Conde D. Franciſco no Norte: e de como os Malavares matáram D. João de Caſtro: e da morte de D. Gonſalo de Menezes.

TAnta preſſa deo o Mizarchão, que o Mogor deſpedio ás couſas de Cambaya, que em menos de quarenta dias entrou por aquelle Reyno, onde ſe lhe ajuntáram alguns Capitães do Mogor que andavam eſpalhados, com os quaes determinou de dar batalha a ElRey Amodafar, que cá eſtava outra vez ſobre a Madava; e chegando duas jornadas daquella Cidade, aſſentou o ſeu exercito, por eſperar mais gente, e dalli mandou alguns corredores até Madava, que tiveram alguns encontros com a gente daquelle Rey, em que de ambas as partes houve perdas.

Eſtando as couſas aſſim, poucos dias depois chegou o Hecbar pela poſta em camellos, como da outra vez; e entrando por aquelle Reyno com hum arrazoado exercito, foi tomando outra vez tudo o que

que eſtava por Amodafar : eſtas novas lhe chegárão, com as quaes tomou tão grande medo, elle, e os mais de ſua liga, que ſem guardarem momento, levantáram o exercito, e foram-ſe; e paſſando por Cambujete, e pelas mais Cidades daquella parte, as ſaqueou todas, e dellas levou hum grande theſouro com que ſe recolheo a ſeus Reynos; o Hecbar teve aviſo de ſua ida, e em freſco deſpedio Mizarchão com trinta mil de cavallo, pera que foſſem ſeguindo os inimigos, e lhes conquiſtaſſe ſuas terras, e os deſtruiſſe de todo: e pera mais o obrigar, e honrar, lhe deo o titulo de Chanchana, que he como Condeſtable do Reyno, o qual na ſua lingua quer dizer *Senhor dos Senhores*. Partido eſte Capitão, deſpedio tambem os filhos de Cutubidichão com hum grande exercito pera irem cercar Narzichão, cunhado de ElRey Amodafar, que eſtava em Baroche mui fortificado; e ao mais velho deo a Capitanía daquella Cidade, como ſeu pai a tinha: e das jornadas deſtes dous Capitães adiante daremos razão, porque he neceſſario continuarmos com as couſas por ordem.

As novas da chegada do Mogor a Cambaya foram logo ao Conde Viſo-Rey, que eſtava em Chaul; e ſabendo que tinha outra vez conquiſtado aquelle Reyno,

e que os Reys da liga eram fugidos, houve que não tinha que fazer naquelle negocio, e mandou a Fernão de Miranda que corresse toda aquella costa do Norte pera haver novas de alguns cossarios; e andando por ella, foi avisado que alguns paráos eram passados pera a enseada de Cambaya, pelo que fez volta pera lá; e andando apôs os ladrões, lhe deo hum tempo tão grosso, por ser em conjunção de Lua, que esteve toda a Armada perdida, e foi-lhe necessario correr com pequenos bolsos de véla por onde cada hum pode, o que lhe durou todo aquelle dia, e noite, vendo-se cada hora, e cada momento submergidos dos mares que cruzavam por sima delles: ao outro dia de madrugada abonançou o tempo, e cada hum se achou pera sua parte, sem saberem huns dos outros, cuidando cada hum delles, pelo tempo que passou, que os outros seriam perdidos. D. João de Castro foi amanhecer entre Tarapor, e Maim na costa de Damão pera Baçaim; e indo demandar a terra quasi destroçado, foi dar de rosto com dous paráos de Malavares, que parece que com a mesma tormenta se tinham recolhido em algum rio daquelles. D. João fez logo tomar as armas, vindo mais pera descançarem todos, que pera entrarem em outro

pe-

perigo; e porque trazia toda a polvora molhada, negociáram alguma que acháram de melhor feição pela ſurriada que haviam de dar; e porque os paráos vinham alongados hum do outro algum eſpaço, mandou ao ſeu caturciro que lhe inveſtiſſe logo o que vinha mais perto, porque rendendo-o, ficar-lhe-hia menos que fazer; e apertando o remo, foram demandar o coſſario, o qual ſe foi detendo tudo o que pode, quando vio aquella determinação, porque o outro chegaſſe; e quando D. João de Caſtro chegou a lhe pôr a proa, já o outro eſtava com elle; e como eſte Fidalgo deſejava de ſe parecer com ſeus avós, encommendando-ſe a Deos, e animando os ſeus, inveſtio ambos os navios, ficando-lhe hum por poppa, e outro por proa; e depois que os noſſos deſpendêram as panellas de polvora todas com que abrazáram muitos Mouros, leváram mãos ás armas, porque as eſpingardas não hiam pera nada, e ás cutiladas, e lançadas peleijáram muito valeroſamente, matando muitos dos inimigos que nunca lhe puderam entrar o navio, ſobre o que trabalháram bem; mas os noſſos lho defendêram com grande valor, recebendo ſobre iſſo muitas, e muito grandes feridas que o animo, e furor lhe não deixava ſentir. D. João, vivo retrato do

morto avô, fez este dia tamanhas maravilhas que pasmou a todos; porque com ser muito mancebo, quando era necessario mandar, o fazia, como se toda a sua vida cursára a guerra; mas a fortuna invejosa de hum tão honrado pensamento, endireitou hum pelouro de huma espingarda que o tomou pelos peitos, que logo o derrubou morto. Os seus vendo o seu Capitão estirado, determináram satisfazer sua morte, e vendêram muito caro suas vidas, e assim fizeram cousas notaveis com grande damno, e destroço dos inimigos; mas como Deos nosso Senhor tinha alli posto o termo a todos, acertou de dar huma panella de polvora em hum barril della, que tinham os nossos de poppa, e tomando fogo, deo com quantos havia do masto á ré por esses ares, ficando a fusta despejada; e assim os peitos que as armas inimigas nunca puderam vencer, as suas proprias foi necessario que tambem se comprassem, pera que elles se rendessem com mais gloria, e escapáram vivos só tres, que foram cativos, dos quaes ainda hoje vive hum Manoel Nogueira casado em Goa, de quem nós soubemos este successo.

A mais Armada de Fernão de Miranda foi tomar diversos portos, toda destroçada, e desbaratada; e de alguns marinheiros que

que ſe ſalváram a nado do navio de D. João de Caſtro ſoube o Capitão Mór a deſaventura que lhes ſuccedeo, a qual ſentio tanto, que ainda que perdêra hum irmão muito querido, ſe não entriſtecêra mais, e aſſim moſtrou no exterior a triſteza que todos nelle ſentíram; e depois que ajuntou os navios, ſe foi a Chaul, onde o Viſo-Rey eſtava, e da barra lhe mandou as novas da perda de D. João por Antonio de Azevedo, por elle ſe não atrever a lha dar, e elle lhe certificou o grande ſentimento com que Fernão de Miranda hia por aquelle máo ſucceſſo. O Conde ſentio muito a morte daquelle Fidalgo, aſſim pelo parenteſco que com elle tinha, como pelas eſperanças que de ſi tinha dado, e mandou chamar Fernão de Miranda, e o conſolou, e mandou que tornaſſe a voltar pera ſima em buſca dos ladrões, e que ſe não affaſtaſſe muito de Damão, em quanto o Mogor andaſſe por Cambaya: o que elle fez, e tornou a buſcar a enſeada ſem achar couſa alguma; e vendo que a Coſta de Dabul pera Goa ficava ſem guarda, deſpedio pera ella Antonio de Azevedo com ſeis navios, com os quaes andou todo o reſto do verão dando guarda ás cafilas que hiam pera Goa. Neſte tempo faleceo neſta Cidade D. Gonſalo de Menezes, que eſte anno tinha

nha vindo ſervir a Capitanía de Ormuz, muito rico, e foi enterrado em S. Franciſco com grande dor, e ſentimento de todos, por ſer hum Fidalgo de muito grandes partes, e qualidades de ſua peſſoa. nunca caſou, e teve huma filha natural, que depois foi caſada com Garcia de Mello, filho de Affonſo de Torres, cunhado do Alferes Mór do Reyno D. Jorge de Menezes, irmão do meſmo D. Gonſalo, que ambos foram filhos de D. João de Menezes, Alferes Mór de Portugal, e de Dona Maria de Mendoça, filha de Jorge de Mello Pereira, de alcunha o Tranca, e neto de D. Luiz de Menezes, Capitão Mór do mar da India, que foi em tempo do Governador D. Duarte de Menezes, ſenhor da caſa de Tarouca ſeu irmão, e ambos filhos do Conde Prior D. João de Menezes.

CAPITULO X.

Das couſas que acontecêram em Goa, eſtando o Viſo-Rey no Norte: e de como Cuſochão foi levado por engano ao Balagate, onde lhe tiráram os olhos: e do que ſuccedeo ao Viſo-Rey até chegar a Goa.

NO Cap. VII. deſte Livro démos conta de como Anel Maluco, e outros Capitães do Idalxá ſe concertáram com o Cu-

Cufochão, filho de Malechão, pera o metterem em Balagate, e de como o Viso-Rey o deixou entregue ao Alcaide Mór, pera que se não fosse de Goa.

Estas cousas não puderam correr em tanto segredo, que não fosse ás orelhas do Abexim de Lavarchão, que tinha o Rey moço em seu poder, e governava absolutamente tudo, as quaes lhe deram muito em que cuidar; mas como era velho, e sabedor, houve que os mesmos Capitães lhe abríram caminho pera haver Cufo ás mãos, pera com isso acabar de sobresaltos, que cada dia recebiam aquelles Reys com a estada destes homens em Goa; e abrindo a bolsa, que he o melhor negociar de todos, dizem que quitára algumas pessas entre nós pera o favorecerem, e formou cartas falsas em nome dos Capitães, que se carteavam com o Cufochão, chapadas com suas proprias chapas, que houve ás mãos por invenção, nas quaes lhe diziam trabalhasse todo o possivel por se passar da outra banda, porque logo lhe haviam de acudir muitos Capitães pera o guardarem; e que como elles tivessem recado, o mandariam levar pera sima do Gate. Estas cartas deo a hum Bramene por nome Vitula, de que se confiou, e por elle escreveo tambem o de Lavarchão Amoratechão,

e

e Governador de Cochão, e lhe dava conta daquelle negocio, mandando-lhe que da sua parte escrevesse tambem o Cufochão que se fosse pera elle, e que o esperava. Estas cartas deo o Bramene a Cufochão em muito segredo, e tratou com elle aquelle negocio, fezendo-lho muito facil com que o abalou: logo após elle lhe lançou o Delevachão hum Diogo Lopes Baião, que tratava no Balagate em cavallos, homem suspeitoso assim a Deos, como á Coroa, do qual se affirma ter do Idalxá sete mil pardaos de renda cada anno por velhacarias suas, novas, e alvitres que levava de Goa cada vez que hia com cavallos. Este vio-se em Goa com o Cufo algumas vezes em segredo, e assim o soube persuadir ao que queria, affirmando-lhe que o esperavam de sua banda, e que sem dúvida em pondo os pés no Balagate, seria Rey, que lhe tirou algumas dúvidas, se as tinha, com a carta de Vitula, e assim por sua ordem desappareceo huma noite, e passou-se da outra banda, e foi-se recolher em huma Aldeia chamada Perio, huma legua de Benastarí, onde lhe acudio alguma gente, que não sabia dos tratos, a lhe fazer veneração. Disto foi logo Maratechão avisado, e despedio hum Capitão com duzentos de cavallo que o prendeo, e levou

aon-

aonde elle eſtava , e com elle ſe poz no caminho do Gate ; e chegando a huma Fortaleza chamada Morigi , achou recado de ElRey que logo lhe tiraſſe os olhos , porque receou que indo com elles houveſſe alguma alteração, o que logo Marutachão fez , achando-ſe o pobre Cafo muito enganado , e entendeo que ſó os Portuguezes lhe fallàram ſempre verdade ; e depois de cego , foi levado a Viſapor , e ElRey o mandou metter em hum Caſtello forte , e lhe mandou dar ſinco Pagodes cada dia pera a ſua deſpeza ; mas durou pouco , porque logo faleceo de huma poſthema. Depois mandou o Idalxá levar ſua mulher , e huma filha que tinha , e lhe deo humas boas Aldeias , e além diſſo ſincoenta pardaos cada mez para ſeu entretenimento. Eſtas couſas todas paſsáram , em quanto o Conde D. Franciſco eſteve no Norte , o qual depois que vio não tinha que fazer nas couſas de Cambaya , deo deſpacho a muitas daquellas Fortalezas do Norte , no que gaſtou quaſi todo o Março ; e por ſer tempo de ſe ir pera Goa a prover nas couſas do Sul , ſe fez á véla , deixando Fernão de Miranda com a ſua Armada pera invernar em Damão , e ordem pera que Antonio de Azevedo , e D. Jorge de Almada deſſem mezas aos ſoldados ;

dos ; e indo o Viſo-Rey tanto ávante como Sefardão , nove leguas de Chaul, encontrou Pedro Lopes de Souſa , que tinha mandado a dar guarda á cafila de Canará ; e depois que a deixou em Goa a ſalvamento, voltou pera o Norte em buſca do Viſo-Rey, acompanhando-o até Dabul o Falſo : dalli o deſpedio o Viſo-Rey com hum regimento que ſe foſſe pôr ſobre a barra de Dabul até ſahir de dentro huma náo de João Côbaço, que os Turcos tomáram em Maſcate (como em principio deſta Decada Cap. X. do Liv. I. temos dito) eſtando outra vez á carga pera lá; porque indo pera o André em Setembro paſſado , arribára áquella Cidade, e ajuntou-ſe a iſſo o que agora contaremos brevemente.

Quando o Abexim do Lavarchão ſe alevantou com o governo do Reyno do Idalxá (como ha pouco diſſemos) pera ſegurar-ſe em ſua tyrannia , deſterrou poucos, e poucos os Capitães , e privados , que foram de Alião Yalxa, em cujo poder ficou ElRey Abrahemo ſeu ſobrinho ; e entre eſtes foi hum Cid Ali caſta Ceide, e de tamanha prudencia , e governo, que em quanto Alião Yalxa viveo, teve o ſello do Reyno , e governou tanto tudo , que pera ſer Rey não lhe faltava mais que o no-

nome, e com este degradou tambem huma mulher casta Cherquís de idade de sessenta e sinco annos, pequena de corpo, muito alva, e parecia que em seu tempo fora fermosa, de grande governo, e prudencia, e affirmou-se que estava ainda virgem, cavalgava em fermosos cavallos, em que era tão destra, e exercitada, que em todo o Balagate não havia quem lhe fizesse vantagem; vestia Cabaias muito finas até abaixo do joelho, e calções compridos até o peito do pé, e çapatos mouriscos, toucava toalhas muito alvas, e finas, com que dava algumas voltas poucas de redor da cabeça de feição que com as pontas se vinha a rebuçar quasi até os olhos, peleijava nas batalhas com arco, e aljava a modo das Amazonas; e certo que se parecia em tudo, segundo o que se della diz. Esta mimosa mulher de ElRey Alião era odiada de todos os Grandes do Reyno, porque mexericava com ElRey, e ainda diziam que lhe fazia haver os filhos, e filhas; em fim ambos foram degradados, e por adherencia alcançáram licença pera se irem embarcar a Dabul pera Meca, onde então se estava fazendo prestes. E sabendo que o Conde Viso-Rey estava em Chaul, lhe escrevêram que tinham negocios muito importantes que tratar com elle, e que fi-

ficavam embarcados pera Meca, que os mandasse tomar na barra, e levar pera Goa, porque cumpria assim ao serviço de ElRey de Portugal.

Despedido Pedro Lopes de Sousa, deolhe o Viso-Rey por regimento que tomasse estas pessoas, e as levasse comsigo, e o Viso-Rey passou pera Goa, onde logo começou a tratar dos provimentos de Malaca, Maluco, e Ceilão, mandando dar pressa ás Armadas que havia de mandar pera aquellas partes, a que logo tornaremos, porque he necessario continuar com outras cousas.

CAPITULO XI.

De como Pedro Lopes de Sousa trouxe a Goa Cid Ali, e Bebi Acilá: e do que passáram em Goa: e do que aconteceo a D. Gileanes Mascarenhas no Malavar: e das pazes que fez com o Comorim.

APartado Pedro Lopes do Viso-Rey, foi em sua Armada a Dabul, e por causa dos nordestes se recolheo no Falso, que he abaixo duas leguas, e alli esteve até á entrada de Abril, que o avisáram que a náo estava carregada, e posta no canal pera sahir pera fóra; e levando a ancora,

ra, foi-ſe a Dabul, e ſurgio de redor da náo, e mandou dizer ao Tanadar que ſe lhe não entregaſſe a náo, que fora de João Cabaço (que tambem eſtava á carga) que havia de levar aquella pera Goa. O Tanadar tanto que vio aquillo, mandou com muita brevidade deſcarregar a outra náo, e a entregou a Pedro Lopes de Souſa, tendo ainda com elle muitos cumprimentos. Pedro Lopes tanto que deitou a náo fóra, recolheo no ſeu navio o Cid Ali, e a Bebi com ſua fazenda, e familia; e ſahindo-ſe do Reyno, foi-ſe pera Goa, levando a náo comſigo; e por ventarem nordeſtes, em breves dias chegou áquella barra: o Conde Viſo-Rey mandou metter a náo dentro, e a entregou a Leonardo de Figueiredo, irmão de João Cabaço cuja era, e ao Cid Ali, e Bebi mandou agazalhar, e correo com elles muito bem. As couſas que tratáram algumas vezes com o Viſo-Rey não ſe ſabem, mas ſuſpeita-ſe que foi pera favorecer Mahamede Cham, irmão do Cufo, pera o metterem no Reyno, porque já do Meale não havia mais entre nós que aquelle filho baſtardo; e não vindo eſtas couſas a effeito, depois de eſtar em Goa mais de hum anno, foi-ſe o Cid Ali pera o Mogor, e a Bebi foi preza pela Inquiſição por couſas que não ſabemos; mas dizia-ſe que perſua-

ſuadia algumas peſſoas Chriſtans pera ſe tornarem á Lei de Mafamede, e outras couſas, pelo que foi caſtigada, e degradada pera Ormuz, donde por via do Conde ſe paſſou pera o Mogor, e o perſuadio a ir conquiſtar aquelle Reyno, o que elle depois fez, como em ſeu lugar diremos.

Agora concluiremos com D. Gileanes Maſcarenhas, Capitão Mór do Malavar, que ha muito que deixámos, porque foi neceſſario, por não contarmos ſuas couſas por pedaços. Depois que eſte Capitão Mór chegou áquella Coſta, ſe lhe adiantou André Furtado, que tinha vindo do Cabo do Comorim (como atrás fica dito) começou a continuar na guerra, defendendo a navegação pera todas as partes, e mandando-lhe queimar muitas povoações, em que entráram Capocate, e Cetùr, em que fizeram grande damno, e aſſim lhe abrazáram, e tomáram muitas embarcações, e pelo rio de Chale dentro lhe queimáram as povoações do Curi, Manduriti, onde lhe cortáram muitas palmeiras, e matáram muito gado, groſſo, e miudo, que os Naires tem por couſa religioſa, e que muito ſentem; e ſecretamente por ordem de Franciſco Fernandes o Malavar ſe poz de noite fogo aos Paços do Comorim em Calecut, que ardêram por muito bom eſpaço, do que el-

elle ſe houve por muito injuriado ; e por eſta maneira queimáram tambem Pariangale , e Pulipatecule junto da Fortaleza de Cunhalé , e outras povoações pelo rio dentro , e lhe deram em outros lugares , em que ſempre lhe fizeram aſſás de damno , e em todo eſte verão tomáram os noſſos vinte e dous Cataculões , que são os que mór eſtrago fazem em navios Portuguezes , que todos os outros navios.

Eſtas couſas todas fizeram os Capitães da Armada todas por vezes , ganhando neſtas ſahidas muita honra ; e por não ſerem couſas em que he forçado nomear os homens , os não particularizaremos ; e neſta envolta tomáram tambem ſete gandras das Ilhas de Maldiva carregadas de fazendas , e queimáram huma náo , que eſtava carregando pera Meca. Com eſtas couſas poz o Capitão todos os moradores daquella Coſta em tantas neceſſidades , que commovido o Comorim do pranto geral de todos que acudiam a lhe fazer queixas , lhe mandou commetter pazes , ao que elle deo orelhas ; e tanto puchou por iſſo , que vieram a aſſentar que ſe viſſem na praia de Calecut pera de roſto a roſto as concluirem , porque ſe receava o Comorim que os ſeus Regedores eſtiveſſem peitados dos Mouros ; e que ſe correſſe aquelle nego-

go-

gocio por elles, nunca se faria nada bem feito. Concluido nisto, mandou o Comorim as seguranças de sua pessoa, e com isso desembarcou hum dia limitado, levando comsigo quasi todos os Capitães da Armada, que estavam com as proas em terra. O Comorim ao mesmo tempo chegou á praia acompanhado de seus Regedores; e havendo nas visitas as cortezias ordinarias, tratáram sobre o modo de pazes, de que o Capitão Mór levava seus apontamentos feitos; e debatidos entre elles, brevemente vieram a concluir com as condições seguintes.

» Que elle Comorim se obrigava a darlhe lugar pera huma Fortaleza no rio de
» Panané em restituição da de Chale com
» hum pedaço de campo pera povoação,
» e a habitação da gente Christã da terra.

» Que assim os Christãos, como os
» Mouros pagariam os direitos de todas
» as fazendas que entrassem, e sahissem
» daquelle Porto, assim como pagavam na
» Alfandega de Cochim.

» Que elle Comorim daria seis peças
» de artilheria de metal pelas que se to-
» máram em Chale.

» Que se obrigava a dar pimenta nos
» seus Reynos pera duas náos do Reyno
» pelo preço que a dava ElRey de Cochim.

» Que

» Que ſe obrigava a mandar cortar os
» eſporões aos navios de remo que em
» ſeus portos houveſſe, e que ficariam de
» carga.

» Que entregaria todos os Portuguezes,
» e Chriſtãos que por todo o ſeu Reyno
» houveſſe cativos.

» Que derrubaria a Fortaleza que o
» Cunhale tinha feito no ſeu Reyno, tan-
» to que a de Panane foſſe feita de pedra,
» e cal, e outras couſas que não relatamos
» por ſerem eſtas as principaes. »

O que o Comorim logo concedeo, e
aſſignou com ſeus Regedores nos papeis
que diſſo ſe fizeram, e elle paſſou de tu-
do Ollas, o que tudo ſe fez com muito ap-
plauſo, e contentamento de todos. Feito
iſto, embarcou-ſe o Capitão Mór; e de-
pois de recolher os navios de Malaca,
China, Bengala, e de todas as mais par-
tes daquella banda, deo á vela pera Goa,
e de caminho foi provendo, e viſitando as
Fortalezas de Canará, e com toda eſta ca-
fila chegou a Goa aos 8. de Abril.

CAPITULO XII.

Do que ſuccedeo a D. Jeronymo Maſcarenhas em toda a viagem até ſe tornar pera a India : e do que lhe aconteceo em Ceilão : e dos aſſaltos que João Correa de Brito mandou dar em terras do Rajú.

DEixámos de continuar com D. Jeronymo Maſcarenhas, porque o guardámos pera eſte lugar por contarmos ſuas couſas todas juntas. Partido elle de Goa com toda a Armada, foi ſeguindo ſua derrota; e ſendo dos Canaes de Gomes pera dentro, affaſtando-ſe delle a fuſta de Lopo de Atouguia, foi correndo de longo da Coſta do Achem, e por ella encontrou a náo do Reyno, que hia pera Malaca, porque era em Outubro; e parecendo-lhe que era náo Ingleza por irem com a imaginação nos Inglezes, foi demandalla, e ſem a conhecer, ſe poz ás bombardadas a ella. Os da náo como tambem hiam receoſos de Achans, parecendo-lhes tambem que a fuſta era delles, pela meſma maneira os ſerviram com alguns tiros, que não fizeram damno por ſerem de longe. Andando niſto, lhe entrou o vento rijo com que a fuſta deixou a náo, e foi ſeguindo ſua viagem;

gem; e chegando a Malaca, deram por novas que encontráram huma náo Ingleza, e que peleijáram com ella. Poucos dias depois chegou ella, e affirmáram todos que peleijáram com huma Galiota de Achens; mas logo se soube o engano.

D. Jeronymo chegou a Malaca; e ajuntando-se em casa do Capitão Roque de Mello com o Bispo, Vereadores, e pessoas principaes, praticáram sobre as cousas que levava por regimento sobre o negocio de ElRey de Sor, e da náo de Simão Ferreira, e sobre as cousas do Achem; e praticadas entre elles, assentou-se que pois o Achem não bolia comsigo, e o Rajale tinha satisfeito da sua parte com sua obrigação; e entregou a artilheria, e parte da fazenda; e que das mais tinha provado por hum instrumento, que mandou requerer que se tirasse, como os Coletes a tinham roubado; e sendo elles os que menos quinhão, ou nenhum leváram, senão só o nome de Coletes, que he de Ladrões, que he o que quizeram dar aos que mais roubáram, que se não havia de bolir com elle, e que jurassem, e confirmassem as pazes como o Viso-Rey mandava; e que deixassem alguns navios naquelles estreitos pera favorecerem os juncos, e mais embarcações que viessem de Jaoa, e das mais

partes com fazendas , e mantimentos pera Malaca , com efta refolução defemaftreou D. Jeronymo os Galeões , e os mandou concertar , e defpedio Pedro Homem Pereira na fua Galé pera levar o Embaixador ao Rajale, e haver de jurar as pazes. Elle lá foi bem recebido daquelle Rey , que tinha bem feita a cama ás fuas coufas , e jurou as pazes com muitas feftas.

Chegada a monção da India , deixou D. Jeronymo por Capitão daquelle mar a João Furtado de Mendoça no feu Galeão , e com elle Vafco da Silva em outro chamado S. Pedro , e S. Paulo , que tinha vindo de Maluco , no qual tinha ido D. Alvaro de Caftro , e alguns navios Nantins , que lhe mais havia de ordenar. Negociado ifto , e outras coufas , deo á véla pera Goa , e foi feguindo fua viagem , em que o deixaremos por hum pouco pera darmos razão das coufas que nefte tempo fuccedêram em Ceilão.

Atrás démos conta de como João Correa de Brito foi entrar na Capitanía de Columbo, de que veio provído do Reyno em companhia do Conde D. Francifco. Chegado áquella Fortaleza, foi continuando na guerra contra o Reju com muita fubftancia; e por fer avifado que no porto de Baligão eftavam recolhidos tres paraos

de

de Malavares cheios de muitas prezas, que aquelle verão fizeram pela Costa de Negapatam, despedio Ambrosio Leitão por Capitão Mór de quatro navios com regimento que os fosse tomar dentro no mesmo rio. Partidos estes navios, poucos dias depois chegou D. Jeronymo Mascarenhas com sua Armada ao porto do Columbo, e João Correa de Brito lhe pedio mais alguns navios pera irem ajuntar-se com Ambrosio Leitão, porque lhe não escapassem os paráos. D. Jeronymo lhe deixou Pedro Homem Pereira na sua Galé, e a Galeota de João Rodrigues de Carvalho, e elle se partio pera Goa. João Correa, além destas embarcações, mandou negociar outras algumas a terra, ainda que pequenas, e mandou embarcar nellas os Araches, Manoel Pereira, e Domingos Fernandes com duzentos Lascarins, e deo por regimento a Pedro Homem que entrasse no rio de Balagão, e tomassem os paráos, e queimassem a povoação. Chegados estes navios á ponta de Balangale, encontráram Ambrosio Leitão; e ajuntando-se todos, foram surgir na boca do rio, onde os paráos estavam, e alli ordenáram que todos os Portuguezes desembarcassem por huma parte, e os Araches pela outra pera divertirem os inimigos, e lhes ficar a desembarcação mais folga-

gada, e assim foram demandar a terra; e na em que os Portuguezes puzeram os pés acháram hum grande corpo de gente, que acudíra a lhes defender a desembarcação, com os quaes travaram huma fermosa, e arriscada batalha, porque os inimigos eram muitos mais, e peleijavam por defensão de suas casas, e fazendas. Os Araches com seus Lascarins desembarcáram em outra parte; e não achando defensão, foram demandar huma ponte por onde os inimigos haviam de passar, se fossem fugindo dos nossos, a qual estava da banda do Pagode de Tanavaré; e porque nenhum pudesse escapar, a desfizeram; e dando volta por dentro de huns palmares, foram rebentar pelas costas dos inimigos, que andavam em batalha muito travada com os nossos; e arremettendo a elles com grande furia, e grita, matáram, e derribáram muitos, e todos os mais como foram tomados de sobresalto, desacorçoáram, e lançáram a fugir: os nossos os foram seguindo por huma parte, os Araches pela outra até os metterem pela povoação, fazendo huns, e outros muito grande estrago nelles; e por não haver desordem, que sempre nestes casos succede, mandáram os Capitães pôr fogo ás casas, que eram cubertas de palha, e palmas, o qual ateou tão furiosamen-

mente que em breves horas foi tudo feito em pó, e cinza, porque ardêram muitas lojas cheias de roupa, anfião, azeites, manteigas, canella, e outras cousas, que accendêram muito a braveza do fogo, o que tudo estava pera carregarem pera Meca, Achem, Masulipatão, Pegú, e para outras partes, por ser este rio huma grande escala de todos. Feito isto, puzeram fogo aos navios, que achãram assim em terra, como no mar, que foram vinte e sinco miudos, e hum Galeão, que fora de Portuguezes, que varou naquella costa, o qual estava já concertado pera ir pera Meca; só os paráos dos Malavares se salváram, por estarem pelo rio assima tres leguas em parte a que os nossos não podião chegar; morrêram dos inimigos mais de duzentos, e derredor de cento de Malavares. Com esta vitoria se recolhêram os nossos a Columbo, com o qual o Raju ficou tão affrontado, que queria morrer de pezar. Pedro Homem Pereira, e João Rodrigues de Carvalho deram logo á véla pera Goa, aonde chegáram quasi ao mesmo tempo que D. Jeronymo Mascarenhas.

CAPITULO XIII.

De como ElRey de Cochim desistio do direito que tinha na Alfandega, e o traspassou a ElRey de Portugal: e dos alvoroços que houve naquella Cidade sobre este negocio.

AS coufas que o Vifo-Rey trazia mais encommendadas de ElRey, eram fazer duas Alfandegas, huma em Chaul, e outra em Cochim, fobre o que elle trabalhou muito todo o feu tempo com folicitar efte negocio por meio de peffoas principaes feculares, e Religiofos, e com muitas promeffas que por parte de ElRey fez aos moradores daquellas Cidades; e aonde fez mais inftancia foi na Cidade de Cochim, porque não he tratar com povo, porque pera elle eftava já havia muitos annos a Alfandega feita, porque todos os Portuguezes, e moradores daquella Cidade pagam direitos a ElRey de Cochim por hum Alvará, que ElRey D. João lhes tinha paffado o anno de mil e quinhentos e trinta, porque lhes fez graça de lhes conceder que os cafados naquella Cidade lhe pagaffem das entradas das fazendas da China a feis por cento, havendo refpeito aos grandes merecimentos dos Reys antepaffados, e

feus.

ſeus. Eſte Alvará lhe confirmou ElRey D. Filippe o anno de 1580. em que foi jurado por Rey de Portugal por huma carta eſcrita em Badajoz a 7. de Novembro. Eſta graça lhes concedeo, com declaração que ſó os caſados, e moradores de Cochim lhe pagariam os direitos aſſima declarados; e depois que ElRey D. João lhes fez a primeira conceſsão, correndo o tempo em diante, forão os moradores daquella Cidade fazendo tantos, e taes ſerviços aos Reys de Cochim, que por elles lhes fizeram de lhes quitar dous e meio por cento nos direitos de ſuas fazendas, e que ſó ficaſſem pagando a tres e meio, o que depois ſe veio a entender que era em muito damno, e perjuizo da Alfandega de Goa; e Chaul, e Baçaim ſe vaſavão naquella Cidade, e ſe deſpachavam por meio daquelles moradores como ſuas, por que logo a Alfandega de Goa (a mór parte da fazenda dos moradores) ſentio muito abatimento em ſuas rendas, e entradas, no que ElRey mandou prover, e dar ordem com que iſſo ſe evitaſſe. Eſtas couſas tratou o Conde D. Franciſco em muito ſegredo por cartas com o Licenciado Franciſco de Frias, que em caſa de ElRey de Cochim eſtava homiziado por muitos Capitulos, que outro Letrado deo contra elle, de erros que commettêra

em

em ſeus officios ; e como eſte homem era ſagaz, e de grandes traças, e invenções, com que tinha obrigado aquelle Rey muito, porque de ſeu ſaber, e letras ſe aproveitava pera ſeus negocios. Tratando eſta materia muitas vezes com elle, o perſuadio em que tornaſſe a renunciar em ElRey de Portugal a poſſe em que eſtava dos direitos que os moradores daquella Cidade lhe pagavam, dando-lhe claramente a conhecer as grandes perdas que as rendas da India recebiam com aquellas liberdades, promettendo-lhe da parte de ElRey muitas outras honras, e favores, que vieſſem a importar mais á ſua fazenda. Tantas couſas lhe diſſe, e tantas promeſſas lhe fez ſobre eſta materia, que veio a conceder no que o Conde pedia, e deſpachou logo Ituana Camena, Geral Capitão de ſeu campo, e Regedor Mór de ſeus Reynos, e Jangará Mena ſeu Lingua, e com elles Bento Ferreira ſeu Secretario, com todos os poderes que lhe podia dar pera irem em companhia de D. Gileanes a Goa a tratarem, e concluirem aquelle negocio com o Viſo-Rey. Eſtas peſſoas foram em Goa muito feſtejadas, e recebidas; e entrando o Viſo-Rey com elles em negocio, o levou por taes termos, e lhe concedeo pera o ſeu Rey tantas couſas que vieram a concluir

no

no que o Viso-Rey pertendia; e pelos poderes que levavam, fizeram logo suas capitulações, e contrato, cuja substancia he a seguinte.

» Que ElRey de Cochim desistia daquelle dia pera todo o sempre de todo
» o direito, e acção que tinha na Alfan-
» dega de Cochim, e dos direitos que seus
» moradores lhe pagavam, por quaesquer
» Cartas, Alvarás, e Concessões que elle
» tivesse, assim de ElRey D. João, como
» de ElRey D. Filippe, e o traspassava nel-
» le, e em todos os Reys de Portugal seus
» successores; e havia por bem que todos
» os direitos que elle arrecadava naquella
» Cidade pelas graças a ElRey de Cochim
» concedidas, se arrecadassem, e recebes-
» sem daquelle dia por diante pera a fa-
» zenda de ElRey de Portugal por mão de
» seus Officiaes, e Thesoureiros.

» E que todos os moradores, que não
» fossem casados em Cochim, que viessem
» da China, Malaca, Maluco, e mais par-
» tes do Sul, não pudessem desembarcar,
» nem baldear suas fazendas no porto de
» Cochim, e passariam a Goa a pagar di-
» reitos dellas; e os casados, assim Portu-
» guezes, como Mouros, Gentios, e Ju-
» deos, pagariam em Cochim, aonde des-
» embarcariam suas fazendas a seis por

» cen-

» cento a ElRey de Cochim, a fóra as la-
» gimas dos Officiaes: e que na dita Al-
» fandega de Cochim pagariam direitos a
» ElRey de Portugal todas as fazendas que
» alli fossem ter de todas as mais partes,
» todos os Portuguezes, filhos dos Portu-
» guezes, mestiços, e Christãos da terra;
» e que as sahidas pera fóra destas fazen-
» das pagariam ao Rey, de cuja jurisdic-
» ção delle Rey de Cochim pagariam dis-
» so mesmo direitos de sahida a ElRey de
» Portugal, com outras clausulas, e apon-
» tamentos que deixamos por não serem
» necessarios. »

Feitos estes papeis, e assignados estes concertos, despachou o Conde os Embaixadores com muitas honras, e mercês, e escreveo áquelle Rey cartas de grandes agradecimentos, significando-lhe o muito grande serviço que tinha feito a ElRey de Portugal naquelle negocio, com que evitára muitas vezes desordens, e damnos nos rendimentos de suas Alfandegas, e mandou grandes Provisões ao Licenciado Francisco de Frias com poderes de Védor da Fazenda, e Ouvidor Geral pera pôr este negocio em ordem: escreveo a D. Jorge Baroche, Capitão daquella Cidade, e a Manoel de Sousa Coutinho, que alli estava com sua mulher, e casa, o qual tinha sa-
hi-

hido da Capitanía de Ceilão, e outras pesſoas com quem elle tinha communicado aquelle negocio, pera que o favoreceſſem, e ajudaſſem em tudo. Chegados eſtes Embaixadores a Cochim, publicáram-ſe logo os regimentos da Alfandega, os quaes tanto que foram ſabidos dos caſados, e moradores, que eſtavam innocentes de tudo, ajuntáram-ſe, e praticáram ſobre eſte negocio; e aſſentáram que defendeſſem a ſua liberdade por armas, quando os não quizeſſem ouvir por juſtiça: e ſahidos de alli todos juntos, foram a caſa do Capitão, e diante delle fizeram ſeus proteſtos, e requerimentos, dizendo que lhe não podiam tirar a ſua liberdade em que eſtavam, pois ElRey D. Filippe lha concedêra; e elle Capitão, quando o juráram por Rey naquella Cidade, e della deo nova homenagem, jurou de lhos ſuſtentar: que eram muito leaes vaſſallos de ElRey de Portugal, e que aſſim o tinham moſtrado ſempre nas couſas de ſeu ſerviço, que ſe offerecêram: que elles não hiam naquelle negocio contra elle: que quizeſſe que lhe pagaſſem os direitos, e que a Alfandega foſſe por elle, que eſtavam muito preſtes pera iſſo; mas que não haviam de conſentir darem-ſe a hum Rey Gentio, como aquelle. O Capitão trabalhou pelos quietar, dizendo-lhes
que

que elle naquelle negocio não podia nada, que ElRey lhe faria justiça, se lha requeressem. Sobre isto se ajuntáram todos algumas vezes em camera, e nella assentáram que o defendessem pelas armas contra quem lhe quizesse dar suas fazendas a ElRey de Cochim, ficando sempre reservado o serviço de ElRey, a que todos estavam tão obrigados; e porque não houvesse quem se lançasse de fóra naquelle negocio, ordenáram que fizessem todos juramento solemne de defenderem suas liberdades até perderem as vidas, e as fazendas, e com isto fizeram chamamento de todos os naturaes Christãos com os Portuguezes fazendo alardo, no qual se affirma acharem mais de quinze mil espingardas, porque entravam nisto mais de dez mil Christãos daquelles; e postos todos em armas, foram-se á Igreja de S. João, que está fóra da Cidade, e puzeram hum Missal sobre o Altar, e sobre elle juráram todos de defenderem suas liberdades, de perderem as vidas, e de matarem, e perseguirem todos os que solicitassem, e fallassem contra sua justiça; e mettêram depois mais, que se por alguma via em algum tempo algum de aquelles que alli estavam fossem prezos pela justiça, e condemnados em pena de morte, e perdimento das fazendas, que em tal caso todos

dos acudiriam por isso, e se tornariam a incorporar pera o tirarem, e salvarem até arriscarem as vidas, e as fazendas. Com isto se recolhêram pera a Cidade, não deixando de continuar com seus protestos em favor de suas liberdades. O Capitão D. Jorge tanto que vio o que estava assentado, mandou chamar o Licenciado Francisco de Frias acompanhado de sua guarda, e com outros homens pera logo começar a correr com as cousas da Alfandega; e chegando ao terreiro da Fortaleza, deram os casados nelle pera o matarem, e por dita se acolheo á Fortaleza, onde D. Jorge o fechou, e depois com trabalho o tornou a mandar por mar pera casa de ElRey de Cochim, aonde estava, e assim perseguíram muitas pessoas, que corriam por parte do Viso-Rey neste negocio, e os principaes foram Manoel de Sousa Coutinho, e Luiz Correa, cunhado de D. Antonio de Noronha, os quaes se temêram, e vigiáram grandemente, e da casa de ElRey de Cochim não ousava a apparecer ninguem na Cidade; e ainda mandáram dizer áquelle Rey, que lhe haviam de ir queimar a sua povoação, e destruir a sua Cidade, e dar-lhe batalha em campo, por isso que se determinasse, porque elles por sua liberdade estavam apostados a perderem as vidas, e as

fa-

fazendas; e as pessoas que isto mais sentiam, eram as mulheres, que de dia, e de noite persuadiam os maridos a sustentarem as suas antigas liberdades, porque esses foram os dotes que com ellas achâram; porque se lhes puzessem direitos, seria pera aquelle Rey tudo o que elles ganhassem. Vendo o Capitão aquella união geral, não ousou de bulir com cousa alguma, e parou o negocio da Alfandega, porque já tambem era o inverno entrado. O Viso-Rey depois de despedir estes Embaixadores, despachou as náos pera a China, Malaca, Maluco, pera onde foi Fernão Ortiz de Tavora, por sentença que houve da Relação, posto que Fernão Botto tinha partido entrada de Setembro, e levou sentença pera carregar primeiro que elle: foi embarcado no seu Galeão Duarte Pereira de Sampaio, que era despachado com a Capitanía daquella Fortaleza, por serem vindas novas ser falecido D. Alvaro de Castro, como atrás dissemos, e com isto se cerrou o inverno.

DECADA DECIMA
Da Hiſtoria da India.
LIVRO V.

CAPITULO I.

Das couſas que ſuccedêram em Cambaya: e de como o Mogor tornou a ſenhorear aquelle Reyno.

JÁ entramos no inverno, em que nos cabem as couſas alheias, e por iſſo continuaremos com ellas. Atrás no Cap. IX. do Liv. IV. temos deixado Mizarcham (a que daqui por diante chamaremos Chancana) deſpedido com hum grande Exercito apôs aquelles Reys, que entráram com o Amodafar pelo Reyno de Cambaya, e os filhos do Cutubidicham com outro contra Baroche, que eſtava ainda pelo Rey Amodafar, em que Mizarcham eſtava por Capitão; agora continuaremos com elles, e primeiro ſerá com o Chancana. Partido eſte Capitão apôs aquelles Reys com trinta mil de cavallo, foi-os ſeguindo; porém com receio por ſerem ſeus eſtados em ſerras aſperas,

e paſſos muito eſtreitos, e difficultoſos, por onde forçado havia de paſſar muito arriſcado. E porque pera paſſar a conquiſtar a ſerra de Junagor, onde o Amocham eſtava, havia de paſſar pelas terras do Rey de Zambo, que eram trabalhoſas, quiz uſar com elle de manha pera ſe ſegurar, e valer-ſe delle neſta jornada, porque depois que acabaſſe, ahi lhe ficava tempo pera ſe vingar; e aſſim ſe carteou com elle, e tratou reduzillo ao ſerviço do Mogor, promettendo-lhe fazer perdoar todas as culpas que tinha, e outras couſas, em que não quiz ſer avaro, ás quaes elle ſe rendeo, tanto pelo intereſſe, quanto por medo; e concertados ambos, foram contra o Amocham, que já eſtava aviſado de tudo, e ſe tinha recolhido na ſerra do Juganor com muitos provimentos, munições, e ſoldados, e grangeou alguns Portuguezes, que naquelle porto eſtavam com ſeus navios comutando ſuas fazendas, pera que ſe metteſſem na ſerra com elles, como fizeram, com que ficava bem ſeguro. E eſta ſerra de Juganor he tão alta, ingrime, e intratavel, que canção os olhos de olhar pera ſima, a qual a natureza fez em roda fechada toda á mão, deixando-lhe hum ſó paſſo muito ingrime, e eſtreito pera ſe ſubir aſſima á Fortaleza, que fica no cume della; e por
eſ-

eſte caminho aſſim ingrime até ſima ha de huma , e outra parte muitos baluartes , e guaritas fortiſſimas , e a entrada abaixo he tão fortificada com muros , e couraças que a fazem inexpugnavel ; porque além de ſer aſſim neceſſario pera defender a entrada , a fortificáram mais por ter em baixo agua , de que toda a ſerra ſe ſuſtenta , a qual he de hum fermoſo poço , donde he levada até ao cume da ſerra por nove noras , e a primeira vai cahir em hum tanque muito fermoſo , que eſtá ao primeiro baluarte ; e dalli por outra nora ſóbe a outro tanque , que eſtá em outro poço , e aſſim vai até á Fortaleza , e della bebem todos , e he baſtante pera tudo , poſto que no inverno a agua da chuva , que ſe recolhe em alagôas , ſuſtenta muito tempo o gado que em ſima ſe recolhe. O Chancana antes de chegar á ſerra foi aviſado que o Rey Amodafar era paſſado adiante com o de Cache , pelo que houve por melhor conſelho cercar o Amichão , e tomar-lhe aquella ſerra , porque com ella ſe faria logo ſenhor de todos os mais eſtados ; e aſſentando o ſeu campo ao pé della , notou ſeu ſitio , e Fortaleza , e houve que todo o tempo que alli gaſtaſſe ſeria baldado , porque aquella ſerra não ſe podia tomar por nenhumas forças humanas , e com iſſo começáram a cahir aſpe-

ras aguas de inverno, em que não era possivel poder-se por alli deter; e alevantando o exercito, foi destruindo todos os lugares de redor com tenção de se tornar pera Cambaya, e deixar aquella jornada pera o verão seguinte. O Rey do Zambo como era homem muito acautelado, vendo a tenção do Chancana, receando que como o não houvesse mister lançasse mão delle, e pagasse por todos, como vio tempo, se lhe desviou, e metteo pelos matos, por onde o Chancana o não quiz seguir, fazendo volta pera Cambaya, onde ainda achou o Hecbar, e logo o despedio pera ir conquistar o Reyno de Verara; e nesta jornada o deixaremos pera continuar com os filhos de Cutubidicham, de que deixamos partido contra Baroche.

Chegados estes Capitães com oito, ou dez mil cavallos á vista daquella Cidade, lhe puzeram hum muito rijo cerco, commettendo-a muitas vezes por assaltos, em que houve damnos de ambas as partes, porque o Mizarcham era grande cavalleiro, e estava bem provído; e todavia vendo que aquelles Capitães accommettiam tão determinadamente, e que era já meiado de Junho, e tinha o soccorro tão longe, e sobre tudo a esperança da vida duvidosa; porque se os filhos do Cutubidicham o tomas-

maſſem , forçado lhe haviam de cortar a cabeça , como ſeu cunhado Amodafar fez a ſeu pai ; ſobre tudo recear-ſe dos que tinha comſigo , porque tinha ſuſpeitas que eſtavam alguns delles peitados ſobre quem já trazia o olho : querendo a ſua vida , a guardou até que lhes entregou huma grande feſta , que elles fazem na Lua de Julho , em que os Mouros coſtumam fazer ſuas quareſmas , e jejuns , e nelles não comem mais que huma vez ao dia , e eſta de noite , com grandes goſtos , e ceremonias. Como tinha já traçado na fantazia o que havia de já fazer , tomou huma noite de aquellas alguns homens de mais obrigação ſua até vinte ; e quando vio , e ſentio os do arraial mais embebidos em ſeus banquetes , em que gaſtavam de ordinario até paſſante de meia noite , ſahio da Fortaleza , e com muita confiança foi entrando por meio do exercito ſem alvoroço algum , notando , e vendo os Mogores em ſuas tendas comendo , e bebendo com muito regozijo. E perguntando-lhe alguns quem hia alli ? reſpondeo na ſua lingua que era *Foão* , que vinha de vigiar , nomeando alguns daquelles Capitães apartados das eſtancias por onde paſſava , porque lhe ſabia os nomes , e as eſtancias todas ; e como elles hiam com aquella confiança , e era de noite , não houve

ve que ſuſpeitar, nem que replicar, e aſſim atraveſſáram todo o arraial; e como o Nazircham ſe vio fóra delles, apreſſouſe o mais que pode, andando toda aquella noite ſem deſcançar até ſe pôr em paragem ſegura, que pode caminhar a ſeu ſalvo, e aſſim foi ter ao Reyno do pai. Ao outro dia, que na Fortaleza o achároram menos, mandáram recado aos filhos do Cutubidichão, e lhe abríram as portas, e foram recebidos dentro, como ſenhores daquella Cidade, e com iſto acabou o Reyno de Cambaya de ficar outra vez em mão dos Mogores; e não tendo o Hecbar alli mais que fazer, partio-ſe pera a Cidade de Agaya, e deixou em Cambaya por Governador a Gicoia ſeu collaço.

CAPITULO II.

De como o Turco mandou Ferat Baxá a prover os Fortes que tinha nos Eſtados da Perſia: e da batalha que Simão Bel deo a Reſuan Baxá, em que o desbaratou.

DEixámos o anno paſſado as couſas da Perſia em Ferat Baxá deſiſtir da empreza do Nativan, e mandar-lhe o Turco ſegurar os paſſos de Thomani, e Lori, porque

que pertendia proſeguir na empreza de Tabris. Com eſte recado do Turco lançou fama o Ferat Baxá, que queria paſſar a Nativan, pera que o Perſa acudiſſe alli, e elle tiveſſe tempo de fazer as fortificações que lhe mandavam: e aſſim neſta primavera partio de Erzerum pela via de Aſſancalaſi, e chegou a Chars, onde ſe deteve oito dias a prover as couſas daquella Fortaleza. Dalli ſe paſſou a Lori, donde deſpachou Aſſan Baxá com ſinco mil cavallos pera ir deſcubrir a terra até Thomanis, o que fez ſem achar quem lho impediſſe até Heleri, huma Fortaleza que foi de Simão Bel Georgiano, a qual tem huma roca fortiſſima com huma alta, e funda cava rodeada de muralhas fortes, e terá de circuito huma boa legua, eſtá duas jornadas de Trifelis. Chegado aqui o Baxá, fortificou, e renovou muros, e torres, e poz alli por Capitão a Ali Baxá de Grecia com oito mil ſoldados, duzentas peças de artilheria, e muitos provimentos, e lhe deo por regimento que como lhe o tempo déſſe lugar, fortificaſſe o Caliſi (hum lugar tres leguas de Lori) e proveſſe de artilheria, e gente; e Ferat Baxá com o reſtante do exercito foi caminhando de Thomanis, pondo quatro dias, ſendo jornada de hum ſó, porque foi muito de vagar por aquelles campos,

pos, que eram muito abundantes de tudo, dando pasto largo a todo o exercito. Foi esta Fortaleza de Thomanis de Simão Bel Georgiano, onde se elle recolhia; e quando o Turco começou a mandar proseguir na empreza da Persia, a mandou derribar, porque se não fortificassem nella os Turcos, porque se não atreveo a sustentalla por falta de artilheria. Chegado aqui o Baxá, começou a levantar logo hum Forte, como levava por regimento, que alevantou, e edificou na boca de hum passo estreito que tinha, onde achàram outro Castello derrubado, que o Baxá mandou renovar, e fez o muro á roda de dous mil passos, e em meio mandou levantar hum forte cavalleiro, e por todo este forte, e Castello repartio duzentas peças de artilheria miuda. Posto tudo em estado defensavel, despedio Resuan Baxá, e o Baxá de Cracremit com vinte mil cavallos pera ir prover o forte de Teflis, o que fizeram em nove dias. Aqui foi ter com elles Daut Cham Georgiano, irmão de Simão Bel, e se lhe offereceo por servidor, e vassallo do Turco, o que elles estimáram muito, e lhe fizeram muitas honras, e gazalhados. Disto foi logo Simão Bel avisado por espias que trazia, as quaes ou enganadas, ou peitadas dos Turcos, lhe affirmáram que o Baxá Resuan

le-

levava muito menos gente, nomeando-lhe hum numero com que ſe elle determinou a peleijar com quatro mil Georgianos que tinha; e negociando-ſe, foi buſcar os Baxás. De tudo iſto foi logo aviſado o Ferat Baxá; e temendo-ſe que o poder de Simão Bel foſſe maior, deſpedio com muita preſſa os Baxás de Caramania, e Maés com mais de mil homens pera ſe irem ajuntar aos outros. Simão Bel deo-ſe tanta preſſa, que em breves dias chegou a hum porto junto de Teflis, onde os Baxás eſtavam alojados, e tinham parte do exercito detrás de huns montes, onde Simão Bel os não via; e vendo elles aquelles que alli eſtavam no paſſo, que feriam ſeis mil, parecendo-lhe que não havia mais gente, pelo que as eſpias lhe tinham dito, deo logo nelles com tamanho impeto, que do primeiro encontro lhe matou mais de quinhentos, e poz todos os mais em desbarato. O Baxá do Cracremit, que era o que eſtava com mais gente detrás dos montes, acudio com todo o reſto de poder, e foi dar em Simão Bel, que levava o Baxá Reſuan de vencida. Vendo elle tamanho poder, houve-ſe por enganado das eſpias; e entendendo que ſe ſe retirava eſtava certa ſua perdição, animando brevemente os ſeus, remetteo com os Turcos, e com hum

hum muito grande valor, e esforço os esperou; e misturando-se todos, travàram huma batalha tão aspera, e cruel, que foi espanto. Simão Bel como era grande cavalleiro, e entrava naquella batalha com desesperação, fez tamanho estrago nos Turcos, que os teve quasi desbaratados; mas como o numero era tão desigual, tornáram os Turcos a voltar sobre os Georgianos, e os foram arrancando do campo com morte de muitos. Vendo-se Simão Bel perdido, pondo o remedio nos braços, voltou aos inimigos, e metteo-se entre elles como hum leão bravo, fazendo tão grande estrago nos Turcos que os fez parar, fugindo todos delle como de algum touro feroz; e todavia trabalháram tanto por lhe matar o cavallo, até que o fizeram; e cahindo Simão .Bel, esteve muito perto de ser prezo, como foram alguns dos seus; mas soccorreo-o Deos nosso Senhor naquelle conflito, com que ao mesmo tempo que cahio apparecêram os Baxás, que Ferat Baxá mandava de soccorro aos outros; e como a batalha andava toda revolta, e travada, parecendo a Resuan que aquella gente que apparecia era de Simão Bel, que lhe vinha de refresco, ficou tão sobresaltado que logo se começou a recolher, e sobreesteve o pezo da batalha, com que Simão Bel teve tem-

po

po de ſe pôr em outro cavallo, e recolher os ſeus, com que ſe foi deſviando o melhor que foi poſſivel, deixando feito tamanho eſtrago nos Turcos, que quando os do ſoccorro chegáram víram o campo todo cuberto de corpos mortos. Chegados eſtes a Reſuan, tanto que elle os conheceo, foi tamanho o ſeu nojo de lhe eſcapar o Simão Bel das mãos, que houvera de morrer. O Simão como ſabia a terra, metteoſe logo pelos lugares aſperos, e ſeguros, dando graças a Deos de o ſalvar do perigo em que eſteve por aquelle modo, porque ſem dúvida ſenão fora o engano, não pudera eſcapar. Os Turcos ſe recolhêram a Thomani com menos tres mil que perdêram na batalha, o que Ferat Baxá ſentío muito; e provendo aquelle forte, deixou nelle por Capitão Aſan Baxá com oito mil ſoldados, e muitas munições, e provimentos; e porque determinava de ſe paſſar com todo o exercito contra o Manuchiar, como levava por regimento, por ſe vingar da offenſa que tinha feita do dinheiro com que o anno paſſado ſe alevantou; e pondoſe ao caminho, começou a cahir a invernada tão cruel de chuvas, e neves, que não podiam dar paſſo, e com iſto foram faltando os mantimentos, com o que os ſoldados ſe amotináram algumas vezes. O Baxá com

tu-

tudo isto foi tomando o caminho por sima dos montes Piricardos, por neves, e frios, e caminhos tão asperos, e intrataveis, que de puro cansaço lhe morrêram muitos, e com grande trabalho, e perda chegou á Cidade de Glefeu do senhorio do Manuchiar, a qual achou deserta, por serem seus moradores recolhidos a lugares asperos, e solitarios; e querendo aqui o Baxá alevantar o forte, amotinaram-se-lhe quasi todos, e chegou a cousa a lhe fazerem descortezias publicas, e juráram que se logo não voltava pera Erzerum, que o haviam de matar. Vendo elle aquellas desordens, alevantou o exercito, e foi-se seu caminho, e em hum dia chegou á Cidade de Ardacan, sendo jornada de dous, só por quebrantar os soldados. Ao outro dia indo marchando, de madrugada lhe deram em os carros, em que levava suas mulheres, e lhas tomáram sem mais apparecerem: alguns affirmáram que os seus lhes fizeram aquella descortezia; mas o que se presume por mais certo he, que os Georgianos lhes deram aquelle assalto. Assim affrontado chegou o Baxá a Erzerum inimistado com todos por sua porfia, e contumacia.

CA-

CAPITULO III.

De como Francisco Gale foi por ordem de ElRey descubrir a Costa da nova Hespanha de 40. gráos pera sima: e da derrota que levou desde o porto de Acapulco até Japão, e dahi até tornar ao mesmo porto.

PORque não he fóra da nossa historia, e conquista a viagem que fez Francisco Gale por ordem de ElRey, em que gastou tres annos, daremos aqui razão della conforme a relação que elle mesmo mandou de toda ella ao Viso-Rey de nova Hespanha, a qual nos veio ter á mão: pelo que se ha de saber (segundo nos disseram) que querendo ElRey D. Filippe descubrir por aquella costa adiante de quarenta gráos pera sima tudo o que pudesse, pera ver se era verdade o haver algum canal por sima da Tartaria, que passasse até ao mar Septentrional, escreveo ao Viso-Rey da nova Hespanha que mandasse áquelle negocio pessoas expertas, que trabalhassem descubrir o que tanto desejava, e sobre o que tantos já trabalháram, como foi João Gaboto, Piloto Inglez, homem famoso em seu officio, o qual considerando que não havia a terra de ser tão fechada, que não deixasse passagem

gem pela parte do Norte de hum mar a outro, como o tinha feito pelo Sul naquelle eſtreito, que Fernão de Magalhães achou, tendo lido em Plinio o Gaboto, como foram mandados alguns mercadores Indianos ao Proconſul da Galia Metello Celere, os quaes foram lançados com tormenta ao mar de Suecia; e lendo tambem como Dematico Moſcovita, Embaixador daquelle Duque a Paulo Jano Biſpo de Nocera, que eſcrevia a hiſtoria do ſeu tempo, que de Duberia, rio muito grande de Moſcovia, quem por elle caminhaſſe pera o Norte, iria dar em hum grande mar; e navegando á mão direita por elle, iria dar na Provincia de Cathayo: querendo o João Gaboto commetter eſta jornada, morreo, e deixou muito encommendado a ſeu filho Sebaſtião Gaboto, o qual no anno de 1557. partio de Inglaterra de 60. gráos, e por ſima da Moſcovia foi navegando até 72. e meio, e deſcubrio por eſte caminho a terra nova, os Japonios, e Teutones, e chegou aos famoſos rios Condora, e Pecora, que vam esbocar no mar do Norte na coſta de Moſcovia; e indo em demanda do rio Obij, famoſo da Tartaria, que Abrão Hortelio faz entrar na alagôa Chitara no meio da Tartaria em 63. gráos do Norte, por lhe entrar o inverno, e achar muitas neves, não

não passou ávante, e tornou-se pera Inglaterra.

E pondo o Viso-Rey da nova Hespanha em obra aquelle negocio, encarregou aquella viagem a Francisco Gale, homem experto, e arrazoado Cosmografo, o qual partio do porto de Acapulco a 10. de Março do anno de 1582. levando por regimento que descubrisse a costa da nova Hespanha até sincoenta gráos, e que trabalhasse por ver, e saber se havia algum boqueirão que cortasse a terra; e fazendo sua viagem, foi pelo rumo de Les-Sudoeste até 16. gráos, affastado da terra 25. leguas; e mudando o rumo, foi governando 30. leguas a Leste, e 180. a Leste, e a quarta de Sudoeste até dar na Ilha do Engano, que he a mais Meridional da dos Ladrões, a qual está em 13. gráos e meio de latitude, e 164. de longitude, e o Occidental do Meridiano fixo, que passa pela Ilha Terceira dos Açores. Daqui tomou sua derrota a Leste, e por elle governou 180. leguas até chegar ao Cabo do Espirito Santo na Ilha Tendara a primeira das Filippinas; e passando adiante ao mesmo rumo 18. leguas mais, chegou ao boqueirão, que esta Ilha faz em Adolução, a qual se acha em 13. gráos escassos, e toda esta costa achou çuja até ao Cabo do Espirito Santo.

Adi-

Adiante 8. leguas defte Cabo eftá o dos Covos, arrazoado porto, por huma Ilheta que tem na boca; e no cabo do boqueirão meia legua defta Ilheta eftá hum Ilheo pequeno de feição de hum pão de affucar: do cabo defte boqueirão ao Norte em quarta do Nordefte 10. leguas de Mora a Ilha dos Cataduanes, que eftá huma legua affaftada da Ilha de Lução; e do mefmo boqueirão a Les-Sudoefte feis leguas fica a Ilha de Capuli, a qual fe corre a Les-Sudoefte, e a Les-Nordefte, e tem de comprido finco leguas, e de largo quatro, e eftá em 12. gráos e tres quartos. Defta Ilha ao Nordefte quatro leguas eftam tres Ilheos no Porto de Builegan na Ilha de Lasão, que fe corre Norte Sul affaftado meia legua da terra firme, e a mais do Sul eftá em 13. gráos. Nefte canal ha 20. braças, e acha-fe arêa branca, e as aguas vam tirando pera Sudoefte: de aqui foi governando ao mefmo Sudoefte, e quarta de Luefte 20. leguas até dar na ponta da Ilha de Tição da banda de Luefte, e corre-fe Lefte-Oefte, e ferá de 13. leguas de comprido, e a ponta eftá em 12. gráos e 3. quartos; e a meio caminho defta Ilha com a de Capuli eftam tres Ilhetas, que chamam das Laranjas, e foi por aqui cofteando da banda do Norte, e achou fundo de 22. braças de arêa branca.

Da

Da ponta da Ilha de Tição até á ponta de Burias, da banda de Lueſte, ſe corre Leſte-Oeſte legua e meia, e por aqui embocou o canal, governando ao Sul, e quarta do Sudoeſte tres leguas até deſembarcar em fundo de 16. braças, arêa entre branca, e aleonada. Eſtá eſte canal em 12. gráos e meio, e correm as ſuas aguas ao Norte: a Ilha de Barcis ſe corre Noroeſte Sueſte, a ponta do Noroeſte vai dar á coſta de Lução, e entre huma, e a outra não podem paſſar ſenão navios pequenos, tanto, que Franciſco Gale ſahido do canal andou duas leguas até a Ilha de Marbate, que ſe corre Leſte a Oeſte, e ſerá de 8. leguas de comprido, e quatro de largo, e o meio della eſtá em a altura de 12. gráos e hum quarto, e he hum pouco alta. Do canal de antre o Tição, e Burias, foi governando ao Nordeſte 13. leguas, ficando-lhe ao Sul Masbate, e ao Norte Burcas, e foi ter a Bontroia, que he hum Ilheo pequeno, e alto, que parece copa de ſombreiro, e eſtá em 12. gráos e dous terços. Por eſte caminho fica ao Sul a Ilha de Cebujão, que ſe corre Nor-Noroeſte, e quarta de Norte, e Sueſte, e quarta de Sul: he alta, e curva, e tem de comprido oito leguas, e a cabeça do Norte della eſtá em 12. gráos e hum terço; e neſta derrota ha 35. bra-

ças de fundo, arêa branca: defte Ilheo de Bontoia 9. leguas ao Sul eftam tres Ilhas huma apôs a outra, a primeira a chamada Bantozilho, outra Cimára, e a terceira das Cabras, e por entre ellas póde paffar qualquer náo, e a mais do Sul eftá em 12. gráos e hum quarto: da Ilha Bantozilho governou ao Noroefte 4. leguas até o canal de entre as Ilhas Vereges, e a Ilha de Manduque, deixando as Vereges ao Sul em 12. gráos e tres quartos, que são dous Ilheos tamanhos como duas fragatas, e Manduque ao Sul na mefma altura. Efta Ilha he grande, corre-fe a Les-Noroefte, e Les-Suefte, terá doze leguas de comprido, e fete de largo, e da banda do Norte faz com a Ilha Lução hum canal comprido, e eftreito com voltas, e muitos baixos, de modo que não póde paffar navio algum, e eftá a derradeira ponta de Lefte della em 13. gráos, e hum quarto, e no canal ha 18. braças, e o fundo de arêa preta, e miuda. Defte canal dos Bereges, e Manduque ao Noroefte 12. leguas vam demandar a terra do Mindouro na ponta de Dumari, que eftá em 13. gráos largos; e finco leguas daquelle canal pera o Sul fica a Ilha do Meftre do Campo, que eftá em 12. gráos, e nefta derrota ha 45. braças arêa branca. Nefta ponta de Manduque começa a Ilha de Mindou-

douro , tem de comprido Leſte-Oeſte 25. leguas, e 12. de largo, e a ponta mais do Sul eſtá em 13. gráos , e a do Norte em 13. e dous terços , a derradeira terra de Leſte em 13. e hum quarto : eſta Ilha faz canal com a do Lução de 5. leguas de largo , e tem fundo de 12. braças. Andadas ſinco leguas de Manduque , eſtá o rio da povoação de Aganan, que he baixo, e não póde entrar navio por elle ; e ahi a 2. leguas eſtam os Ilheos de Baco, que ſam tres, os dous eſtam da terra 300. covados , e entre o derradeiro , e a coſta paſſam navios pequenos, e entre eſtas , e as outras ha 20. covados , tudo baixo , e as náos paſſam de fóra deſta arrimadas a ella, como 150. covados. Paſſadas ellas, foi governando pera a terra pera paſſar por entre a terceira Ilha, e o rio de Baco, arrimando-ſe mais do meio do canal á Ilha , que diſta deſta das outras huma legua: neſte canal ha 10. braças , lama, e caſcalho, e o rio de Baco he largo , mas de pouco fundo. Deſta Ilha a duas leguas eſtá o Cabo de Reſcaſco, podem paſſar bem chegados á terra , porque ha grandes correntes ; e dahi a meia legua eſtá a povoação de Mindouro, que tem porto pera náos de até 150. toneladas, e defronte deſte porto tres leguas ao Norte eſtá a Ilha de Cuca , que

ſe corre Leſte Oeſte de Mindouro. Foi governando a Leſte Noroeſte 8. leguas, e foi tomar a ponta do baixo de Tulles na Ilha de Lusão, e paſſou affaſtado da coſta 150. covados por cauſa do parcel que alli tem, e achou fundo de 8. braças, lama, e caſcalho. Correm-ſe eſtes baixos ao Norte, e quarta de Noroeſte duas leguas até o rio de Arcabado, e de alli vai correndo a coſta dos Lumbones 4. leguas ao meſmo rumo; toda eſta coſta he alta á maneira de orgãos, e tem bons portos pera navios pequenos. Correndo os Lumbones ao Sul duas leguas, fica o Ilheo de Fatam, e outras quatro Ilhetas baixas, que chamam do Lubão, que eſtá em 13. gráos e meio, e a entrada da bahia de Manilha em 14. e hum quarto; e dahi ao Norte 6. leguas eſtá o porto do Cabite, ficando a terra da banda de Sudoeſte, que he baixa, e chama-ſe os baixos do rio de Canas; e por toda eſta bahia ao rumo aſſima ha de 10. braças até quatro: aqui na Manilha invernou Franciſco Gale, e o anno paſſado de 583. partio na derrota de Macao na China, como levava por regimento, e foi governando 18. leguas a Leſte até o porto de Sambales; e ás 8. leguas pera o Sul ficão 2. Ilhetas de Marambales, e apartado dellas huma legua eſtá o cabo de Cam-
bal

bales, governou ao Norte, e quarta de Noroeſte 35. leguas affaſtado da coſta, huma até o Cabo de Bellinao, que eſtá em 16. gráos e dous terços, he terra alta, e montuoſa. De Belinao foi ao Norte, e quarta do Noroeſte 45. leguas até ao Cabo Bojador, que he a terra mais ſeptentrional da Ilha de Lução, que eſtá em 19. gráos. Paſſado eſte Cabo, faz a coſta grande enſeada, e depois ſe corre ao Norte até o Bojador, e he terra de arrecifes. Do Cabo Bojador governou ao Es-Noroeſte, 120. leguas até o Ilheo branco, que eſtá á entrada das Ilhas de Cantão em 22. gráos largos affaſtado da coſta da China 4. leguas. Aqui em Macao ficou eſperando a monção pera Japão, que he em Julho, e partio a 24. deſte mez deſte anno, em que andamos de 1584. Governando a Les-Sueſte 150. leguas, dobrou os baixos dos Peſcadores, e principio dos Lequios da banda de Leſte, a que chamão as Ilhas Fermoſas, que eſtão em 21. gráos e tres quartos; e poſto que neſta derrota os não vio, teve informação delles por hum Piloto Chincheo, que comſigo levava. Dobrada a Ilha Fermoſa, governou a Leſte, e quarta de Nordeſte 260. leguas até paſſar as Ilhas dos Lequios, e foi affaſtado dellas 50. leguas: eſtas Ilhas diſſeram os Pilotos Chincheos

que

que eram infinitas , e que tinha muitos, e bons portos, e que os naturaes ſe pintavam pelos roſtos, e corpos como os Biſaios das Filippinas ; tem ouro , e vam em navios pequenos á China , e Japão carregados de couros de veados, e algum ouro em pó: a mais Oriental, e Septentrional deſtas Ilhas eſtá em 29. gráos. Paſſadas ellas, eſtam as de Japão , que tem todas de longitude 135. leguas, e a mais Oriental eſtá em 32. gráos até as dobrar todas, governou a Leſte, e quarta de Nordeſte as ditas 135. leguas, e as 70. andadas adiante eſtam huns balcões em quatro Ilhas juntas a outras 30. leguas : eſtas são povoadas de huns homens muito pequenos, e de grandes toucados , que tem lingua mui differente dos Chins, e Japões, e vam áquellas Ilhas com reſgate de ouro, pannos de algodão, e peſcados ſalgados como atuns , e a eſtas Ilhas poz Franciſco Gale por nome Armonicas. De aqui foi governando a Leſte, e quarta de Nordeſte ; e tendo andado 300. leguas ao Oriente do Japão, achou hum mar grande, e de levadia do Norte, e Noroeſte, largo, e eſpaçoſo, ſem baixo, nem impedimento algum, o qual ſe não applacava com qualquer vento que ventaſſe, e de aquella maneira lhe durou 700. leguas : por todo eſte caminho foi achando grande quanti-

da-

dade de balças, e atuns, e alvacoras, e bonitos que são pescados, que de continuo andam em canaes, e correntes pera verterem com ellas as ovas, e gerarem sua creação, por onde inferio o Gale haver canal entre a terra firme da nova Hespanha, e a Tartaria, e assim o averiguou. Este, segundo nosso juizo, he aquelle, em cuja demanda foi Sebastião Gaboto, como em principio deste Capitulo dissemos, o qual vem cortando a terra da Asia pela Moscovia, e Tartaria, e vai esbocar nesta parte entre a terra de Uracan, que fecha com a da nova Hespanha na contra costa da terra da Asia, onde ella fenece; e proseguindo o Gale sua derrota, foi tomar terra da costa da nova Hespanha em 37. gráos e meio, terra alta, bem assombrada, cuberta de arvoredo, e sem neves, a qual tinha já descuberto Francisco Vasques de Coronado por ordem de D. Antonio de Mendoça, Viso-Rey da nova Hespanha o anno de 1540, e achou por ella navios de Mercadores com alcatruzes de ouro nas poppas, e por assenos lhe disseram que em trinta dias vinham de sua terra áquella costa, segundo conta João Baptista Ranuzio no seu Livro, que elle recopilou de varias viagens, em Italiano, por onde possivel he fossem estes navios dos portos de Cathaio, e que sahissem por

es-

este canal entre Huracan, e a terra da Asia, posto que tambem podiam ser daquellas Ilhas Armonicas que achou o Gale, porque navegam pera todas aquellas partes; e tornando ao roteiro do Gale, foi por esta costa, e por toda ella quatro leguas ao mar achou balsas de raizes, filhas de arvores, e canas, e muitos lobos marinhos, por onde não póde deixar de haver muitos rios, bahias, e bons portos até o porto de Acapulo: de 37. gráos e meio governou a Sueste, e quarta do Sul, e ás vezes quarta de Leste, segundo o vento cursava até o Cabo de S. Lucas, que está na entrada da California em 22. gráos, e 50. leguas do Cabo do Mendoeiro. Neste caminho das 500. leguas a longo da costa ha muitas Ilhas, ainda que pequenas, nas quaes não póde deixar de haver bons portos, e as sabidas são Santo Agostinho em 30. gráos e tres quartos; a dos Cedros em 28. gráos e hum quarto; a Ilha, e baixos de S. Martinho em 23. gráos: toda esta terra se entendeo ser povoada, porque todas as noites foram por ella vendo muitos fogos: do Cabo de S. Lucas até á outra banda de Sudoeste da California governou a Les-Sueste 80. leguas até o Cabo das Correntes, que está em 19. gráos e tres quartos. Por este caminho ao Norte huma legua ficam

cam tres Ilhas chamadas as Irmans, arrumadas ao mesmo rumo, quatro leguas huma da outra, e será cada huma de duas até tres leguas. Do Cabo das Correntes governou a Sueste, e quarta de Leste 130. leguas até o porto de Acapulco, e por este caminho a 20. leguas andadas está o porto da Natividade, e de alli a 8. mais o de Sant-Iago, e a 6. mais a praia de Culima.

De toda esta viagem deo o Gale informação ao Viso-Rey da nova Hespanha, que mandou esta relação a ElRey D. Filippe, com que se houve por averiguado haver canal naquella parte, em cuja demanda tornou a mandar o anno de 586. o mesmo Gale, que morreo na viagem, e lhe succedeo Pedro de Hunamunho, como em seu lugar diremos.

CAPITULO IV.

De como Fernão Boto Machado chegou a Maluco, e de sua morte: e como Diogo de Azambuja tornára a ficar naquella Fortaleza de Maluco: e da morte de ElRey Babu de Ternate: e das differenças que houve sobre a herança daquelle Reyno.

O Anno passado de 583. chegámos da chegada de D. Alvaro de Castro a Maluco; e de sua morte, e como Diogo de

de Azambuja tornára a ficar naquella Fortaleza, e de então até chegar o Galeão da carreira não houve cousa notavel, senão miudezas, com que não queremos entulhar a historia, e a 8. dias de Julho surgio naquelle porto Fernão Boto Machado, cuja vinda foi muito festejada pela falta que havia de provimentos, e com os que levava de dinheiro, e roupas se suppríram as necessidades: e parecia que abríram os daquella Fortaleza os olhos, porque todo o seu remedio está naquelles galeões, que he bem miseravel estado a dúvida que tem as esperanças do remedio della de anno em anno.

Estava a este tempo ElRey Babude Ternate muito doente, e com grandes alvoroços em Ternate sobre quem lhe succederia no Reyno, porque não tinha filhos legitimos, e hum só bastardo chamado Boxar, ou Bousaide, a quem o Reyno não pertencia, porque entre estes Reys Mouros de todo este Arquipelago não póde herdar o Reyno, senão o que for filho daquella mulher que elles hão pela sua verdadeira, a que chamam Putri, e he tanto como Princeza, a qual forçado ha de ser casta de Reys; e posto que tenham outras muitas, e dellas muitos filhos, só aquella he a Rainha, e os filhos os herdeiros; mas como es-

eſta ordem ſe tinha quebrado em ElRey Soltão Eiro, que Diogo Lopes de Meſquita mandou matar, por ſer filho de ElRey Rujano baſtardo, que o ſubio áquella cadeira, por não haver outro legitimo por morte de ElRey D. Manoel ſeu irmão, que morreo em Malaca, como na Decada V. Cap. X. do Livro ultimo fica dito, o qual Soltão Eiro deixou ſinco filhos, quatro baſtardos, e hum legitimo, e os baſtardos eram Babu, que eſtava doente, Cachitulo, Cachilougo, Cachilquipate, o legitimo era Mandraxa menino filho da Rainha verdadeira, ao qual o Reyno de direito pertencia, pelo que por morte do pai ficou Cachilbabu nomeado no Reyno o mais velho dos baſtardos por ter animo, e prudencia pera proſeguir na guerra contra os Portuguezes até tomar vingança da morte do pai, como fez: aſſim tomou logo a Fortaleza, como temos contado na Decada IX. ficando-ſe creando o irmão legitimo de baixo de ſua adminiſtração, e tutoria, e aſſim foi creſcendo, e eſperando que lhe entregaſſem o Reyno, ou ao menos que por morte do Babu o deixaſſe nomeado por herdeiro; mas como neſtas couſas de reinar não ha fé, determinou o Babu de conſtituir no Reyno ſeu filho Sultão Boſaide, poſto que baſtardo, e pera iſto ſe tinha car-

tea-

teado com o Rey de Tidore, que o favorecesse com lhe ter promettido huma filha que tinha em casamento, sobre o que tinha feito seus concertos, e papeis, nos quaes o mesmo Soltão Bosaide se lhe obrigava a tanto que succedesse no Reyno darlhe sua irmã em casamento pera com isso o obrigar, e continuar com seu favor; e depois destes concertos feitos, os tratou o mesmo Babu com seu irmão Cachiltulo, que era mais velho de todos, e lhe pedio consentisse na eleição que queria fazer em seu filho, pois o Reyno lhe não pertencia a elle senão a seu irmão Mandraxa, promettendo-lhe os titulos de Capitão Mór do mar, e do governo da justiça, e com muitas outras honras, e partidos; e foram tão grandes, que o movêram a favorecer huma tão grande injustiça com o ajudar a tirar o Reyno a seu proprio irmão; que tanto póde o interesse, e tanta força tem a cubiça, não só entre estes Mouros, e Gentios, senão ainda entre Principes Christãos, que muitas vezes lhes faz deixar as cousas d'alma pelas da vida tão incertas. Cachiltulo confiado no que lhe tinham promettido, começou a favorecer o sobrinho, e a bandear-se o Rey de Ternate Gapehaguna com seu proprio irmão; e como a doença de Babu era mortal, faleceo poucos

dias

dias depois da chegada do Galeão ; e antes de lhe fazer as exequias , puzeram o filho na cadeira do Reyno sem o Principe Mandraxa poder fazer nada , por ser só , e todos , ou os mais estarem peitados , e bandeados da outra parte ; não deixando porém de andar com insignias de Principe herdeiro , que são sombreiro , e chinellas , até que o matáram , como adiante diremos. Cachi Azaide como tomou posse do Reyno , logo cumprio ao Thio Cachiltulo tudo o que lhe prometteo , com o que se ficou sustentando em sua tyrannia até se fazer poderoso , e se seguir no Reyno. Nestes termos deixaremos as cousas de Maluco , proseguindo-se sempre na guerra , a qual ElRey novo continuou logo , por lhe ser assim muito encommendado de ElRey seu pai.

CAPITULO V.

De como o Conde D. Francisco Mascarenhas mandou matar os culpados na morte dos Padres da Companhia , que matáram em Cuculí : e da manha que Gomes Eannes de Figueiredo Capitão de Rachol teve pera os haver ás mãos.

MUito desejou o Conde D. Francisco Mascarenhas de tomar satisfação da morte dos Padres , que os moradores de Cu-

Cuculí matáram, na propria pessoa dos homicidas, sobre o que trabalhou tudo o que pode; mas como elles se haviam por tão culpados, não se seguráram senão nas terras do Idalxá pera onde se passáram com mulheres, e filhos, sem (por muito que o Conde nisso trabalhou) os poder haver ás mãos; mas como a mágoa que tinha de aquelle negocio era muito grande, encommendou muito a Gomes Eannes de Figueiredo, Capitão de Rachol, que trabalhasse tudo o que pudesse por todos os modos, e vias pera haver ás mãos os proprios delinquentes, e os matasse a todos. Gomes Eannes andava pelas terras com soldados, e peães fazendo toda a guerra que podia aos moradores daquellas aldeias, queimando-lhes, e destruindo-lhes tudo o que achava, com o que ficáram de todo desertos; e porque andava de vagar neste negocio, tinha feito huma tranqueira forte na aldeia de Cuculí, na qual se recolhia, e fazia de alli assaltos, e entradas até ás terras dos Mouros; e os naturaes daquellas aldeias vendo-se desterrados, e perseguidos, mandáram por algumas vezes apalpar a Gaspar Gomes Eannes com pazes, pedindo-lhe misericordia, e que queriam tornar a povoar aquellas aldeias, e pagar os foros a ElRey. Gomes Eannes lhe

não

não respondeo a proposito por mais os segurar pera o que pertendia : em fim elles como alli era a sua patria , e natureza , e tinham suas terras , e fazendas , promettendo grandes partidos até que Gomes Eannes os ouvio , e lhes passou hum seguro pera os principaes virem em nome de todos os moradores ver-se com elle pera concluirem os partidos. Com isto vieram dezeseis Gancares , os mais honrados , e ricos , e os proprios homicidas dos Padres , que elle trazia a rol , entre os quaes entrava hum Aganaique preto muito valente homem , e de quem aquellas aldeias todas haviam grande medo ; e outro Ramagaro muito temido tambem de todos , que foram os dous que puzeram o ferro nos Padres. Gomes Eannes os recebeo bem pelos segurar , e os agazalhou no forte comsigo sem dar conta a ninguem do que determinava , por se não vir a saber por via de algum peão ; mas o mais que se tinha declarado com os soldados antes de virem , foi dizer-lhes que o que lhe vissem fazer , fizessem todos como elles chegassem. E como entre aquelles vinham dous innocentes naquelle negocio , não quiz elle que pagassem a culpa dos mais , e os mandou pera huma camera em que dormia , como que queria fallar com elles ; e como os teve seguros , tomou o

Aga-

Aganaique preto pela mão, e o apartou a huma parte da casa, em que todos estavam, como que lhe queria dizer alguma cousa, tendo dado de olho aos soldados, pera que estivessem prestes; e levando de hum punhal mui lestes, lhe deo tres feridas que logo o matou. Os soldados que estavam com o tento nelle, vendo o que fizera, remettêram com os mais, e lhe deram tantas feridas que os acabáram: os dous que estavam dentro recolhidos, ouvindo o estrondo fóra, lançáram-se de huma gurita a baixo, e acolhêram-se; mas os culpados pagáram alli com o mesmo genero de morte, que deram aos innocentes Padres. Chegadas estas novas aos moradores das aldeias, as despovoáram por muitos tempos; e por sentença da Relação de Goa foram todas julgadas pera ElRey, e o Viso-Rey D. Duarte de Menezes fez mercê dellas: as de Cuculí, que são sinco, a João da Silva; e as de Aselona, que são tres, a D. Pedro de Crasto . o qual depois quando se embarcou pera o Reyno, fez doação dellas ao Noviciado dos Padres da Companhia, e nellas tem hum muito bom Forte, em que se recolhem, e tem sua Igreja, onde os freguezes de aquellas aldeias todas vam ouvir suas Missas, porque ha já por ellas muitos Christãos que cada dia se vam

con-

convertendo, porque o ſangue dos innocentes Padres, que alli foram martyrizados, ha de clamar a Deos tanto, até que ſe convertam todos a elle; e parece que eſtava iſto profetizado pelo Padre Pedro Berna, o qual chegando huma carta que o Padre Alexandre de Valegnano, Viſitador da Companhia na India, eſcreveo em Latim ao ſeu Prepoſito Geral a Roma, coſtumava a dizer que em quanto nas aldeias de Cuculí ſe não derramaſſe ſangue, havia de ſer pouca, ou nenhuma a conversão dos Gentios: e que o coração lhe denunciava algumas vezes que havia de padecer martyrio naquellas partes, por onde ha de permittir Deos que o ſangue deſtes Martyres ſeus ſervos não ſeja alli derramado em vão, como já vai moſtrando no fruto que cada dia ſe faz nellas, e nos Templos, que ſe vam alevantando ao Altiſſimo Deos nos lugares dos Pagodes, e abominações diabolicas, de que hoje já não ha memoria. E por ſima de aquelles famoſos, e altos montes (de que todas eſtas aldeias eſtam cercadas) ſe vem altiſſimas, e fermoſiſſimas cruzes alevantadas, até que o tempo dê lugar pera de todo ſe extinguir os diabolicos ritos, em que alguns ainda andam cegos, pera que abrindo os olhos, conheção a verdade da noſſa Lei, não ſó eſtes,

mas tambem todos os mais vizinhos, e comarcãos.

CAPITULO VI.

Da Embaixada que o Viso-Rey mandou ao Oxá pelo Padre Fr. Simão de Moraes da Ordem de Santo Agostinho: e da occasião que houve pera isso: e do que lhe aconteceo na jornada.

NA Armada do anno de 583. teve o Viso-Rey D. Francisco Mascarenhas cartas de ElRey pera Oxá Cadabonda Rey da Persia sobre o persuadir a continuar na guerra contra o Turco, offerecendo-se ao ajudar o Viso-Rey com Armadas pelo estreito do mar roxo pera com ellas o divertir. E como ElRey Filippe era muito prudente, e sabia que os Reys Mouros são amigos de grandes ostentações, e que pera lhe mandar Embaixador conforme sua grandeza, e a vaidade daquelle Mouro custava muito, escreveo ao Viso-Rey lhe mandasse aquella carta em fórma que lhe parecesse que não desfaria na opinião de ambos, nem de sorte que se pudesse aquelle Rey queixar, nem tomar; e deixando aquelle negocio em seu parecer, e dos do seu Conselho; e andando o Viso-Rey discorrendo so-

sobre o modo que nisto haveria, e teria, praticando o negocio muitas vezes com pessoas de bom entendimento, e experiencia, sem acabar de se resolver, succedeo vir a Goa hum Armenio, pessoa veneranda, homem prudente, e de grandes mostras de santidade com huma hypocrisia farisaica, que só contava hum milagre que acontecêra ao Principe Anze Mirza, primogenito de ElRey da Persia, que era este.

Casou este Principe com huma senhora Georgiana Christã, posto que scismatica, mas conservava todavia, como todos os Georgianos, a Cruz de Christo, e muitas cousas da Fé. Adoeceo o Principe, e chegou a estado de desconfiarem delle os Fysicos, o que a mulher sentio em extremo. Estando só com elle hum dia, o consolou de sua enfermidade, e lhe disse, que tivesse confiança em Deos, que elle era poderoso pera lhe dar vida: que se quizesse ter saude, fizesse huma mézinha, que lhe ella ensinaria, que tinha tanta virtude, que ella se obrigava a logo sarar. O Principe, que lhe era affeiçoado, lhe disse, que era contente de fazer por sua saude o que lhe ella aconselhasse. Vendo ella o Principe disposto, tirou do seio huma Cruz, e amostrou-lha, dizendo-lhe, que se cresse, e que se se encommendasse áquelle Senhor, que

nella morrêra, de todo o ſeu coração, que ella confiava que logo recebeſſe ſaude. Alguma couſa ficou o Principe ſuſpenſo pela liberdade com que a mulher lhe fallou naquella materia tão deſviada, e fóra de ſua crença, e ſeita; e todavia quando a vio tão ſegura, e prometter-lhe com tanta confiança ſaude, parece que obrou o Eſpirito Santo em ſua alma algum bom effeito, com que lhe abrio o entendimento pera ſe affeiçoar aos Myſterios da noſſa Santa Fé; e aſſim reſpondeo á mulher, que ſe aquelle Deos que dizia, lhe déſſe ſaude, que elle faria o que ella dizia; e então lhe diſſe ella: Já que aſſim he, affeiçoai a vontade ao que vos diſſe, e olhai pera eſta Cruz, e tende confiança que tereis ſaude por ſeu meio. Eſtando neſtas praticas, chegáram os Medicos; e diſſimulando elle o caſo, eſcondeo a Cruz, e tomando-lhe elles o pulſo, o acháram ſem febre, e com tanta melhoria que paſmáram, porque ſe tinham ido de alli deſconfiadiſſimos, e aſſim em breves dias alcançou ſaude perfeita, e ſe levantou.

E praticando eſte Armenio com o Viſo-Rey ſobre as couſas da Perſia, e contando-lhe eſte milagre, lhe affirmou que ſe foſſem lá alguns Religioſos, que ſem falta o Principe Arza Mirza, que governava o Reyno

no por ſeu pai, que era cego, ſe faria Chriſtão pela affeição que tinha á noſſa Santa Fé, e quaſi que ſe obrigaria a iſſo. Não deo o Viſo-Rey inteiro credito ao Armenio, porque são difficultoſas as couſas daquella qualidade de mudar de Lei hum Mouro creado na falſa ſeita de Mafamede accommodada á natureza corrupta de todos. E poſto que a couſa era muito pera duvidar, e eſtava aquelle negocio entre o Principe, e ſua mulher, que ninguem o ſabia mais pera publicar-ſe o milagre por via da Santa Cruz, pareceo a todos fingimento do Armenio, e que tratava aquelle negocio por alguns reſpeitos particulares. Todavia não deixou o Viſo-Rey de cuidar que bem poderia Deos noſſo Senhor obrar aquellas, e outras maravilhas maiores, porque tudo eſtava em ſua mão, e aſſim deo conta diſſo ao Padre Fr. Miguel dos Anjos, Provincial dos Religioſos da Ordem de Santo Agoſtinho, que tinham vindo de Portugal deputados pera aquella empreza, como na Decada VIII. temos dito, quando tratámos de ſua vinda. E como elle ſabia que o Padre Fr. Simão de Moraes era Religioſo muito virtuoſo, e de grande exemplo, e que os annos que eſteve em Ormuz no ſeu Convento, aprendêra a lingua Perſa, e a lia, e eſcrevia tão bem como os meſ-

mos

mos Perſas, diſſe ao Provincial que lhe parecia muito bem ir eſte Padre á Perſia em companhia daquelle Armenio, e que levaſſe as cartas de ElRey pera o Oxá; porque não indo por mão de algum Embaixador com grande apparato, e acompanhamento (couſa que então o Eſtado não podia mandar) que por nenhuma outra peſſoa podia ir mais authorizada que pela de hum Religioſo tão grave, e tão perito na lingua Perſa, que poderia repreſentar tudo muito bem. Aſſentado iſto entre ambos, negociou logo o Viſo-Rey o Padre pera Ormuz pera onde ſe embarcou, e de aquella Fortaleza ſe poz no caminho logo da Perſia; e chegados á Cidade Casbim, ſoube ſer ElRey, e o Principe paſſados á Provincia Cohoraçone, por lhe terem entrado por elle os Husbeques, e tomado algumas Cidades, como já temos dito atrás; e não perdoando o Padre Fr. Simão de Moraes a trabalho algum, ſe poz logo ao caminho de Cohoraçone acompanhado do Armenio até chegar ao exercito do Oxá, que achou occupado na guerra contra os Husbeques; e mandando-lhe fazer a ſaber de como hia por Embaixador de ElRey D. Filippe, o mandou receber, e agazalhar bem, e proveo-lhe abaſtadamente, e depois o mandou levar diante de ſi, e o recebeo com

gran-

grandes honras, por já ſaber que era Frade, e Sacerdote, a quem tinhamos tanto reſpeito, como elles tem aos ſeus Cacizes; e depois de o ouvir fallar a lingua Perſa tão cortezãmente, lhe fez differentes gazalhados, e tomou a carta de ElRey com grande veneração, e mandou recolher o Padre, e que ſe lhe déſſe todo o neceſſario, que elle não acceitou, ſenão ſó o que lhe podia abaſtar, nem quiz tomar a ElRey peças ricas que lhe dava, de que elle ficou muito admirado, e com brevidade o deſpachou, e reſpondeo a ElRey em fórma; e nas cartas, fallando no Fr. Simão, chamava-lhe deſprezador dos bens da terra; e parecendo-lhe bem mandar em companhia do Padre outro Embaixador pera aſſentar com ElRey as couſas daquella guerra, e perſuadillo a mover a ella os Principes Chriſtãos, pera o que elegeo hum Capitão ſeu dos principaes com bom acompanhamento, e caſa, e ambos chegáram a Goa o Março ſeguinte, e foi apoſentado junto ao Moſteiro de Santo Agoſtinho pera os Religioſos correrem com elle, e aonde eu o viſitei algumas vezes, e me informei delle de muitas couſas da Perſia: era homem, que tinha conhecimento das couſas de Geografia, e moſtrou-me hum Padrão, em que tinha arrumados todos os Reynos, e Provincias

cias do Oxá, cousa curiosa, com seus meridianos, e parallelos, que levava a ElRey, e á sua entrada o recebeo o Viso-Rey com magestade, e apparato; e aqui o deixaremos até tornar ao que lhe succedeo.

CAPITULO VII.

De como D. Gileanes Mascarenhas foi ao Malavar: e de como entrou o rio de Sanguicer pera castigar aquelle Naique: e do desastre por que foi morto.

TAnto que o Conde D. Francisco Mascarenhas vio entrado o mez de Agosto, e que a Costa da India se deixava navegar, ainda que com trabalho, tendo assentado que fosse D. Gileanes Mascarenhas ainda aquelle verão ao Malavar, pera onde mandava de pressa a Armada, succedeo ter cartas de Cochim, em que o avisavam que naquella Cidade havia grandes bandos, e desordens sobre a Alfandega, a que era necessario acudir; e com isto determinou de mandar de pressa D. Gileanes Mascarenhas com alguns navios pera temperar aquellas cousas pera depois de vagar lhe mandar mais Armada: e mandou logo pôr no mar quatorze navios ligeiros, e os proveo de mantimentos, e munições, e despedio

D. Gileanes nelles com regimento que foſſe a Cochim, e trabalhaſſe por temperar aquelles moradores, encommendando eſte negocio por cartas muito aos Prelados, e Religioſos, pera que ſe metteſſem em meio, e trabalhaſſem por paziguar aquelles tumultos; e aſſim meſmo lhe deo por regimento que de paſſagem caſtigaſſe o Naique de Sanguicer. Era eſte Naique vaſſallo do Idalxá, e havia alguns annos que eſtava alevantado em ſete, ou oito aldeias, que rendiam outros tantos mil pagodes, e tinha ſeiscentos peães com que as defendia; e por ſerem no mato, não o podiam acolher ás mãos, e não ſó vivia aqui em deſerviço do ſeu Rey, mas ainda do Eſtado da India, porque começou a recolher alguns ladrões, e armar em ſeu porto alguns navios ligeiros, que do nome daquelle rio ſe chamavam Sanguiceis, os quaes trazem vinte homens de peleija, com que ſahem por toda a coſta do Norte a roubar aſſim os Portuguezes, como Mouros, e Gentios, e fazem cada anno notaveis roubos, com que os mercadores empobrecêrão, e não ouſavam de navegar ſenão em cafilas; e foi o ſeu deſafforo tamanho, que ſolicitavam, e recolhiam os eſcravos dos moradores de Goa, de que ajuntou huma grande cópia; e depois que eſtes ſe miſturáram com os

la-

ladrões de Sanguicer, não só roubavam todos os Portuguezes que achavam, mas ainda os matavam, o que antes não faziam, porque se contentavam com lhe tomar as fazendas; e porque isto ficava em descredito do Estado, e tão perto de Goa, ordenou o Viso-Rey que os castigasse D. Gileanes de passagem, e lhe encommendou trabalhasse por destruir aquelle Naique de todo. D. Gileanes se embarcou por fim de Agosto; e porque a barra estava ainda soberba, sahio pela de Goa a Velha com os quatorze navios, dos quaes, fóra elle, eram Capitães Garcia de Mello, D. Francisco de Azevedo, Tristão Vaz da Veiga, Diogo Corvo, Paulo Coutinho, Ignacio Nunes de Mancelos, Diogo Jorge Barreto, Gaspar de Carvalho de Menezes, Sebastião de Negreiros, Francisco de Sousa Roli, Pedro Veloso, e Gaspar Fagundes. Levavam estes navios trezentos soldados dos mais velhos, e escolhidos de Goa; o primeiro dia que partio foi á noite surgir na enseada das Gales, pouco mais de meia legua antes do rio de Sanguicer: alli deo conta aos Capitães da ordem que levava pera entrar naquelle rio, porque até então a teve em segredo, e assentáram que ao outro dia seguinte entrassem o rio, e desembarcassem em terra. Com esta resolução despedio D.
Gi-

Gileanes logo quatro navios, de que eram Capitães Garcia de Mello, Jorge Barreto, Diogo de Soufa, e outro pera irem fondar aquella barra, porque quando elle de madrugada chegaffe, não fe detiveffe nada: eftes navios chegáram á boca daquelle rio; e como não levavam Piloto que foubeffe aquella barra, andáram ás redes a huma, e outra parte, dando aqui em hũma pedra, lá em hum baixo, de maneira que não puderam acertar o canal, e de cançados furgíram, e ficáram efperando pelo Capitão Mór. Tem efta barra logo na entrada da banda de fóra hum banco de arêa, e pedras, he larga na boca, e tem fundo de quatro braças; e como entram dentro, entre as terras fica tão eftreito o rio, que com dous tiros de pedra fe paffará, vai em muitas voltas, e fempre tira ao Sul: pelo meio vai hum canal ainda tão eftreito, que efcaffamente póde paffar hum navio de remo, e tudo o que fica de huma, e outra banda são penedos mui grandes, e perigofos como picos, haverá junto delles tres, ou quatro braças de fundo. D. Gileanes Mafcarenhas, tanto que foi o quarto de alva, levou-fe, e foi demandar o rio, cuidando o achaffe já mui fabido; e chegando aos navios, foube delles o trabalho em que toda a noite andáram fem acharem o

ca-

canal. E por ir amanhecendo, determinou entrar o rio, porque a claridade do dia os encaminhava pelo canal; e porque o navio, em que elle hia era grande, e pezado, mudou-se a huma fusta, que hia na Armada pera de caminho a dar em Mangalor a Luiz Ferreira, que alli invernára com soldados pera nella o acompanharem, e nella metteo comsigo vinte soldados, e dous Padres, hum da Ordem dos Prégadores, chamado Fr. João Soares, muito bom Prégador, e Mestre Apresentado em Theologia, que lêra muitos annos; e outro era da Ordem do Serafico Padre S. Francisco, e ás sete horas do dia commetteo a barra; e como não levava Piloto, que soubesse o canal, foi sempre ás apalpadelas, no que gastou até ás quatro horas da tarde, por haver da barra até á povoação de redor de sinco leguas. E sendo já perto della, e onde o rio era mais estreito, e perigoso por causa dos penedos, e a agua descia com grande força por vir o rio cheio, e soberbo com as aguas da invernada, foram os navios, que hiam diante, cabeceando, e encostando-se aos penedos; e como alli era estreito, os que hiam atrás foram-se detendo por não encalharem nos outros. D. Gileanes vendo aquillo, mandou remar avante; e como o seu navio hia despejado, passou

ſou por todos ; e vendo huma calheta na praia já defronte da povoação, endireitou pera ella; e querendo pôr a proa em terra pera deſembarcar por alli, como hia aviado do remo, foi varar em parte, que ficou encalhado entre dous penedos, ſem poder ſahir pera fóra. Os ſoldados vendo-ſe aſſim, lançáram-ſe a terra com os marinheiros, e começáram a lançar a fuſta pera o mar, mas não puderam, porque eſtavam ſobre as penhas, e os mais navios não puderam ſoccorrer-lhe, porque o de Jorge Barreto eſtava já entre huns penedos, donde nunca ſahio, e aſſim meſmo o de Pedro de Souſa, e quaſi todos os mais hiam dando pelas pedras, e bem tinham que fazer em ſe livrarem daquelles perigos, ſem poder nenhum paſſar ávante. D. Gilcanes por muito que trabalhou não pode affaſtar-ſe; e pera de todo o impedir, acudíram os inimigos, e carregáram ſobre a fuſta com nuvens de eſpingardadas, de que feríram muitos, e fizeram embarcar os que andavam lançando o navio ao mar. D. Gileanes vio-ſe perdido; e conhecendo o erro que fizera em commetter aquillo ſem Pilotos, que o guiaſſem, todavia preparou-ſe pera ſe defender até que lhe pudeſſem ſoccorrer. Os inimigos eſtavam de ſima de hum tezo ás eſpingardadas a elle, porque o falcão da fuſ-

fuſta que laborava, os fez acolher a hum alto; mas o Naique acudio logo alli em ſima de hum fermoſo cavallo com huma meia lança na mão; e vendo os ſeus encurralados no tezo, foi-ſe a elles, e ás pancadas os fez chegar ao navio, e o cercárão por todas as partes, e ás lançadas, e fréchadas tratáram muito mal a todos, e já a mór parte dos marinheiros eram acolhidos aos outros navios a nado; e poſto que os ſoldados peleijáram muito valeroſamente, o navio foi entrado pela proa de hum cardume de inimigos; o que viſto por hum Paulo da Coſta, Cirurgião da Armada, que tinha nas mãos o Guião de Chriſto, chegou-ſe a D. Gileanes, que eſtava ao pé delle, e lho entregou, lançando-ſe logo ao mar pera ſe pôr em ſalvo, por haver tudo por perdido. D. Gileanes tomou o Guião, e o fez em pedaços, e o lançou ao mar, por não ficar em poder dos inimigos, e remetteo a elles armado com hum peito de prova, e hum eſcudo de aço, e com huma fermoſa eſpada começou a fazer maravilhas. Os Padres vendo tudo perdido, lançáram-ſe ao mar, como o víram fazer a alguns ſoldados; e o Fr. João Soares primeiro que chegaſſe ás outras fuſtas, ſe affogou, e o de S. Franciſco ſurdio mais até que ſe metteo na primeira que achou. D. Gileanes já

fi-

ficava quasi só acompanhado de poucos, peleijando muito valerosamente; mas a fusta estava rodeada de mais de trezentos inimigos, e com perto de sessenta já dentro, que eram os com que D. Gileanes andava ás cutiladas, e os mais por todas as partes a combatiam, assim com fréchadas, como com lanças, e tiros de arremesso, como se fora algum touro bravo. Neste conflito chegou a elle hum Mocadão dos marinheiros, que sempre o acompanhava nas Armadas, e que nunca o quiz alli deixar, e lhe pedio que despisse as armas; e posto que não soubesse nadar, que elle se atrevia a pollo em salvo em qualquer daquelles navios, e que tratasse de salvar sua pessoa, que assim salvaria toda aquella Armada, e que depois tomaria vingança daquella offensa. D. Gileanes lhe respondeo, que não era elle homem que deixasse o seu navio, e se lançasse ao mar por medo da morte, e que acabaria com aquella espada na mão em seu officio, porque não tinha sangue pera fugir aos inimigos; e assim remettendo a elles, metteo-se em meio, e fez maravilhas. Das outras fustas, que estavam encalhadas, bem víram o perigo em que o seu Capitão Mór estava, e todos se desfaziam pelo soccorrer, mas não podiam, e assim estavam atroando os ares com gritos

de

de mágoa de verem aſſim matar diante dos ſeus olhos hum Fidalgo tão honrado, e ſeu Capitão Mór; e foi a mágoa diſto tão grande, que houve ſoldado (a quem não pudemos ſaber o nome) que ſe lançou ao mar com huma lança na boca pera lhe ſoccorrer; mas não pode chegar á fuſta com a grande corrente do rio. O Capitão Mór eſteve em meio daquelle cardume de inimigos, tomando primeiro vingança da morte que lhe haviam de dar; mas como hum corpo ſó não póde aturar tanto, poſto que o animo eſteve ſempre muito inteiro, e forte, todavia o canſaço o rendeo, e cahio na fuſta já depois de muito ataçalhado de muitas feridas: e acabou aqui deſta maneira hum dos mais honrados penſamentos que havia, Fidalgo já feito, deſpachado com Ormuz, e em quem a India trazia os olhos, por lhe prometter de ſi muito grandes eſperanças: e certo que parece que ſeu coração lhe adivinhava aquelle deſaſtrado fim; porque nos affirmáram alguns, que eſcapáram da ſua fuſta, que em quanto foi por aquelle rio aſſima, o víram muito triſte, e melencolizado, e que por algumas vezes diſſera com huma triſteza no roſto muito grande: *Oh que rio tão triſte, e mal aſſombrado!* E aſſim foi tanto, que nelle vio deſarmadas em vão todas ſuas eſperanças,

e

e nelle ſepultou todos os trofeos das victorias que na India alcançou. Os inimigos tanto que víram o Capitão Mór morto, o deſarmáram, e tiráram ſeu corpo fóra, e o lançáram ſobre a terra, couſa tão certa pera todos. Tanto que a maré encheo, e que anoiteceo, tiraram-ſe os navios, que eſtavam encalhados, pera fóra, ſómente os de Diogo de Souſa, e Jorge Barreto, que ficáram ſobre as pedras, e todos os delles ſe ſalváram a nado, e os mais navios ſahidos dos penedos ſurgíram no Canal, onde paſſáram toda a noite muito triſtes, e em grande vigia por ſe recearem que o Naique armaſſe ſobre elles; e por eſtarem perto da terra, ouvíram chamar toda a noite de dentro das moutas que os ſoccorreſſem, e eram alguns feridos da Companhia de D. Gileanes que ſe embrenháram; e tanto que amanheceo, os foram recolhendo, que ſe lançáram elles a nado, e ſe foram pera fóra do rio.

CAPITULO VIII.

Do que mais aconteceo a estes navios, e lhes succedeo: e de como chegáram á Barra de Goa as náos Caranja, e Boa-Viagem, que tinham partido do Reyno em companhia de D. Duarte de Menezes, que vinha por Viso-Rey da India.

SAhidos estes navios pera fóra, sem elegerem entre si os Capitães huma pessoa, se foram pera Goa, e surgíram em Mormugam, que he Goa a Velha, e de alli mandáram recado ao Conde Viso-Rey do desastre succedido a D. Gilcanes, que em Goa fez muito grande abalo de sentimento pela perda de tão honrado Fidalgo, que por suas partes, e qualidades era amado, e bemquisto de todos. O Viso-Rey lhes mandou dizer que se deixassem estar, que logo proveria no que convinha; e ao outro dia despedio Miguel Dias Picoto com hum regimento pera tomar posse daquella Armada, e andar com ella pela Costa até a prover de Capitão Mór; e por elle escreveo huma carta a todos aquelles Capitães, em que os consolava da morte de D. Gileanes, dizendo-lhes que muito bem sabia o como elles procediam com sua obrigação, e que todos trabalháram pelo soccorrer,

pe-

pelo que não havia em que lhe pôrem culpas ; e que alli mandava Miguel Dias Picoto, a quem obedeceriam como á mesma pessoa de D. Gileanes (dizendo que muito bem sabia que o fariam) e que com elle andassem na Costa até prover outro Capitão Mór. Com isto tornáram a dar á véla, e foram até á barra de Sanguicer, onde Miguel Dias se deixou ficar, e despedio quatro navios com quatorze mil pardaos dos contratadores da pimenta pera os levarem a Barcelor aos Feitores que lá tinham, como fizeram, e se tornáram logo pera elle Miguel Dias. Da barra de Sanguicer teve tratos com o Naique sobre lhe entregar os dous navios, que ficáram nas pedras, os quaes elles depois tiráram, e o corpo de D. Gileanes pera o levar pera Goa ; e como o Naique estava receoso do castigo, acudio com muitas satisfações, que Miguel Dias por então lhe acceitou pera ver se podia effeituar o que levava em muito segredo, e o que lhe o Conde tinha muito encommendado, que era ver se podia matar aquelle Naique, que era razão, porque elle se tinha mostrado muito familiar seu, e facil nos requerimentos, e cumprimentos que com elle teve por pessoas que corrêram com isso; e depois de sobre isto tratarem por algumas vezes, vieram a

concluir em lhe fazerem pazes, e lhe entregar tudo o que pedia, pera o que assentáram de se verem ambos em hum navio perto da terra com seis homens cada hum. Nisto gastáram alguns dias, porque estes Gentios todas as cousas, ainda de menos confiança que estas, fazem com muito vagar, e por eleições de horas, e dias que lhes seus Bragmenes assinam; e por se lhes mostrarem muito especulativos, os vam dilatando com sinaes que dizem que notáram, ora da gralha que lhe passou pela parte esquerda, ora do cão, que lhe huivou, ora da osga que lhe cantou, e da outra que espirou, e de outras infinitas semsaborias que não tem conto: em fim estando nestas dilações esperando que lhe succedesse huma hora boa pera elle, que toda a que chegasse a se ver com Miguel Dias havia de ser bem má, porque o havia de matar ás punhaladas, como tinha determinado, chegáram neste tempo novas de Goa que ficavam na barra duas náos de Portugal, em que vinha Viso-Rey. Com isto se alvorotáram todos, e porque tambem lhes faltavam mantimentos por se lhes terem molhado; e vindo os Capitães todos á falla, assentáram de se irem; e sem lhes dar do seu Capitão Mór, leváram ancora, e deram á véla pera Goa, e na barra acháram

ram as duas náos, que eram a Laranja, Capitão João Paes, onde vinha embarcado D. Jorge de Menezes, do Conſelho de ElRey, e ſeu Alferes Mór, que trazia a Capitanía de Sofala, e Moçambique pera entrar logo: outra náo era a Boa-Viagem, de que era Capitão Lourenço Soares de Mello, que eram da Companhia de D. Duarte de Menezes, Senhor da caſa de Tarouca, que tinha partido do Reyno por Viſo-Rey da India com ſeis náos. O Conde D. Franciſco foi logo aviſado da vinda da Armada, e mandou recado aos Capitães que não paſſaſſem da barra, porque logo os mandaria prover de mantimentos, e dinheiro; mas elles como vinham deſcontentes, e enfadados, e eſperavam cada dia pelo Viſo-Rey novo, ſem ter dever com o recado, foram entrando pera dentro, e ſurgíram no caes, aonde deixáram os navios, e ſe foram pera ſuas caſas ſem mais cumprimento algum. O Conde D. Franciſco que o ſoube, os mandou metter no tronco pera proceder contra elles, e os caſtigar; mas como era bom Fidalgo, e brando, primeiro que ſe embarcaſſe pera Cochim, os mandou ſoltar.

CA-

CAPITULO IX.

Das Armadas que o Conde D. Francisco mandou pera fóra : huma de Coutacoulões pera o Norte, de que foi por Capitão Mór Pedro Homem Pereira ; e outra pera o Malavar, em que foi D. Jeronymo Maſcarenhas, e do que lhe ſuccedeo : e das novas que chegáram do Viſo-Rey D. Duarte de Menezes ſer em Cochim.

PElas náos que chegáram á barra de Goa ſoube o Conde D. Franciſco como era partido do Reyno D. Duarte de Menezes pera Viſo-Rey, de que elles não davam novas. E porque poderia tardar, ou ir tomar Cochim, não quiz deixar de cumprir com ſuas obrigações, e prover a Fortaleza de Ceilão, a quem o Rajú fazia contínua guerra, e iſſo meſmo as Coſtas do Norte, e Sul de Armadas ordinarias; pelo que mandou dar preſſa ao Galeão, que havia de levar os provimentos áquella Fortaleza, de que era Capitão Gaſpar Barboſa, e o deſpedio entrada de Outubro com muitas munições, e deo oito mil pardaos em dinheiro pera a paga dos ſoldados, e ordinarias daquella Fortaleza : e porque os coſſarios, que mór damno faziam no mar, eram huns,

a que chamam Coutacoulões, que sahiam de alguns rios do Malavar, que por serem muito pequenas, e ligeiras as fustas das nossas Armadas não podiam alcançar, elles a todos os navios de Mercadores que viam, chegavam, e roubavam, porque lhes não podiam fugir, e tinham feito grandes roubos, e desacatos ás Armadas, ordenou o Conde D. Francisco de lhes armar com outros navios pequenos, e ligeiros, pera que os buscassem, e tomassem; e tinha mandado preparar seis Coutacoulões muito leves, e com muito boas esquipações, e fez Capitão Mór Pedro Homem Pereira, que partio pela barra fóra a vinte e hum do mez de Outubro, e muito bem negociado, e com bons soldados: os Capitães que o acompanháram, foram Sebastião Bugalho, Francisco d' Almada, Miguel Coelho, Antonio Soares, e Ambrosio Pereira; e porque estes navios foram mandados, e ordenados pelo Conde D. Francisco, nos pareceo bem darmos aqui breve relação do que lhe succedeo todo este verão, posto que fosse já no tempo do Viso-Rey D. Duarte, por não entrarmos em principio de seu governo com miudezas. Partidos estes navios de Goa, foram-se á Costa do Norte, e passáram a enseada de Cambaya apôs alguns ladrões daquelles, de que logo tiveram no-

vas,

tão Alexandre de Sousa, que hia alli embarcado, que acabára tambem de ser Capitão de Chaul.

E tornando ao Conde D. Francisco Mascarenhas, tanto que despachou as náos do Reyno, logo se embarcou pera o Norte, que foi pelas oitavas de Natal, e levou os navios, que se puderam ajuntar; porque como hia a modo d' Aforado, e com voz de visitar as Fortalezas, não houve paga, nem ajuntamento geral, e ainda o acompanháram de vantagem de quarenta navios de Capitães que ás suas custas os armáram.

Primeiro que o Conde se embarcasse, entregou o governo a D. Fr. Vicente Arcebispo pera com o Capitão Chanceller, e outros Deputados despacharem todas as cousas.

Foi sua pessoa embarcada na Galé bastarda, e em outra D. Pedro de Castro, irmão do Conde de Basto, e nos mais navios os Capitães seguintes: João da Silva, Pedro Lopes de Sousa, Manoel de Sousa, Ayres da Silva, Jorge Barreto, Francisco de Sousa Rolim, João de Faria Secretario, Sebastião Barbosa Ouvidor Geral, João Mendes Pestana, Manoel Vaz, Affonso Pereira Coutinho, Alberto Homem da Costa, Antonio Colaço Lobo, Domingos

gos Carvalho , João Rodrigues , D. Francisco Deça , o Licenciado Simão Borges , Martim Furtado , e outros navios de serviço.

Na barra de Goa deixou o Viso-Rey dous navios pera sua guarda , de que eram Capitães Diogo Rodrigues Froes , que ficava por Cabeça , e Sebastião Coelho ; e porque ficavam ainda em Goa muitos navios , despedio o Conde de caminho Pedro Lopes de Sousa com outros sinco pera os ir recolher , porque havia novas de Cossarios , e elle foi seguindo sua derrota , Pedro Lopes de Sousa com outros sinco (pera os ir recolher) e foi recolhendo a si os navios que sahião pera fóra , mandando recado aos que estavam dentro , que logo se sahissem pera fóra , porque até outro dia esperava por elles : o que fez com todos os que se ajuntáram , com os quaes se fez á véla , ficando em Goa hum fustarão , em que se embarcava hum Embaixador do Mogor , que estava em Goa , o qual se deixou ficar de vagar , porque tinha muitas fazendas pera embarcar ; e quando sahio pera fóra , já não achou a Armada , pelo que se foi só seguindo sua viagem , indo alli embarcado João Rodrigues Preto , filho de Simão Gonsalves Preto , Chanceller Mór do Reyno , que por se descuidar da embarca-

ção

tonio de Azevedo se poria naquella barra, e não deixaria entrar, nem sahir cousa alguma, e os tivesse assim de cerco, e lhes mandasse recado, porque estava determinado acudir áquelle negocio com todo o poder da India. Partido Antonio de Azevedo, logo apôs elle despedio o Conde todavia toda a mais Armada, dando por regimento a D. Jeronymo que se deixasse andar na Costa do Malavar, e tivesse embarcação em Cochim, pera que se chegasse o Viso-Rey D. Duarte, o mandar avisar, e que elle voltasse com toda a Armada pera o acompanhar. D. Jeronymo se fez á véla a 7 de Novembro, e os Capitães que o acompanhâram são os seguintes: André de Sousa Coutinho, Paulo da Silva de Menezes, D. Francisco Mascarenhas, irmão de D. Gileanes, que nas náos que chegáram á barra tinha vindo do Reyno; D. Jorge de Almada, D. Manoel de Lima, Francisco de Sousa Pereira, Gaspar de Carvalho de Menezes, Francisco de Sousa Rolim, Fernão de Macedo, João Barriga Simões, Gaspar Fagundes, Luiz Figueira de Azevedo, Belchior Barbosa, Jane Mendes Pestana, Manoel Alvares Pereira, João Rodrigues Cabral, Manoel Caldeira, Lopo de Atouguia, Pedro Rodrigues, Pedro Velloso, Pedro Fernandes Moricale, Francisco

de

de Fronteira, Agoſtinho Luiz, que hia na Manchua do Capitão Mór. Chegado D. Jeronymo á Coſta do Malavar, achou huma fuſta que vinha de Cochim, que lhe deo por novas ſer D. Duarte de Menezes com as náos que faltavam. Chegado áquella Cidade, e ſem eſperar mais, voltou pera Goa acompanhar o Conde ſeu Tio até Cochim.

CAPITULO X.

De como ſe perdeo o Galeão que hia pera Ceilão, e a gente, e dinheiro ſe ſalvou, e outras couſas.

PArtido de Goa o Galeão, que hia pera Ceilão, foi fazendo ſua viagem até dobrar o Cabo de Comorim, e de Tutocurim foi atraveſſando a Ceilão com bom tempo; e ſendo já á viſta daquella Coſta, lhe deo hum temporal, a que os naturaes ahi chamam Cacham, que he vento Norte, que alli fica ſendo traveſsão; e he tão perigoſo, que de maravilha eſcapa o navio que toma no mar, o qual tempo foi muito groſſo, e tomou o Galeão já tão abarbado com a terra, que foi forçado ſurgirem, porque não havia pera onde correr, e ſobre a amarra eſtiveram alguns dias, e mui-

de monterias de ouro, e cachos de aljofar, obra além de muito rica mui curiofa, que fe podia imaginar que eram muitos, e tantos, que hum Portuguez chamado Francifco Rodrigues, muito continuo Mercador de Cambaya, nos affirmou que fó a renda valia a dita quantia. Recolhido tudo ifto, foi ElRey com todo o feu exercito cercar a Cidade de Amadabá, onde eftava fortificado Agicola, colaço de ElRey dos Mogores, e no cerco houve muitos fucceffos que deixamos. E porque aquelle negocio era pera devagar, deixou ElRey alli feu fogro com doze mil cavallos, e elle com todo o mais poder foi fenhoreando tudo o que havia do Reyno, affolando, deftruindo, e roubando todas as Cidades, villas, e lugares de maneira, que o miferavel Cambaya padeceo em pouco mais de dez annos as mores mudanças, caftigos, e deftruições que em todo o Oriente fe víram. Fernão de Miranda tanto que foi avifado daquelle negocio, não tendo alli mais que fazer., recolheo-fe pera o Vifo-Rey.

CA-

CAPITULO VIII.

Do que fez o Mogor, tanto que ſoube das couſas de Cambaya: e de como huma náo ſua, que vinha da India, foi ter a Goga: e de como Balthazar de Siqueira partio de Dio com alguns navios pera a reprezar, e do que paſſou.

De todas eſtas couſas acontecidas em Cambaya teve logo o Mogor aviſo, o que ſentio muito, e lhe deram bem em que cuidar; e logo ſem fazer detença, deſpedio o Mirzacham, filho do Capitão Parſeo, que lhe ajudou a conquiſtar aquelle Reyno, como já diſſemos, o qual com a mais gente que pode ajuntar ſe poz em caminho, ficando o Hecbar fazendo-ſe preſtes pera partir apôs elle.

Eſtando aſſim as couſas neſte eſtado, e todo o Reyno quaſi poſto em poder do Rey Almodafar, chegou á Cidade de Goga huma náo do Hecbar, que vinha de Juda, a qual trazia cartas do Viſo-Rey, e ſurgio dos Canaes pera dentro, ſem ſaber as revoltas que no Reyno hiam. Braz de Azevedo, Capitão Mór da Armada de Dio, que havia alguns dias eſtava alli favorecendo os navios que hiam de Cambaya pera aquella Fortaleza a pagarem os direitos,

tan-

que eram dezoito mil pardaos de ElRey; e sem esperar por Ambrosio Leitão, se fez á véla pera Columbo, e o batel com a mais gente pera Manar, ficando a náo já toda debaixo da agua; e indo esta fusta demandar o porto de Columbo, houve vista de tres navios, que cuidou sahirem da Fortaleza, que eram os dos Malavares, que estiveram até então recolhidos em Brijam, e os mesmos sobre quem foi Pedro Clemente de Aguiar, como atrás temos contado. Domingos Gonsalves, sem embargo de os não conhecer, desviou-se delles, e fez-se na volta da terra, e por anoitecer logo passou por elles, e se foi metter em Columbo, onde soube que os navios eram de ladrões, que deram todos graças a Deos por permittir desviallos delles pera lhe escapar aquelle provimento tão necessario pera aquella Fortaleza, e que estava já em estado por falta delles, que os soldados despejavam os Baluartes, por não terem que comer, nem com que se cubrir, e com este dinheiro se remediou tudo, e se tornou a socegar; e João Correa de Brito, Capitão daquella Fortaleza, mandou logo dinheiro á outra Costa a buscar mantimentos, que lhe depois vieram. Ambrosio Leitão chegou logo ao outro dia apôs Domingos Gonsalves, e trouxe huma grande cafila de man-

ti-

timentos, e paſſou ſem haver viſta dos Paráos, porque aquella meſma noite ſe fizeram na volta da outra Coſta: com iſto ficou a terra provída, e a Fortaleza deſalivada do receio em que eſtava.

Fim da I. Parte da Decada X.